ISSN - 1517.4581
UNIVERSIDADE PRESBITERINA MACKENZIE
Faculdade de Psicologia
T.G.I
Psicologia
Anais da II Mostra de T.G.I.
2º Semestre 1999
Volume 1 - Nº 2

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

FACULDADE DE PSICOLOGIA

APRESENTAÇÃO

Para a comunidade científico-acadêmica , a publicação de seus trabalhos é uma das conseqüências mais gratificantes de todo o longo processo de fundamentação teórica e pesquisa. É o reconhecimento de que o feito merece ser registrado e se tornar parte integrante do patrimônio de uma ciência.

Dar esse reconhecimento aos jovens pesquisadores da graduação é fomentar, desde cedo, o gosto pela importante opção de produzir conhecimentos e não só aplicá-los.

A preocupação (e o cuidado) em editar os *Anais da II Mostra de TGI* é, portanto, uma iniciativa louvável e seus organizadores- o professor *Paulo Afrânio Sant'Anna, Coordenador do Programa de Iniciação, TGI e Grupo de Pesquisa Científica da Faculdade de Psicologia* e o professor *Armando Rocha Junior- Diretor da faculdade de Psicologia-* podem estar certos de que ofereceram uma importante e sólida contribuição à formação da ciência nacional.

Além disso, foi muito agradável estar na *II Mostra de TGI.* O ambiente era alegre, com uma saudável diversidade teórica, trabalhos de bom nível, efervescência jovial e, ao mesmo tempo, de seriedade e orgulho pelo trabalho feito. Características importantes, indicadoras de que um excelente trabalho educativo, de base, foi feito.

Congratulo-me, assim, com os professores orientadores e com os alunos, ambos pesquisadores e autores de qualidade!

Maria Martha Costa Hübner

Professora na Pós- Graduação e na Graduação em Psicologia,
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos
da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

INTRODUÇÃO

Este volume apresenta os resumos dos trabalhos apresentados na **II Mostra de T.G.I. da Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie** que ocorreu nos dias 24 e 25 de Novembro de 1999.

Mais uma vez os resultados foram supreendentes. Os 123 trabalhos concluídos neste semestre, primaram pela qualidade e seriedade e sem dúvida são prova do amadurecimento acadêmico de nossos alunos.

É preciso dizer, que isto não seria possível sem o engajamento e profissionalismo com que os professores-orientadores tem se dedicado à tarefa de orientação dos trabalhos de T.G.I. Portanto a eles o nosso agradecimento e respeito.

Os trabalhos estão agrupados por professor e seu eixo temático que foram apresentados pela ordem alfabética do nome do professor-orientador.

As pessoas interessadas em consultar os textos na íntegra podem recorrer ao Arquivo de Trabalhos de T.G.I. Para tal, comparer à coordenadoria de T.G.I., prédio 16, 1º andar, munido de 1 disquete 3 $^{1/2}$ para a realização de uma cópia do trabalho desejado.

Espera-se que esta publicação atinja seus objetivos e venha a servir como fonte de inspiração e consulta para futuras pesquisas.

Paulo Afranio Sant´Anna

Coordenador do Programa de Iniciação Científica,
Grupos de Pesquisa e T.G.I.

SUMÁRIO

Orientador (a): Dinorah F. Gioia Martins

AGUIAR, S. M. DE **O imaginário e a cirurgia plástica estética: um estudo exploratório**

DAVID, S. N. **O processo de construção da identidade do negro no brasil: o papel da mídia na representação social**

MALUF, M. F. DE M. **A questão do luto na mulher histerectomizada**

RABELLO, I. M. **Aspectos psicológicos de mulheres histerectomizadas**

SOUZA, C. **Médicos e parturientes primíparas no contexto hospitalar-uma relação tão delicada**

Orientador (a): Gilberto Ferreira da Silva

RODANTE, F. V. M. **Arte como recurso na orientação vocacional**

SILVA, R. G. DA **Dinâmica de grupo e psicodrama contribuindo em um programa de orientação vocacional**

VENTURA, T. R. **Uma análise psicodinâmica da elaboração do luto pela escolha profissional**

Orientador (a): João Garção

GALANTE, T. M. **Sedução feminina na publicidade**

TERADA, S. **Existe Freud em Dalí?**

Orientador (a): José Rubens Naime

MALAGUTI, R. **A identificação com o mito e suas raízes**

MELLO, J. DE C. **Arquétipos na esquizofrenia**

OLIVEIRA, L. S. DE **Música e afetividade**

PINA, C. R. P. **A simbologia na capoeira**

Orientador (a): Jumara Silvia V. V. Vieira

BETTARELLO, M. N. **Competências, habilidades e talento**

FOGAÇA, L. H. **O desejo do saber e suas implicações patológicas**

PIMENTÃO, C. R. E. **A capoeira hoje: um estudo qualitativo sobre sua imagem**

Orientador (a): Leda Gomes

ABRAMCZYK, A. T. **Há sempre lobos em torno de nós: desenhando e recontando chapeuzinha vermelho**

AMBROZETO, V. V. **Pais e filhos: uma visão da informática no contexto escolar**

COELHO, C. R. **A escala de stress infantil: uma contribuição ao estudo do instrumento em indivíduos de 7 à 11 anos**

LIMA, J. DE S. **Arte-terapia – a compreensão do seu sentido**

NOGUEIRA, M. S. G. **O adolescente no teatro: crescendo com criatividade**

SIMÕES, N. P. **A relação entre a gressividade infantil e a programação escolhida pela criança**

Orientador (a): Lísias de Andrade Pereira

OLIVEIRA, V. M. M. **Transtorno do pânico: um estudo sobre a patologia**

Orientador (a): Lourdes Santina Tomazella

BISORDI, D. S. **Inclusão sonhos infantis em psicodiagnóstico**

Orientador (a): Luís Sérgio Sardinha

CASARTELLI, R. DE C. **Meu eu, minha família, minha droga-estudo sobre as relações entre a constituição do self, a família e a drogadependência**

GARCIA, A. L. **Aspectos psicodinâmicos dos usuários de ecstasy e suas sintomatologias**

MAZUCA, K. P. P. **Síndrome de dependência de álcool: a importância da família no tratamento e presenção da recaída**

Orientador (a): Luiz Fernando Bacchereti

BUENO, K. S. **O perfil do consultor interno de R.H**

SOUZA, V. M. DE **Stress e qualidade de vida no trabalho**

Orientador (a): Maria Alice B. Lapastine

FERREIRA, R. C. DE S. **Uma investigação psicanalítica da trilogia "A Liberdade é Azul", "A Igualdade é Branca" e "A Fratermina é Vermelha" do cineasta polônes Krzystof Hieslowski**

NIKAEDO, M. K. L. **Adolescência: até quando?**

VALLONE, P. F. D. **A música numa perspectiva filosófica e psicanalítica**

Orientador (a): Maria Carolina Azevedo

NORONHA, D. D. **Um olhar psicanalítico sobre a magistratura**

NOSEK, A. S. **Uma introdução ao tema da liberdade em Freud e em Sartre**

SILVA, C. P. DA **Tropicália: uma nova sensivilidade música x momento histórico**

Orientador (a): Maria Leonor E. Enéas

CAYRES, A. Z. DE F. **Critérios de indicação e resultados terapeuticos em psicoterapia breve**

CHILELLI, K. B. **Desistência em psicoterapia breve: pesquisa documental e perspectiva do paciente**

LIMA, L. C. **Estudo introdutório sobre processo de término em psicoterapia breve**

LONGO, U. **Estudo da transferência dentro da P.B.**

Orientador (a): Marilsa de Sá Tadeucci

BISMARCHI, D. **A importância da pesquisa de cultura organizacional aliada à empregabilidade**

MOSCOVICI, S. K. **Qualidade de vida no trabalho: aumento de produtividade e comprometimento**

SPERA, S. M. A. **Estresse, Pressão e Desempenho: Um estudo com os funcionários das Centrais de Atendimento.**

Orientador (a): Mário Wilson Xavier de Souza

JOPPERT, S. M. H. **Fatores desencadeantes da iniciação religiosa em um grupo de sentenciados**

PORTO, S. B. **Abstenção de drogas decorrente da iniciação religiosa**

RAGAZZO, C. M. R. **O fanatismo religioso: suas influências na criminalidade**

TASHIMA, L. L. **A conduta anti-social proveniente de uma prática místico-religiosa – análise de documentos**

Orientador (a): Marly Beck Scaramuzza

TOLEDO, C. DE M. **A pesquisa de clima organizacional tem sido utilizada como instrumento diagnóstico?**

Orientador (a): Nelson de Souza Guedes
GONÇALVES, A. L. C. S. **Percepção do profissional de treinamento**
TENCA, L. C. **Treinamento em R.H.**

Orientador (a): Ney Branco de Miranda
CARDOSO, A. **O narcisismo no relacionamento homem-mulher**
CORREA, M. L. P. **Catástrofe**

Orientador (a): Patrícia Pazinato
ANDRADE, M. E. P. DE **Timidez na vida adulta com raízes na infância**
CANELHAS, P. N. DA S. **A auto-estima na infância: um estudo fenomenológico existencial**
FREIXO, P. P. **Vivências de pânico: estudo exploratório**
KARAN, K. **Apego e separação na relação adulto-criança**
PIVA, F. J. **A construção do sujeito na visão da psicanálise lacaniana**
REITANO, C. **Distúrbios do sono em bebês de 0 a 4 anos**
MANOEL, S. P. **Configurações psicológicas relacionadas a vitimização sexual infantil.**

Orientador (a): Paulo Afranio Sant´Anna
CARVALHO, L. A. P. P. DE **O jogo de areia em terapia conjugal: uma proposta de intervenção**
MARINHO, K. M. **Um breve estudo sobre possibilidades de utilização de fotografias no contexto psicoterápico**
MARTINS, R. A. P. **Investigação psicológica de uma criança com problemas de indisciplina através do jogo de areia**

Orientador (a): Paulo Francisco de Castro
SOUZA, D. J. DE **O Rorschach e a compulsão no uso do álcool**

Orientador (a): Paulo Roberto de Camargo
LIMA, M. L. DE S. **O relacionamento amoroso do indivíduo narcisista com o outro e fatores da sociedade que fortalecem a existência de narcisos e ecos**
VIEIRA, M. M. W. R. B. **O mito de Lilith e a obra de Nelson Rodrigues**

Orientador (a): Ricardo Alves de Lima
PASQUINI, L. **Aspectos emocionais das adolescentes grávidas**
SANTO, C. L. DO E. **Vulnerabilidade feminina à aids: aspectos psicológicos**
TOLOI, C. B. **O papel do olfato e do paladar nos rituais de sedução: preferências masculinas e femininas**

Orientador (a): Rosa Maria Galvão Furtado
TEIXEIRA, F. K. **A inclusão do portador de síndrome de down em E.M.E.I.**

Orientador (a): Sandra Regina Poça
BOROUSKY, P. B. **Estados depressivos em cães**
CURTIS, V. F. DE M. **Stress no handball feminino universitário**
SHU, C. K. **A agressividade da criança em animas de estimação**

Orientador (a): Sônia Maria da Silva

FERRAZ, K. C. DE S. **A relação afetiva entre: criança de adoção tardia x sua nova família**
FRANÇA, R. S. **Estudo da depressão pós-parto em mães primigestas**
KASSNER, T. **A relação mãe-criança em psicoterapia breve infantil**

Orientador (a): Sueli Galego de Carvalho

CAMARGO, A. S. DE **Uma proposta de tratamento da anorexia nervosa através de técnicas e métodos corporais**
GONÇALVES, F. R. M. **A influência da família em indivíduos anoréxicos**
HEISE, T. S. **Padrões de beleza: vaidade ou patologia**
LEVY, D. **Influência da insdústria da moda e dieta no desenvolvimento da anorexia e bulemia nervosa**
PELLEGRINI, A. DE C. **Perfil pesicológico de adultas obesas que procuram tratamento não medicamentoso**

Orientador (a): Susete Figueiredo Bacchereti

NOBEL, M. P. **Através dos jogos as crianças mostram o seu desenvolvimento**
SILVA, A. C. S. **A aprendizagem da segunda língua na primeira infância**

Orientador (a): Tânia Aldrighi

ARTIOLI, P. G. **A influência da relação mãe-filho na escolha da parceira**
BARBOZA, C. J. **Um recorte da sexualidade feminina: família e casamento entre homossexuais**
MIRANDA, G. C. **A escolha do perceiro conjugal?**
SOARES, C. **Narcisismo e drogadependência**
SON, L. **Como vive o idoso na região metropolitana de São Paulo**

Orientador (a): Tânia M. Justo de Almeida

GARCIA, R. **Aspectos descritivos de personalidade e inteligência do filho caçula**
HIROTA, C. S. **A relação entre o brincar infantil e a atividade lúdica em adultos**
MORILLO, J. R. **Inibição intelectual sobre o ponto de vista mãe-bebê**

Orientador (a): Tereza Marques de Oliveira

BARROS, I. P. M. DE **O lugar que ocupam o primeiro, o segundo e o terceiro filho no universo fantasmático materno: diferenças de projeção que definem a relação mãe e filho**
BOLOGNESI, R. **O suicídio: a falta de elaboração do luto pela perda real do objeto**
FALLEIROS, M. C. A. B. **Maternidade pós-moderna: um estudo do uso do objeto transicional em crianças sob cuidados de instituição especializada**
FRAMÍLIO, A. F. **O luto infantil e repercussões na vida adulta**
SANTOS, K. D. **O desenvolvimento moral em crianças privadas do convívio familiar**
SILVA, J. DA **Em busca da compreensão dos processos psicodinâmicos de crianças portadoras do vírus HIV**
SOUZA, M. C. DE **Experiência inicial com autistas de uma instituição**

Orientador (a): Terezinha Calil Padis Campos

CHAGAS, M. I. O. **O complexo paterno na psique feminina**
RECIOLI, C. **Dificuldades na aprendizagem: sintoma de si mesmo x reflexo da família**

Orientador (a): Walter Lapa

MENDES, F. D. P. DE C. **Cura interior: uma análise dos processos de cura interior e seus paralelos com a psicologia**

Orientador (a): Ana Maria Ramos Seixas

A PSICOLOGIA NA ARTE DE ATUAR

ASPERTI, P. DE L.

Devido ao fato de fazermos aulas de teatro e querermos entender um pouco mais a respeito de como se constrói uma personagem, nos ocorreu a idéia de fazermos este trabalho, baseado em entrevistas. Como fazemos faculdade de psicologia, nosso objetivo maior era conhecer as diferentes opiniões e pontos de vista dos profissionais da área de dramaturgia quanto à psicologia dentro de seus respectivos trabalhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em uma visão construtivista.

Sendo uma pesquisa qualitativa, nos preocupamos em estruturar nossas entrevistas de forma que houvesse maior proximidade entre os entrevistados e nós, entrevistadores. Esse tipo de pesquisa permite trabalhar com a subjetividade do entrevistador e melhorar a qualidade da sua relação com os entrevistados. Isso, além de deixar ambas as partes mais à vontade durante a entrevista, proporciona a vinda de dados surpreendentes e de grande importância para a conclusão do trabalho.

Após a pesquisa, percebemos que para a maioria dos participantes cada ator possui um jeito de construir sua personagem, ou seja, pode ser um processo tanto intrínseco como extrínseco, dependendo da peça, da época e do autor. No entanto o processo de aprendizagem mais fácil é através do corpo e, por isso, os professores de dramaturgia procuram dar aulas com muitos exercícios.

Além disso pudemos perceber que os participantes acham a utilização de técnicas específicas de extrema importância para o ator, pois consideram a inspiração como algo incerto, que pode falhar. Em geral, consideram a utilização de vivências pessoais na construção de personagens como útil e bem vinda.

A maioria entende a psicologia como aliada em seu trabalho, apesar de apresentar um contato estreito com ela. Mas alguns participantes consideram-na um universo distante da dramaturgia e alegam não ter tempo para entrar um pouco mais em contato com a mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Moisés. O Psicodrama como Teatro Terapêutico. In: **Revista da FEBRAP**, Rio de Janeiro, 1990.

AGUIAR, Moisés. **Teatro da Anarquia – Um Resgate do Psicodrama.** Campinas, Papirus, 1988.

CHECKOV, Michael. **Para o Ator.** 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

DUCLÓS, S. M.; SILVEIRA, C. R. Quando as Estórias se Entrecruzam. in **Revista Brasileira de Psicodrama**, Publicação da Federação Brasileira de Psicodrama, Fascículo II, 1994. v. 2

MORENO, J. L. **O Teatro da Espontaneidade.** São Paulo, Summus, 1984.

RODRIGUES, R. A. **Um Pouco de Teatro para "Psicodrama-Artistas".** São Paulo, Cultrix, 1990.

SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade Feminina. História, Cultura, Família, Personalidade & Psicodrama.** São Paulo, SENAC, 1998.

STANISLAVSKY, C. **A Construção da Personagem.** 8.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

STANISLAVSKY, C. **A Preparação do Ator.** 14.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O Corpo Fala.** 35.ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS MATERNOS EM RELAÇÃO À ADOLESCÊNCIA DA FILHA

KODAMA, A. L.

Uma análise dos conflitos maternos em relação à adolescência da filha é um estudo direcionado ao assunto: como a mãe percebe-se envelhecendo frente à adolescência de sua filha.

A pesquisa teórica trata das transformações corporais e psíquicas da filha adolescente, em que perde seu corpo infantil, devido ao aparecimento dos hormônios. Essas transformações físicas, geram na adolescente muitos conflitos internos. É a fase da descoberta da sexualidade, e da onipotência juvenil.

Enquanto a filha adolescente possui hormônios demais, a mãe na maturidade, possui hormônios de menos. É o que alguns autores chamam de s*egunda adolescência*. Aqui ocorre o climatério, a menopausa, o que também geram conflitos internos.

Algumas vezes a adolescente, inconscientemente, faz com que a mãe se sinta velha, trazendo lembranças de sua vida adolescente passada. E é difícil para ambas aceitar o crescimento pois, a filha terá que crescer e tornar-se adulta, e pode projetar na mãe as suas limitações e dificuldades. Para mãe, esse crescimento pode causar a síndrome do ninho vazio, no qual deixa de ser a pessoa mais importante na vida da filha.

Não há só conflito por parte da filha. Ambas estão envolvidas nessa etapa, e o conflito ocorre a partir do desenvolvimento das duas. Enquanto a filha descobre-se crescendo, transformando-se em adulta, a mãe descobre-se envelhecendo.

Para atingir o objetivo principal desse trabalho, fizemos uma pesquisa de natureza qualitativa. Os critérios para escolha de participantes foram seis mulheres na fase da maturidade, casadas, com pelo menos uma filha adolescente, pertencentes à classe média. O instrumento utilizado foram entrevistas semi-abertas, que foram gravadas. As entrevistas foram realizadas na casa das participantes. Tiveram a duração entre 25 minutos e 1 hora e 13 minutos.

Ao chegar ao final de nossa pesquisa, percebemos que alcançamos o nosso objetivo. Observamos que as mulheres tentam suprir no seu papel de mães, o que sentiram falta em suas próprias adolescências. Por exemplo, as mães que tiveram pais rígidos, tentam ser amigas de suas filhas, conversando sobre dúvidas que elas mesmos tiveram. O fato das mães terem vivenciado determinadas situações em suas adolescências, ajudam-nas a compreender o que ocorre na adolescência de suas filhas. Por exemplo, mães que foram rebeldes, reconhecem que as filhas também podem ser e procuram conversar com elas. As mães que puderam ver com bons olhos suas transformações corporais durante as suas adolescências, conseguem acompanhar com satisfação e alegria as transformações corporais de suas filhas.

Outro aspecto significativo dessa pesquisa que também diz respeito ao estudo bibliográfico que fizemos, é a fase do “ninho vazio”, em que as mães percebem que estão perdendo suas crianças, e que já não são as pessoas mais importantes da vida delas.

O luto pelo corpo jovem perdido, faz com que as mães sintam saudades do tempo em que eram mais jovens, pelo seus corpos não serem mais os mesmos, por apresentarem rugas, o que vai de encontro ao fenômeno que percebemos na nossa sociedade do culto ao corpo jovem, principalmente através da mídia. No entanto, as mães reconhecem que cada pessoa tem o seu tempo, justamente pelo processo natural da vida. Devido à imposição de nossa cultura para que as mães só tenham sentimentos nobres em relação às filhas, faz com que elas se sintam culpadas, ou mesmo nem percebam que podem sentir, por exemplo, inveja e ciúmes das filhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. T. et all. **A crise do Adolescente**. Rio de Janeiro, Agir, 1951.
BECKER, D. **O que é Adolescência?** 13.ed. São Paulo, Brasiliense,1994.
BEEN, H. **A Criança em Desenvolvimento**. 3.ed. São Paulo, Harbra, 1986.
BRISSAC. C. **Quem é Você Mulher?** São Paulo, Mercuryo, 1997.
BUTLER, R. e LEWIS, M. I. **Sexo e Amor na Terceira Idade**. São Paulo, Summus, 1985.
CARLSON, K. **À sua Imagem: Analisando a Relação Mãe-Filha.** São Paulo, Saraiva, 1993.
FISKE, M. **Meia Idade: A Melhor Época da Vida?** São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1979.
GAIARSA, J. Â. **A Família de que se Fala e a Família de que se Sofre; o Livro Negro da Família, do Amor e do Sexo**. 7.ed. São Paulo, Ágora, 1986.
______. **Minha Querida Mamãe**. São Paulo, Gente, 1992.
HARRIS, M. **Seu Filho Adolescente**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
KALINA, E. & LAUFER H. **Aos Pais de Adolescentes.** Rio de Janeiro, Cobra Norato, 1974.
LEMOS, R. **Quarenta: A Idade da Loba**. 14.ed. São Paulo, Globo,1998.
PINCUS, L. & DARE, C. **Psicodinâmica da Família.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W.; DAVIS, C. **A Idade Escolar e a Adolescência**. São Paulo, Ed. EPU, 1982. v. 4

SALLUM, E. & MATTOS, L. Puberdade e Menopausa Criam a Guerra dos Hormônios em Casa. **Folha de São Paulo**, 25.03.1996

SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade Feminina. História, Cultura, Família, Personalidade & Psicodrama**. São Paulo, SENAC, 1998.

SHEEHY, G. **Passagens: Crises Previsíveis da Vida Adulta**. 16.ed. , Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1998.

TIBA, I. **Puberdade e Adolescência. Desenvolvimento Biopsicossocial**. São Paulo, Ágora, 1986.

_______. **Adolescência: O despertar do Sexo**. São Paulo, Gente, 1994

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: EFEITOS PSICOLÓGICOS

REIS, J. B. G.

A mulher ao longo da história, teve sua evolução na família e na sociedade. Quando adolescente a mulher passa por uma série de transformações físicas e emotivas, envolvendo um período conturbado e de incertezas.
Esta pesquisa discuti a problemática da adolescente que engravida e que passa pela experiência de uma gravidez precoce, com seus aspectos psicológicos, enfrentando a família e a sociedade.
O objetivo deste trabalho é o de conhecer os efeitos psicológicos da gravidez na adolescência.
O método aqui utilizado foi o de pesquisa qualitativa, através de entrevistas semi-abertas com oito participantes mães, que engravidaram durante a adolescência. Tendo como objetivo compreender a vivência precoce da maternidade, analisando aspectos anteriores, posteriores e da própria gravidez na fase da adolescência.
Desde a antigüidade que a mulher, pelo fato de gerar, amamentar, cuidar da prole, é discriminada e a ela são destinadas tarefas consideradas menos importantes.
O ser humano é o único dotado de livre arbítrio para julgar cada circunstância e decidir se manifesta ou não o amor que é inato nele. No papel sexual, ao lado do fator biológico existe o fator psicológico que vem a ser o resultado do processo de aprendizagem, que pode ser voluntário ou involuntário.
Ele adquire essa capacidade de conhecimento, através da comunicação verbal, convivendo com os membros de sua família, na sociedade em geral, de forma cultural ou ainda religiosa, aprendendo socialmente um papel masculino ou feminino.
Quando surge a gravidez, a adolescente acaba por se refugiar em casa, com a mãe ou sogra, com medo de não ser bem aceita no grupo ou na turma de que faz parte. Toda a vivência juvenil é interrompida. O processo de maturidade da jovem será alterado, pois deixa de viver o seu estatuto de adolescente, para viver o de jovem mãe.
Esta alteração no processo de maturidade, vai alterar as relações no seu grupo de convívio. Na medida em que a adolescente se sente fisicamente diferente, com a alteração da imagem que tem de si própria, como os desconfortos, e com os problemas de saúde resultantes da gravidez, ela isola-se de seu grupo de amigos.
Observamos que as primeiras relações tem ocorrido, cada vez de forma mais precoce. Há um aumento de adolescentes grávidas (com menos de 20 anos).
Concluímos, através da teoria e dos relatos, que a gravidez na adolescência dificulta o desenvolvimento de um processo que em si, já é conturbado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMO, F. **Trabalho Saúde Educação**. Rio de Janeiro, Juventude Forense-Universitária, 1987.

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno**. 9 ª Edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980

BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. **Sexo e Juventude. Como Discutir a Sexualidade em Casa e na Escola.** 6.ed. São Paulo, Cortez, 1988.

ENDERLE, C. Psicologia da Adolescência. Uma Abordagem Pluridimensional. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

FROMM, E. **A Arte de Amar.** 3.ed. Rio de Janeiro, Globo, 1953.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade. Vol I – A Vontade de Saber,** 11.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

GOODE, W. J. **A Família**. São Paulo, Pioneira, 1970.

GAIARSA, J. **A Família de que se Fala e a Família de que se Sofre.** O Livro Negro da Família, do Amor e do Sexo. 7ª edição, São Paulo, Ágora, 1986.

MAAKAROUN, M .F. **Tratado da Adolescência.** Rio de Janeiro, Cultura Médica,1991.

MORENO, J. L. **Psicodrama.** 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1978.

RIBEIRO, M. **Educação Sexual. Novas Idéias. Novas Conquistas.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.

SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade Feminina. História, Cultura, Família, Personalidade & Psicodrama.** São Paulo, SENAC, 1998.

SUPLICY, M. **Conversando sobre Sexo.** 15 ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.

SUPLICY, M. **Sexo para Adolescentes**: **Amor, Homossexualidade, Masturbação, Virgindade, Anticoncepção, Aids.** São Paulo, Ed. FTD, 1988.

TAKIUTI, A. **A Adolescente Está Ligeiramente Grávida. E Agora? Gravidez na Adolescência.** Coleção a Sociedade Precisa Saber. Ed. Iglu, São Paulo, 1888.

TIBA, I. **Sexo e Adolescência.** 5ª edição, São Paulo, Ed. Ática, 1985.

TIBA, I. **Puberdade e Adolescência. Desenvolvimento Biopsicossocial.** São Paulo, Ed. Ágora, 1988.

TOURINHO, C. R. **Ginecologia da Adolescência.** 2ª edição, Rio de Janeiro, Ed. BYK – Procienx, 1980.

Orientador (a): Antônio Máspoli de A. Gomes

ENCONTRO: O ESTAR-PRESENTE AFETIVO REALIZANDO A EXISTÊNCIA

NASCIMENTO, L. F.

A tese tem como tema o momento do encontro como a realização da existência.
O momento do encontro é mágico. Ultrapassamos o fato de sermos humanos, encarnados em um corpo finito, previsível e racional. Estamos no momento em que o tempo é relativo ao que estou vivendo, só há o imprevisível, não controlo e não tenho razão. Onde Ser torna-se possível. Após esse momento, parto de mim, de minha inclinação e de minha maneira de ser e de minha experiência. Uma relação inteiramente minha, livre de previsões, convenções e costumes. Depois que encontrar este ser existencial, não temerei mais me perder. A descoberta existencial é esta. Eu me defino existindo. Existir é viver em presença, em comparecência. Comparecer é estar presente, vivendo em relação. Sou um ser empenhado em realizar a possibilidade da minha existência no mundo onde me encontro.
Este estudo avalia os desencontros com o nosso Ser em um mundo que hoje valoriza o eu forte, independente, poderoso na instância do ter e do possuir. Um mundo no qual as pessoas valem o quanto "pesam" socialmente e, por isso, valorizam imagem, títulos e cargos. Um mundo onde não há espaço para a alma. Imbuída de tanto "peso", a pessoa perde o contato com sua essência. Os desencontros com o Ser começam a partir dessa dissociação.
A tese delimita-se ao campo do encontro – Eu-com, Eu-tu. A partir de reflexões sobre o próprio Ser, apóia-se na teoria fenomenológica, na qual a subjetividade permeia toda a pesquisa. A bibliografia privilegia autores que tratam da existência. Sobre tais conceitos, a tese levanta idéias questionáveis, que podem apontar tanto para várias soluções quanto para nenhuma resposta definitiva.
A tese conclui que não há outro meio de viver uma existência plena, responsável, consciente e verdadeira senão pela abertura ao Ser existencial. E essa abertura só se dá no encontro. O Ser que <u>é</u> existência e não que <u>tem</u> existência. É importante distinguir os conceitos de "ter" e "ser". Eu sou minha existência, pois é ela que me define e não sou eu quem a define. Eu me manifesto no meu existir, no meu experimentar, no meu viver, no meu comparecimento no mundo. A existência é um eterno vir a ser de meu Eu. Eu não a defino. Ela é processo. Por isso, digo que eu sou minha existência. Se eu dissesse que "tenho uma existência", ela seria uma essência e seria definível. Eu a definiria. Mas existência não é essência e não é definível. Ela só se define por si mesma.
Os desencontros do mundo são atribuídos ao desencontro do homem consigo mesmo, ao não comparecimento de seu ser no mundo. Para se reencontrar, o homem deve perder o medo e deixar o seu Ser existencial comparecer. No encontro, estando presente e existindo conscientemente, encontrarei o meu Eu.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERONE, F. **Enamoramento e amor.** 9.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1981.
BUBER, M. **Eu e tu.** 2.ed. São Paulo, Moraes, s/d.
BUSTOS, D. **Perigo: amor à vista**. São Paulo, Aleph, 1990.
CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo, Cultrix, 1996.
FRANKL, V. **Man's search for meaning.** Nova York, Washington Square Press, 1984.
FROMM, E. **A arte de amar.** Belo Horizonte, Itatiaia, 1990.
FROMM, E. **Escape from freedom**. Nova York, Henry Holt and Company, 1994.
HEIDEGGER, M. **Ser e tempo 1.** 7.ed. Petrópolis, Vozes, 1998.
HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém.** São Paulo, Moraes, s/d.
HILLMAN, T., V. M. **Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pio.** Summus, São Paulo, 1995
HILMANN, J. **O código do ser**. 2.ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.
JUNG, C.G. **Modern man in search of a soul**. Orlando, Harcourt Brace and Company, s/d.
MARTIN, E.; GARRIDO, J.L.; MORENO, J. L. **Psicologia do encontro**. São Paulo, Duas Cidades, 1984.
MAY, R. **Freedom and Destiny**. W.W. Nova York, Norton and Company, s/d.

A VIRGEM MARIA E AS MULHERES BRASILEIRAS

NASCIMENTO, M. A. DO

A natureza do problema estudado é a exaltação da maternidade e repúdio ao prazer sexual existente entre as mulheres brasileiras.
O método utilizado é de natureza teórico conceitual e o material consultado são bibliografias secundárias.
A inquisição portuguesa no Brasil punia aqueles que duvidavam da inviolabilidade virginal de Maria. As caravelas de Cabral possuem nomes derivativos da Virgem Maria; vilas, mosteiros, centenas de altares consagrados à Maria; sobrenomes marianos; as muitas orações feitas à ela; associações religiosas e assistenciais também possuem os mesmos nomes; tudo isso demonstra o quanto ela é venerada na sociedade brasileira.
Na teologia cristã a virgindade de Maria é inquestionável. Ela é fecundada pela orelha, no nascimento de Jesus não ocorre ruptura do selo virginal. Existe também aqueles que afirmam que a ruptura virginal ocorre somente no parto.
O mito de Lilith é o oposto ao pudor que envolve a Virgem Maria. Ela antecedeu a Eva e segundo os relatos sua aparência era de sangue e saliva, pura lascívia. Deseja ser igual ao homem (Adão) é expulsa para o Mar Morto e também das normas da nossa sociedade que indicam o que é bom e aceitável.
A cultura judaico-cristã afirma que o corpo da mulher é impuro, a menstruação, parto e relação sexual merecem ser purificados com rituais. O corpo é sagrado somente na perspectiva da fecundação.
Todas essas tradições e fatos contribuíram para a cisão da sexualidade que se verifica na mulher brasileira, assim o exercício da sexualidade existe para muitas dentro das possibilidades da maternidade. Prazer, orgasmo, e sentimentos que tiram a razão do homem estão fora da relação marido e esposa. Ocorrem decisões extremas e contraditórias de mãe ou prostituta, ou a difícil e solitária tarefa de união de tais aspectos numa mesma mulher, ou ainda a escolha singular que varia desde a Virgem Maria até o outro extremo Lilith.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MOTT, L. R.B. **O sexo proibido, escravos, gays e virgens nas garras da Inquisição.** Campinas, Papirus, 1988.
SICUTERI, R. **Lilith a Lua Negra.** Trad. Norma Telles e J. Adholpho S. Gordo. Rio de Janeiro-RJ. Paz e Terra,1985.
PAIVA, V. S. F. **Evas, Marias, Liliths, Amélias, Diadorins, Rebordosas... Caminhos Singulares da Identidade Feminina no Patriarcado em Crise. Um Estudo Psicossocial.** Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Universidade de São Paulo. 1986.

ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO DE SELEÇÃO DE PESSOAL NUMA EMPRESA DE GRANDE PORTE EM FACE A CRISE DA EMPREGABILIDADE

RUGGIERO, P.C.M

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a dificuldade vivenciada por um pesquisadora com o cargo de selecionadora de um Empresa X, em contratar mão de obra operacional com algumas qualificações obrigatórias, sendo elas: escolaridade referente ao Ensino Fundamental (1ª à 8ª séries), idade superior a 21 anos, e estabilidade mínima superior a 1 ano.
Frente a esse perfil e a crise de empregos que assola o Brasil, parece fácil contratar funcionários operacionais, com boas qualificações, já que por motivo de recessão bons funcionários perderam seus empregos e devido a um mercado de trabalho escasso, não conseguem uma recolocação.Infelizmente esse não é o perfil do desempregado de classe baixa atualmente no Brasil, essa grande massa da população está despreparada para esse novo mercado, que junto com a globalização e a automação, modificou as industrias e o perfil dos seus funcionários.
Múltiplos são os fatores que dificultam uma contratação de mão de obra operacional frente a crise da empregabilidade dos quais podemos citar: escolaridade baixa, falta de instabilidade nos empregos anteriores e idade inferior a necessária.
Para traçar um perfil da crise dos empregos e dos empregados foram pesquisados temas referentes a automação, globalização, o futuro do trabalho e a educação.
Referente a pesquisa realizada sobre automação pode-se perceber que as industrias tentam acompanhar as mudanças que o mundo está impondo, e com isso demitindo grande número de funcionários e substituindo-os por máquinas modernas que realizam o mesmo trabalho com qualidade igual ou superior, diminuindo os custos com funcionários em longo prazo. Outro fator importante com a chegada da automação é que as empresa estão preferindo funcionários especializados, e que sejam capazes de exercer várias funções, sem a necessidade de uma chefia constante, o que seria semelhante a um sistema ditatorial.
Em relação a globalização foi percebido que, junto com a automação, ambas estão causando o "desemprego estrutural", sendo diferente do desemprego conhecido até agora, motivado por recessões, que sempre passavam. Esse desemprego é uma substituição do funcionário, sem interesse em recontrata-lo futuramente.
Frente a toda essa modificação do emprego, temos o perfil do empregado, que deve se adaptar a essas mudanças, pessoas múltiplas com várias funções, e que não param no tempo, visando estar sempre atualizadas. Mas essas pessoas não são a maioria.
Infelizmente, a grande parte não tem escolaridade, não se atualizaram, e pararam num tempo onde o computador era coisa do futuro.
Junto de todas essas informações, pode-se perceber que a classe baixa não está preparada para o mercado de trabalho, e que cabe ao governo investir mais em sua população menos favorecida, dando-lhes uma escola digna capaz de formar profissionais e prepara-los para esse novo ambiente de trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ROSSI, C. In: **Porque os empregos estão diminuindo no mundo**. Caderno Especial Folha de São Paulo, São Paulo, 1ºde março de 1998.
LUDWING, W. In: **O chefe vai acabar**. Entrevista, Isto É, São Paulo, 4 de novembro de 1998.
PASTORE, J. In: **A morte do emprego**. Jornal da Tarde, pg.2 São Paulo, 15 de setembro de 1998.
TOFFLER, A. **A Terceira Onda.** 23.ed. Rio de Janeiro, Record, 1998. Cap. 28. p.374 à 385.
TOFFLER, A. **Aprendendo para o Futuro.** Rio de Janeiro, Arte Nova S.A.,1974
FREDMANN,G. **O trabalho em Migalhas.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
ARNOLD, P.;WRITE, P. **A Era da Automação.** Rio de Janeiro, Lidador LTDA, 1965
DIMENSTAIN, G. **Aprendiz do Futuro. Cidadania hoje e a amanhã**. 7.ed. São Paulo, Ática, 1999. p10 à 15.

O ADOLESCENTE E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE TARDIA.

TAVARES, C. F.

O objetivo do trabalho é entender quais os fatores psicossociais que levam indivíduos com idade adulta a permanecerem apresentando características adolescentes, acarretando assim uma formação de identidade tardia.
Para a sua realização, foi feita uma revisão do material bibliográfico a respeito da adolescência, as etapas psicossociais propostas por Erikson, as crises dos vinte e dos trinta anos e as definições de identidade e identificação.
A ilustração da pesquisa foi feita através de entrevistas semi-dirigidas, realizadas com um público alvo de indivíduos do sexo masculino, com idade entre vinte e cinco e trinta e cinco anos de idade. Foram questionados pontos estratégicos, proporcionando à pesquisadora um conhecimento à respeito da dinâmica interna dos indivíduos entrevistados.
Os sujeitos ainda apresentavam muitas características tipicamente adolescentes e estavam apenas no princípio dos questionamentos que os levarão à formação da identidade.
Fatores internos e externos puderam ser observados, gerando a formação tardia da identidade e o prolongamento da adolescência. Entre os externos, pode-se destacar o prolongamento da escolarização e consequente entrada posterior no mercado de trabalho e a influência da mídia na permanência da adolescência. No que se diz respeito aos fatores internos, destaca-se uma não resolução dos conflitos e questionamentos adolescentes, gerando uma resolução posterior destes aspectos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
COLL, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
ERIKSON, E.H. **Identidade, Juventude e crise.** Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
RAPPAPORT, C.R., FIORI, W.R., DAVIS, C. **A idade escolar e a adolescência.** São Paulo, E.P.U., 1992.
SHEEHY, G. **Passagens: Crises previsíveis da vida adulta.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.
SPRINTHAL, N.A., COLLINS, W.A. **Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentista.** Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo.** Rio de janeiro, Record, 1996.

Orientador (a): Aparecida M Andriatte

UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS BEBÊS, UM QUE A MÃE PERMANECE EM TEMPO INTEGRAL COM ELE E OUTRO QUE A MÃE TRABALHA FORA.

DIB, D. P.

O objetivo do trabalho é o de comparar os sistemas tencionais inconscientes (medos, desejos e defesas) de duas mães e seus bebês: uma mãe que trabalha fora e outra que permanece tempo integral com o bebê e de verificar se há diferenças significativas no desenvolvimento emocional entre os dois bebês.
A pesquisa foi realizada com duas mulheres e seus bebês; uma das mulheres trabalhava fora 8 horas por dia e a outra permanecia com o seu bebê tempo integral. A partir de uma entrevista inicial e do estabelecimento de um contrato com as mães visando informar a finalidade do trabalho; foram realizadas observações, na residência destas, visando a observação relação mãe - bebê. O trabalho foi realizado em duas fases, sendo a primeira a observação da relação mãe - filho e a segunda a análise dos dados coletados através das observações.
No caso da mãe que fica todo o tempo com o bebê percebeu-se dificuldade dela estabelecer uma relação com ele com constante troca de afeto, o que causa nos dois uma ansiedade constante, pois a mãe se sente culpada em relação ao seus sentimentos de incapacidade diante do filho e tenta compensar a falta deste afeto através da alimentação, o que acaba gerando no bebê uma angústia que busca ser controlada com um objeto transicional, o que prejudica a qualidade da relação afetiva entre mãe - bebê.
A mãe que trabalha fora, a relação que ela conseguiu estabelecer com a neném favoreceu para que ela se mostrasse mais adaptada ao meio, conseguindo ter um desenvolvimento afetivo mais apropriado. Mas a rotina de vida da mãe faz com que ela torne a relação com a neném muito cindida, ora lhe dando total atenção e carinho e ora lhe privando totalmente disto o que dificulta que ela consiga estabelecer uma relação de confiança com esta mãe.
Diante dos objetivos inicialmente traçados percebeu-se que estes foram atingidos a medida que se notou que o desenvolvimento emocional dos bebês está intimamente ligado ao modo como cada mãe, independente do tempo que esta permaneça com o bebê, lida com as emoções e ansiedades que podem ser geradas da relação mãe bebê de acordo com o seu sistema tencional inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLEIN, M. et all. **Os progressos da psicanálise**. Traduzido por: Álvaro Cabral. 2.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1952.
LYTH, I. M. **Considerações sobre o papel materno na sociedade atual.** São Paulo, 1975.
MOREAU, A. et all**. A observação de bebês - Os laços de encantamento** Traduzido por: Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
PIONTELLI, A. **De feto à criança**. Traduzido por Joana Wilheim. Rio de Janeiro, Imago,1992.
STERN, D. N. **A constelação da maternidade - O panorama da pais / bebês.** Traduzido por: Maria Adriana Verissímo Veronese. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
WINNICOTT, D.W. **Textos selecionados - Da pediatria à psicanálise**. por: Jane Russo. 4.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.
WINNICOTT, D.W. Os bebês e suas mães. Traduzido por: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

UM ESTUDO SOBRE O VÍNCULO AFETIVO DE DOIS BEBÊS INSTITUCIONALIZADOS.

SIQUEIRA, L. A.

O estudo do vínculo afetivo tem assumido grande relevância para as pesquisas psicanalíticas. Compreender as particularidades e os possíveis comprometimentos no desenvolvimento afetivo de dois bebês institucionalizados foi o principal objetivo desta investigação.

Foram realizadas oito sessões de observação com cada bebê, com uma hora de duração, seguindo-se o método de observação proposto por Bick (1967). Em seguida os dados foram transpostos para a ficha de interpretação da observação mãe-bebê, proposto por Andriatte (1994), destacando os pontos relevantes para a análise da vida mental do bebê.

Predominantemente procurou-se analisar os conteúdos manifestos, fantasias e defesas subjacentes , assim como aspectos de privação afetiva.

Os resultados revelam que os objetivos propostos para o trabalho tenham sido plenamente atingidos, sendo possível verificar um comprometimento no desenvolvimento afetivo dos bebês observados, principalmente no tocante a intensificação de ansiedades persecutórias e depressivas.

A experiências contínuas de privação afetiva a que estão submetidos estes bebês e a falta de uma pessoa com quem possam vincular-se adequadamente, podem trazer graves distúrbios mentais ou de conduta no futuro, assim como dificuldades para formação de novos vínculos.

Um trabalho profilático nas instituições que abrigam menores priorizando a qualidade das relações e o treinamento dos profissionais é fator decisivo para o desenvolvimento saudável de crianças abrigadas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BLEICHAMAR, H. B. **Depressão: um estudo psicanalítico.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BOWLBY, J. **Apego e perda: perda , tristeza e depressão.** São Paulo, Martins Fontes, 1998. v. 3

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo, Martins Fontes, 1997.

ISSACS, S. **"Uma perspectiva psicanalítica sobre instituições sociais". Os progressos da Psicanálise.** São Paulo, Martins Fontes, 1997.

LYTH, I. M. **Centro de Estudos das Relações Mãe-Bebê- Família.** São Paulo.

MARICONDI, M. A. **Projeto Casas de Convivência/Falando de Abrigo.** São Paulo, Febem, 1997.

RIVIÈRE, E. P. **Teoria do Vínculo.** São Paulo, Martins Fontes, 1982.

ROSA, J. T. (organizador). **Atualizações Clínicas com o Teste de Relações Objetais de Phillipson.** São Paulo, Lemos, 1995.

SIMON, Ryad. **Introdução à Psicanálise: Melanie Klein**. São Paulo, Epu, 1986.

SPILLIUS, Elizabeth Bott (organizadora) **Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento da** teoria e técnica. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

UM ESTUDO SOBRE PSIQUISMO FETAL.

TAVARES, G. R. M.

O presente trabalho se propôs a analisar sobre o ponto de vista teórico a importância do psiquismo fetal para a psicologia. Este estudo têm se desenvolvido graças à ultrassonografia, instrumento que permite observar o feto em seu ambiente natural conjugado às contribuições da etologia, psicologia e psicanálise.
Ao nascer, o bebê é capaz de reconhecer a mãe através de sua voz e ela reconhece-o pelo cheiro. No período de nove meses, desde a concepção até o nascimento, este ser desenvolve seus sentidos, guarda inconscientemente momentos difíceis e frustrações, seus temores e angústias, e estas marcas são levadas por toda a vida. Acredita-se que no momento em que nasce, o bebê já tem sua própria personalidade, é um ser pensante, que desde o sexto mês da gravidez, percebe-se como indivíduo. O aparelho mental, no decorrer da gestação, aos poucos desenvolve mecanismos de defesa, a fim de aliviar-se das tensões. Desde a sétima semana de gestação, o feto já é sensível à dor, e o período entre a concepção e a décima segunda semana gestatória é o de maior desenvolvimento orgânico e psíquico. O feto, aos poucos adquiri capacidades como dar cambalhotas, brincar com o cordão umbilical, sugar e sentir sabor do líquido, dormir, sonhar, pensar, ouvir sons e perceber a luz. Em caso de gravidez gemelar, existe a relação entre os bebês, e pode-se perceber diferenças no comportamento.
O feto, por estar tão intimamente ligado à sua mãe, pode ser atingido por diversas substâncias de seu organismo, tais como tóxicos. Além disso, o ser que está sendo gerado é capaz de sentir e perceber os mais diversos sentimentos da mãe, como seu desprezo ou amor. É de extrema importância que a mãe mantenha conversas com o feto, procurando estabelecer um vínculo afetivo já neste período.
Conclui-se que a mãe tem grande influência no desenvolvimento geral do feto, e em todo o futuro psíquico deste ser que está sendo gerado. O pai, participando deste período com afetividade e companheirismo, contribui para diminuir a angústia da gestante e consequentemente para a boa relação da mãe e com o bebê.
Andriatte e Gomes (1999), constatam que a análise do psiquismo fetal contribui, em situação terapêutica, para promover insights e consequentemente uma boa evolução clínica, no caso de pacientes adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STERN, N.D. **A Constelação da Maternidade**. O panorama da Psicoterapia pais/bebê. Porto Alegre, 1997.
SOUZA-DIAS, T.G**. Considerações sobre psiquismo do feto**. São Paulo, 1.996.
PIONTELLI, A. **De feto a Criança. Um estudo observacional e psicanalítico**. Rio de Janeiro, 1995.
RAPHAEL-LEFF, J. **Gravidez. A História Interior**. Porto Alegre, 1997.
WILHEIM, J**. O que é psicologia pré-natal.** São Paulo, 1997.
KLAUS, M**. O Surpreendente recém-nascido**. Porto Alegre, 1989.
MALDONADO, M.T. **Psicologia da Gravidez**. Rio de Janeiro, 1997.
GOLFETO, H.J. **Psiquismo Pré e Perinatal**. Ribeirão Preto, 1993.

Orientador (a): Armando Rocha Jr.

UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE IDOSOS DO SEXO MASCULINO E FEMININO PARA VERIFICAÇÃO DE POSSÍVEL PREDOMINÂNCIA DE TRAÇOS DEPRESSIVOS ATRAVÉS DO TESTE WARTEGG.

TONISSI, F. V.

O trabalho tem como objetivo um estudo comparativo de possíveis traços depressivos entre o sexo masculino e o sexo feminino no idoso, assim como, melhor conhecimento do mesmo.
A depressão é classificada em : depressão maior, depressão moderada, depressão discreta e distúrbio bipolar. A depressão pode ser endógena que ocorre sem nenhum motivo específico, ou reativa que é desencadeada por uma ocorrência ou situação específica.
Na depressão a característica dominante é a mudança do estado de ânimo, há um sentimento generalizado de tristeza e o grau pode variar desde um desalento moderado até o mais intenso desespero. Ocorre uma lentidão psicomotora, um amortecimento generalizado nas atitudes, na capacidade de raciocínio. A doença atinge todas as idades, desdes adolescentes até os idosos. No idoso devido a deteriorização física da velhice, perda do conjugue, dos amigos e parentes, falta de atenção, falta de prespectiva, de vida, colaboram com o desenvolvimento da depressão. A pessoa se sente desaminada, com dores no corpo, insônia, fadiga, memória ruim, mal-estar, etc.
Observou-se que através do teste Wartegg (teste psicológico), aplicado em dez pessoas com idade entre sessenta e oitenta e um anos, de ambos os sexos, sendo que sete eram do sexo feminino e três do sexo masculino,residentes na cidade de São Paulo, aproximadamente oitenta e cinco por cento do sexo feminino apresentaram tendências depressivas e aproximadamente sessenta e seis por cento do sexo masculino apresentaram tendências depressivas.
Este resultado mostra que os idosos podem sofrer de depressão devido as mudanças no decorrer da vida, pois o idoso sofre por falta de comunicação significativa ou atenção. A situação de isolamento e falta de novos projetos de vida, comum nessa faixa etária colaboram com o agravamento. E as mulheres estão mais predispostas a sofrerem de depressão devido a fatores hormonais.
O idoso precisa estar preparado para lidar com perdas e limitações, o que é muito difícil principalmente no Brasil, onde a juventude é muito valorizada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BERNARD, P.; BRISSET, P.; EY, H. **Manual de Psiquiatria**. São Paulo, Masson, 1978.
BUENO, J.R.; NARDI, A.E.; NUNES,E.P. **Psiquiatria e Saúde Mental.** São Paulo, Atheneu, 1996.
CARDOSO, M.; LUZ, S.R. **Revista Veja. A doença da alma.** São Paulo, 1999. (1591). p. 94 a 101.
SILVA, D. M.A. **Quem ama não adoece**. São Paulo, Best Seller, 1994.
TELES, M.L.S. **O que é depressão.** Coleção Primeiro Passos. São Paulo, Brasiliense, 1992.
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Faculdade de Psicologia. **Técnicas de Exames Psicológico III.** 1999.
WILLIANS, X. **Combatendo a depressão.** São Paulo, Best Seller, 1995.

VERIFICAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE ENTRE UMA CRIANÇA TIDA COMO HIPERATIVA E UMA SEM AS CARACTERÍSTICAS DE HIPERATIVIDADE, ATRAVÉS DE UM ESTUDO DE CASO, COM A UTILIZAÇÃO DO TESTE WARTEGG.

VILLALVA, C. DE T.

O objetivo do trabalho é o de levantar as características de personalidade de uma criança hiperativa, podendo assim compara-la com uma criança da mesma idade, nível sócio, econômico, cultural e escolar, porém sem o perfil hiperativo, utilizando o teste Wartegg como principal fonte para os resultados.
Wartegg é um instrumento investigador, norteando ações diagnosticas, é um teste projetivo que pode ser aplicado em qualquer propósito desde que o sujeito saiba desenhar, a folha do teste é composta por oito quadrados chamados Campos em cada um deles há uma linha incompleta chamada de estímulos, o desenho deve incluir esse estimulo.
Os critérios de análise considerados são: a ordem em que foram realizados os desenhos, a clareza dos desenhos, a riqueza dos detalhes e a duração total do teste, ou seja o tempo que a criança leva para execução do teste.
Os resultados da analise da criança hiperativa foram: demora significativa para realização do teste, falta de comunicabilidade, relacionamento vazio, não respeito as regras, agressividade, impulsividade e pouca sistemática de trabalho, com desorganização e total falta de rigidez, generaliza sem base, dificuldade para lidar com limites e dificuldade de raciocínio.
Os resultados da análise da criança sem as características de hiperatividade foram: seletividade adequada, boa elaboração mental, com clareza de raciocínio, melhor capacidade de planejamento e diferenciação, objetividade e organização, sendo capaz de manter atenção adequada, apresentando também decisão, rapidez e energia.
Supõe-se que comparando as duas crianças, a primeira poderá encontrar problemas escolares como desatenção na sala de aula, esquecimento de tarefas de tarefas, datas e objetos, nas provas notas baixas por erros de distração enfim dificuldades de atenção concentrada, poderá também encontrar certas dificuldades para lidar com limites e regras impostas por pais e educadores, desobediência e irritabilidade fácil, dificuldade para brincar com colegas, sendo uma criança solitária, não espera sua vez, intromissões na fala dos outros e eventuais explosões de raiva e esquecimento, poderão vir a ocorrer, o que provavelmente não acontecerá com a outra criança, que não apresenta características de hiperatividade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BLANCO, A. & SORDILI, A. **Crianças da nova geração acabam sendo confundidas com hiperativos.** Revista da Folha, São Paulo, 12 de outubro, 1997. Págs. 10 a 17.

GOLDSTEIN, S. & GOLDSTEIN, M. **Hiperatividade. Como desenvolver a capacidade de atenção da criança.** Campinas, Papirus, 1992.

GORODSCY, R. C. **A Criança Hiperativa e seu Corpo: um estudo compreensivo da hiperatividade em crianças.** São Paulo - Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1991.

MORAES, M. **A pílula do bom comportamento.** Revista da Folha, São Paulo, 27 de maio, 1996. Pags16 e 17.

TURECKI, S. & TONNER, L. **A criança difícil.** São Paulo, Maltese, 1990.

WENDER, P. H. **Disfunção Cerebral Mínima na Criança.** São Paulo, Manole, 1976.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Programas do serviço de psiquiatria.** Pesquisa pela Internet, 1999.

ROHDE, L.A & BENCZIK, E.B.P . **Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

CARIELLO, L. F & MATTOS, P. **Oque é TDAHI ?** Rio de Janeiro, Homepage, 1999.

ROSS, A. O. **Aspectos Psicológicos dos Distúrbios de Aprendizagem e Dificuldades na Leitura.** São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1979.

RAPPAPORT, C. R. **Interação mãe-filho : Influência da Hiperatividade da criança no comportamento materno.** São Paulo - Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1978.

SOUZA, V. H. P. Estudo Observacional e Clínico de crianças de 8 a 9 anos: Uma contribuição para a Discussão do conceito de Hiperatividade. São Paulo - Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1985.

UNIVERSIDADE MACKENZIE, FACULDADE DE PSICOLOGIA. Apostila de Técnicas de Exames Psicológicos III, Setor de Psicologia Aplicada, 1999.

Orientador (a): Berenice Carpigiani

MANIFESTAÇÃO DA ANSIEDADE DO DESEMPENHO DO ARTISTA.

GAZAL, F. P.

O objetivo deste trabalho é estudar de que forma os artistas lidam com a sua ansiedade antes de entrarem no palco, compreender também como esta permanece durante a apresentação, além de observar a presença ou não de processos defensivos na utilização desta ansiedade, no contexto do palco.
Realizou-se uma pesquisa de campo, da qual participaram oito artistas, de ambos os sexos, divididos em atores, bailarinos, cantores e músicos, com idade entre 30 e 60 anos, que estão atuando profissionalmente. Utilizou-se a entrevista semi-dirigida, previamente formulada, com o objetivo de detectar quais os sentimentos que surgem antes da entrada no palco, durante a apresentação, bem como a forma como os artistas lidam com estes sentimentos. Procedeu-se a análise qualitativa a partir dos dados levantados, que forneceu subsídios para interpretação e conclusão à luz da psicanálise.
A partir das respostas dadas, observou-se que o ritual é utilizado pelos artistas como um recurso egóico primitivo que controla e organiza o que é vivido como caótico. Verificou-se, que através de processos defensivos o Ego do artista é capaz de barrar esta ansiedade da consciência e transformá-la de maneira adequada e produtiva, evitando a paralização diante do perigo, e o que permanece durante a apresentação é apenas a energia motriz desta ansiedade.
Revelou-se também, dados importantes que podem servir de discussão para um próximo trabalho. Um deles refere-se a dificuldade dos artistas em estarem reconhecendo os sentimentos que surgem antes de entrarem no palco, e o outro refere-se à manifestação da ansiedade com menos intensidade sempre que ela pode ser compartilhada com o grupo de atuação ou com o público, o que aponta para um movimento de diluição do Ego com o grupo.
Conclui-se que o Ego é a estrutura mental que vai organizar o comportamento do artista, toda vez que a ansiedade manifestar-se antes e depois da entrada no palco, isso tudo, através do ritual de preparação e dos mecanismos de defesa de repressão e de sublimação, que vão afastar a ansiedade da consciência do artistas e canalizar apenas sua energia em favor do desempenho do artista, A partir dos processos defensivos do Ego, a ansiedade manifestada antes e durante a atuação do artista, pode ser canalizada para fins artísticos, o que confirma a hipótese desta pesquisa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRENNER, C. **Noções básicas de Psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica.** 4.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987.
FENICHEL, O. **Teoria Psicoanalítica de las Neurosis.** Buenos Aires, Editorial Paidos, 1966.
FISCHER, E. **A necessidade da Arte.** 9.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
FREUD, A. **O Ego e os Mecanismos de Defesa.** 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
HAUSER, A. **Teorias da Arte.** São Paulo, Martins Fontes, 1973.

CRISE DE IDENTIDADE MASCULINA.

PAPPALARDO, E. G. M.

Objetivo: Verificar a existência da crise da identidade masculina na atualidade, retratada nas obras sobre o homem ocidental das Ciências Sociais, suas causas e conseqüências. Metodologia: Revisão Bibliográfica.
Fatores Múltiplos e Interrelacionados Determinantes da Crise de Identidade Masculina:
1. Sociais: Incapacidade para adaptar-se e aceitar exigências do meio quanto a sua função social. O sistema produtivo modela a conduta do homem de modo alienante e repressivo. A falta de reflexão que promove a manutenção do sistema tem sua origem no próprio cotidiano (FEATHERSTONE 1997), que é a base para nossas construções de conceitos. Nele o presente se torna incoercível e faz prevalecer uma imersão na imediatez, em detrimento do pensamento reflexivo.
2.Familiares: A família promove a concepção de uma sociedade em que as trocas afetivas são mal vistas. A identidade feminina (esposa / mãe) ajuda a oprimir o homem e evitar seu desenvolvimento por uma prerrogativa de ordem inconsciente.
3. Psicológicos: Oposição binária a determinadas características consideradas femininas. Falta de rituais que demarquem a passagem do universo masculino infantil para o adulto. Os potenciais masculinos não são desenvolvidos, de maneira que sua subjetividade nos encontros com as mulheres fica vazia de afeto e torna-se marcada pelo discurso sexual. O desempenho sexual é outro fantasma que assombra a vida dos homens e faz com que desejem a submissão das mulheres, um reflexo de sua própria imobilidade de transformação do modelo subjetivo. Seu universo afetivo está repleto de objetos parciais. Também, a capacidade de discriminação de um afeto real mostrou se tornar comprometida pelo modelo de conduta social que emprega, sendo difícil estar próximo de uma mulher sem cortejá-la. A maturação afetiva e emocional no homem, não parece progredir e se desenvolver com a mesma velocidade e facilidade da intelectual, por fatores sociais, o que determina uma defasagem na capacidade de apreciação e solução de problemas afetivo/emocionais, em relação à mulher.
4.Referentes aos Pais e à Paternidade: Pensamos a paternidade como uma forma de modelar a identidade masculina, onde cabe aos pais (homens) a educação moral e o futuro financeiro aos olhos da sociedade. Ser pai encerra uma série de prerrogativas nobres que criam um padrão de exigência sobre o homem. A consciência dos homens demonstrou-se vazia de conhecimento sobre as representações e significados da paternidade, e o desconhecimento desses significados atua produzindo forte ansiedade devido à revivescência de situações. O medo, inconsciente, de que seu filho nutra por ele sentimentos hostis, similares aos vividos em relação a seu pai, fazendo com que no imaginário do homem sobre pouco espaço para se pensar na paternidade.
Considerações: Com WINNICOTT (1990) vimos a possibilidade concreta de se instituir uma revisão da relação com o pai, como um outro fator de reavaliação da identidade masculina. COLMAN e COLMAN (1990), mostraram que o comportamento dos pais sofreu um ataque. Dizem que tornar-se um nutridor na família gera para um homem, a sensação de que se está "maternando" em vez de "paternando", tornando-se necessária a quebra do vínculo simbiótico e separação do homem e do menino do universo feminino.
Conclusões: A existência da crise de identidade masculina na atualidade foi verificada, ainda que o homem não seja consciente dela. O que mais chama nossa atenção, no entanto, é que não faltam recursos intelectuais para que se discuta e se promovam mudanças quanto a ela e, ainda assim, essas mudanças não ocorrem. Antropólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos, psicanalistas e mais uma infinidade de outros especialistas não alcançam seus propósitos de verem suas idéias sobre o que é a crise e como impedi-la difundidas pela sociedade. Entre eles mesmos também parece haver uma surdez que não possibilita o contato interdisciplinar. Podemos relacionar esta situação também à causas pessoais (inconscientes ou não). O que se nota efetivamente, portanto, é que o discurso técnico não é absorvido pela própria parcela da população que constata a crise e que produz a reflexão sobre ela. Este fato nos leva a refletir sobre as chances da existência e criação de condições para as massas populares conscientizarem-se dela e efetuarem mudanças significativas em suas vidas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERONI, F. **O Erotismo: Fantasias e Realidades do Amor e da Sedução.** São Paulo, Círculo do Livro, 1986.
BERRY, N. **O sentimento de Identidade.** São Paulo, Escuta. 1991.
BLEGER, J. **Simbiose e Ambigüidade.** 3.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
CABRAL A. ; NICK E. **Dicionário Técnico de Psicologia** 12.ed. São Paulo, Cultrix, 1994.
CAMPBELL, R. J. **Dicionário de Psiquiatria.** Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
CAVALCANTI, R. **O Mundo do Pai: Mitos, Símbolos e Arquétipos.** São Paulo, Cultrix, 1995.
CHAUI, M. **Convite à Filosofia.** 1.ed. São Paulo, Editora Ática, 1995.
CIAMPA, A. da C. **Psicologia Social: o homem em movimento.** 13.ed. São Paulo, Brasiliense, 1995.
COLMAN, A.; COLMAN, L. **O Pai: Mitologia e Papéis em Mutação.** São Paulo, Cultrix, 1990.
DAMATTA, R**. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade Masculina.** apud CALDAS, D. (org.) Homens. São Paulo: SENAC, 1997.

FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-Modernismo e Identidade. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura.** São Paulo, SESC, 1997.

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão.** Rio de Janeiro, Imago, 1997.

GIANNETTI, E. **Auto-engano.** 1ª edição, 4.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIKOVATE, F. **Homem: O Sexo Frágil?** 8.ed. São Paulo, MG Associados, 1989.

GIKOVATE, F. **O homem, a mulher e o casamento.** São Paulo, MG Associados, 1982.

HINSHELWOOD, R.D. **Dicionário do Pensamento Kleiniano.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

KLEIN, M. **A psicanálise de crianças.** Rio de Janeiro, Imago, 1997.

LINTON, R. **O homem: uma introdução à Antropologia.** 12.ed. São Paulo, Martins Fontes,1981.

MEDRADO, B. **Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia.** In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum e MEDRADO, Benedito (orgs.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo, Ecos, 1998.

MONICK, E. **Falo: a sagrada imagem do masculino.** São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

MOORE, R e GILLETTE, D. Rei, Guerreiro, Mago, **Amante: A redescoberta dos arquétipos do masculino.** Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro, Campus, 1993.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade.** 2.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana.** Rio de Janeiro, Imago, 1990.

Orientador (a): Carlos Roberto Dias Iema

A COMPETITIVIDADE SOB RODAS GERANDO STRESS.

AGOSTINHO, A. P.

O objetivo do trabalho é comprovar se as variáveis citadas pelos autores estudados como geradoras de stress no trânsito atinge os motoristas de ônibus da cidade de São Paulo.
Sendo o trânsito da cidade de São Paulo uns dos piores e mais complicados do mundo cabe um estudo que possa avaliar se seus motoristas sofrem algum problema gerado por essa condição.
O stress surge diante de qualquer situação ameaçadora, despertando no indivíduo uma resposta de “luta ou fuga”. Esse estado de alerta causa um desequilíbrio hormonal e esse desequilíbrio é o stress. Portanto o stress pode ser negativo ou positivo.
O homem primitivo podia lutar ou fugir diante do estímulo ameaçador. Hoje em dia o homem moderno não tem mais essa facilidade estando sempre preso a um contexto social que o impede de ter uma resposta impulsiva. Dessa forma o homem moderno está sempre com seus níveis hormonais alterados, consequentemente está estressado.
Para análise realizou-se uma pesquisa de campo, analisando quantitativamente um questionário fechado e contendo dez questões. Os sujeitos analisados foram 30 motoristas que trabalham no terminal Parque Dom Pedro II, na cidade de São Paulo e com idade entre 30 e 45 anos.
Pode-se concluir que a maioria das respostas dadas eram positivas ao stress.
Algumas variáveis citadas pelos autores estudados como sendo geradoras de stress não foram vistas pelos sujeitos como estressantes. Poucos foram os que não estão sendo atingidos pelo stress, de forma que este esteja prejudicando seu estado físico e/ou emocional.
Em 61% dos sujeitos o stress já é um mal. O trânsito é um ambiente de grande competitividade.
Na literatura consultada os autores afirmam que o tipo de personalidade influi muito para o aparecimento do stress negativo ou não. Mas essa variável não foi considerada no presente estudo. Para os 49% talvez seja a personalidade de cada um o que faz com que o trânsito da cidade de São Paulo não seja estressante.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARROBA, T. e JAMES, K. **Pressão no trabalho: um guia de sobrevivência** tradução de Maria Cláudia Santos Ribeiro Ratto; revisão técnica de Maria Cecília P. da Silva. São Paulo, Mc Graw-hill, 1988.
LIMONGI FRANÇA, A. C.; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho.** São Paulo, Atlas, 1996.
LIPP, M. N.; NOVAES, L. E. **Pesquisa sobre stress no Brasil: saúde, ocupação e grupos de riscos.** Campinas, Papirus, 1996.
__________________. **Stress**. São Paulo, Contexto, 1998.
MOLINA, O. F. **Estresse no cotidiano.** São Paulo, Pancast, 1996.
RIO, R. P. **O fascínio do stress.** Belo Horizonte, Del Rey, 1995.
SANTOS, O. de A. **Ninguém morre de trabalhar.** 3.ed. São Paulo, Textonovo, 1995.

A MUDANÇA DA CULTURA ORGANIZACIONAL: ESTUDO DE CASO DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA.

DAGLI, V.

O estudo visa analisar a mudança da cultura de uma instituição financeira recentemente adquirida por outra de capital estrangeiro e os efeitos produzidos nos funcionários que percebem tal mudança. Os valores da nova organização são diferentes e estão sendo agregados gradativamente à primeira, o que pode causar uma certa influência no comportamento dos funcionários, principalmente os de nível gerencial, como a insegurança, medo, grandes expectativas sobre seu futuro profissional, confusão, abalo, dificuldade de transmitir os novos conceitos e de se desprender dos antigos valores.
Realizou-se uma pesquisa com vinte (20) funcionários da organização em estudo, de nível gerencial, de ambos os sexos, com no mínimo 18 anos de idade. Aplicou-se nos mesmos, um questionário previamente elaborado, com perguntas fechadas (alternativas) e anônimo, para uma maior privacidade e sigilo dos funcionários. Levou-se o questionário até os sujeitos para que fosse respondido e depois devolvido para posterior tabulação dos dados e análise.
Utilizou-se, como critérios para análise o conceito "valores", por representar a base fundamental e foco da cultura organizacional. Através destes, verificou-se se tais funcionários em estudo estariam percebendo a mudança, o que pode ser observado na mudança do ambiente físico, tecnologia adotada, comportamento e postura de trabalho dos funcionários da nova organização, comunicação com o meio ambiente, áreas mais priorizadas, entre outros. Após isso, foram investigadas as sensações que os sujeitos sentem com a chegada da nova instituição.
Num primeiro momento, demonstrou-se, através dos resultados, que os sujeitos, em sua maioria, perceberam a mudança da cultura organizacional na empresa através da mudança de valores. Dado relevante é que quase todos percebem um contraste entre as duas culturas, as quais possuem raízes fortes e características peculiares. Estes gerentes, em sua maioria, também não sentiram dificuldades em transmitir os novos conceitos aos seus subordinados e apesar da mudança, todos continuam fiéis à organização.
Na etapa final dos resultados, foi possível verificar que a maioria dos sujeitos demonstra ter boas sensações coma chegada da nova organização, tais como o otimismo, motivação, boas expectativas e esperança. Metade dos sujeitos está insegura e os sentimentos de abalo, confusão, medo, apareceram muito pouco.
Constatou-se que, ao contrário do que a literatura podia prever, os gerentes da antiga organização mostraram-se otimistas e motivados com a chegada de uma nova instituição, que traz consigo uma nova cultura e valores diferentes. A insegurança surgiu, porém como fator normal para o momento, ou seja, medo de perder o emprego, de não atender às expectativas do novo trabalho. Isso mostra que ao invés de sentirem medo, confusão, vêem novas oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional, no meio de trabalho em que estão inseridos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FREITAS, M. E. **Cultura Organizacional: formação, tipologia e impacto**. São Paulo, Atlas, 1996.
MERLE, E. A. et all **Administração de Recursos Humanos em Contexto Bancário**. São Paulo, IBCB, 1990.
OLIVEIRA, M. A. G. **Cultura Organizacional (Coleção Empresa & Gerentes)**. São Paulo, Nobel, 1988.
SCHEIN, E. H. **Organizational Culture and Leadership.** São Francisco, Jossey-Bass, 1985.
TAVARES, M.G.P. **Cultura Organizacional: uma abordagem antropológica da mudança.** Rio de Janeiro, Qualitymark, 1999.

A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.

KIKUTI, L.

O objetivo deste trabalho foi fazer um levantamento bibliográfico a respeito da formação em Psicologia Organizacional no Brasil, desde sua implementação até os dias atuais, para então verificarmos que a formação em Psicologia dá maior ênfase à especialidade Clínica em detrimento da área Organizacional, nosso objeto de estudo.
Foram utilizados pesquisas e literaturas de autores e profissionais da área para averiguação do objetivo.
E desta forma pudemos observar uma relativa menoridade na carga horária dirigida às disciplinas da área em questão e uma falta de conexão entre as matérias básicas e as de enfoque organizacional, comprometendo até mesmo a visão coletiva do psicólogo como aquele que apenas atua em consultórios.
Sendo a graduação um momento de agregação de valores e identidade profissional, fica feito a observação para não se prezar unicamente a formação em uma área, dando oportunidades e incentivos ao saber nas demais áreas do curso de Psicologia, a saber, da Psicologia Organizacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCO, A. C. L. **O ponto de articulação entre graduação e pós-graduação. In: Coletâneas da ANPEPP. Formação em Psicologia.** - Pós-Graduação e Graduação. Belo Horizonte, Segrac, 1996. v.1

BONFIM, de M. Elizabeth. Pós Graduação e graduação em psicologia: modelos e organizações. In: **Coletâneas da ANPEPP.** Formação em Psicologia: Pós-Graduação e Graduação. Belo Horizonte, Segrac, 1996. v.1

CODO, W. **A transformação do Comportamento em Mercadoria.** - Tese de Doutoramento. São Paulo, PUC, 1981.

CROCHIK, J. L. **Uma proposta de análise da fromação do psicólogo em nossa realidade.** Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 1985.

MACIEL, R. H. **Formação Profissional do Psicólogo.** Cadernos CRP-06. Conferências e Debates. Gestão Movimento, 1992.

MALVEZZI, S. Tendências e Perspectivas nas Organizações. Jornal CRP, Maio/Junho, 1992.

NETTO, M. C. de A. A produção do conhecimento psicológico for a do espaço acadêmico. In: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo, EDICON, 1988.

ZANELLI, J. C. O Psicólogo nas Organizações de Trabalho: formação e atividade profissional. Florianópolis, Paralelo 27, 1994.

STRESS E QUALIDADE DE VIDA.

MENDES, F. U.

Este trabalho tem como objetivo pesquisar os fatores desencadeantes do stress ligados diretamente ao âmbito organizacional.
O stress organizacional é classificado como um conjunto de reações do organismo a qualquer agressão de ordem física, psíquica entre outras; sendo também endentido como agressão em si. Entende-se que o stress começa a ocorrer quando o organismo é exigido além de sua capacidade normal.
Atualmente com a grande preocupação voltada para o trabalho, muitos indivíduos acabam pôr viver para empresa depositando demasiado valor e despendio de tempo para essa função social, deixando de lado tudo que não esta direta ou indiretamente ligado a função desempenhada. Sendo neste cenário que aparecem muitas vezes doenças ligadas ao stress ocupacional, uma vez que deparam-se com uma esfera extremamente competitiva onde sempre querem estar em evidência, atingindo desta maneira as expectativas da organização na qual estão inseridos. Porem nesta dinâmica onde procuram dar o melhor de si , acabam dando mais do que podem e ultrapassam o limite do física e mentalmente aceitável pôr seus organismos. O indivíduo muitas vezes não se da conta de que não é possível alcançar o equilíbrio entre as exigências da organização e as suas necessidades, emergindo desta forma um conflito que pode ser mais ou menos elaborado apresentando repercussões sobre a saúde.
Para analise da incidência de agentes estressores nas organizações, realizou-se uma pesquisa de campo qualitativa, onde o instrumento foi o questionário IASTE (Inventario dos Agentes Stressores no Trabalho),que foi distribuído a 50 sujeitos de sexo indiferente e faixas etárias distintas, que exercessem cargos gerenciais situados a qualquer área e nível hierárquico da estrutura organizacional.
Mediante a este instrumento observou-se que todos os trabalhadores pesquisados apresentam de certa forma sintomas de stress, onde apontam algumas variáveis como como extremamente incomodas do dia a dia de suas funções.
Os índices stressores que mais afetam os indivíduos dentro da organização são serem pressionados em relação a prazos e resultados, sentirem-se constantemente sobrecarregados, não disporem de informações adequadas ou obte-las de forma dúbia dificultando o desempenho de suas funções e principalmente realizar um trabalho abaixo do nível de competência.
Concluiu-se com este estudo que os stressores organizacionais são inúmeros, sendo sua potência influenciada pelas características do trabalho e seu significado para o trabalhador e para empresa na qual encontra-se inserido, bem como pela sua cultura e ambiente. Surgindo daí a necessidade de se resgatar a dimensão coletiva do fenômeno stress e da qualidade de vida dentro das organizações!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHANLAT, J.F. **O indivíduo na Organização – Dimensões esquecidas.** São Paulo, Atlas 1993. v. 2
DEJOURS,C. ABDOUCHELI,E. e JAYET,C. **Psicodinâmica do Trabalho.** São Paulo, Atlas,1994.
FERNANDES. E. C. **Qualidade de Vida no Trabalho.** São Paulo, Vozes
HINDEL,T. **Como reduzir o estresse.** São Paulo, PubliFolha, 1999.
LIMONGI FRANÇA, A. C. e RODRIGUES, A. L. **Stress e Trabalho – guia básico com abordagem psicossomática.** São Paulo, Atlas, 1997.
LIMONGI GASPARINE, A. C. F. **Era uma vez um certo "Lambari"- um estudo sobre respostas psicossomáticas na empresa, desde o psicológico a revelação social.** - Dissertação de Mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica, São Paulo,1989.
REGIS OLIVEIRA, M.L. **Stress Ocupacional do Executivo – relação entre geradores de stress na vida profissional e estado de saúde.** - Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo,1996.

Orientador (a): Célia M. Klouri

PSICANÁLISE: O AVESSO DA MEDICINA?

DEL GRANDE, P. H.

O que motivou o presente estudo foi uma citação de Lacan, em 1966 na conferência sobre Psicanálise e Medicina, no qual este autor descreve a Psicanálise enquanto avesso da Medicina.
Através de um levantamento bibliográfico, a partir de textos de Freud, Lacan, estudamos a teoria psicanalítica, na qual foram revisados alguns conceitos quando referidos ao contexto Hospitalar e concluímos que o discurso médico é oponível ao discurso psicanalítico, e o encontro entre médicos e psicanalistas dentro de uma instituição de saúde só é possível a partir dessa antinomia radical entre as posições de cada um.
O psicanalista, em sua prática clínica, tem como referência fundamental a teoria freudiana, ou seja, o que rege o funcionamento psíquico de alguém, seus atos e palavras, é o Inconsciente. Já o médico, encontrado numa posição inversa, representa a ciência, no qual exclui a subjetividade, se interessando pelo corpo, lugar onde a doença se inscreve.
Ainda que a Ordem Médica prevaleça no Hospital, sua presença marcante tem aberto espaço para outra ordem, na medida que o discurso médico produz fenômenos que não consegue tratar.
No momento em que o discurso médico exclui as posições subjetivas e as desordens inconscientes, ele abre espaço para o psicanalítico, justamente porque a Psicanálise trata da subjetividade, esta que é posta de lado e recalcada por uma necessidade da ordem médica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CLAVREUL, J. **A ordem médica.** São Paulo, Brasiliense, 1983.
DEL VOLGO, M. J. O instante de dizer. In: **Pulsional.** Revista de Psicanálise, São Paulo, ano XII, número 118,pg.11 – 25.
FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1978. FREUD, S., "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" (1912) In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. XII
FREUD, S. "Sobre o início do tratamento" (1913) In: **Obras completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. XII.
LACAN, "Psicoanalisis y medicina" (1966) In: **Intervenciones y textos.** Buenos Aires, Manantial,1991, p.86 – 99.
LAPLANCHE & PONTALIS **Vocabulário de Psicanálise.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.
QUINET, A. **As 4 + 1 condições da análise.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.
TOURINHO, M. L. **O que pode um analista no Hospital?** Monografia de Mestrado, PUC, São Paulo, 1994.
VALENTIM, J. H. Vicissitudes de uma psicanálise em Hospital Geral. In: **Pulsional.** Revista de Psicanálise, São Paulo, Ano XII, Número 120, p.09–13.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA GESTAÇÃO, PARTO E PUERPÉRIO.

FURRIEL, M. M

Com duração de 11 meses, foi realizado um estagio na Ginecologia e Obstetrícia, do Hospital Geral de Vila Penteado "Dr. José Pangella", sob a orientação dos psicólogos Claudia Nunes Galvão, Carlos Roberto de Oliveira e Jórgea de Melro Macedo.

O estágio, realizado três vezes por semana, durante 04 horas diárias, consistia em realizar atendimentos psicológicos as gestantes, parturientes e puérperas, internadas nesta Clinica.

O atendimento era direcionado, de acordo corn a demanda existente. Inicialmente, era feito uma triagem, onde podia-se perceber a necessidade de cada paciente, e dessa maneira o atendimento era elaborado.

A partir da necessidade crescente de atendimento, foram realizados ainda, uma vez por semana, com a participação da Assistente Social, e da Enfermeira, grupos de orientação com as pacientes, onde abordava-se as características dos períodos da gestação, parto e puerpério, de acordo corn as visões multidisciplinares.

Durante os atendimentos, tanto individuais como em grupo, pode-se observar os diversos aspectos psicológicos, sociais e clínicos, da gestação, do parto e do puerpério.

O discurso das pacientes, ilustrava as características emocionais do momento vivenciado. Mesmo considerando-se o histórico de vida de cada paciente, há angústias e ansiedades, comuns a todas, salvo a intensidade de cada um.

As gestantes, geralmente demonstram angústias, acerca da internação e do desenvolvimento do bebe em seu ventre.

"Não sei porque, não falam o que eu tenho direito. Ficam enrolando, me segurando aqui. Cada um fala uma coisa, e pra eu ter paciência, como se fosse fácil, ficar aqui sem saber o que tá' acontecendo direito. O medico, nunca é o mesmo, a gente não sabe quando eles vem, parece que coda um não sabe o que o outro falou. As enfermeiras, então, é a estupidez em pessoa." (M.S., 20 anos, 1º filho)

"É difícil, sabe. Ficar internada porque tem alguma doença, é urna coisa, ou porque já' vai ganhar. Agora, ficar aqui, toda furada, porque tá gravida, é difícil, sabe?

Porque a gente nunca espera, que gravidez é doença. Não que seja, mas a gente nunca quer que fique em dificuldade. A gente fica corn receio de que possa acontecer alguma coisa corn o bebe. Coitado, nem pediu pra vir ao mundo, por isso, que tem que ter paciência, ele não tem culpa de nada, então a gente tem que se cuidar, e rezar pra que corra tudo bem."

É bastante comum, a angustia de não estar sendo capaz de gerar com tranqüilidade o filho, que é a representação direta do narcisismo do indivíduo. Sendo assim, costuma-se atacar o ambiente hospitalar, e a equipe, que demonstra claramente o fato de ter algo errado corn a gestação.

A preocupação com a família, sobretudo com outros filhos, é notória. Há a queixa de saudades, de estar afastada do trabalho, e do ambiente externo, como se fosse figura imprescindível para o bom desenvolvimento da estrutura familiar e profissional. Isso pode indicar algumas vezes, de acordo com a intensidade das queixas, uma necessidade de sentir-se amada, a partir do fato de ser fundamental para o outro.

"Não sei porque me seguram aqui. Eles acham que eu não tenho mais nada pra fazer. Tô muito preocupada corn as minhas crianças, com o meu marido. Elas estão com uma vizinha, mas sabe como é, não é como a gente. O meu marido, deve tá comendo mal, sem contar que a casa da minha patroa, deve tá de pernas pro ar. Mas tudo bem, fazer o quê? Se eu tenho que ficar, é porque preciso cuidar desse aqui, que ainda é muito indefeso, depende só de mim, então paciência." (R.P.M., 28 anos, 3º filho)

As modificações do corpo físico, são sentidas como uma confirmação da gestação. Para algumas mulheres, esta transformação é extremamente desejada, enquanto para outras, há uma preocupação quanto a recuperação da antiga forma. Isso porque, cada indivíduo percebe-se no mundo, e aceita-se, de uma maneira diferente do outro.

"Quando meu peito aumentou, fiquei sem cintura, dai tive a certeza que tava gravida, não precisava nem fazer o exame." (M.S., 20 a, 1º filho)

"Não vejo a hora da minha barriga crescer, meu peito ficar deste tamanho. Nem imagino como eu vou ficar daqui pra frente. Tenho tendência pra engordar, na minha outra gestação engordei 28 Kg. Foi difícil recuperar, mas agora vou me controlar, porque eu não quero mais ficar daquele jeito, minha mão parecia um pão. Antes de engravidar, eu tava fazendo regime e academia, pra manter a forma, vou continuar, pra não me deformar muito." (M.A.S.F., 17 anos, 2º filho)

O corpo físico, modifica-se intensamente a partir do segundo trimestre, onde há um aumento de peso, e aceleração no desenvolvimento do bebê.

No primeiro trimestre de gestação, é muito comum, a angustia quanto a confirmação da gestação, já que é o período onde há maior incidência de doenças, que podem prejudicar o bebe. Quando a internação ocorre neste momento, a angustia de ser capaz de manter o filho é exacerbada, na maioria das vezes.

"Só porque eu já contei pra todo mundo que eu tava gravida, me acontece isso. Agora não sei mais de nada, mas eu tô com muito medo de perder esse filho."
(M.S., 20 anos, 1º filho)

"Foi difícil eu aceitar essa gravidez. Não vou mentir, não queria mesmo. Se você me perguntar se eu rejeitei, rejeitei sim.. Agora que eu aceitei o pai dele também, venho parar aqui, parece castigo" (M.A.S.F., 17 anos, 2º filho)

A constatação da gestação, é outro aspecto a ser apontado. Algumas mulheres, dão se conta da gravidez, de maneira muito distintas, de acordo com o desejo de se ter um filho.

"Descobri quando já tava com 05 meses. Tava tratando um mioma, menstruava normal, ai no ultra-som, o médico me fala que eu tava gravida. Foi um choque, quase morri."(R.P.M., 28 anos, 3º filho)

"Tava planejando muito esse bebe. Fiz tudo certinho, ate' o exame eu fiz no primeiro dia sem menstruação, de urina e deu positivo." (M.S., 20 anos, 1º filho)

Os enjôos, são comuns durante a gestação, variando a incidência e a intensidade para cada mulher. No primeiro trimestre, há uma grande alteração hormonal, desencadeando um desequilíbrio clínico. Os enjôos em exagero, que prolongam-se durante grande parte da gestação, podem demonstrar uma certa dificuldade em assumir a função materna, e todas as responsabilidades atribuídas.

"Não para nada no meu estômago, perdi os 05 Kg, o medico disse que eu devia ter ganho pelo menos 02 Kg, além de não engordar ainda emagreci o que tava. Mas mesmo, quando a gravidez firma, eu melhoro." (R.P.M., 28 anos, 3º filho)

"Vomitei até o ultimo mês do meu outro filho. Desse também enjoei bastante, mas
não como com o outro, foi menos pior." (M.A.S.F., 17 anos, 2º filho)

O terceiro trimestre, é mais tranqüilo, do ponto de vista emocional. Se houve rejeição anterior, neste momento, tende-se a aceitar o bebê, ou certificar-se de não quere-lo.

O corpo físico esta modificado, denotando a gestação, e o período de risco para o beb6e
para a mãe, já foi superado. Entretanto, no caso de uma internação, como já apontado angustias e ansiedades, são experimentadas.

"A gora tá tudo bem, só to esperando o momento de ele vir, de ver a carinha dele, saber se é menino ou menina." (M.S., 20 anos ,1º filho)

Este é outro aspecto freqüentemente observado. O desejo em relação ao sexo do bebê, e o papel desempenhado por este na família, na relação com o companheiro e consigo própria.

"Eu comprei tudo azul, porque tinha certeza que era um menino. Mas ai no ultra-som, deu menina. O pai ficou feliz, eu também, mas no fundo a gente queria um menino, pra fazer um casal. Mas Deus é quem sabe, o importante é que venha com saúde."
(R.P.M., 28 a, 3º filho)

"Desejei muito esse filho, seja o que for, eu vou' amar muito. Meu marido, tava querendo muito um filho, eu também, apesar de eu ter que abandonar um emprego pra ter que cuidar dele, justo agora que eu tô conseguindo melhorar um pouquinho de vida. Sabe tudo muda com um filho, na vida da gente. Meu marido, tá louco, super preocupado. A gente recebe muito mais atenção, de todo mundo." (M.S., 20 anos, 1º filho)

A sexualidade, se antes mais vivenciada, neste momento geralmente, tende a ser vista de maneira menos atraente pelo casal. A maneira como estruturou-se a sexualidade para a mulher e para seu companheiro, determinara a maneira como esta será experimentada.

É comum a fantasia de alguns homens, de ferir o bebê através da penetração, evitando assim ter relações sexuais, pois percebe a mulher como mãe, totalmente dissociada da capacidade de exercer sua sexualidade, fazendo assim uma identificações com a figura materna, e revivendo o Complexo de Édipo.

"Desde o quarto mês, que eu não fiz mais nada. Minha barriga cresceu bastante, e eu acho que não atraio mais o meu marido. Sabe, eu engordei muito, e também pode ate fazer algum mal para o bebê. Eu não quis mais, e nem ele procurou." (R.P.M., 28 a, 3º filho)

Ao final do terceiro trimestre, surge outro momento de extrema ansiedade a aproximação do parto.

O momento do parto, geralmente, desperta ansiedades distintas, mas um sentimento de temor, já que não se sabe corno ocorrera, somente que ira obrigatoriamente acontecer.

O parto, é um episódio, que remete as angustias provenientes da pulsão de morte, e a revivescência do próprio nascimento, em uma identificação direta com a figura materna.

"Eu tô com muito medo, pra falar a verdade, tô corn pavor, não consigo nem imaginar como vai ser. Já conversei corn o médico do pré-natal e daqui, eles me explicaram, mas sabe, é o primeiro, não da pra saber o que vai acontecer. E anestesia, pode dar alguma coisa errada na hora, comigo ou corn o bebe. Eu não consigo nem saber se eu prefiro parto normal ou cesárea." (M.S., 20 anos, 1º filho)

"Já é o meu terceiro filho, mas é como os dedos da mão, cada um é diferente. Os outros dois, foram normal, foi tudo bem. Mas este aqui, sei lá. Nunca que eu precisei ficar internada, então eu sei que vai ser diferente. Tô um pouco preocupada, de passar da hora, ou de adiantar muito, e a dor, né. Não adianta, tem muita dor, até porque a gente tem que sentir dor pra saber qua tá na hora. Por mais que tenha anestesia, é uma dor que quando vem não tem jeito." (R.P.M., 28 anos, 3º filho)

"Eu sei que vou ter que passar, então, tô rezando pra Nossa Sra. do Bom Parto, pra que corra tudo bem, comigo e corn o bebê, e que a dor seja pra suportar, tanto na hora como depois." (M.S., 20 anos, 1º filho)

Passado este momento, inicia-se o puerpério. Agora, a função materna, é concretamente sentida, o que pode despertar inseguranças e ansiedades. É o contato com um estranho, tão intimamente conhecido.

"Graças a deus, o pior já passou, agora é só curtir o bebê."
(D.A.S., 35 anos, 3º filho)
O filho, desejado ou não, nasceu e com isso modificações ainda maiores ocorrerão. Se antes as atenções eram direcionadas a mulher, serão divididas com o bebê. Para algumas mulheres, isso pode ser sentido como uma franca rejeição, onde sentimentos de ambivalência afetiva, são experimentados, fazendo com que requeira mais atenção das pessoas que a cercam.
"Tô muito cansada, sofri muito na hora de ganhar, fiquei horas esperando na sala de
pré-parto. Agora esse nenê, não para de chorar, e eu não sei o que fazer. Não vejo a hora de ir pra casa, pra minha mãe me ajudar com ela. A única hora que ela para de chorar, e dorme, é na hora da visita, ai minha sogra fala, que ela é boazinha, não da trabalho, e que eu que sou muito mole." (P.M.N., 15 anos, 1º filho)
"0 pai tá bobo com ele, era o sonho dele um menino. Na hora da visita, chorou tanto de
emoção com ele no colo, que esqueceu até de me beijar." (A.S.C., 24 anos, 2º filho)
É comum, a presença de duvidas quanto a recuperação da antiga forma física, e da forma do corpo, após o parto.
"*Ta estranho agora, essa barriga mole, tô me sentindo vazia, é muito esquisito*
Será que vai demorar muito pro meu corpo voltar ao normal?" (P.M.N., 15 anos, 1º filho)
"Vou dar muito de mamar, porque eu sei que é assim que eu volto meu corpo ao que era." (D.A.S., 35 anos, 3º filho)
Há a duvida quanto aos cuidados, e os desejos do bebê, tem-se que aprender a escutar as manifestações do bebê, para atende-las, é um período de total integração.
"Ela não para de chorar, é a noite inteira essa sinfonia. Dou o peito, ela não pega, olho a fralda, não tá molhada, não sei o que é fome mesmo, porque não tá mamando nada."
(P.M.S., 15 anos, 1º filho)
A amamentação, desperta muitas duvidas. Algumas questionam-se quanto a
capacidade de amamentar o filho. Isso pode indicar urna certa dificuldade, em desempenhar o papel materno, acreditando não ser capaz de prover o sustento do filho. A demora do aparecimento do leite materno, precedido pelo colostro, pode intensificar esta angustia.
O modo como o bebê ira aceitar o seio materno, também acarreta sensações diferentes. O bebê que quando amamentado, adormece, pode despertar em algumas mulheres, o sentimento de serem rejeitadas por este. Distintamente, o bebê que suga vorazmente o seio materno, pode causar a algumas mulheres a sensação de serem extremamente, bem aceitas pelo filho e vencedoras no desempenho de suas atribuições maternas.
"Ela mama que é uma beleza, não da trabalho nenhum. Também, fiz de tudo, tomei sol no bico do peito, passei casca de mamão, lavava com sabão neutro, fiz tudo o que eu aprendi no posto, agora é a recompensa." (D.A.S., 35 anos, 3º filho)
"Não sei o que acontece, eu insisto, insisto sem parar, e nada, ele não quer saber. Acho que eu não tenho leite, deve ter só um pouquinho"(A.S.C., 24 anos, 2º filho)
É comum as expectativas quanto a volta ao lar, com o filho nos braços. Neste momento, será experimentado ou não, todas as fantasias formuladas a seu respeito, ao papel desempenhado pelo filho. Isso ocorre, pois o filho, independente de ser ou não desejado, é a representação do indivíduo no mundo, é o seu produto para o meio, sendo assim a major vivência do narcisismo.
"A maior tá super ansiosa, pra ver o bebê. Todo mundo, sabe como é o primeiro homem da família, tanto da minha como dele, que só tem neta menina. A minha filha do meio um pouquinho enciumada, mas eu sei que é só por o nenê no colo, que ela gama"
(D.A.S., 35 anos, 3º filho)
"Era só que faltava pra completar a minha felicidade. Queria um menininho, o pai também, mas tá tudo maravilhoso. Agora a gente é uma família maravilhosa. Eu, meu marido ,o menino. Tudo que era bom, agora vai ser muito melhor."
(A.C.S., 24 anos, 2º filho)
Durante o puerpério, pode surgir em alguns casos, a Depressão Pós-Parto, ou a Psicose Puerperal. Nos dias de internação, pode-se perceber se há ou não a possibilidade do desenvolvimento destas, de acordo com o comportamento da paciente, já que ambos Os quadros tendem a desenvolverem-se após a alta hospitalar.
A Depressão Pós-Parto, caracteriza-se por uma extrema apatia e falta de interesse, em relação a si própria e ao bebe". já a Psicose Puerperal, trata-se de um quadro psicótico. Ambos, devem ser tratados com psicoterapia e medicação.
Durante o estágio realizado, foi observado a possibilidade de um desencadeamento de ambos os quadros. No caso da Depressão Pós-Parto, orientou-se a família, e convocou-se a paciente para atendimento ambulatorial. Entretanto, a mesma não retomou. No caso da Psicose Puerperal, o diagnóstico foi confirmado pelo Psiquiatra, e a paciente medicada. A
família foi orientada, e solicitou-se o comparecimento ambulatorial da paciente, após a saída do surto psicótico, mas a mesma não retomou.
É importante não confundir a labilidade emocional, comum aos períodos de gestação, parto e puerpério, a Depressão Pós-Parto ou a Psicose Puerperal. A labilidade emocional característica a estes períodos, tende a cessar, enquanto Os quadros clínicos citados acima, derivam da intensidade da ocorrência desta.
Pode-se notar, a partir dos aspectos citados acima, a necessidade de um atendimento psicológico, as gestantes, parturientes e puérperas, voltado a psicoprofilaxia e a elaboraçao das angustias, medos e ansiedades experimentados durante estes

momentos, para que seja possível uma vivência positiva, destes períodos de grande importância no desenvolvimento emocional da mulher.

Sendo assim, pode-se considerar que o estagio vivenciado, foi de extrema importância para a conclusão deste trabalho, já que possibilitou através da atividade pratica constatar, todos os aspectos psicológicos da gestação, parto e puerpério, descritos teoricamente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DOLTO, F. **Sexualidade Feminina.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.
DOLTO, F. **No jogo do desejo.** Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
LANGER, M. **Maternidade e sexo.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
MALDONADO, M. T. **Maternidade e Paternidade.** Petrópolis, Vozes, 1989. v. II
MALDONADO, M. T. **Nós Estamos Grávidos.** Rio de Janeiro, Bloch, 1990.
MALDONADO, M.T. **Psicologia da Gravidez.** São Paulo, Saraiva, 1997.
SOIFER, R. **Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

CRIANÇAS COM CÂNCER.

SANTOS, R. B. DOS

O objetivo do presente estudo é o de explorar e melhor entender como a criança com câncer reage diante da doença e do processo de hospitalização, e procurar saber quais as reações, angústias e ansiedades diante da dor física e psíquica e investigar quais são as fantasias da criança de cura e de morte.
Foi realizado um levantamento bibliográfico. Além disso, foi utilizado o teste "Desenho-estória", aplicado em três crianças na faixa etária de 08 a 10 anos, internadas na pediatria oncológica do Hospital A. C. Camargo e em tratamento quimioterápico.
O teste do "desenho - estória", foi realizado, com apenas um desenho de cada criança e a partir do desenho a criança contava uma estória, visando observar fantasias, angústias básicas daquele momento de sua vida. Os dados foram analisados a partir do referencial psicanalítico, apoiado na teoria de Walter Trinca.
Concluímos com este estudo que o câncer infantil confronta tanto com a criança como com sua família, com a possibilidade de morte desencadeando profundas transformações em suas vidas. A criança ao receber o diagnóstico de câncer vivencia a primeira situação de crise, manifestando angústia, medo de morrer, solidão e estado de confusão mental, sendo difícil aceitar a doença e o tratamento. Quando se inicia o tratamento é nele que a família e a criança depositam esperança para uma possível cura, somente quando se encontra na fase de prognóstico fechado e se percebe que o processo é irreversível; surgem sentimentos de desesperança e dor pela separação das pessoas amadas, pela possível morte.
Mas quando há a cura do câncer e o tratamento termina não é simples, a criança tem que abandonar o seu papel de doente, aceitar a cura e rearranjar o passado centrado em torno do câncer e de seu tratamento. Com a cura da criança, a família vivencia sentimentos ambivalentes, pois o término do tratamento significa vitória, por outro lado sem a proteção da medicação há o grande medo de que o câncer possa voltar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMARGO, B.; RIBEIRO, K. B.; TORLONI, H. **Registro Hospitalario de Câncer Pediátrico 1988 & 1994.** São Paulo, 1999.

CAMON, V. A. A . **O Psicólogo no Hospital.** São Paulo, Pioneira, 1995.

CHIATTONE, C. B. H. **Um relato de experiência de intervenção psicológica junto a crianças hospitalizadas.** São Paulo, Traço, 1984.

GOFFMAN, E. **Estigma.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

KOVACS, M. J. A criança gravemente enferma e a morte. In: ASSUMPÇÃO, Jr.; FRANCISCO, B. **Psiquiatria da Infância e da Adolescência**. São Paulo, Santos/ Maltese, 1994.

PERINA, E. M. Câncer infantil: a difícil trajetória. In: CARVALHO, M. J. **Introdução à Psiconcologia**. São Paulo, Psy II, 1994.

RAIMBAULT, G. **A criança e a morte**. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

SEBASTIANI, W. R. Atendimento Psicológico e Ortopedia. In*:* ANGERAMI, V.A. **Psicologia Hospitalar, A atuação do psicólogo no contexto hospitalar.** São Paulo: Traço, 1984.

Orientador (a): Cibele Freire Santoro

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA BULIMIA NERVOSA: UMA PESQUISA VIA INTERNET.

ARTEM, P.

O objetivo deste trabalho surge no sentido de investigar a influência da família de portadores de bulimia no desencadear e na manutenção da doença. A bulimia nervosa é uma das patologias que se enquadra nos transtornos alimentares, além da anorexia e do transtorno do comer compulsivo, entre outros. Tem como principais características: as compulsões alimentares periódicas (ou hiperfagias), os comportamentos compensatórios inadequados (vômitos auto-induzidos, em sua maioria) e a distorção da auto-imagem ligada intimamente à baixa auto-estima. Além disso, esta doença, em toda a sua peculiaridade, é permeada por sentimentos agudos de fracasso, de descontrole e de culpa. A complexidade da bulimia é tal que, para estudá-la e compreendê-la, deve-se considerar fatores que estão diretamente envolvidos com seu desenvolvimento, entre eles os biológicos, os de personalidade, os cognitivos, os sócio-econômicos e os familiares, fatores estes que se mostram fortemente interrelacionados.

Para realizar a análise dos aspectos familiares, sendo esta qualitativa e orientada por critérios estabelecidos com base na literatura, foram feitos estudos de casos, através de dados colhidos via Internet, utilizando-se como instrumentos da pesquisa depoimentos dos bulímicos em questão e um questionário padrão. Dessa forma, constituiu-se o quadro de sujeitos por três pessoas do sexo feminino, com idades entre 17 e 26 anos.

Primeiramente, percebeu-se que, em todos os casos observados, foram corroboradas, conforme a literatura, as seguintes questões: o subsistema conjugal parece ser o mais comprometido; as figuras paternas destas famílias são consideradas ausentes e as mães parecem assumir o papel da autoridade; existe um empobrecimento afetivo, tanto em termos de relacionamento familiar quanto com o meio externo; havendo relacionamentos interpessoais superficiais, o clima familiar é permeado constantemente pela insegurança emocional; as mulheres dessas famílias competem entre si, de um modo geral, especialmente as irmãs, no sentido de que a filha (ou as filhas) saudável é elogiada em detrimento da filha doente que é vista como a de capacidade inferior.

Em segundo lugar, observou-se também que, não necessariamente, como se podia supor, toda a família possui uma preocupação exacerbada com estética, saúde, peso e corpo, enfim, com a aparência externa, associando a esbelteza ao sucesso e à felicidade. Interessantemente, ainda constatou-se que, acerca do momento das refeições, não existe um ritual alimentar ligado à união da família, ao contrário, os membros dessas famílias, em sua maioria, fazem suas refeições individualmente, sem se preocupar com horários ou com o tipo de alimento ingerido.

Em função dos depoimentos e dos questionários terem abrangido alguns fatores, além dos pessoais e dos familiares, mostrou-se possível analisá-los qualitativamente de modo a considerar também, brevemente, os relacionados à personalidade, aos fatores cognitivos e aos sócio-culturais, entre outros.

Contudo, observou-se que a família dos portadores de bulimia têm um importante papel em relação à doença, no sentido de que ela influencia, fundamentalmente e de muitas formas, tanto no desencadear da doença como na manutenção da mesma. Foi possível levantar inúmeros aspectos em relação à dinâmica dessas famílias, conseguindo-se elucidar algumas questões. Porém, não se pôde precisar outras, devido ao fato de que a bulimia é uma doença que envolve vários fatores interrelacionados, que configuram a complexidade do funcionamento dela, como referido anteriormente. Assim, não foi possível estabelecer com precisão se a família dos bulímicos está ligada apenas à patogênese da doença, ou à sua manutenção, ou ambas. Com isso, ainda se vê extremamente necessário direcionar estudos sobre a doença, em todos os âmbitos possíveis, para que se possa contribuir ainda mais com o desvendar das dúvidas que envolvem a bulimia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. E. M. **Contribuições da Terapia Comportamental Para o Tratamento da Bulimia Nervosa.** Anais do I Encontro de Psicologia Clínica da Universidade Mackenzie, 1997.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **DSM-IV Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

AZEVEDO, A. M. C. **Programa de Transtornos Alimentares.** *Archives of International Journal of Psychiatry*. Artigo disponível na Internet: **http://www.polbr.med.br/angelica.htm** [04/03/99], 1996.

CHAVES, A. C. **Psiquiatria Baseada em Evidências: Tratamento da Bulimia Nervosa com Antidepressivos.** *Archives of International Journal of Psychiatry*, Artigo disponível na Internet: **http://www.polbr.med.br/josue.htm** [04/03/99], 1998.

CORDÁS, T. A. **Fome de Cão - Quando o Medo de Ficar Gordo Vira Doença: Anorexia, Bulimia e Obesidade.** São Paulo, Maltese, 1993.

HERSCOVICI, C. R.; BAY, L. **Anorexia Nervosa e Bulimia: Ameaças à Autonomia.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
ITO, Lígia M. e col. **Terapia Cognitivo-Comportamental Para Transtornos Psiquiátricos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. **Compêndio de Psiquiatria.** 6.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10 Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
RANGÉ, B. **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva.** São Paulo, Editorial Psy, 1995.

TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO: UM ESTUDO DOS SINTOMAS QUE APARECEM NA QUEIXA.

SIEBERT, S.

O objetivo deste trabalho é conhecer como as características do TOC aparecem na queixa inicial de pacientes que procuram terapia psicológica. Prontuários de uma clínica escola serão analisados, estes pertencendo aos arquivos de encaminhamento externo, e as queixas analisadas na perspectiva dos sintomas do TOC descritos pela literatura.

O Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) é um distúrbio que vem sendo pesquisado por psiquiatras e psicólogos, caracterizado pela presença de obsessões e compulsões. Manifesta-se através de várias formas clínicas e muito freqüentemente seus sintomas são mantidos em segredo, e, sabe-se que há uma demora média entre 5 a 10 anos da patologia até que os portadores procurem a ajuda de um profissional da saúde.

A literatura mostra que a incidência do TOC é alta na população em geral e mostra também que existe um conhecimento organizado sobre esse transtorno. No entanto, no meio da Psicologia brasileira o uso das classificações psiquiátricas não é tão comum, e nem sempre o paciente é reconhecido na triagem como portador de TOC.

A partir dessa idéia coloca-se o objetivo deste trabalho que é conhecer como as características do TOC aparecem na queixa inicial de pacientes que procuram terapia psicológica.

Foram analisados prontuários de uma clínica-escola, referentes à procura de atendimento durante 1 ano, através de um roteiro de análise para sintomas de TOC, contendo uma lista de sintomas discutidos e compreensivos da doença.

De modo geral, praticamente não se constatou TOC nos pacientes, em alguns poucos prontuários forma observados indícios de TOC (falas indiretas) sugerindo a presença de sintomas de obsessões sexuais, de ordem, compulsões por limpeza e por comprar.

Este trabalho revelou a necessidade de estender mais informações sobre a natureza e o diagnóstico do TOC, para que os alunos do curso de Psicologia ao se depararem com o transtorno possam diagnosticá-lo e tratá-lo da melhor maneira possível dentro da clínica-escola, pois assim os alunos estarão garantindo acesso ao tratamento do TOC à uma população mais carente.

Sujeitos

Participarão da pesquisa 100 sujeitos, pacientes de ambos os sexos, que procuraram atendimento psicológico em uma clínica escola.

Amostra Estudada

100 prontuários do arquivo de encaminhamento externo, de uma clínica escola da cidade de São Paulo, referentes ao período do ano de 1997 à 1998.

Instrumento

Para a análise dos prontuários foi elaborado um roteiro de análise para Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Tal roteiro contém uma lista dos principais sintomas (descritivos) e características clínicas e da história do paciente (sintomas compreensivos) apontados pela literatura. (Anexo A, modelo desse roteiro)

Procedimento

Os prontuários serão analisados na própria clínica-escola, usando o roteiro já mencionado anteriormente. Durante a análise foram observados outros sintomas que, anotados à parte, constam da análise e discussão de dados.

Os prontuários foram analisados com referência aos sintomas do TOC, e, nessa análise constatou-se a presença de muitos outros sintomas, pela grande freqüência desses. Esta análise de resultados também apresenta uma abordagem comparativa entre os sintomas do TOC e de outras patologias.

Inicialmente, em nossa análise qualitativa, focalizamos os sintomas discutidos no roteiro.

Depois de analisados os 100 prontuários praticamente não se constatou TOC nos pacientes. O que foi constatado foram indícios, ou melhor, aspectos ligados ao TOC que foram analisados na triagem, mas há uma necessidade de uma melhor anamnese, com mais detalhes da vida e do cotidiano do paciente para se poder constatar o TOC, que na maioria das vezes não vem como sendo a queixa específica, mas aparece de maneira sutil; fica portanto difícil de se constatar em uma só entrevista de triagem se o sujeito é ou não portador do TOC.

Os sintomas apresentados nos prontuários sugerem a presença de obsessões sexuais, obsessões de ordem, compulsões por limpeza e por comprar. Quatro dos oito prontuários a forma da compulsão é por comprar. Dos 8 prontuários, 6 são do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Mas isto não quer dizer nada, pois no TOC não existe predominância de sexo, como por exemplo na depressão que afetam três vezes mais as mulheres. A idade variou de 25 à 74 anos.

A porcentagem dos que apresentaram sintomas do TOC foi de 8%, os outros 92% mostraram outras patologias tais como: depressão, tentativas de suicídio, problemas de relacionamento em geral, problemas de crise existencial, envolvimento com drogas incluindo maconha, cocaína, o uso exagerado do álcool, fobias, síndrome do pânico e problemas com a sexualidade.

Pelo fato de que nos 8 prontuários, não houve um aprofundamento por parte do entrevistador em relação aos sintomas do TOC, fica difícil de se fazer uma análise mais profunda de cada caso. O que se observou é que nos casos de indícios de compulsão o ato compulsivo foi precedido por uma sensação de urgência em ritualizar, traduzida por inquietação e

ansiedade. Além disso, foi observado nos prontuários que a idéia obsessiva vem acompanhada por uma sensação de mal-estar. O mais comum é que tal estado seja acompanhado por sintomas físicos vários : taquicardia, respiração ofegante, sudorese, palidez, tremores, náuseas, porém esta sintomatologia não deu para ser diagnosticada por falta de dados.
A presença de obsessões e compulsões não é suficiente para se fazer o diagnóstico do transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), já que elas podem estar presentes em indivíduos normais. Como se caracteriza então o diagnóstico do TOC? A pessoa deve, então apresentar como queixas obsessões e/ou compulsões cuja intensidade e freqüência interfiram de forma significativa com seu funcionamento cotidiano. É baseado neste fato que, os prontuários analisados apresentaram indícios de TOC, não podendo portanto afirmar se algum deles sofria realmente do Transtorno Obsessivo-Compulsivo.
Durante a análise dos prontuários da clínica escola da Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie constatou-se que as pessoas que apresentaram indícios do TOC, procuraram ajuda psicológica depois que perceberam que suas compulsões e/ou obsessões estavam fora do seu controle e prejudicando-as de certo modo. Nestes casos a queixa foi específica. Em outros, ela não veio como sendo específica, mas apareceu sutilmente durante a entrevista, numa frase, em gestos, pensamentos, em comportamentos etc.
Apesar de terem sido achados indícios do TOC em apenas 8 dos 100 prontuários é um distúrbio que vem crescendo a cada dia e afetado a vida das pessoas de modo significativo, e, com o qual sem uma ajuda profissional, elas não conseguem obter uma melhora, já que ainda não se pode falar em cura. Constatou-se que houve uma demora até que os pacientes com indícios do TOC procurassem ajuda, pelo fato de um sentimento de medo que os outros as tomassem como "loucas". Todos os pacientes dos prontuários analisados estavam conscientes da irracionalidade do sue comportamento. Foi visto também que o TOC na maioria dos casos se manifestou com mais intensidade em fases ou situações demais stress.
Este trabalho revelou a necessidade de estender mais informações sobre a natureza e o diagnóstico do TOC para que os alunos do curso de Psicologia ao se depararem com o transtorno possam diagnosticá-lo e tratá-lo da melhor maneira possível dentro da clínica-escola, pois assim os alunos estarão garantindo acesso ao tratamento do TOC à uma população mais carente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

ASTOC Associação de Portadores de Síndrome de Tourette **Tiques e Transtorno Obsessivo Compulsivo**. Texto Informativo. São Paulo, Publicação interna da ASTOC, 1996.

BOTTO, A S. **Espaço Terapêutico.** Rio de Janeiro, Psique. On Line. Internet. 15 setembro 1999. http://www.IIIdarte.com.br/PSI

HENRI, E. Y.; BERNARD, P.; BRISSET, C. **Manual de Psiquiatria.** 2.ed. São Paulo, Masson, 1985.

MIGUEL, E. C. (Org) **Transtornos do Espectro Obsessivo Compulsivo : Diagnóstico e Tratamento.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1996.

PITLIUK, R. **Neuropsiquiatria on line.** São Paulo. On Line. Internet. 15 setembro 1999. http://www.mentalhelp.com

RANGÉ, B. (Org) **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva de Transtornos Psiquiátricos.** São Paulo, Editorial PSY, 1998.

Orientador (a): Dinorah F. Gioia Martins

O IMAGINÁRIO E A CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.

AGUIAR, S. M. DE

O objetivo do presente estudo é o de explorar as atribuições envolvidas na procura pela cirurgia plástica estética, investigando as fantasias, expectativas, aspectos emocionais e motivações envolvidas na mudança corporal/facial efetiva que a cirurgia plástica proporciona.
Dependendo da cultura, a forma ideal corporal muda. O ser humano sempre esteve e estará em busca da beleza. E atualmente, como vivemos numa cultura do corpo, na qual ele é muito valorizado e idealizado, existindo a propagação do perfeito, essa busca ainda aumentou. A cirurgia plástica é considerada, para a grande maioria das pessoas que a procuram, como uma possibilidade real de transformação, de ser diferente. É notório que a cirurgia plástica estética possibilita ao paciente adequar seu esquema corporal, sua imagem corporal à imagem que espera alcançar, para tanto o cirurgião deve estar ciente das reais expectativas do paciente, e deve esclarecer ao paciente sobre as limitações da cirurgia, promovendo ao paciente a conscientização sobre o resultado que pode ser alcançado.
Foram entrevistadas individualmente 4 (quatro) pacientes, do sexo feminino, da faixa etária entre 25 e 40 anos, de classe média e média alta, de cirurgia plástica estética em fase pré-operatório, em uma clínica de cirurgia plástica. Após as pacientes terem concordado em participar do presente estudo, por meio da assinatura de um termo de consentimento, procedeu-se à realização das entrevistas semi-estruturadas, por meio de um roteiro semi-estruturado, e em seguida a aplicação do teste Escala Reduzida de Autoconceito - ERA. Estes foram realizados, pela estudante de psicologia, em sala de uma clínica de cirurgia plástica. O tempo médio reservado para cada entrevista foi de 50 minutos; o tempo reservado para aplicação do teste foi no máximo de 30 minutos. A análise foi realizada sob referencial psicanalítico e abordagem qualitativa. A análise foi realizada sob referencial psicanalítico e abordagem qualitativa.
Conclui-se, através da discussão e análise das entrevistas e dos testes que os principais fatores que levam as pacientes a buscarem a cirurgia plástica estética são: aproximar a percepção de seu corpo ao ideal cultural de beleza; a possibilidade de se tornarem fisicamente atraentes e mais femininas; a busca de satisfação pessoal e autoconfiança; reconquistar a auto-estima; recomposição da imagem corporal.
As pacientes que decidem pela mudança corporal efetiva demonstram-se ansiosas, inseguras e com medo do resultado concreto não ir de encontro com o idealizado. Fantasiam que a cirurgia plástica poderá proporcionar-lhes a conquista do ideal corporal e facilitar sua aceitação pelo meio.
As expectativas envolvidas na procura pela cirurgia plástica estética podem ser consideradas irreais, visto que o resultado esperado faz parte das fantasias das pacientes.
Sabe-se, também, que é impossível que o cirurgião seja capaz de preencher todas as exigências do mundo da fantasia. Para tanto é notória a necessidade de um trabalho psicológico em conjunto com a equipe de cirurgia plástica estética, visando favorecer o bem estar do paciente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAPISANO, H. F. Imagem Corporal**.** IN*:* MELLO-FILHO, J. e colaboradores. **Psicossomática Hoje**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

DEATON, A. V. & LANGMANN, M. I. **The contribution of psychologists to the treatment of plastic surgery patients.** Journal of psychosomatic, v. 17, n.º 3, p. 179-184, jun., 1986.

FARINA, R. **Cirurgia Plástica – Histórias e curiosidades.** Rev. Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da USP, V. 1, n.º 4, p. 441-462, 1946.

FRANCO, T. & REBELO, C. **Cirurgia estética**. São Paulo, Atheneu, 1977.

MAZUR, A. U.S. **Trends in feminine beauty and overadaption.** Journal of Sex Research, v. 22, p. 281-303, 1986.

PITANGUY, I. Aspectos filosóficos e psicossociais da cirurgia plástica**.** IN: MELLO-FILHO, J. e colaboradores. **Psicossomática Hoje**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

PITANGUY, I. & CALDEIRA, A. M. L. **Perspectivas filosóficas e psicossociais do contorno corporal.** Rev. Brasileira de Cirurgia**,** Nº 75, Março – Abril, P. 109-114, 1985.

POLTRONIERI, W. V. **A procura pela rinoplastia estética: estudo exploratório à luz dos processos de atribuição.** Tese de mestrado da USP, São Paulo, 1995.

PRUZINSKY, T. **Body images, Development deviance and change.** New York, Guilford Press, 1990.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: As energias construtivas da psique.** São Paulo, Martins Fontes, 1980.

SCHILDER, P. A doença e a imagem corporal: campo fértil de pesquisas**. Boletim de Psicologia**, v. 37, n.º 87, p. 46-48, 1987.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO NO BRASIL: O PAPEL DA MÍDIA NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL.

DAVID, S. N.

Tem –se com esse trabalho o objetivo de pesquisar a história do negro no Brasil. Refletir sobre suas condutas, bem como investigar as implicações desta história na representação social deste dentro da realidade de hoje. Propõe-se rever o caminho percorrido pelo negro, desde sua inserção na sociedade do início do século (pós-escravidão) e, a partir disso, verificar como este tem se mobilizado em prol da conquista de seu espaço. Paralelamente, o autor enfoca a influência da mídia na concepção dessa auto-imagem. Verifica-se, desde o começo do século, como os veículos de comunicação vêm contribuindo com o processo de integração do negro à sociedade. A princípio, destaca-se a imprensa negra como motivadora de movimentos a favor dos direitos desse público. Posteriormente, a presença de negros em outros veículos têm servido de estímulo para novas mobilizações políticas, bem como, para a retomada de processos de resgate da auto-estima. Para obtenção de dados referentes à representação social deste, o autor foi a campo (método empírico). Para a investigação de resultados, dispôs-se de sujeitos caracterizados da seguinte forma: dez jovens negros de ambos os sexos, de classes sociais variáveis, tendo entre 18 e 25 anos. É esperado que estes tenham ingressado no segundo grau, ou o tenham concluído. Mas que, contudo, não estejam cursando o terceiro grau. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas, gravadas e, posteriormente transcritas, no intuito de favorecer a análise dos dados obtidos. Analisados qualitativamente, os dados foram agrupados em categorias, o que permitiu ao autor chegar a conclusões a cerca do tema. Foi possível constatar que a história de inserção do negro na sociedade do início do século, reflete negativamente na conduta deste, atualmente. O jovem negro ainda sente o meio social como algo ameaçador. Por esta razão, evita seu contato, principalmente quando este implica em maior grau de exposição ou mesmo em competição. É o caso dos processos seletivos para obtenção de emprego, sentidos por ele como persecutórios a medida que não lhe fica claro quais são os critérios estabelecidos para a escolha. Isso determina um adiamento no momento da escolha profissional deste jovem, ou mesmo um sentimento de despreparo por parte deste para buscar seu objetivo. Com relação ao preconceito, constatou-se que o negro, ao se deparar com tais situações, nega, convencendo-se de que nada ocorreu. Cabe ainda acrescentar que pouco tem sido oferecido ao negro em termos de mídia, e o que se tem é pouco difundido, salvo algumas exceções. Não se tem uma clara opinião dos entrevistados em relação à TV, que é o veículo mais utilizado por eles. Contudo, constatou-se que a revista Raça Brasil tem um papel muito importante nesse processo, a medida que possibilita ao negro ver seu grupo étnico inserido no meio, podendo, a partir daí compreender-se como parte deste grupo. Um grupo valorizado socialmente, sendo portanto, permitido ao jovem negro se orgulhar por pertencer a este.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Z. **O que é Negritude**. São Paulo, Moderna, 1994.
BERND, Z. **Racismo e Anti-Racismo**. Coleção Polêmica. 3.ed. São Paulo, Moderna, 1994.
COSTA, T.C. N. A.; OLIVEIRA, L.E.G.; PORCARO, R.M. **O Lugar do Negro na Força de Trabalho**. IBGE, 1983.
FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes: O Legado da Raça Branca**. 2.ed. Dominus Editora, 1965. v.I
FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes: No Limiar da Nova Era**. 2.ed. Dominus Editora, 1965. v.II
FERRARA, M.N. **A Imprensa Negra Paulista (1915-63)**. São Paulo, USP, 1986.
GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. – Antropologia Social. Zahar Editores, 1989.
JONES, J.M. **Racismo e Preconceito: Tópicos de Psicologia Social**. 2.ed. Edgard Blücher, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
LELLO & LELLO. **Dicionário Prático Ilustrado**. 1.ed. Lello & Irmão – Editores, Porto, 1963.
MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Segundo Volume C-E, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
MARTINEZ, P. **África e Brasil - Uma ponte sobre o Atlântico**. 4.ed. São Paulo, Moderna, 1992.
NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. 1.ed. Rio de Janeiro, 1978.
RODRIGUES, N. **Os Africanos no Brasil**. 2.ed. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1935.
SANTOS, J.R. **O que é Racismo**. 14.ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 1991.
TREVISAN, L. **Abolição – Um Suave Jogo Político?**. 7.ed. Coleção Polêmica. São Paulo, Moderna, 1988.
VALENTE, A. L. **Ser Negro no Brasil Hoje**. 14.ed. Coleção Polêmica. São Paulo, Moderna, 1994.

A QUESTÃO DO LUTO NA MULHER HISTERECTOMIZADA.

MALUF, M. F. DE M.

Este trabalho teve o propósito de investigar o processo de elaboração do luto em pacientes histerectomizadas, em ambiente hospitalar e a maneira pela qual cada uma reagiu frente a situação cirúrgica e pós-cirúrgica e as possíveis conseqüências que este procedimento poderia acarretar em suas vidas.

Os sujeitos foram dez mulheres na faixa etária entre 32 e 60 anos de idade com diagnóstico de tratamento cirúrgico (histerectomia). Estas foram entrevistas, através de um roteiro pré-estabelecido onde foram questionados dados referentes à cirurgia como, por exemplo, qual sua reação ao saber que teria que ser operada. Após a coleta, os dados foram analisados qualitativamente à luz da teoria psicanalítica.

Os resultados obtidos mostraram que o processo de elaboração do luto está atrelado à realização do complexo de castração e que o acompanhamento psicológico no intra-cirúrgico tem função esclarecedora, de apoio e suporte ao paciente em suas angústias, medos e dúvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCONA-LOPEZ, M. et all. **Psicodiagnóstico: processo de intervenção.** São Paulo, Cortez, 1995.

BARBOSA, A M. in Cassola, R. M. S (coord.) **Da morte: estudos brasileiros.** Campinas, Papirus, 1991.

BASTOS, A. C. **Noções de ginecologia.** 9.ed. São Paulo, Atheneu, 1994, cap. 1 e 28.

BELFORD, P. Histerectomia. Palestra conferida no II Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana / 99 – Mesa redonda 3: **Cirurgias ginecológicas e suas conseqüências na identidade sexual da mulher** – coord. Martins Serzelo.

BERENSTEIN, E. **A tensão pré-menstrual e o tempo para mudanças.** 3.ed. São Paulo, Gente, 1995.

BRAMBERG, M. H. P. F. **Vida e Morte.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos** -trad. Álvaro Cabral. – 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1990, cap. 3.

BROMBERG, M. H. P. F.; MUTARELLI, E. G. **A doação compulsória de órgãos: mitos e verdades sobre a morte cerebral e o processo de luto** – palestra conferida no II Simpósio de Psicologia em Cardiologia, São Paulo, Hospital do Coração, 27 de novembro de 1998.

CABRAL, A; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia.** 10.ed. São Paulo, Cultrix, 1995

CAMARGO S. F. **Cirurgia Ginecológica – Propostas e Refinamentos.** 2.ed. Fundo Editorial BYK, 1998.

CAMPBELL, R. J. **Dicionário de psiquiatria.** – trad. Álvaro Cabral – São Paulo, Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, T.C.P. **Psicologia Hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais.** São Paulo, EPU, 1995.

CARLSON, K. J; MILLER, B. A. e FOWLER, F. J. Jr. **The Maine Women's Health Study: I. outcomes of hysterectomy.** Obstetrics – Gynecoloy. 1994, Abr., 83 (4): 556-56

CARLSON, R. e SHIELD, B. org. **Curar, curar-se** – trad. Júlio Fisher. São Paulo, Cultrix, 1997

CHAPMAN, J. D. **Sexuality: the mature or childbearing years and the effect of gynecologic surgery.** Ohaio, Journal AOA / vol. 78, March, 1979, p. 105-110.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **A sexualidade feminina** – trad. Patrícia Chitonni Ramos – Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

CHEMAMA, R. (org.) **Dicionário de Psicanálise.** - trad. Francisco Franke Settineri - Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE MULHERES HISTERECTOMIZADAS.

RABELLO, I. M.

Este trabalho tem como objetivo compreender qual o significado psicológico da histerectomia para a feminilidade, o auto-conceito e o relacionamento sexual das pacientes.
Os sujeitos pesquisados foram 05 pacientes com idade entre 30 e 50 anos, casadas ou com companheiro fixo e de classe social livre de um Hospital e Maternidade de São Paulo.
Utilizou-se para tal pesquisa uma entrevista diagnóstica encoberta com roteiro semi-estruturado (Gióia-Martins, 1999) e o Exercício das Frases Incompletas adaptado de Bohoslavsky (1977).
A coleta de dados foi feita no período pós-cirúrgico e a análise dos dados feito de modo qualitativo.
Pode-se verificar na análise dos dados obtidos um sentimento de alívio por parte das pacientes por terem retirado algo "ruim", que estava trazendo algum prejuízo para suas vidas. A valorização da família em um momento como este também ficou evidente tanto nas entrevistas como nos testes. As pacientes almejam voltar logo para casa, para sua rotina e reassumir seu papel de mãe e esposa, reconquistando, assim, seu espaço dentro da família. Demonstram, ainda, inconscientemente, estarem passando por um processo de "luto" pelo órgão perdido juntamente com toda a sua simbologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. O. Família é uma invenção moderna. In: **Revista da Folha** , São Paulo, Folha de São Paulo, pág. 12-15, 1999.
ANGERAMI, V. C. et all. **Urgências Psicológicas no Hospital.** Ed. Pioneira, São Paulo, 1998.
BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional: a estratégia clínica.** Martins Fontes, 1977.
CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia.** 8.ed. São Paulo,Ed. Cultrix, 1995.
CHEVALIER, J.; GHEERBRAT, A. **Dicionário de Símbolos**. 10.ed. Rio de Janeiro, José Olímpio editores, 1996.
FREITAS, S. M. A criança e a doença: depoimentos de uma ex-psicóloga do hospital do câncer. **Psicologia atual**. In: PADIS CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais.** São Paulo, EPU, 1995.
FOCAULT, M. **Doença mental e psicologia.** Trad. Lilian Shaldors. R.J., Tempo Brasileiro, 1975. In: PADIS CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais.** S.P., EPU, 1995.
GIOIA-MARTINS, D. **Técnicas Projetivas: o uso da entrevista encoberta em inventigação clínica.** In: Resumos do II Encontro sobre Psicologia Clínica. São Paulo, Universidade Mackenzie, 1999, pág.78.
GRANJA, E. C. et al. **Citações no Texto e Notas de Rodapé: Manual de Orientação.** 3.ed. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1997.
GRANJA, E. C. et al. Normalização de Referências Bibliográficas: Mabual de Orientação. 3.ed. São Paulo, Intituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1997.
IDE, P. **A Arte de Pensar.** Trad. Paulo Neves. 2.ed. Martins Fontes, 1997.
JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos.** Trad. M. Lúcia Pinho. 14ª ed. R. J., Ed. Nova Fronteira, 1964.
LEPARGNEUR, H. A criança diante do morrer. **O mundo da Saúde**. S.P., 7 (27)-132-138, jul/set1983. In: PADIS CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais.** São Paulo, EPU, 1995.
LOUREIRO, M. C. Hiterectomia possíveis alterações sexuais e influências do nível sócio econômico. **Revista Psicologia: ciência e profissão.** n 3, pág. 12-17, 1997.
MALDONADO, M. T. e CANELA, P. **A relação médico-paciente em Ginecologia e Obstetrícia.** 2.ed. Ed. Roca, s/ d.
PADIS CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais.** São Paulo, EPU, 1995.
PERESTRELLO, D. **Medicina Psicossomática.** R. J., Editora Bersoi, 1958. In: PADIS CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais.** São Paulo, EPU, 1995.
SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade Feminina: história, cultura, família, personalidade e psicodrama.** São Paulo, Senac, 1998.
SHARP, D. **Léxico Junguiano; dicionário de termos e conceitos.** Trad. Raul Milanez. 10.ed. São Paulo, Cultrix, 1997.
TOLEDO, J. R. O futuro da Maternidade. **Revista da Folha.** São Paulo , Folha de São Paulo, pág. 4-9, 1999.
TRINCA, W. et al. **Diagnóstico Psicológico: a prática clínica.** São Paulo, EPU, 1984.

MÉDICOS E PARTURIENTES PRIMÍPARAS NO CONTEXTO HOSPITALAR-UMA RELAÇÃO TÃO DELICADA.

SOUZA, C.

Com o objetivo de investigar os aspectos psicológicos que permeiam a relação entre médicos e primigestas, bem como peculiaridades desta relação, foram realizadas entrevistas encobertas, na qual os participantes conhecem somente os objetivos gerais da pesquisa, e semi-abertas com roteiros pré-estabelecidos, com quatro primíparas do último trimestre de gestação, com idade entre 18 e 24 anos, e dois residentes em ginecologia e obstetrícia: um do primeiro anos e um do segundo ano de residência de uma maternidade da cidade de São Paulo.
As entrevistas com as pacientes foram gravadas e tiveram duração média de 25 minutos. Foram realizadas em uma sala do ambulatório da maternidade, antes da consulta médica de acompanhamento pré-natal. As pacientes foram abordadas, e após responderem algumas perguntas sobre o mês de gestação e idade, foram convidadas à conversarem a respeito de sua gravidez.
Já as entrevistas com os médicos não foram gravadas, a pedido destes, e tiveram duração de 30 minutos, aproximadamente.
Elaborou-se uma análise qualitativa das entrevistas, com uma leitura psicodinâmica, e foram levantadas as características principais de cada depoimento.
Conclui-se que as primíparas apresentam muitas ansiedades e insegurança, com relação ao parto e gravidez, resultantes do que ouvem de histórias no convívio social, e que portanto procuram o médico não só para o atendimento das necessidades físicas, mas também para atendimento de uma demanda emocional. Identifica-se, por parte dos médicos, a existência de um envolvimento com a paciente sentindo-se realizado quando é reconhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIOIA-MARTINS, D. **Obesidade: Estudo das Representações Sociais de Endocrinologistas em Hospital Público.** Tese de doutoramento. USP, São Paulo, 1998.
MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez: parto e puerpério.** 14.ed. São Paulo, Saraiva, 1997.
MALDONADO, M. T.; CANELLA, P. **A relação médico-cliente em ginecologia e obstetrícia.** 2.ed. São Paulo, Roca, 1998.
MARTINS, C. **Perspectiva da relação médico-paciente.** 2.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
MOREIRA, A. A. **Teoria e prática da relação médico-paciente.** 1.ed. Rio de Janeiro, Interlivros, 1979.
SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério.** Trad.: Ilka Valle do Carvalho. Porto Alegre, Artes Médicas, 1980.

Orientador (a): Gilberto Ferreira da Silva

ARTE COMO RECURSO NA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL.

RODANTE, F. V. M.

Esta é a proposta de uma alternativa, que promove uma conscientização sobre as possibilidades e tendências de cada um, de uma maneira simples e ao mesmo tempo mobilizadora.
O objetivo do presente trabalho é auxiliar o processo de escolha da profissão, propondo a utilização da arte, demonstrar que esta é um recurso muito válido a se usado em orientação vocacional e compreender melhor o trabalho do arte-terapeuta.
Para a realização deste, foram escolhidos seis jovens, de 13 à 16 anos e ambos os sexos, que traziam consigo a demanda de escolher por que caminho optar no mundo das profissões.
A atividade teve duas etapas: a apresentação da aplicadora e do trabalho, e a aplicação da atividade. Esta última foi realizada durante duas horas, abrangendo a exposição dos objetivos, relaxamento, sensibilização e expressão. Houve ainda uma discussão sobre os resultados obtidos e abertura para perguntas.
Foi tomada como base a teoria junguiana para iluminar e nortear a interpretação dos resultados.
A arte mostrou-se um caminho novo, único a exteriorizar a interpretação-síntese da experiência pessoal de cada um. Ao criar, o indivíduo tanto se estrutura quanto se comunica, integra significados e os transmite. Ao criar, atinge-se uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas.
A proposta, simples alternativa para nossa dura realidade econômica e sociocultural, foi bem recebida por todos os participantes e os resultados muito satisfatórios.
Expressando-se artisticamente, os jovens acabaram extravasando parte de seus conteúdos internos, que são determinantes de suas atitudes e futuros, podendo, através da atividade, se conhecer melhor e refletir a respeito de suas escolhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. e colaboradores. **Adolescência.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
ANDRADE, L, Q. de. **Terapias Expressivas: Uma Pesquisa de Referenciais Teórico-Práticos.** São Paulo, 1993. Tese (doutoramento) - Universidade de São Paulo.
BELLO, S. **Pintando sua Alma: Método de Desenvolvimento da Personalidade Criativa.** Brasília, UnB, 1998.
BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica.** São Paulo, Martins Fontes, 1977.
GARDNER, H. **Arte, Mente e Cérebro: Uma Abordagem Cognitiva da Criatividade.** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.
JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira,1975.
PAÏN, S e JARREAU, G. **Teoria e Técnica da Arte-Terapia: A compreensão do Sujeito.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
SILVA, Maria de Lourdes da. **Personalidade e escolha profissional: Subsídeos de Keirsey e Bates para a orientação vocacional.** São Paulo, E.P.U. ,1992.

DINÂMICA DE GRUPO E PSICODRAMA CONTRIBUINDO EM UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL.

SILVA, R. G. DA

O objetivo do trabalho é de verificar a utilização de técnicas psicodramáticas juntamente com dinâmicas de grupo, em um programa de orientação vocacional, para demonstrar a possibilidade de ampliar a utilização dessas técnicas nesse campo de atuação do psicólogo.
A estrutura latente dos grupos, na concepção de Moreno, autor do psicodrama, não é apenas uma distribuição de afetos dentro do grupo. É uma realidade afetiva e cognoscitiva, pois representa, para cada membro do grupo:
- a forma como vive o grupo e seus membros;
- a forma como vive sua própria situação dentro do grupo;
- a forma como percebe os outros e a "distância social" que experimenta em relação a ele
- a forma como é percebido pelos outros.

Por isso, a organização das relações vividas é, por sua vez, uma expressão;
- de afetividade de suas formas e de colocação no grupo;
- das representações (percepção e conhecimento) que cada participante tem do grupo e dos outros.

A orientação vocacional tem por objetivo estimular o amadurecimento psicológico do indivíduo já que a escolha profissional consiste nesse crescimento pessoal, e com o psicodrama esta etapa é facilitada.
O orientador vocacional participa deste momento como um agente facilitador, um redutor de tensões, através das práticas que realiza com o indivíduo, de trazer o auto- conhecimento.
Esse trabalho tem o objetivo de discutir valores e preconceitos sociais, discriminando as influências a que estão sujeitos, e levando questões que verifiquem as possibilidades e limites deste indivíduo, vivenciado pelos candidatos através de técnicas do psicodrama.
A inter-relação com as pessoas é o eixo fundamental da teoria moreniana .
Os resultados foram surpreendentes, pois ao colocá-los em vivências através do psicodrama, puderam se auto-conhecer, para melhor fazerem suas escolhas, ocorreram comportamentos que os indivíduos jamais pensaram em realizar.
A técnica de dinâmica de grupo é uma técnica que preocupa-se em oferecer um instrumento capaz de desencadear nos grupos, experiências valiosas, que os levam a conscientização da sua dinâmica interna, e a desenvolver melhores padrões de comunicação e cooperação, onde a reflexão também faz parte deste processo.
A importância dessa técnica, é que as pessoas possam descobrir-se, na sua identidade e nos seus valores, nos grupos acontecem formas mais humanas e construtivas de convivência.
Dentro da dinâmica de grupo aplicada nesse trabalho, foi utilizado técnicas de psicodrama com a finalidade de colocar os indivíduos no aqui e agora, vivenciando no real.
Na época que estamos vivendo, tudo está acontecendo muito rapidamente, principalmente com a entrada da informática, internet, tudo fica muito mais fácil, porém, as pessoas não conseguem acompanhar este ritmo , ficando perdidas, sem saber o que fazer, deslocadas, desorientadas. A partir dessa realidade é que entra o papel do programa de orientação vocacional, com o objetivo de colocar as pessoas em grupos (dinâmica de grupo), para refletirmos, e agirmos de forma mais adequada, conforme cada tipo de pessoa - (psicodrama – espontaneidade, papéis).
Foi percebido no decorrer dessa trabalho, o quanto é importante as pessoas se conhecerem melhor, obter um auto-conhecimento, juntamente com outras pessoas, para poder estar percebendo e aceitando, suas igualdades e diferenças, seus pontos fracos e fortes, ou seja, a aceitação de si, do outro, a fim de poder se adequar as situações, e a vida, principalmente no que se refere a profissionalização, que é um a etapa de nossas vidas primordial, pois a profissão acaba refletindo na aceitação da identidade, maneira de ver o mundo, e participar dele.
Dessa forma, junta-se a tarefa de orientar, a responsabilidade de lidar com pessoas em constantes transformações em um ambiente totalmente dinâmico. Deve-se procurar formar pessoas adaptáveis a um mundo em mudanças e predispostas a desempenhar diferentes papéis profissionais.
O processo de Orientação Vocacional deve, além da informação sobre ocupações, voltar-se para as questões que o orientando coloca sobre o seu futuro, não somente quanto à carreira e ao meio de vida, mas também em relação a questões existenciais que são compatíveis com a reflexão proporcionada pelo Psicodrama, facilitando a integração de vários aspectos pessoais num todo harmonioso e promovendo o desenvolvimento integral do indivíduo.
Através das avaliações que o orientando faz a seu respeito, das experiências que vivência, ele vai formando seu autoconceito, aguçando sua capacidade de julgamento crítico. O mais importante é que ele vai desenvolvendo um auto conceito positivo. Observação e percepção de si facilitam a aceitação do outro e a autoconfiança, podendo proporcionar-lhe melhor ajustamento social.
O Psicodrama procura evitar a atitude paternalista que freqüentemente aparecia durante o processo de orientação vocacional orientador, em que o orientador resolvia qual seria a melhor solução para o orientando. Na orientação vocacional psicodramática, a intenção é auxiliar o orientando a refletir sobre seu momento de vida, permitindo que ele amadureça no

seu próprio ritmo, que ele encontre, as suas próprias soluções ou compreenda a sua dificuldade para achá-la, ou até mesmo que decida adiar o seu processo de escolha, por entender como mais importante dedicar-se a outras preocupações.
As técnicas psicodramáticas revelam, assim, um grande potencial de atuação no campo da orientação vocacional, atingindo não apenas a escolha da profissão propriamente dita, mas permitindo que o sujeito possa crescer em espontaneidade e autoconhecimento, permitindo não apenas que possa decidir pela carreira a seguir com maior segurança, mas inclusive que possa desempenhar essa profissão com uma maior espontaneidade, liberdade e maleabilidade, que são traços cada vez mais exigidos pelo mundo contemporâneo.
Desta forma, pode-se concluir que a utilização de técnicas psicodramáticas em dinâmicas de grupo, no programa de orientação vocacional é uma opção que atende aos anseios do homem moderno, não se restringindo a orientar simplesmente uma opção por uma carreira, mas permitir o crescimento do sujeito também enquanto pessoa e enquanto ser social.
Num mundo onde é valorizado a capacidade criativa, o psicodrama pode indicar com mais espontaneidade e liberdade o caminho a seguir, em temos profissionais, pode auxiliar a adaptar o homem às exigências do mundo atual, especialmente quanto a criatividade e comunicabilidade, contribuindo para a constrição de uma sociedade mais livre e criativa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ANDREOLA, B. A. **Dinâmica de Grupo - Jogo da Vida e Didática do Futuro**, 10.ed. Petrópolis, Vozes, 1995

BECKER, D. **O que é adolescência**, 10.ed. São Paulo, Brasilience,1993

BOCK, A M. B. et all **A Escolha Profissional em Questão**, São Paulo, Casa do Psicólogo,1995

BOHOSLAVSKY, R. **Vocacional – Teoria, Técnica e Ideologia**, 1.ed. São Paulo, Cortez,1983

CARVALHO, M. M. M. J. **Orientação Profissional em Grupo** – Teoria e Técnica, 1.ed. Campinas, PSY II, 1995

GONÇALVES, C. S., WOLFF, J. R., e ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama – Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno**, 2.ed. Ágora,1988

MINICUCCI, A. **Dinâmica de Grupo** – Teorias e Sistemas, 4.ed. São Paulo, Atlas,1997

MONTEIRO, R. **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**, 1.ed. São Paulo, Brasiliense,1993

MORENO, J. L **Psicodrama**, 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1942

YOZO, R. Y.K. **100 Jogos para grupos** – uma psicodramática para empresas, escolas e clínicas, 9.ed. São Paulo, Ágora,1996

UMA ANÁLISE PSICODINÂMICA DA ELABORAÇÃO DO LUTO PELA ESCOLHA PROFISSIONAL.

VENTURA, T. R.

O objetivo do trabalho é realizar uma análise, com referencial psicodinâmico, da elaboração do luto pela escolha profissional.
A escolha profissional ocorre na adolescência, momento de intensas transformações tanto físicas quanto emocionais. Nesta fase, o indivíduo é invadido biológica e socialmente - biologicamente, através das transformações corporais; e socialmente, pelas expectativas de um comportamento coerente com o mundo adulto. Contudo, o adolescente apenas poderá exibir um comportamento adulto caso elabore quatro lutos primordiais: o luto pelo corpo infantil, o qual possibilita o exercício da sexualidade adulta, substituindo a bissexualidade infantil; o luto pela identidade e papel infantis, o que proporciona a autonomia e a independência necessárias para o desenvolvimento da responsabilidade; o luto pelos pais da infância, que auxilia na substituição das figuras objetais idealizadas por figuras reais, enriquecendo o ego adolescente; e, por fim, o luto pela escolha profissional. Este é decorrente da necessidade de escolher uma profissão, em detrimento das outras, o que caracteriza a perda das escolhas preteridas. No momento em que busca uma profissão, o adolescente está definindo quem vai ser, está definindo seu papel adulto, assim como está estabelecendo quem vai deixar de ser. Escolher implica ganhos e perdas, e este é um dos motivos pelo qual a escolha da profissão supõe conflitos, gera ansiedade e pressupõe a elaboração de lutos.
Para a análise do processo de elaboração do luto pela escolha profissional, realizou-se a fundamentção teórica do tema, bem como a análise qualitativa do Teste Wartegg de quatro adolescentes, entre dezessete e dezoito anos, os quais foram atendidos no processo de Orientação Vocacional da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no ano de 1999.
Observou-se, na parte teórica, as características de personalidade que se intensificam no processo de elaboração do luto. Na parte analítica, além do modo de funcionamento psíquico como um todo, analisou-se a presença das características levantadas na teoria, o que apontaria para uma maior ou menor capacidade deste indivíduos elaborarem os lutos deste momento evolutivo, que é a adolescência.
A análise teórica apontou para as seguintes características: a capacidade de amar; a reação a situações de estresse e a separações; depressão e pesar excessivos; a não manifestação dos sentimentos; a dependência, com apego excessivo à outra pessoa e grande investimento na relação; baixa auto-estima e sentimentos de impotência; falta de apoio familiar e do meio social; tendência ao isolamento social; e o medo de fortes emoções.
Em relação aos Warteggs, concluiu-se que estas características apresentam-se em todos os adolescentes, em maior ou menor grau; porém, cada indivíduo lida com elas, de acordo com sua personalidade. Entretanto, verificou-se que os lutos são pontos essenciais no amadurecimento psíquico, o que também inclui o luto pela escolha profissional, pois é apartir desta elaboração que o adolescente poderá estabelecer ideais mais realísticos em termos profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. et all **Adolescência.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica.** São Paulo, Martins Fontes, 1977.
BOWLBY, J. **Apego, Perda e Separação.** São Paulo, Martins Fontes, 1985.
CARUSO, I. **A Separação dos Amantes - Uma Fenomenologia da Morte.** São Paulo, Cortez Editora, 1982.
FREITAS, A.M.L. **Guia de Aplicação do Teste Wartegg.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993.
FREUD, S. *Luto e Melancolia* (1917). In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro, Imago, 1974. Vol. 14.
KLEIN, M. **Contribuições à Psicanálise.** São Paulo, Mestre Jou, 1981.
KOVÁCS, M.J. ***Morte e Desenvolvimento Humano*.** São Paulo, Casa doPsicólogo, 1992.
LEVENFUS, R.S. et all **Psicodinâmica da Escolha Profissional.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
PARKES, C. M. *Luto* - **Estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo, Summus, 1998.
ROCHA JÚNIOR, A.; IEMA, C. R. D.; BACCHERETI, L. F. **Apostila de Técnicas de Exame Psicológico III.** São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1996.

Orientador (a): João Garção

SEDUÇÃO FEMININA NA PUBLICIDADE.

GALANTE, T. M.

EXISTE FREUD EM DALÍ?

TERADA, S.

O homem é movido a sentimentos. Sua vida é repleta de emoções possíveis de se nomear, outras não; ele é capaz de executar, colocar em ação as idéias e pensamentos, e desde pequeno aprende a organizá-las em sua mente. Surgem desejos, sonhos e algumas realizações; em contrapartida, formulações de dogmas e regras, sociais, familiares e religiosos... Aprende a viver e a sobreviver com inúmeras questões, e coloca no mundo o fruto de suas melhores produções, sejam a família, o trabalho, relacionamentos, a arte...

Não há dúvida de que o ser humano exerce uma força física e, na maioria das vezes, um desgaste emocional relativamente grande. Para se manter o equilíbrio psíquico, esta energia e transformação das emoções e sentimentos deve ser exteriorizada de maneira coerente perante os conceitos da sociedade, ou seja, que não prejudique o indivíduo, ou o outro, e o que se conhece por moralidade.

Artistas famosos como Dalí, assim como os menos conhecidos, seja na arte, na música ou na poesia, usam seus instrumentos, o pincel, o instrumento musical, a fala para colocar seus sentimentos, seus desejos mais íntimos, e a visão de mundo particular. Expõe suas idéias, suas contestações e suas alegrias de forma a tentar realizar uma de suas ideologias, melhorar cada vez mais o mundo em que vivemos, mostrando o que os outros não têm capacidade de enxergar.

Salvador Dalí tinha a convicção de que conseguiria mudar a visão de mundo, mas a sua maior preocupação era de escandalizar a sociedade de alguma maneira, e deixar a sua assinatura, seu nome na história da arte, com seu estilo anticonvencional de ser e de pintar.

Por trás das cortinas, se escondia um homem confuso de suas convicções, quanto ao seu papel social, relacionamentos familiares e desejos mais íntimos que reprimiu, de uma forma ou de outra.

Confuso de tudo que o rodeava, chegando a um limite da loucura, procurou, de forma indireta, ajuda psicológica, conhecendo as obras publicadas por Sigmund Freud. Na leitura, tentava encontrar respostas para seus questionamentos pessoais, que não tinha como ou para quem perguntar.

Desde pequeno, Dalí encontrou na pintura, a liberdade de expressão, provavelmente tentando conhecer-se e se compreender. Encontrou nos sonhos um processo ilógico, mas inquestionável verdade da satisfação que buscava, mas impossibilitado a concretização, e talvez confuso para si mesmo o seu real querer.

Se concentrarmos em teorias psicanalíticas e psicológicas, a questão que mais envolvia Dalí em seus devaneios, eram de conteúdo sexual, e é o que se apresenta na maioria de suas obras, incluindo pinturas, esculturas, esboços não publicados, com exceção dos trabalhos encomendados, como de Hitchcock e Disney.

Sua história de vida mostra claramente os conteúdos reprimidos, os mesmos que são representados em seus quadros, o que poderia explicar a sua constante busca da satisfação. Quanto ao seu papel sexual, apesar de estar definido socialmente, concretizando um casamento e realizando suas fantasias edipianas com Gala, é possível afirmar que o seu desejo em conquistar o pai não pode ser elaborado. A perda durante esta conquista, fez com que buscasse os amigos com traços semelhantes, porém a sexualidade parecia estar ainda confusa.

Dentre suposições, não seria o objetivo deste trabalho avaliar a preferência sexual do artista, porém como foi possível ser visto anteriormente, conteúdos masculinos e femininos, quanto aos desejos representados, puderam ser encontrados na obra, como também o é possível em muitas outras.

Seguindo uma análise psicológica de uma obra, foi possível detectar e conhecer muitos aspectos da vida de Salvador Dalí, mesmo que se possa considerar Freud o pioneiro desta área tão vasta da Psicologia, e que muito se desenvolveu neste século. A grande influência do Psicanalista sobre o Artista pode ser encontrado com muita evidência, pois os surrealistas já possuíam este interesse voltado à Psicanálise, o que se poderia dizer que Freud influenciou todos os artistas desta corrente, tanto na vida profissional como na vida pessoal.

Dalí, em especial, concretizou e mostrou ao mundo de forma explícita estas influências, e isto não poderia ocorrer se não houvesse uma identificação pessoal. Deve-se também considerar que o artista conseguiu trabalhar muito o marketing pessoal na mídia da época, o que os outros não tiveram o mesmo investimento ou a mesma sorte!

Freud poderia ter influenciado no sentido de Dalí ter a possibilidade de conhecer seus próprios medos e desejos, se é que conseguiu-o com total sucesso, mas também, psicologicamente falando, isto possibilitou mais e mais a aflorar muito mais sentimentos íntimos que em outras pessoas poderiam estar recalcados por uma vida inteira.

Mas a arte não se prende apenas à análise de uma obra e do seu criador. Cada vez mais, a estética acompanha a evolução do homem e sua visão de mundo, compartilhando, fazendo emergir e nascer muitas e muitas emoções no ser humano. Assim como a mente humana, a arte é vasta, e não se prende a uma única regra ou função. Ela desperta o homem à vida de forma subjetiva, surpreendente e faz pensar...

Uma obra de arte pode ser analisada, assim como ela é criticada. Ela pode ser vista com os olhos do artista ou com os olhos do psicanalista. Quando se olha com os seus próprios olhos, pode-se ver outras perspectivas de mundo que nem um nem outro conseguiu enxergar. Na visão psicanalítica, Freud esteve muito presente na obra, como uma ilustração de suas teorias, porém, artisticamente falando, Dalí colocou aos olhos do mundo inteiro a sua essência única e verdadeiramente Dalí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio C. - *Arte Moderna* (1992). São Paulo: Companhia das Letras
DESCHARNES, R. e NÉRET, G. - *Dalí - A Obra de Pintura* (1997). São Paulo: Taschen.
FREUD, Sigmund - *A Interpretação dos Sonhos* (1997). Rio de Janeiro: Imago Editora.
FREUD Sigmund - *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1997). Rio de Janeiro: Imago Editora.
GOMBRICH, E.H. - *A História da Arte* (1988). 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
HEGEL, Georg W.F. – *Os Pensadores – A Idéia e o Ideal* (1985). São Paulo: Abril Cultural
________. – *Os Pensadores – O Belo Artístico ou o Ideal* (1985). São Paulo: Abril Cultural

Orientador (a): José Rubens Naime

A IDENTIFICAÇÃO COM O MITO E SUAS RAÍZES.

MALAGUTI, R.

Mitos e arquétipos são partes da História da Humanidade desde o começo dos tempos quando os homens deixavam suas "marcas" nas paredes de cavernas. Estórias e contos de fadas fazem parte do imaginário de inúmeras gerações e diferentes lugares no mundo. Eles refletem o imaginário de toda a humanidade, e chegaram na forma de textos e poesias escritas por homens que deram vazão às suas fantasias e sonhos.
Jung observou como é importante ter consciência dos arquétipos que estão ativos na vida do indivíduo, de forma que este possa se "utilizar" de suas características de forma saudável. Um arquétipo que não é vivenciado de forma produtiva, pode fazer com que o indivíduo desenvolva um quadro neurótico. "Quando não nos sentimos totalmente equilibrados em relação a um determinado assunto, aproximamo-nos da condição neurótica" (JUNG, 1985).
O objetivo deste trabalho, não foi a análise psicológica de cada testando porque faltam elementos para isso, e esta não foi nossa proposta. Mas sim um maior entendimento da função do mito na vida das pessoas, suas conseqüências e expressões. Utilizamos a técnica de Imaginação Dirigida, seguida de um desenho representativo da vivência. Essa experiência de desenhar, é muito importante porque existe nos dias de hoje, certa dificuldade em colocar em imagens a experiência mítica.
No presente trabalho, as pessoas mostraram dificuldade em observar o mito que estão vivendo. A maior parte dos entrevistados demonstrou até mesmo temer um contato maior com os próprios instintos, de forma que os diminuem durante a vivência. Apenas duas pessoas se mostraram mais tranqüilas para lidar com seus impulsos primitivos. Uma vive em uma cidade pequena no interior e a outra veio de uma cidade pequena no nordeste. Este seria um dado a ser estudado com mais cuidado ante de maiores interpretações, mas é bastante significativo.
Pensa-se que a dificuldade de "chegar" no mito pessoal, caracteriza uma situação moderna, onde foi esquecido o significado de indivíduo em prol de uma cultura de massificação - o que serve para um, é feito como se fosse o gosto da maioria. Com isso parece haver uma busca cada vez maior de religiões e seitas, onde pessoas procuram algo que preencha o vazio existencial. Esse é o lugar onde estariam os mitos.
Essas conclusões servem como um alerta e também como o começo de uma busca por dados que nos ajudem a entender melhor como ocorreu o "desligamento" com o mito. Quem sabe assim possamos encontrar alguma forma de trabalhar esse "elo perdido".

REFERÊNCIA BIBLIGRÁFICA

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega.** 9ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999
CAMPBELL, J. **O Poder do Mito.** Carlos Felipe Moisés. 15ª edição. São Paulo. Editora Palas Athena, 1997.
CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus.** Carmen Fisher. 4ª ed. São Paulo. Editora Palas Athena, 1997.
ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos.** Waldéa Barcellos. 10ª edição. Editora Rocco, 1994. Coleção Arco do Tempo.
FEINSTEIN, D., KRIPPNER, S. **Mitologia Pessoal: A Psicologia Evolutiva do Self**. Teresinha Batista Santos. 10ª edição. São Paulo Editora Cultrix, 1997.
FORDHAM, F. **Introdução à Psicologia de Jung**. Artur Parreira. 2ª edição. Editora Verbo, 1990.
GOLDBRUNNER, J. **INDIVIDUAÇÃO: A Psicologia de Profundidade de Carlos Gustavo Jung**. Prof. Odilon Jaeger. 2ª edição. Editora Herder, 1961.
JUNG, C. G. **A Energia Psíquica.** Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 6ª edição. Editora Vozes, 1997.
JUNG, C. G., FRANZ, M.L. von, HENDERSON, J. L., JACOBI, J., JAFFÉ, A. **El Hombre y sus Simbolos**. Luis Escobar Bareno. 1ª edição. Editora Aguilar, 1969.
JUNG, C. G. **Fundamentos de Psicologia Analítica.** Araceli Elman. 8ª edição. Editora Vozes, 1985.

ARQUÉTIPOS NA ESQUIZOFRENIA.

MELLO, J. DE C.

O presente trabalho tem como objetivo o entendimento de como ocorre a influência do mito na vida das pessoas e na patologia. Do mesmo modo, constatar a validade das teorias psicológicas propostas por Jung no campo da doença mental.
Tendo como referência o filme "Asas da Liberdade", parti para a pesquisa da psiquiatria clássica sobre esquizofrenias, no aspecto descritivo e da psicopatologia junguiana, no aspecto dinâmico. Assim, foi possível demonstrar a teoria, a qual o conceito de psicose no presente caso da esquizofrenia catatônica, refere-se à emergência de um complexo que toma o lugar do ego, de maneira à alienar o restante da personalidade.
No presente filme, vemos que o complexo que tomou conta da personalidade, tendo vindo do que chamamos de inconsciente coletivo, tomou a forma de um arquétipo, ou seja, uma forma antiga de representação da ânsia do ser humano pela liberdade, fazendo com que o personagem se identificasse com o mito de Ícaro.
Neste presente caso, instala-se a doença, porque, assim como Ícaro ultrapassou a medida, não obedecendo os limites e indo em direção ao Sol, morrendo com isso, vemos que o nosso personagem também ultrapassou a medida, "querendo" sair de uma condição enraizada na terra, diretamente para o espaço, libertando-se.
No momento em que ultrapassou a barreira, o "espírito" rompeu com o corpo e o personagem não ficou nem corpo, nem "espírito", consequentemente, não houve a transcendência, que provocou a paralisia do corpo e do "espírito" (catatonia).
Disso, podemos concluir que "espírito" e corpo são duas polaridades de um único símbolo e que se não houver um ego suficiente para fazer a mediação dessas duas polaridades, podemos estacionar o processo criativo e consequentemente estacionar o processo de individuação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

EY, Henry; BERNARD, P.; BRISSET, C**. Manual de Psiquiatria**. 5°ed. rev. atual. Ed Atheneu.1257 p.

JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das Doenças Mentais**. 2°ed. Petrópolis, RJ. Ed.Vozes, 1990. OMS. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID10**. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1993. 351 p. SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra**. 14°ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. (Coleção Vida e Obra) 209 p.,

GUIA do usuário Internet/Brasil. E.U.A. Texto disponível na Internet : http://www.geocities.com/Athens/2506/icaro.html [12 nov. 1999].

GUIA do usuário Internet/Brasil. E.U.A. Texto disponível na Internet : http://www.geocities.com/Vienna/2809/jung.html [12 nov. 1999].

MÚSICA E AFETIVIDADE.

OLIVEIRA, L. S. DE

Foi a partir de um interesse pessoal vindo desde a infância que escolhi o tema deste trabalho com o objetivo de compreender a influência que a música exerce na nossa afetividade, e qual sua relevância para a psicologia.
Encontrei na teoria de Jung que, dentre outros, descreve sobre *inconsciente coletivo, símbolos, arquétipos, processo de individuação* e o significado dos sonhos e dos mitos, o respaldo necessário para desenvolver o tema. Além dela, usei também alguns mitos que se relacionam à música, como, por exemplo, Ápolo, Orfeu, Pã, e as Musas entre outros.
A música é um fenômeno universal natural do ser humano. Na história da humanidade e das culturas vemos que sempre ocupou um espaço importante em todas as épocas, desde os tempos mais primitivos.
Para os gregos as músicas eram divindades, de maneira que abrangiam a vivência dos afetos do mundo irracional, o que mais tarde Jung chama de *símbolos* - e serviam para tomar consciência dos movimentos. Existiam a deusa da guerra, do amor, etc., e também os deuses relacionados à música, Apolo, Orfeu, e outros.
Para Jung a Grécia é o berço da civilização ocidental, e como foi substituída ficou sepultada no nosso inconsciente formando o *inconsciente coletivo.* Não só a civilização grega, como também, a primitiva e o som universal. Oque para os gregos eram verdades, para Jung, são representações *arquetípicas*.
A pesquisa de campo consistiu em submeter, quatro grupos de quatro pessoas separados por idade, à quatro tipos de música. Pedi que representassem pictoricamente seus sentimentos, e depois, discutimos suas representações e sentimentos.
O que Jung descreve como *processo de individuação*, indo desde o *inconsciente coletivo* até a *consciência*, é possível de ser visualizado nesta amostragem. Apesar do processo descrevido por ele se dar individualmente.
Diante disto percebi que as músicas e suas representações vão tocar cada um, de maneira coletiva ou individual, conforme seu estágio psíquico. Nos casos estudados o estágio psíquico corresponde à idade cronológica, porém nem sempre se dará desta forma.
E assim, posso pensar que a utilização da música no trabalho terapêutico pode ser mais um instrumento facilitar do *processo de individuação*, através da vivência dos símbolos pessoais que ela permite, promovendo a representação e a conseqüente conscientização.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Faculdade de Psicologia. Programa de Iniciação Científica e Pesquisa. Manual do Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI). São Paulo, 1998.
SILVEIRA, N. Jung: Vida e Obra. 15ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
JUNG, C. G. O Eu e o Inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 1982. (Obras completas de C. G. Jung, v.7, t.2). 184 p.
SPALDING, T. O. Dicionário de Mitologia Grega e Latina. São Paulo, Cultrix/MEC, 3ª ed., 1995.

A SIMBOLOGIA NA CAPOEIRA.

PINA, C. R. P.

Objetivo: Compreender como o Incosciente Coletivo se expressa nesta modalidade de expressão . E a possibilidade da aproximação de um dialogo entre consciente e inconscinte ; sendo esta a forma de um homem alcançar de ser ele mesmo (tendo não mais o Ego como ponto central e sim o Self)
Pois o ritual funciona como um anteparo para o Ego, permitindo a este estabelecer uma relação com o todo.
Justificativa: Estudar como que o individual se expressa numa atividade que por principio tem regras coletivas.
Compreender a capoeira como um ritual que favorece uma expressão da intuição natural da essência do self, baseado no anseio de liberdade do negro escravo, que se defendia com sua expressão corporal, sempre em movimentos circular - simbolizando o centro da importância vital, a psique.
Método: Será utilizado técnicas de observação, entrevista, questionários e estudo de material simbólico, tendo como sujeito o grupo de capoeira “Angolinha”, localizado no estado de São Paulo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

JUNG, Carl Gustav - O segredo da flor de ouro - Wilhelm, R. - tradução e Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, 10º ed. Vozes, 1999

JUNG, Carl Gustav - O eu e o inconsciente - tradução de Dora Ferreira da Silva, Petrópolis - Vozes, 19987

JUNG, Carl G. - O homem e seus símbolos - Colaboradores M.L.von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi, Aniela Jafé. Tradução Maria Lucia Pinho, - 16º ed. brasileira - Ed. Nova Fronteira S.A- Rio de Janeiro, 1964.

PAULA, Adriana Wenzel de - Rituais Modernos e Processo de Individuação -Trabalho de Graduação Interdisciplinar - Universidade Mackenzie, São Paulo, 1997.

REIS, Alberto Olavo Advincula. - Teorias da personalidade em Freud, Reich, Jung - Lucia Maria Azevedo Magalhães, Waldir Lourenço Gonçalves, EPU - São Paulo 1984

REIS, Leticia Vidor de Souza - O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil - Publisher Brasil - São Paulo, 1997

SANTOS, Valdenor Silva dos - Conversando nos bastidores com o Capoeirista - 1° ed., Editora Parma .LTDA - São Paulo, 1996.

SILVEIRA, Nise da - Jung, Vida e Obra - 16º ed. rev - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997 - Coleção Vida e Obra

REVISTA Capoeira – Arte e luta Brasileira, ed. Adriano Chediak, São Paulo, ano II, nª 04.

Orientador (a): Jumara Silvia V. V. Vieira

COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E TALENTO.

BETTARELLO, M. N.

O presente trabalho tem por objetivo investigar como diversos gerentes de grandes empresas definem um gerente de sucesso e o que é imprescindível ao conhecimento de um profissional de Recursos Humanos sobre competências, habilidades e talento, além de como desenvolvê-los e se faz sentido defini-los com base na cultura organizacional e demanda de mercado.
De acordo com referências teóricas pesquisadas ao longo da pesquisa, foi possível concluir que, para a maioria dos autores o talento é inato, porém pode ser aprimorado. As habilidades são aprendidas, são conhecimentos específicos adquiridos e relacionados á uma determinada função. Já competências referem-se à maneira como estas habilidades são praticadas, e estão vinculadas ao comportamento. As competências englobam aspectos individuais, possibilidades de realização, capacidade de adaptação ao meio, relacionamentos interpessoais, vivências, experiências, conhecimentos e habilidades. Elas podem ser desenvolvidas ao longo da vida do indivíduo, bastando que estes estejam abertos para as oportunidades, inerentes ao meio.
Utilizou-se como método a pesquisa qualitativa e como instrumento entrevista com uma questão aberta acerca do que é ser um bom gerente. A amostra, composta por dez gerentes de grandes empresas, rendeu resultados suficientes para atingir os objetivos do trabalho.
De acordo com a análise dos resultados, pôde-se chegar à conclusão de que o conceito de competências tem sido constantemente utilizado ao se tratar da definição do que é ser um bom gerente. Portanto, para a maioria dos entrevistados, um bom gerente precisa ser competente, o que engloba o conjunto de habilidades, conhecimentos, capacidades, comportamentos, atitudes, talentos, inteligência e ação.
A forma de tratamento dos dados obtidos com a pesquisa proporcionou uma melhor visualização de como gerentes de empresas de grande porte se posicionam e esperam de sua atuação no cargo. Para a maior parte deles, ter conhecimentos, capacidades, talento, se torna imprescindível e inerente ao nível gerencial.
Algumas competências essenciais foram mencionadas com maior freqüência como saber gerenciar pessoas, lidar com as constantes mudanças, além de agir da melhor forma diante dos desafios. Diante destas constatações, pode-se considerar que a demanda de mercado e a globalização exercem influência sobre a melhor forma de gerenciar.
Em relação à influência da cultura organizacional nas respostas, pouco pôde-se observar na fala dos entrevistados. Pode-se pensar, apesar da amostra pequena, que estes gerentes não associam a cultura organizacional à competência gerencial. Obteve-se, no entanto, respostas diferenciadas dependendo da empresa, do negócio e da área atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. "Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de Trabalhos na graduação". 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1998.

BACCHERETI, L. F. "As Demandas da Globalização". Dissertação de Mestrado, Universidade Mackenzie. São Paulo, 1998.

BAND, W.A. "Competências Críticas"; tradução Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BARDIN, L. "Análise de Conteúdo" ; tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CASALI, A. [et al.]. "Educação e empregabilidade: novos caminhos da aprendizagem". São Paulo: EDUC, 1997. p.287.

COOPERS & LYBRAND. "Remuneração por Habilidades e por Competências: preparando a organização para a era das empresas de conhecimento intensivo". Coordenador Vicente Picarelli Filho. São Paulo: Atlas, 1997.

COSTA, M. I. Os mandamentos do RH estratégico, p.10 in "Administrador Profissional", 1999.

DAHAB, S. S. [et al.]. "Competitividade e Capacitação Tecnológica para Pequena e Média Empresa". Salvador, BA: Casa da Qualidade, 1995.

EVANS, R. I. "Jean Piaget: O Homem e suas Idéias". Ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1980.

FERREIRA, A. B. H. "Dicionário Aurélio". 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FRANCO, D. Universidades Corporativas: uma realidade no mundo Empresarial. "Revista T&D". Ano VII - Edição 76, abril, 1999.

FREITAS, M. E. "Cultura Organizacional: formação, tipologias e impactos". São Paulo: Makron Books, Mcgraw hill, 1991.

FRITZ, R. "Estrutura e Comportamento Organizacional"; tradução Antonio T. Carneiro; revisão LRM – Assessoria Editorial. São Paulo: Pioneira, 1997.

GILBERT, T. F. "Human Competence: Engeneering Worhty Performance". 1978.

HAMEL, G. & PRAHALAD, C.K. “Competindo pelo Futuro: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã”. Tradução de Outras Palavras. Rio de Janeiro, 1995.

HAY, Consultoria. Apostila sobre Remuneração por Competências, elaborada para Abril S/A, 1997.

KOUZES, J. M. & POSNER B. Z. “Credibilidade: como conquistá-la e mantêla perante clientes, funcionários e colegas e o público em geral”; tradução Luiz Frazão Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

LAPA, W. “Termo Inteligência: Uma pesquisa sobre conceituação e sua mensuração junto à psicólogos, pedagogos e estudantes de psicologia”. Dissertação de Mestrado, Universidade Mackenzie. São Paulo, 1997.

LEVITT, T. “Repensando a Gerência” ; tradução de Nivaldo Montigelli. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

LÜDKE, M. [et al]. “Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas”. São Paulo: EPU, 1986.

SENGE, P. “A Quinta Disciplina”. Best Seller. Century Business,1991.

SILVA, A. P. [et al]. “Mirador Internacional”. Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações ltda. Cia Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel, 1976.

VAN DE VELDE, J. S. V. “As representações Sociais e o desenvolvimento de modelos mentais de competitividade e competência gerencial”. Projeto de Tese, Universidade Mackenzie. São Paulo: 1999, p.142.

VYGOTSKY, L. S., Cole, Michael, Org [et al.]. “A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores”. Martins Fontes. São Paulo, 1994.

WALTON, R. E. “Do controle ao comprometimento no ambiente de trabalho”. Revista Harvard Business Review, março/abril, 1985.

O DESEJO DO SABER E SUAS IMPLICAÇÕES PATOLÓGICAS.

FOGAÇA, L. H.

O presente estudo tem como objetivos discutir o desejo do saber e sua conexão com a sexualidade infantil, bem como buscar a articulação entre o desejo do saber com uma possível patologia infantil.
A partir de análises o estudo pode contribuir cientificamente para o campo da psicologia e da educação, pois este assunto pode oferecer aos educadores, subsídios teóricos psicanalíticos, que possibilitariam uma compreensão mais abrangente dos fenômenos psicológicos e mentais, um olhar diferente e científico das situações cotidianas de sala de aula e uma interpretação mais profunda das patologias frente à aprendizagem.
Esta pesquisa procura investigar se há implicações patológicas quando a criança busca de forma demasiada o saber, bem como a origem do saber. Para isso, buscou-se na literatura através das obras de Freud, Kupfer, Melaine Klein e Laplanche, sendo esta uma pesquisa de abordagem científica contemporânea.
Utilizou-se ainda em caráter ilustrativo a vida de Leonardo da Vinci, analisado e fundamentado em Freud e Laplanche.
Pode-se concluir que: 1) existe uma conexão estreita entre a curiosidade infantil e a curiosidade adulta, bem como a busca pelo saber; 2) que a curiosidade sexual infantil tem condição de influir, em parte, no desenvolvimento do pensamento, sendo o pensamento sexualizado na infância e na vida adulta o mesmo seria dessexualizado; 3) que a aprendizagem pode ter uma relação estreita com o referencial sexual; 4) há possibilidade de haver uma neurose infantil do tipo obsessiva.

Referência Bibliográfica

FREUD, SEGMUND. **Obras Completas, Três Ensaios da Sexualidade Infantil**. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de janeiro, Imago,1997.

FREUD, SEGMUND. **Psiconeuroses de Defesa.** Trad. Luís López. Rio de janeiro, Imago,1997.

FREUD, **"Uma Recordação Infantil de Leonardo da Vinci".** Trad. Walderico Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago,1997.

MILLOT, CATHERINE. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro: Zachar, 1987.

KUPFER, MARIA CRISTINA. **Freud e a Educação, O Mestre do Impossível.**São Paulo, Scipione,1997.

KUPFER, MARIA CRISTINA. **O desejo do saber**. Tese – Faculdade de Psicologia, São Paulo, Universidade de São Paulo,1990.

KLEIN, MELAINE. **A psicanálise de crianças**. Trad. Liana Pinto Chaves. Rio de janeiro, Imago, 1997.

KOCHE, JOSÉ CARLOS. **Fundamentos de Metodologia Científica, Teoria da ciência e prática da pesquisa.** Rio de Janeiro,Vozes Ed.,1999.

CABRAL,ÁLVARO E NICK, EVA. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Cultrix,1996, p.23.

LAPLANCHE, JEAN. **A Sublimação**. Trad.Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

LAPLANCHE, JEAN. **Freud e a Sexualidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

A CAPOEIRA HOJE: UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE SUA IMAGEM.

PIMENTÃO, C. R. E.

Esta pesquisa tem a intenção de atingir o interesse do leitor em desvendar a atual imagem da Capoeira e de seus praticantes, portanto deve saber o leitor que não haverá preocupação em esmiuçar a fundamentação histórica e teórico-metodológico, para tanto será dessecado o que nos é de fundamental importância para considerar a Capoeira de hoje, ou seja, o seu desenvolvimento como o instrumental e quanto a comunidade da Capoeira.

A Capoeira, pode ser estudada por diferentes áreas do conhecimento e por diferentes campos do saber. No caso da Psicologia , poderia ser objeto de estudo, por exemplo conhecer pontos comuns de perfil da personalidade, como também das patologias que abarcam qualquer esporte, da aprendizagem (aquisição das habilidades e o processo de ensino das mesmas), do desenvolvimento (compreensão das influências da Capoeira do desenvolvimento global do sujeito).

Tem-se aqui um desafio de um tema rico e polêmico, que pode ser trabalhado por qualquer área científica.

Para a comunidade da Capoeira, este trabalho terá repercussão no sentido de contribuir para que os grupos possam refletir sobre sua prática, sua representação social e sua ideologia de vida. Tendo como objetivos: verificar qual a influência da prática da Capoeira na construção da ideologia dos capoeiristas; conhecer o padrão esperado de estilo de vida e apontar alguns valores e tradições

Este estudo comparativo entre capoeiristas mais experientes, sendo mestres ou contra- mestres, e capoeiristas iniciantes, poderá trazer entendimento aos futuros capoeiristas do século XXI.

Na verdade, tem-se também o objetivo de verificar as expectativas dos iniciantes de Capoeira quanto ao futuro destes dentro da mesma., visto que estes serão os capoeiristas do próximo século, que terão uma história diferente e que provavelmente terão a possibilidade de serem "estudados"[1], que é um diferencial considerável.

O tema desperta interesse particular, enquanto praticante de Capoeira. Assim, pretende-se com este chegar à alguns estudos comparativos contribuindo com a história e cultura da Capoeira no Brasil.

A literatura sobre a Capoeira, tem se centrado na descrição histórica de seus processos, faltando pesquisas sistematizadas que pudessem falar sobre a imagem atual, como são as pessoas que se interessam pela Capoeira, o que elas tem em comum. O que as torna um grupo diferenciado? O amor a Capoeira que parece existir. Pretende-se, preencher uma dessas lacunas, contribuir assim, para melhor entender a Capoeira.

Pretende-se nessa gama de investigações tentar responder a questão.

Orientador (a): Leda Gomes

HÁ SEMPRE LOBOS EM TORNO DE NÓS: DESENHANDO E RECONTANDO CHAPEUZINHA VERMELHO.

ABRAMCZYK, A. T.

PAIS E FILHOS: UMA VISÃO DA INFORMÁTICA NO CONTEXTO ESCOLAR.

AMBROZETO, V. V.

Os equipamentos eletrônicos têm invadido as casas de muitas pessoas. A cada dia o consumo e as ofertas de compra vêm se intensificando.

Com o computador a mesma coisa. Novidades diárias são lançadas no mercado de consumo e o que era antes o mais moderno aparelho torna-se obsoleto. Este equipamento já faz parte da realidade de muitos, embora outros nem sequer tenham tido a oportunidade de conhecê-lo.

A partir daí surgiu a idéia de se pesquisar a visão dos pais e dos filhos em relação ao computador dentro do ambiente escolar, ou seja, a percepção dos pais e crianças em relação à informática no contexto escolar, visto que a autora faz uso da mesma como um auxílio pedagógico.

O presente trabalho tem caráter exploratório, os dados aqui citados constituem uma amostra relativamente pequenos para a elaboração de um grande projeto, mas a autora deixa aqui uma janela aberta para futuras pesquisas.

Os instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa mostraram-se adequados neste período de investigação.

É importante ressaltar que a informática vem desenvolvendo-se rapidamente e não se sabe o impacto que esta pode estar causando ao homem. Que tipos de imagens ou marcas esta máquina produz no ser humano? Qual a relação que este possui com esse equipamento?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, A Z.M. A Solicitação do Meio e a Construção das Estruturas Lógicas Elementares na Criança. Tese de Doutoramento, Universidade Estadual de Campinas, 1.976.

BEE, H. A Criança em Desenvolvimento. Trad. Antonio Carlos Amador Pereira & Rosane de Souza Amador Pereira. 2ª ed. São Paulo, Harbra, 1.986.

CROCHEK, J. L. O Computador no Ensino e a Limitação da Consciência. 2ª ed. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1.987.

ELDIND, D. Crianças e Adolescentes: Ensaios Interpretativos sobre Jean Piaget. Trad. Narceu de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1.972.

GATES, B. A Estrada do Futuro. Trad. Beth Vieira, Pedro Maia Soares, José Rubens Siqueira e Ricardo Rangel. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1.995.

GREENFIELD, P. M. O Desenvolvimento do Raciocínio na Era da Eletrônica. São Paulo, Summus, 1.988.

LÓPEZ, R. E. Introdução à Psicologia Evolutiva de Jean Piaget. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1.993.

MASINI, E. F.S. O Ato de Aprender. (Organizadora). São Paulo: Mackenzie, Mennon, 1.999.

RAPPAPORT, C. R. Teorias do Desenvolvimento. São Paulo, E.P.U., 1.981.

PIAGET, J. ; ILHELDER, B. A Psicologia da Criança. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1.968.

PIAGET, J. A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1.975.

__________. O Nascimento da Inteligência na Criança. Trad. Álvaro Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1.978.

A ESCALA DE STRESS INFANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO INSTRUMENTO EM INDIVÍDUOS DE 7 À 11 ANOS.

COELHO, C. R.

Este trabalho tem como objetivo esclarecer o que é o stress e stress infantil e conhecer quais os seus sintomas.
Compreender e explicar as causas e consequências do stress infantil, bem como sua relação com a Psicologia.
Entender como o stress se desencadeia e fazer uma comparação com crianças do período denominado pelos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento da Idade Escolar.
O Stress é conceituado como a maneira que as células e o organismo reagem frente a estímulos externos desfavoráveis. De modo geral, estímulos externos desfavoráveis significam perigo que exige fuga ou luta. Para ambas as alternativas o organismo precisa se preparar. A primeira providência do organismo nestas circunstâncias é uma descarga de adrenalina, cuja ação farmacológica principal se faz sentir no aparelho circulatório e respiratório.
Os sintomas de stress infantil também ocorrem no campo psicológico, no físico ou em ambos.
Suas manifestações vão depender da fase em que a criança esteja. Os mais fáceis de serem identificados são : mãos frias e suadas, taquicardia, azia, falta de apetite, dores de barriga e dores de cabeça.
Este trabalho foi realizado com crianças de 7 a 11 anos, incluindo meninos e meninas de classe média que estudam em colégio particular.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LIPP, Marilda Novaes. Como enfrentar o stress infantil. São Paulo:ícone, 1991.
LIPP, Marilda Novaes. Mitos & Verdades. São Paulo: Contexto, 1996.
MEDO dos castigos de Deus lidera causas de stress entre crianças. Folha da Tarde, São Paulo, abril, 1997, p. A-7.
GRANATO, Alice. Baixinhos em crise. Veja, São Paulo : Abril, p.84-7, 19 ago. 1998.
VIEIRA, Roberto. Stress pode ser o vilão da rotina. Shopping News, São Paulo : p.08, 01 nov. 1998.
VIEIRA, João Barreto. A construção do Cérebro. Veja, São Paulo: Abril, p.71-9, 20 mar. 1996.
SILVEIRA, Célia; LAMARE, Rinaldo ; SOUZA, Iracy. O desenvolvimento infantil. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

ARTE-TERAPIA – A COMPREENSÃO DO SEU SENTIDO.

LIMA, J. DE S.

O trabalho tem por objetivo pesquisar a Arte-Terapia em seus aspectos metodológicos e de fundamentação , definir o trabalho prático do arte-terapeuta e analisar a Arte-Terapia sob uma visão psicológica , ou seja , conhecer seus alcances psiciterapêuticos.

Em função do conhecimento moderno técnico-científico e do desenvolvimento dos meios de comunicação , ocorrem mudanças sociais e é produzida uma cultura de massa contemporânea , o que gera a necessidade do surgimento das terapias expressivas , da Arte-Terapia.

Na Arte-Terapia são utilizados recursos da arte com fins terapêuticos com o intuito de se obter informações a respeito desse tema e sua prática realizou-se uma série de entrevistas com cinco arte-terapeutas atuantes.

Através do uso de elementos artísticos dá-se o meio pelo qual o processo criativo reflete habilidades , desejos , dificuldades , conflitos e outros aspectos da personalidade e das relações do sujeito-cliente. Pela expressão criativa abre-se um canal de contato com a essência do ser humano , com seus conteúdos mais puros e verdadeiros.

Assim , profissionais de diversos campos das áreas da saúde e da educação tem recorrido aos instrumentos da Arte-Terapia para melhor desenvolver seu trabalho , arte-terapeutas , fonoaudiólogos , psicólogos , psiquiatras , assistentes sociais , terapeutas ocupacionais , professores.

Baseando-se , portanto , no pressuposto de que a expressão artística revela a dimensão interior do homem , seu modo de ser e sua visão de mundo , o objetivo da Arte-Terapia é o estabelecimento do vínculo do terapeuta com o cliente e a possibilidade do último de obter auto-conhecimento , resolução de conflitos pessoais e da relação com o mundo e o desenvolvimento da sua personalidade.

O processo de Arte-Terapia não possui uma prática técnica rígida , se orientando de acordo com diversas tendências e com a demanda do cliente.

O papel do arte-terapeuta é , basicamente , o de facilitador do processo de experimentações e descobertas do cliente , respeitando-o em seu ritmo , suas escolhas , sua expressão. É o cliente quem dá continuidade ao seu processo , apoderando-se deste e , por isso , é necessário que ele possua o querer.

Assim como a psicologia busca compreender as relações humanas , a arte em forma de terapia busca sua expressão.

Através da transformação da matéria de forma criativa , o cliente da Arte-Terapia , simbolicamente , a transformação de aspectos conflitivos pessoais , daí a contribuição desta prática à psicologia. Além disso , a Arte-Terapia auxilia no processo de desenvolvimento do ser humano em seus potenciais criativos e expressivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. Q. – Terapias Expressivas : Uma pesquisa de Referências Teórico-Práticos. São Paulo , 1993. 175 p. Tese (Doutoramento) – Instituto de Psicologia , Universidade de São Paulo.

CARDELLA , B. H. P. – A arte de ajudar. Arte-Terapia : Reflexões. Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae , 1997/1998 , ano III , nº 2.

COLI , J. – O que é arte. São Paulo : Brasiliense , 1981.

DEEPAK , C. – As sete leis espirituais do sucesso. São Paulo : Best Seller , 1994.

FREUD , S. – O Moisés de Michelângelo. In ______. Obras Completas de Sigmund Freud. Vol XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1914

FREUD , S. – Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In ___. Obras Completas de Sigmund Freud . Vol XI. Rio de Janeiro : Imago , 1910.

HAUSCHKA , M. – Natureza e Tarefa da Pintura Terapêutica. São Paulo: Antroposófica , 1987.v.2

HAUSCHKA, M. – Contribuições para uma atuação terapêutica. São Paulo: Antroposófica , 1987. V.3

JUNG , C. G. – O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1964.

KRAMER , E. AND ULMAN , E. Art Therapy : notes ou Theory and Application. New York : Schocken Books , 1976.

LOWENFELD, V. & BRITTAIN , W. L. – Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo : Mestre Jou , 1970.

NORGREN , M. B. P. – Considerações sobre o processo de Arte-Terapia : Reflexões. Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae , 1995 , ano I , nº 1.

PAÏN , S. & JARREAU , G.- Teoria e Técnica da Arte-Terapia. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.

PHILIPPINI , A. & MEDINA , A L. – Arte-Terapia e manifestações expressivas espontâneas. Arte-Terapia : Reflexões. Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae , 1997/1998 , ano III , nº 2.

SILVEIRA , N. O Mundo das Imagens. São Paulo : Ática , 1992.

OFFICIAL WEB SITE OF THE AMERICAN ART THERAPY ASSOCIATION , INC. Ilinois , Allanson Road , Mundelein. Disponível na Internet : http://www.arttherapy.org/ [21 set. 1999]

O ADOLESCENTE NO TEATRO: CRESCENDO COM CRIATIVIDADE.

NOGUEIRA, M. S. G.

O presente trabalho é a quarta parte de um projeto que está sendo desenvolvido há um ano e meio em uma escola pública em São Paulo, junto a uma classe de Aceleração II. Tal classe é composta por alunos que encontram-se atrasados no aprendizado, e cujas idades variam dos 11 aos 17 anos. Deu-se início a partir de um estágio obrigatório na área de psicologia escolar. Com o desenrolar das atividades, novas confabulações emergiram, suscitando idéias de alto impacto que muito têm contribuído para os alunos e, com base no enfoque estrutural sistêmico, para a escola de modo geral. Partiu-se da aplicação sistemática de jogos teatrais que possibilitaram resgatar a auto-estima dos alunos, estimular a criatividade através da improvisação, propiciar um ambiente no qual pudessem agir com espontaneidade e liberdade de expressão, mostrar ao corpo docente, demais alunos da escola e, principalmente, aos próprios alunos da Aceleração, suas reais capacidades, além de conferir-lhes maior integração grupal. Todos os aspectos acima foram desenvolvidos através da aplicação dos jogos. É imperioso mencionar que, para que o jogo ocorra, é necessário haver um grupo; assim, torna-se imprescindível salientar que a socialização é uma das principais características da prática desta atividade. Portanto, pôde-se trabalhar em equipe promovendo a integração entre os alunos da classe, ponto crucial para atingir os outros aspectos acima citados, lembrando-lhes da disparidade entre as idades e a dificuldade do intento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. *Rio São Francisco no Paraná.* Jornal ´A Folha de São Paulo´: Caderno Opinião, p.1-3, 1999.
GASPARIAN, M.C.C. *Psicopedagogia Institucional Sistêmica.* São Paulo: Lemos, 1997.
GIGLIO,Z., ALENCAR, S. et alli. *De Criatividade e De Educação.* Campinas: NEP/Unicamp, 1992.
NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser Criativo: O poder da improvisação na vida e na arte.* São Paulo: Summus, 1993.
REVERBEL, O. *Jogos teatrais na escola: atitudes globais de expressão.* São Paulo: Scipione, 1993.
SPOLIN, VIOLA. *Improvisação para o teatro.* São Paulo: Perspectiva, 1963.
WECHSLER, Solange. *Criatividade: Descobrindo e encorajando.* Campinas: Psy, 1993.

A RELAÇÃO ENTRE A GRESSIVIDADE INFANTIL E A PROGRAMAÇÃO ESCOLHIDA PELA CRIANÇA

SIMÕES, N. P.

Não há controvérsias acerca do elevado nível de violência na TV, e embora seja difícil o estabelecimento de relações de causalidade, muitas evidências indicam a existência de um elo de ligação entre níveis elevados de assistência à TV e a agressão atual do indivíduo, afirma Bee (1997).

O objetivo do presente trabalho é conhecer o tipo de programação escolhida por crianças previamente definidas com traços agressivos de acordo com os critérios do KSD (Desenho Cinético da Escola).

A motivação para a realização da pesquisa é fruto de uma indignação por parte da autora à respeito da falta de censura em que a televisão se encontra, e também a falta de ética dos responsáveis pela programação, estando estes preocupados, em primeiro plano, com a audiência que a emissora possa vir a ter.

Para que esse trabalho pudesse ser realizado, foi feita uma pesquisa de campo com crianças de 7 à 12 anos, do sexo masculino e feminino, de uma escola particular do interior do estado de São Paulo.

Num primeiro momento, foi aplicado o teste KSD. Em seguida, os dados foram tabulados a fim de conhecer quais crianças apresentam traços agressivos. Após cumprida esta etapa, pediu-se às crianças para responderem um questionário, elaborado anteriormente pela pesquisadora, que investigava o tipo de programação assistida por elas. Por fim, estabeleceu-se uma relação entre as crianças consideradas agressivas com o tipo de programa preferido por elas.

A realização deste trabalho foi gratificante para a pesquisadora por ter tido seu objetivo alcançado. Foi possível verificar que crianças agressivas realmente preferem a programação agressiva, assim como, quanto maior é o grau de agressividade delas, mais violento é o que assistem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEE, H. **O ciclo vital.** Trad. Regina Garcez. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1997.

FARIA, A. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget.** São Paulo, Editora Ática, 1989.

FERRÉ, J. **Televisão e educação.** Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1996

NETO, P.T. **"Educação pela tevê".** Guanabara, Edições O Cruzeiro, 1971.

RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W.R.; DAVIS,C. **Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência.** Vol.4. São Paulo, EPU, 1981.

SOIFER,R. **A criança e a TV, uma visão psicanalítica.** Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1991.

TRAIN, A. **Ajudando a criança agressiva.** Trad. Lúcia Reily. São Paulo, Editora Papirus, 1997.

Orientador (a): Lísias de Andrade Pereira

TRANSTORNO DO PÂNICO: UM ESTUDO SOBRE A PATOLOGIA.

OLIVEIRA, V. M. M.

O presente trabalho teve como objetivo fazer um estudo sobre o Transtorno do Pânico em relação a seu diagnóstico, tratamentos e etiologia além de verificar o papel da serotonina nos padrões modificados de comportamento envolvidos nessa patologia. O Transtorno do Pânico tem como característica principal episódios de ansiedade onde os fatores geradores não correspondem a um agente externo; a ameça está "dentro" do próprio individuo. Os "ataques" são espontâneos e como consequência resultam em insegurança, ansiedade antecipatória e esquiva fóbica das situações ou locais onde ocorreram gerando grandes limitações para as atividades sociais, profissionais e auto-imagem do paciente. Ocorre, sobretudo, em adultos jovens na faixa etária entre 20 e 45 anos de ambos os sexos, com predileção pelo feminino na proporção de 3:1.

Em relação a sua etiologia, vários estudos vem sendo desenvolvidos e, na presente pesquisa, foi realizada uma investigação a respeito da hipótese serotoninérgica onde os ataques de pânico são atribuídos, possivelmente, a baixos níveis de serotonina na fenda sinaptica. Através de experimentos com cobaias, em que determinou-se um grupo controle, sujeito A (mantido em condições "amenas" e em seu ambiente típico) e um grupo estimulado à uma situação de pânico, sujeito B, pode ser verificado a presença da serotonina em maiores quantidades na estrutura cerebral do sujeito B constatando-se o seu papel de moduladora da ansiedade, nesse caso, através de um efeito ansiolitico, conforme também pesquisado em levantamentos teóricos.

Sobre os tratamentos para o Transtorno do Pânico, com base nos estudos realizados, é feita uma referencia à importância do uso de medicamentos (como os anti-depressivos) aliados à psicoterapia, onde é sugerido o uso de técnicas comportamentais e cognitivas como forma de esclarecer, encorajar e estimular a auto-estima.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DATTILIO, F.M; FREMAN, A. **Estratégias Cognitivo - Comportamentais para Intervenção em Crises - Tratamentos de Problemas Clínicos.** Campinas Psy II, 1995.

__________ **DSM- IV - Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

GENTIL, V; LUTOFO- NETO, F. **Pânico, Fobias e Obsessões**. São Paulo, Ed. USP, 1994.

KELLER, L. A. **Síndrome do Pânico.** São Paulo, Ed. Globo, 1997.

PEREIRA, M.E.C**. Contribuição à Psicopatologia dos Ataques de Pânico**. São Paulo, Lemos Editorial, 1997.

ITO, L. M. et all. **Terapia Cognitivo Comportamental para Transtornos Psiquiátricos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

Orientador (a): Lourdes Santina Tomazella

INCLUSÃO SONHOS INFANTIS EM PSICODIAGNÓSTICO.

BISORDI, D. S.

No presente trabalho venho levantar a questão, se é possível a inclusão de relatos de sonhos de crianças entre cinco e seis anos de idade, como um instrumento no processo de psicodiagnóstico.
O desenvolvimento infantil, psicanaliticamente entendido (como um desenvolvimento psicosexual), coloca a criança em um lugar até então nunca ocupado. Desejos, fantasias, necessidades, etc. já fazem parte da dinâmica do indivíduo na mais tenra infância, claro que com determinantes específicas à cada fase etária. Este "novo – velho" ser humano que começa a ser visto como uma pessoa merecedora de entendimento, e que, passa a ser necessariamente estudado também para entender o adulto, acaba por merecer um lugar no cenário clínico. E assim, tem- se início a psicoterapia psicanalítica de crianças.
"O processo psicodiagnóstico configura, uma situação com papéis bem definidos e com um contrato no qual uma pessoa (o paciente) pede que a ajudem, e outra (o psicólogo) aceita o pedido e se compromete a satisfazê- lo na medida da suas possibilidades. É uma situação bi- pessoal (psicólogo- paciente ou psicólogo- grupo familiar), de duração limitada, cujo objetivo é conseguir uma descrição e compreensão, a mais profunda e completa possível, da personalidade total do paciente ou do grupo familiar. Enfatiza também a investigação de algum aspecto em particular, segundo a sintomatologia e as características da indicação (se houver). Abrange os aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognóstico) desta personalidade, utilizando para alcançar tais objetivos certas técnicas, tais como as Projetivas"(O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas- Ocampo- pág.13).
Realizamos uma pesquisa com 8 crianças, de em média 5 anos 6m de idade, onde para cada uma individualmente foi pedido: relato de um sonho, confecção de um desenho livre e relato de uma história sobre o mesmo (Técnica do Desenho-História- Walter Trinca) e relato de histórias das Pranchas I e II do CAT-A . Através da análise dos resultados obtidos chegamos à conclusão de que , é possível uma criança na idade pesquisada relatar seus sonhos, e incluirmos tal procedimento como mais uma Técnica Projetiva no processo de psicodiagnóstico. Desde que, no material onírico infantil, são revelados materiais inconscientes, suscitados também em outras Técnicas Projetivas.
Sabemos porém que, o pedido de relato de sonhos não é frequentemente utilizado em psicodiagnósticos infantis. Desde que, no presente trabalho, pesquisamos também, sete profissionais da área, sendo que dentre estes, apenas dois, utilizavam-se do sonho como mais uma técnica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABERASTURY, ARMINDA **Psicanálise da criança- teoria e técnica.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
BELLACK, LEOPOLD e BELLACK, SONYA **Teste de Apercepção Infantil CAT-A .** São Paulo, Mestre Jou, 1967.
FREUD, SIGMUND, (1900), **A interpretação dos Sonhos, in Obras Completas-** Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago.
LAPLANCHE E PONTALIS **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.
OCAMPO, MARÍA LUISA SIQUIER, ET ALLI **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas.** São Paulo, Martins Fontes, 1995.
TOMAZELLA, LOURDES SANTINA **Tese de mestrado- Um levantamento de características do Conteúdo de Sonhos em Crianças de seis anos de idade. (1984).**
TRINCA, WALTER **Formas de Investigação em Psicologia.** São Paulo, Vetor , 1997.

Orientador (a): Luís Sérgio Sardinha

MEU EU, MINHA FAMÍLIA, MINHA DROGA-ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A CONSTITUIÇÃO DO SELF, A FAMÍLIA E A DROGADEPENDÊNCIA.

CASARTELLI, R. DE C.

ASPECTOS PSICODINÂMICOS DOS USUÁRIOS DE ECSTASY E SUAS SINTOMATOLOGIAS.

GARCIA, A. L.

SÍNDROME DE DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO TRATAMENTO E PRESENÇÃO DA RECAÍDA.

MAZUCA, K. P. P.

Orientador (a): Luiz Fernando Bacchereti

O PERFIL DO CONSULTOR INTERNO DE R.H.

BUENO, K. S.

A área de Recursos Humanos vem passando por algumas mudanças nos últimos anos. Mudanças em sua estrutura e em seus objetivos. Uma das modificações em sua estrutura é a introdução do modelo de Consultoria Interna de Recursos Humanos.
Através de Pesquisa Bibliográfica, ilustrada com um estudo de caso realizado através de entrevistas semi-dirigidas, procurou-se traçar o perfil do Consultor Interno de Recursos Humanos, levantando as habilidades e conhecimentos necessários para o desempenho da função.
O Consultor Interno tem por objetivos aproximar a área de Recursos Humanos das demais áreas da organização, maximizando a produtividade e a lucratividade. Propiciar um maior conhecimento dos clientes internos, de suas necessidades, permitindo maior agilidade nas soluções.
Como representante da área de Recursos Humanos, precisa estar bem preparado e consciente de seu papel. Deve ter clareza sobre suas atividades e seus objetivos. A organização, por sua vez, deve saber o que espera deste profissional e qual o perfil desejado.
Através do levantamento bibliográfico das funções e habilidades do Consultor Interno e, a partir da ilustração realizada, foi possível identificar algumas características que poderão contribuir para o estabelecimento de um perfil para o objeto de estudo do presente trabalho.
Basicamente, pode-se dizer que o Consultor Interno deve ser uma pessoa com facilidade de estabelecer e manter relacionamentos profissionais, com ótima comunicação, pró-ativa, que compreenda sobre grupos e pessoas, com capacidade de realizar bons diagnósticos, generalista em Recursos Humanos, conhecedora da área cliente, das políticas e procedimentos organizacionais, que propicie o desenvolvimento de pessoas e grupos e que esteja comprometida com a organização, sendo capaz de agregar valor, atuando estrategicamente e gerando resultados.
Muitas outras habilidades comportamentais, não menos importantes, foram levantadas, tais como: persuasão; discrição; bom relacionamento com todos os níveis hierárquicos; objetividade; agilidade; capacidade de argumentação; comunicação clara; qualidade do trabalho; franqueza; clareza; capacidade de dar respostas rápidas; senioridade (relativa à Recursos Humanos); capacidade de percepção; ser questionador; capacidade de dar limites e contornar relações difíceis; análise crítica; visão global; credibilidade; não se deixar manipular; não ter medo do cliente; ser duro, quando necessário e assertividade.
O levantamento deste perfil poderá ser útil na implantação e manutenção do modelo de Consultoria Interna de Recursos Humanos, cabendo às organizações adequá-lo às suas especificidades, quando necessário.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BLOCK, P. **Consultoria: o desafio da liberdade.** São Paulo, Makron Books, 1991.
CHIAVENATO, I. **Como transformar RH (de um centro de despesas) em um centro de lucro.** São Paulo, Makron Books, 1996.
________________**Gestão de Pessoas; o novo papel dos Recursos Humanos nas organizações.** Rio de Janeiro, Campus, 1999.
ELTZ, F.; VEIT, M. **Consultoria Interna.** Salvador, Casa da Qualidade, 1999.
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ed. São Paulo, Atlas, 1996.
JUNQUEIRA, L.A.; MARCHIONI, C. **Cada empresa tem o consultor que merece.** São Paulo, Editora Gente, 1999.
MONTANA, P. J.; CHARNOV, B. H. **Administração.** São Paulo, Saraiva, 1998.
ORLICKAS, E. **Consultoria Interna de Recursos Humanos: conceitos, cases e estratégias.** 3ed. São Paulo, Makron Books, 1999.

STRESS E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO.

SOUZA, V. M. DE

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da manutenção da Saúde e Qualidade de Vida dos funcionários nas organizações, a fim de garantir a satisfação dos mesmos com suas respctivas tarefas e alcançar, conseqüentemente, maior produtividade para a empresa.
A preocupação com tais aspectos existe há muito tempo, porém observa-se que existe a necessidade de se adotar, nas empresas, medidas que atuem diretamente frente aos mesmos.
O trabalho, para muitas pessoas, tem se tornado sinônimo de angústia e irritação, ao invés de proporcionar prazer e realização pessoal. As pressões vividas diariamente nas empresas, advindas da rápida velocidade de mudanças em nível tecnológico, dos difíceis relacionamentos, do alto índice de desemprego atual, entre outros fatores, podem gerar o *stress* ocupacional, interferindo negativamente na vida dos colaboradores, tanto em nível profissional, como também pessoal.
Vale ressaltar a importância de se considerar as dimensões biológica, psicológica e social para o estudo da Qualidade de Vida no Trabalho, já que o ser humano reage perante esses três níveis frente às diversas situações.
O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, utilizando-se de livros, artigos, revistas, jornais, entre outros. Para melhor verificar a hipótese de que a Qualidade de Vida influencia a satisfação dos colaboradores nas empresas, foi realizado um Estudo de Caso baseado no programa de Qualidade de Vida no Trabalho de uma empresa localizada na cidade de São Paulo. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-dirigida.
Através da análise dos dados obtidos no presente estudo, observa-se que a empresa enfatiza em seu projeto as questões de ordem física e orgânica, direcionando a sua atuação prioritariamente para tais aspectos, realizando atividades de prevenção de doenças físicas, cursos de primeiros socorros, educação em saúde, ginástica laboral, política anti-tabagismo, entre outros.
Foram constatados, portanto, outros fatores importantes a serem estudados e incluídos na empresa em questão, além dos já fundamentados em seu projeto de Qualidade de Vida no Trabalho, a fim de ampliar, a longo prazo, a sua atuação para os níveis psicológico e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, I. *Recursos Humanos* . Ed. Compacta. São Paulo: Atlas, 1.985.
FERNANDES, E.D. *Qualidade de Vida no Trabalho.* Salvador, Casa da Qualidade, 1.996.
FRANÇA,AC.L.. *Indicadores empresariais de qualidade de vida no trabalho:* esforço empresarial e satisfação dos empregados no ambiente de manufaturas com certificação ISO9.000 . São Paulo, 1.996. 213p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.
FRANÇA, ACL; RODRIGUES, AL. *Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática.* 2ªed.. São Paulo: Atlas, 1.999.

Orientador (a): Maria Alice B. Lapastine

UMA INVESTIGAÇÃO PSICANALÍTICA DA TRILOGIA "A LIBERDADE É AZUL", "A IGUALDADE É BRANCA" E "A FRATERMINA É VERMELHA" DO CINEASTA POLÔNES KRZYSTOF HIESLOWSKI.

FERREIRA, R. C. DE S.

O objetivo do trabalho é o de fazer uma análise da trilogia "A Liberdade é Azul", "A Igualdade é Branca" e "A Fraternidade é Vermelha" do cineasta polonês Krzysztof Kieslowski, através do referencial psicanalítico freudiano. Os três filmes discutem os conceitos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ideais da Revolução Francesa, nos dias atuais e por um ponto de vista pessoal, introspectivo e não social., tendo sido produzidos entre os anos de 1993 e 1994.

O trabalho vem demonstrar como o cinema pode vir a proporcionar a observação da dinâmica inconsciente da sociedade, revelado no conteúdo latente dos filmes. Legado da própria humanidade, o cinema passa a ser uma forma de comunicação do simbolismo existente no inconsciente dos homens, tornando possível a análise dos seus desejos, conflitos, angústias e necessidades através dos filmes que são produzidos por ela. Nesse sentido, o cinema passa a ser de fundamental importância para a Psicologia, que aqui pode encontrar um campo de estudos muito rico para a investigação dos aspectos psicológicos envolvidos nas relações entre as pessoas e delas para consigo.

Por ser um estudo de caso, além dos três filmes foi utilizado como base para a análise a teoria psicanalítica e o estudo da história do cinema e da vida profissional do autor e diretor dos filmes, para situá-los no contexto de história da humanidade.

Observou-se, pela análise da trilogia, como o homem tem apresentado dificuldade nos relacionamentos interpessoais na atualidade. As relações entre os seres humanos neste final de século parecem ocorrer muito mais por aquilo que o outro pode oferecer do que pelo que esse outro é. Também evidencia-se a dificuldade em aceitar a importância do outro para si, vendo na relação com ele a representação da dependência, frustração, perda e da dor. Isso faz com que ao invés do indivíduo se abrir para o mundo externo, estabelecendo relações satisfatórias e produtivas, fecha-se em si mesmo, negando a necessidade de se relacionar e buscando em si as gratificações que acredita não poder obter no outro. Isso pode vir a explicar a superficialidade nas relações entre os seres humanos nos dias atuais, o que acaba por gerar mais frustrações e isolamento.

Refletir sobre as questões que envolvem os seres humanos e seus relacionamentos, para desta forma agir sobre a problemática, passa a ser de grande importância não apenas para a Psicologia mas para toda a humanidade, buscando maiores e melhores soluções para uma vivência mais plena e satisfatória na vida em sociedade.

Observou-se a importância dos aspectos psicológicos referentes ao cinema na sociedade como representante de sua dinâmica inconsciente e nesse sentido o trabalho chegou aos objetivos propostos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BERGERET, Jean. *Personalidade Normal e Patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas,

BILHARINHO, Guido. *Cem Anos de Cinema.* 1ª ed., Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1996.

FRANÇA, Andrea. *Cinema em Azul, Branco e Vermelho: A Trilogia de Kieslowski.* s/ed., Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

FREUD, Sigmund. *Artigos Sobre Metapsicologia* In: *Obras Completas.* Vol.XIV. 2ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana.* Vol.3. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LAPLANCHE et PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise.* 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PACHECO E SILVA, A. C. *Cinema, Literatura e Psicanálise.* s/ed., São Paulo: EPU, 1998.

DANUSIA, Stok. *Kieslowski on Kieslowski.* s/ed., London: Faber and Faber Limited, 1993.

ADOLESCÊNCIA: ATÉ QUANDO?

NIKAEDO, M. K. L.

O objetivo deste trabalho é o de verificar em que medida a inserção nas representações sociais objetivamente estabelecidas, tais como: trabalho, casamento, profissão são suficientes para caracterizar psiquicamente um indivíduo como sendo adulto.
Baseando-se no referencial teórico psicanalítico consultado, buscou-se levantar critérios para investigar se jovens adolescência de fato já se encontram em funcionamento psíquico próprio do adulto.
Para isso utilizou-se uma amostra aleatória de 20 indivíduos, sendo mulheres na faixa etária de 21 à 25 anos e homens na faixa etária de 24 à 29 anos. Todos os sujeitos da amostra são considerados socialmente adultos estando concluindo ou já tendo concluído um curso de graduação, sendo 52% já posicionados no mercado de trabalho e 15% estão casados.
Observou-se através da análise de dados que o processo de transformação completo pode ser um pouco mais longo do que sugere a grande maioria dos autores pesquisados, tornando-se difícil afirmar que as representações sociais possam ser apontadas como indicadores para caracterizar uma pessoa como adulta.
Foi surpreendente encontrar alguns dados como: 42,8% dos homens, menos da metade, considera sua relação com seus pais como sendo baseada numa relação de igualdade, apenas 30,7% as mulheres da amostra se sente emocionalmente independente de seus pais e com relação a agir de forma racional, para ambos os sexos obteve-se menos da metade das respostas positivas 42,8% nos homens e 30,7% entre as mulheres contrário ao esperado, pois tratam-se de jovens na faixa etária considerada pela maioria doas autores pesquisados, nesta bibliografia, como sendo pessoas adultas.
Pode-se dizer, que alguns dos resultados obtidos neste estudo apresentam-se como um estímulo a novas pesquisas e classificações.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

ABERASTURY, A e KNOBEL, M – *Adolescência normal*. Artes Médicas, PA
BLOS, Peter – *Adolescência – uma interpretação psicanalítica*. Martins Fontes, SP
CARVAJAL, Guilermo, - *Torna-se Adolescente – a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência,* Cotez,1998,SP
DAVID, Pierri – *Psicanálise e família*. Martins Fontes, SP
DOLTO, Francoise – *A Causa dos Adolescentes*. Nova Fronteira, SP
ERIKSON, Eric – *Juventude, crise e identidade,* Zahar, RJ
FREUD, Anna – *Infância normal e patológica – determinantes do desenvolvimento.* Zahar, RJ
FREUD, Anna – *On Adolescence*. Zahar, 1957
GALLANTIN, Judith – *Adolescência e individualidade.* Harbra, SP
LAPLANCHE E PONTALIS – *Vocabulário de Psicanálise.* Martins Fontes, SP, 1992
LEVISKY, David Léo, - *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas, Casa do psicólogo, SP*
OSÓRIO, L.C. – *Adolescência hoje.* Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.
OUTEIRAL, José Ottoni, - *Adolescer*: *Estudos Sobre Adolescência*, Artes Médicas Sul,Porto Alegre, 1994
RAPPAPORT, Clara Regina et all, *Psicologia do desenvolvimento – vol. IV.* EPU, SP *Adolescência, abordagem psicanalítica.* EPU, SP
SHEEHY, G. – *Passagens – crises previsíveis da vida adulta*. Francisco Alves, RJ
STAUDE, John Raphael – *O desenvolvimento adulto de Carl Gustave Jung.* Cultrix, SP
SKINNER, B.F. e VAUGHAN, M.E. – *Viva bem a velhice – aprendendo a programar a sua vida.* Summus Editorial,
WINNICOTT,D.W.- *A Família e o desenvolvimento individual,* Martins Fontes, SP

A MÚSICA NUMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA E PSICANALÍTICA.

VALLONE, P. F. D.

Este trabalho pretendeu analisar à luz da filosofia e da psicanálise, as emoções, reações, influências e quaisquer outros aspectos suscitados nos seres humanos através da música. Para tanto buscou compreender os ensaios filosóficos de Nietzsche e posteriormente incursionou em conceitos psicanalíticos, priorizando a abordagem freudiana. Apesar de encontrarmos pontos de convergência entre Nietzsche e Freud, observa-se que Freud ocupou-se deste tema de forma bastante diferente da de Nietzsche. Para Freud, as representações que catexiam os objetos são intrinsecamente ligadas à biografia de cada ser humano, bem como, são resultantes da articulação entre mundo interno e mundo externo, o que determina a forma como cada um poderá desfrutar desta arte. Observa-se ainda que por diferenças sócio culturais, familiar, religiosas e histórica, cada um deles desenvolveu sua teoria por uma determinada ótica, ficando claro que a teoria de Nietzsche propõe que a música dionizíaca, atenua o sofrimento da angústia da existência mas para Freud outras formas se colocam também como eficazes, apesar de reconhecer na arte uma vigorosa fonte de possibilidade de lidar com ela. Há, entre os dois autores, uma diferença idiossincrásica que se expressa também pelo contraste entre o culto à música inseparável do nitzscheísmo e à aversão pessoal de Freud pela música. Freud não fica impermeável ao sofrimento, mas privilegia o humor como "antídoto" ao sofrimento existencial, o que para Nietzsche também adquire sentido, porém de forma menos eficiente. Cada indivíduo encontra um modo único de atenuar a angústia, intrinsecamente ligada à uma pluralidade de fatores que determinam a complexidade do psiquismo humano. Quanto à compreensão de Nietzsche sobre a música como forma de atenuar a angústia, a tônica recai sobre as sensações desmedidas e caóticas, do destempero, do fluxo torrente de vida representado por Dionízio. Porém, Apolo e Dionízio são tomados em primeiro lugar, apenas por metáforas dos instintos estéticos; são faces da mesma vida, são máscaras do mesmo deus. Há uma prevalência do princípio do prazer, a qual não se sustenta no mundo civilizado. Freud, discorre sobre as representações com sobriedade. Vincula à realidade a possibilidade de uma vida mental sadia. No momento em que consideramos a realidade, é dever dos homens integrá-la aos desejos e é através desta compreensão que Freud classifica os processos pelos quais isso torna-se possível sem prejuízo da saúde psíquica. Sem dúvida, esta teoria pode parecer menos sedutora que as idéias de Nietzsche, que guardam seus júbilos em seu conteúdo mítico. Também é sedutor o sonho do homem teórico de Socrates, porém falível para lidar com a temporária existência. Freud não vê saída épica para a angústia da insignificância da existência. Não apresenta qualquer mágica ou bálsamo, nenhum mito ou hino. No entanto, sua contribuição supera qualquer outra, pois Freud observa as diversas maneiras pelas quais os homens procuram manter-se vivos diante de um fim inevitável ainda que a realidade se imponha com sua natureza trágica. Freud não ocupou-se da música, mas das representações, o que tornou possível compreendermos que na música há uma infinita gama signos, nas quais se inserem toda complexidade humana.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

EXLEY, H. *Passion de la Musique- Citations.* Paris, France: Exley Publications, 1995.

FREUD, S. "Artigos Metapsicológicos". In *Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1915. (vol. XI)

FREUD, S.*"Inibição, Sintoma e Angústia"* in *Obras Completas.*, Rio de Janeiro: Imago (1926[1925]). (vol.XX)

FREUD, S."O ego e o Id". In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1923. (vol.XIX)

FREUD. S. - "As Pulsões e suas vicissitudes". In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1915. (vol.XIV)

FREUD. S. - "O Mal-Estar na Civilização". In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1930. (vol.XXI)

FREUD. S. - "Para Introduzir o Narcisismo" In: *Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1930. (vol.XXI)

GARCIA-ROZA, L.A. *Metapsicologia Freudiana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GIACÓIA. O. JR. "O Conceito de Pulsão em Nietzsche". In: MOURA A, Hyppolito (org.). As Pulsões. São Paulo, EDUC, 1995.

LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. 8ed. Guanabara: Koogan, [s.d].

NIETZSCHE, F. *O Caso Wagner Um problema para músicos. Nietzsche contra Wagner Dossiê de um Psicólogo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da tragédia no espírito da música.* São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VALENTI, P. W. Artigo publicado no jornal A Gazeta, Jaboticabal, SP.14 de junho de 1997.

WISNIK, J. M. *O Som e o Sentido Uma história das Músicas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Orientador (a): Maria Carolina Azevedo

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A MAGISTRATURA.

NORONHA, D. D.

O trabalho tem o objetivo de explorar as relações existentes entre a magistratura e o superego, instância psíquica descrita por Freud como a representante da lei interna. Os magistrados, com o poder de julgar, são os representantes da Lei, agindo, portanto como uma espécie de superego na sociedade. Existe uma semelhança de funções e cada um, a seu modo, julga, pune e organiza atos, desejos e pensamentos, promovendo assim, a contenção dos impulsos que, se atuados, inviabilizariam as relações humanas.

O direito surge de uma necessidade da civilização em se organizar para defender-se dos ataques externos e, principalmente, das falhas superegóicas que representariam uma ameaça à manutenção dessa mesma civilização, e por conseqüência à sobrevivência do homem como ser individual.

Para embasar essa reflexão foram entrevistados dois juízes,atuantes na área, através de entrevistas semi dirigidas, no intuito de investigar a influência do próprio superego nas motivações que os levaram à escolha de uma profissão que encontra um paralelo em parte de seu funcionamento psicodinâmico.

Os resultados obtidos dessas entrevistas indicam para uma identificação entre o funcionamento do superego e a lei. Ambos são rígidos e não admitem falhas de conduta. O medo da punição permeia suas vidas e a autoridade é vista como indispensável no represamento dos impulsos que insistem em se manifestar. Eles entendem que sua opção profissional seja uma conseqüência do que eles sempre foram, isto é, sempre tiveram suas vidas pautadas na retidão e na aversão ao ilegal. Esse comportamento indica uma necessidade de encontrar na lei positiva um auxílio para o superego na contenção de impulsos que, por serem muito intensos, ameaçam a estrutura egóica dos sujeitos, confirmando a suposição de que haja um paralelo entre a magistratura e a maneira como se desenvolveu seu superego.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bobbio, N. **A Era dos Direitos;** trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Campus, 1992
D'Oliveira, M. M. H. **Ciência e Pesquisa em Psicologia.** São Paulo, EPU, 1984
Freud, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Edição Standard brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1996
Garcia-Roza, L.A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana 3**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995
Kant, I**. Os Pensadores**, São Paulo, Nova Cultural, 1999
Lion, D. **As Regras Morais e a Ética**; trad. Luis Alberto Peluso. Campinas- SP, Papirus, 1990
Piaget, J. **O Juízo Moral da Criança.** São Paulo Summus, 1994

UMA INTRODUÇÃO AO TEMA DA LIBERDADE EM FREUD E EM SARTRE.

NOSEK, A. S.

Este trabalho teve como objetivo iniciar um estudo comparativo acerca de duas visões diferentes do ser humano, o pensado por Freud, segundo a óptica da psicanálise, e o elaborado por Sartre, de acordo com a visão existencialista. A grande descoberta de Freud seria a existência de processos mentais que são totalmente inconscientes. Introduziu-se a sua teoria descrevendo os dois modelos teóricos da estrutura da personalidade: a primeira tópica, que divide a psique em duas partes (consciente e inconsciente); e a segunda tópica que, sem excluir o primeiro modelo, divide a personalidade em três regiões (id, ego e supreego). Paralelamente a elaboração da Segunda tópica (1923) Freud inseriu os conceitos de pulsão de morte e de vida. A pulsão de morte seria uma pulsão silenciosa, que age no homem sem que ele tenha consciência. A compulsão a repetição seria a representação concreta da ação da pulsão de morte. Assim sendo, de acordo com a visão psicanalítica, o homem não tem domínio do seu psiquismo. Já, segundo Sartre, o homem tem uma organização psíquica distinta da concebida por Freud: é um ser consciente e sua única prisão é estar condenado à sua eterna liberdade. Para Sartre tudo está em *ato*, ou seja, a aparências das coisas já encerra toda a essência. Os fenômenos que aparecem são totalmente reveladores de si mesmo, não contendo nada de oculto. No homem a existência precede a essência, primeiro o homem existe, somente depois se define. É responsabilidade de cada homem, exclusivamente, a construção de sua essência. Logo, o homem é totalmente responsável por aquilo que é, não existindo nenhum tipo de essência (divina, biológica, psicológica ou social) que anteceda e possa justificar o ato livre. O homem é um ser livre e esta é a única imposição feita ao ser humano. Essa liberdade causa extrema angústia, e muitas pessoas fogem desta, aliando-se à má-fé. A má-fé é o processo de enganar a si mesmo, simulando não ser livre, minimizando desta forma, a angústia gerada pela responsabilidade da liberdade. Enfim, são duas concepções opostas. Entretanto, ao traçar uma comparação acerca da questão do julgamento de si e do outro em ambas teorias, a hipótese levantada refere-se à dificuldade de realizar um julgamento imparcial. Percebe-se que o julgamento geralmente está mais associada à pessoa que julga do que propriamente ao fato julgado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bornheim, G.A **Sartre, Metafísica e Existencialismo.** 2°Ed., São Paulo, Perspectiva, 1984.
Fadiman, J. & Frager, R. **Teorias da Personalidade.** São paulo, Harper, 1979.
Freud, S. **Artigos Sobre Metapsicologia. (1914-1918), Vol XIV.** Rio de Janeiro, Imago, 1969.
Freud, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos ((1923-1925), vol XIX.** Rio de Janeiro, Imago, 1969
Freud. S. **Além do Princípio do Prazer (1920-1922) Vol XVIII.** Rio de Janeiro, Imago, 1969.
Freud. S. **O Mal estar da Civilização (1927-1931) vol XXI**. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
Laplanche, J. & Pontalis, J.B. **Vocabulário de Psicanálise.** 7 ed., Paris, Press Universitares, 1983.
Moutinho, L.D.S. **Sartre: Psicologia e Existencialismo.** São Paulo, Brasiliense, 1995.1995**.**
Perdigão, P. **Existência e Liberdade.** Porto Alegre, L&PM, 1995.
Rappaport, C.R. **Temas Básicos de Psicologia – Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung.** São Paulo, E.P.U., 1984.
Sartre, J.P. **O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica.** Petrópolis, Vozes, 1997.

Bornheim, G.A **Sartre, Metafísica e Existencialismo.** 2°Ed., São Paulo, Perspectiva, 1984.
Fadiman, J. & Frager, R. **Teorias da Personalidade.** São paulo, Harper, 1979.
Freud, S. **Artigos Sobre Metapsicologia. (1914-1918), Vol XIV.** Rio de Janeiro, Imago, 1969.
Freud, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos ((1923-1925), vol XIX.** Rio de Janeiro, Imago, 1969
Freud. S. **Além do Princípio do Prazer (1920-1922) Vol XVIII.** Rio de Janeiro, Imago, 1969.
Freud. S. **O Mal estar da Civilização (1927-1931) vol XXI**. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
Laplanche, J. & Pontalis, J.B. **Vocabulário de Psicanálise.** 7 ed., Paris, Press Universitares, 1983.
Moutinho, L.D.S. **Sartre: Psicologia e Existencialismo.** São Paulo, Brasiliense, 1995.1995**.**
Perdigão, P. **Existência e Liberdade.** Porto Alegre, L&PM, 1995.
Rappaport, C.R. **Temas Básicos de Psicologia – Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung.** São Paulo, E.P.U., 1984.
Sartre, J.P. **O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica.** Petrópolis, Vozes, 1997.

TROPICÁLIA: UMA NOVA SENSIVILIDADE MÚSICA X MOMENTO HISTÓRICO.

SILVA, C. P. DA

O estudo do processo de colonização do Brasil e suas particularidades, dentre elas o cunhadismo, podem oferecer subsídios para a compreensão da formação das estruturas sociais brasileiras, assim como, verificar o quanto este processo desprovido de planejamento, pôde dar inicio as distancias culturais e sociais presentes até os dias de hoje. Índios, europeus e, pôr fim, os negros, as três matrizes étnicas que formaram a nação brasileira, vivem o choque do encontro de motivações distintas. O domínio europeu, exercido através da cultura escravista, dá inicio ao confinamento das tradições culturais brasileiras, assim como, contribuiu para a formação de uma classe pretensiosamente nobre, repressora. Fato recorrente na decorrer da historia brasileira.

Não tão distante da atualidade, neste final de século, a ditadura militar, atuou como representante da ocorrência da manutenção dos valores políticos, culturais, sociais e estéticos que atendem apenas aos interesses desta classe dominante. O movimento tropicalista surge como uma nova proposta estética, visando diminuir tais distancias entre centro/periferia, expondo e discutindo a problemática social e cultural brasileira. Revivendo os arcaísmos brasileiros, como o antropofagismo de Oswald de Andrade, a tropicália dá continuidade ao processo evolutivo da cultura nacional. No cinema, no teatro, nas artes plásticas e na música, foram utilizados símbolos do cotidiano urbano, resultando em soluções alegóricas, afim de situar o sujeito histórico brasileiro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil.** Companhia das Letras, São Paulo - 1995.

Veloso, Caetano. **Verdade tropical.** Companhia das Letras, São Paulo - 1997.

Favaretto, Celso. **Alegoria, Alegria.** Ateliê Editorial, São Paulo - 1996.

Hollanda, Heloísa Buarque de / Gonçalves, Marcos Augusto **Cultura e participação nos anos 60.** Editora Brasiliense, São Paulo - 1982.

Maciel, Luiz Carlos. **Geração em transe: memórias do tempo do tropicalismo.** Nova Fronteira, Rio de Janeiro - 1996.

D` Oliveira, Maria Marta. **Ciência e Pesquisa em Psicologia.** E.P.U., São Paulo – 1984.

Orientador (a): Maria Leonor E. Enéas

CRITÉRIOS DE INDICAÇÃO E RESULTADOS TERAPEUTICOS EM PSICOTERAPIA BREVE.

CAYRES, A. Z. DE F.

Verifica os resultados da psicoterapia breve em pacientes com queixas menos recomendadas à técnica, e desfecho favorável do processo (conclusão sem encaminhamento). O presente estudo é um recorte do levantamento anterior realizado com atendimentos da população adulta em 1997. Da tipologia original de 24 queixas, emprega 9 categorias e verifica 20 prontuários. Traça perfil caracterológico, e avalia a configuração adaptativa inicial e final dos pacientes e correlaciona com resultados terapêuticos. Também avalia o montante de melhora em cada item dos mesmos. Verifica predomínio da manutenção da qualidade adaptativa ao final do tratamento. Predominam pacientes que apresentam resultados inalterados. Contudo, observa alguma melhora na maioria dos ítens e objetivos plenamente atingidos. Aponta a necessidade de adequar o processo aos recursos do paciente e às condições técnicas do terapeuta, viabilizando melhor planejamento do processo com flexibilização da técnica e dos objetivos terapêuticos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARO, Jorge W. F.. Avaliação dos resultados em Psicoterapia. Revista de Psiquiatria Clínica, v.20, n.1, p.19-22, 1993.

AZEVEDO, Maria Alice S.B. de. Psicoterapia Dinâmica Breve: Saúde Mental Comunitária. São Paulo, Vértice - Revista dos Tribunais, 1988 (Enciclopédia Aberta da Psique, v.3).

CALEJON, Laura Marisa Carnielo. Reflexões sobre o processo de psicoterapia breve: relações entre condições dos pacientes (adultos), indicações e resultados. São Bernardo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1988.

CARDOSO, S.; CAYRES, A.Z.F.; ENÉAS, M.L.E.; SANTOS, C.M. Perfil da população adulta atendida em Clínica-Escola: análise de queixas e desfecho. In: ENCONTRO SOBRE PSICOLOGIA CLÍNICA, 2, São Paulo, 1999. *Programa e resumos*. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999, p.5.

CAYRES, A.Z.F.; SANTOS, C.M.; ENÉAS, M.L.E.; CARDOSO, S. Caracterização de queixas dos atendimentos de Psicoterapia Breve em Clínica-Escola. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 3., Taubaté, São Paulo, 1998. *Programa e Resumos*. Taubaté, Universidade de Taubaté, 1992, p.66-67.

CAYRES, A.Z.F.; SANTOS, C.M.; ENÉAS, M.L.E.; CARDOSO, S.. Análise dos atendimentos de adultos em Clínica-Escola: I. perfil caracterológico. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 28, Ribeirão Preto, São Paulo, 1998. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1998, p.103.

CAYRES, A.Z.F.; SANTOS, C.M.; ENÉAS, M.L.E.; CARDOSO, S.. Análise dos atendimentos de adultos em Clínica-Escola: II. Perfil de queixas e desfecho. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 28, Ribeirão Preto, São Paulo, 1998. *Resumos de Comunicações Científicas.* Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1998, p.103.

CAYRES, A.Z.F.; SANTOS, C.M.; ENÉAS, M.L.E.; CARDOSO, S.. Análise dos atendimentos de adultos em Clínica-Escola: queixa, focalidade, desfecho e resultado. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 29, Ribeirão Preto, São Paulo, 1999. *Resumos de Comunicações Científicas.* Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1999.

ENÉAS, M.L.E. *O critério motivacional na indicação de psicoterapias breves de adultos.* Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1993.

FIORINI, Hector J. (1976). Teoria e Técnica de Psicoterapias. 12.ed., São Paulo, Francisco Alves, 1999.

KNOBEL, Maurício. Psicoterapia Breve. 2.ed., São Paulo, EPU, 1986 (Temas Básicos de Psicologia, v.14).

LOWENKRON, Theodor Salomão. Psicoterapia psicanalítica breve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

MALAN, David Huntingford. (1976). As Fronteiras da Psicoterapia Breve: um exemplo da convergência entre pesquisa e prática médica. Trad. Laís Knijnik e Maria Elisa Z. Schestatsky. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

SANTOS, C.M.; ENÉAS, M.L.E.; CAYRES, A.Z.F.; CARDOSO, S.. Queixas de relacionamento da população adulta atendida em clínica-escola: focalidade e desfecho. In: ENCONTRO SOBRE PSICOLOGIA CLÍNICA, 2, São Paulo, 1999. *Programa e resumos*. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999, p.5.

SIFNEOS, Peter E. (1987). Psicoterapia Dinâmica Breve: avaliação e técnica. Trad. Alceu Edir Fillmann. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

SIFNEOS, Peter E. Psicoterapia Breve Provocadora de Ansiedade. Trad. Maria Rita Hoffmeister. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

SIMON, Ryad. Do diagnóstico à psicoterapia breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v.45, n.7, p.403-408, 1996.

SIMON, Ryad. Psicologia Clínica Preventiva: Novos Fundamentos. São Paulo, EPU, 1989 (Psicologia).

YOSHIDA, Elisa M. P.. Psicoterapias Psicodinâmicas Breves e critérios Psicodiagnósticos. São Paulo, EPU, 1990.

YOSHIDA, Elisa M. P.; COELHO FILHO, Joaquim G.; ENÉAS, Maria Leonor Espinosa e XAVIER, Ione A.. Exercício de Psicoterapia Breve em Instituições de saúde de Campinas – SP. Revista de Psicologia Hospitalar, v.4, n.1, p.20-25, jan / jun. 1994.

DESISTÊNCIA EM PSICOTERAPIA BREVE: PESQUISA DOCUMENTAL E PERSPECTIVA DO PACIENTE.

CHILELLI, K. B.

Este trabalho estuda a desistência de pacientes em psicoterapia breve visto que é um assunto pouco pesquisado e de grande importância, devido ao grande índice de ocorrência. Foram consultados os prontuários de 21 pacientes de ambos os sexos com idades entre13 e 68 anos que no primeiro semestre de 1997 realizaram psicoterapia breve na clínica psicológica da Universidade Mackenzie. Foram levantadas informações como: n.o do prontuário, nome do sujeito, sexo, idade, escolaridade, estado civil, n.o de sessões previstas, n.o de sessões realizadas, n.o de faltas, sessões que ocorreram as faltas, queixa, foco e motivo da interrupção. Após este levantamento inicial, os sujeitos foram contatados por telefone para uma investigação a respeito da desistência e um convite para retornarem ao atendimento na Clínica Psicológica da Universidade Mackenzie. Quanto ao contato telefônico foi pesquisado o que o paciente achou da terapia, se viu algum benefício e o que ocorreu para que a terapia não chegasse ao término. Observa-se o predomínio de atendimentos a pacientes do sexo feminino (76,1% da amostra), com sujeitos de 13 a 22 anos representam 19% da amostra, os solteiros (61,9%). Verificou-se que o índice de desistência na Clínica Psicológica da Universidade Presbiteriana Mackenzie equipara-se ao observado na literatura. Há um grande índice de pacientes que interrompem o tratamento. O processo terapêutico, em geral, oferece algum tipo de ameaça a quem a ele se submete. Para eliminar ou minimizar a queixa trazida pelo paciente, é necessário através de métodos específicos, promoverem-se algumas mudanças, desejadas mas temidas, que em geral, oferecem desconforto ao paciente, pois vê-se diante de condições inesperadas. No decorrer desta pesquisa percebeu-se a importância que se dá aos pacientes que comparecem ao atendimento, esquecendo-se então daqueles que interrompem o processo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRAIER, E. A. *Psicoterapia Breve de Orientação psicanalítica.* 2ª Ed. São Paulo; Martins Fontes, 1984.
FIORINI, H. *Teoria e técnica de psicoterapias.* 9ª Ed. Rio de Janeiro; Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1990
KNOBEL, M. *Psicoterapia Breve*. 2ª Ed. São Paulo; EPU, 1986.
LEMGRUBER, V. B. Psicoterapia Breve: A Técnica Focal. 3ª Ed. Porto Alegre; Artes Médicas, 1990.
MALAN, D. H. *Psicoterapia individual e a Ciência Psicodinâmica*. Juchem. Porto Alegre; Artes Médicas, 1983.

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE PROCESSO DE TÉRMINO EM PSICOTERAPIA BREVE.

LIMA, L. C.

Tendo em vista que a questão temporal de limitar a duração do processo terapêutico traz para este um dado concreto, real e que provavelmente influenciará no alcance dos objetivos propostos, este trabalho tem como objetivo conhecer a maneira como o processo de término em psicoterapia breve está sendo entendido pelos pacientes e conduzido pelos terapeutas na Clínica Psicológica do Mackenzie. Investiga as vertentes como: o estabelecimento e a comunicação do término, o manejo de ambos, e a reação dos pacientes diante desses. Primeira parte constituída de pesquisa documental com prontuários de pacientes atendidos em Psicoterapia Breve de Adultos durante o ano de 1997, cuja idade variava entre 25-35 anos de ambos os sexos, que tiveram os processos concluídos ou interrompidos. A segunda parte constou de questionários com terapeutas-estagiários do curso de Psicologia da Universidade Mackenzie que haviam passado pelo atendimento de psicoterapia breve de adultos no semestre anterior. Conclui que há pouca informação disponível na literatura, assim como nos prontuários e fornecidas pelos terapeutas-estagiários o que dificulta a exploração do tema. A pesquisa documental verifica que o estabelecimento do término do processo em 50% dos casos concluídos foi realizado de maneira clara e ao término das entrevistas diagnósticas; e que em 60% dos casos concluídos a comunicação do término do processo foi realizada de forma clara, com o estabelecimento da data da última sessão e que diante deste, 50% dos pacientes relutaram mas aceitaram. Na opinião dos terapeutas o estabelecimento do término foi realizado juntamente com a proposta de foco. Os pacientes sempre expressaram algum tipo de reação diante da comunicação do término do processo em ambas as pesquisas. Faz-se necessário a realização de outras pesquisas para investigar outras variáveis relevantes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRAIER, E.A., (1984). **Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CARDOSO, S., CAYRES, A.Z.F., ENÉAS, M.L.E. e SANTOS, C.M. (1999).

COELHO F°, J.G. (1997). **Término em Psicoterapia Dinâmica Breve** in SEGRE, C. (org.). Psicoterapia Breve. São Paulo: Lemos, p. 105-117.

DEWALD, P., (1973). **Psicoterapia, uma abordagem dinâmica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

KNOBEL, M., (1986). **Psicoterapia Breve**. São Paulo: EPU, 1994.

LEMGRUBER, V. (1997). **Psicoterapia Breve Integrada**. Porto Alegre: Artes Médicas.

MALAN, D.H. (1976). **Psicoterapia individual e a ciência da psicodinâmica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

YOSHIDA, E. M. P. (1990), **Psicoterapias Psicodinâmicas Breves e Critérios Psicodiagnósticos**. São Paulo: E.P.U.

ESTUDO DA TRANSFERÊNCIA DENTRO DA P.B.

LONGO, U.

O presente trabalho promove uma reflexão pautada sobre os alicerces da psicanálise, acerca do desenvolvimento da transferência em Psicoterapia Breve dirigida ao *insight* e também do manejo ideal da transferência dentro do processo em questão. Para tanto, em primeiro momento foi realizado um sucinto histórico da evolução das psicoterapias breves. O interesse em abreviar os tratamentos tradicionais, se dava a medida que ficava impossível atender a população nas Instituições, sendo assim, alguns autores como Ferenczi, Alexander e French deram o primeiro passo no desenvolvimento de uma nova modalidade de atendimento clínico. A grande contribuição de Ferenczi para desenvolvimento da nova modalidade de psicoterapia que estava por surgir, foi estipular uma data para o término do tratamento. Já Alexander e French frisavam a importância de uma participação mais ativa do terapeuta e a importância de um vínculo bem estabelecido, como forma de promover mudanças no padrão de relacionamento do paciente. A partir da década de 50, o movimento foi tomando forma, através de colaboradores como Michael Balint, David Malan e Peter Sifneos. Em um segundo momento do trabalho, foram definidos conceitos de transferência e neurose de transferência. Sobre transferência temos que, é o fenômeno de deslocar determinado material inconsciente à outrem. É mais do que um deslocamento, é a união de material inconsciente do passado, com o presente, resultando em um falso enlace, sobrepondo o objeto original ao atual. Essa junção do passado com o presente está vinculada à objetos e desejos infantis, que não são conscientes para o paciente, e por isso mesmo lhe dão um aspecto irracional, em que as reações do indivíduo não parecem estar ajustadas nem em qualidade, nem em quantidade à situação vivida no momento. Esse fenômeno é universal e não privilégio de processos de análise ou psicoterapia. Levando em conta o *setting* terapêutico, trata-se também de um recurso do paciente no sentido de manter resguardado o seu material inconsciente. Já a neurose de transferência, pode-se definir como uma neurose artificial, em que a relação com o terapeuta acaba por ocupar a neurose infantil do paciente. Finalmente o trabalho se deu conta a levantar como se dá o manejo da transferência em psicoterapia breve. Chegando-se à conclusão de que como a nova modalidade de atendimento (psicoterapia breve) tinha origem nos princípios da psicanálise, a teoria acerca da transferência acabou não modificando de um processo para o outro, mantendo-se a mesma. O que pôde-se perceber analisando a maneira como se dá o manejo da transferência em psicoterapia breve, é que a técnica aplicada diante do desenvolvimento da transferência em Psicoterapia Breve se apresenta de uma forma diferenciada, possibilitando assim, o sucesso do atendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRAIER, E. A. (1991) *Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes
CORDIOLI, A. V. (1993) *Psicoterapias -Abordagens Atuais*. PortoAlegre: Artes Médicas
DEWALD, P. (1973) *Psicoterapia uma Abordagem Dinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas
EIZIRIK, AGUIAR, SCHESTATSKY (1989) *Psicoterapia de Orientação Analítica*. Porto Alegre: Artes Médicas
ENÉAS, M. L. E., (1999) *Uso da Escala Rutgers de Progresso em Psicoterapia na exploração processos psicoterápicos*. Tese (Doutorado) Pontífica Universidade Católica de Campinas
ETCHEGOYEN, H. (1987) *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas
GILLIERON, E. (1993) *Introdução às Psicoterapias Breves*. São Paulo: Martins Fontes
____ (1986) *Psicoterapias Breves*
LAPLANCHE e PONTALIS (1967) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes
LEMGRUBER, V. (1997) *Psicoterapia Breve Integrada*. Porto Alegre: Artes Médicas
MALAN, D. (1983) *Psicoterapia Individual e a Ciência da Psicodinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas
YOSHIDA, E. M. P. (1990) *Psicoterapias Psicodinâmicas Breves e Critérios e Psicodiagnósticos*. São Paulo: E.P.U.
_______ (1993), *Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais*

Orientador (a): Marilsa de Sá Tadeucci

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA DE CULTURA ORGANIZACIONAL ALIADA À EMPREGABILIDADE.

BISMARCHI, D.

Este estudo teve como objetivo mostrar a importância de se fazer uma pesquisa de cultura organizacional, afim de verificar a adaptabilidade dos funcionários às políticas empresariais, bem como a capacidade de empregabilidade desses, e de futuros funcionários frente a essas políticas.
Com as rápidas mudanças do mercado, o funcionário deve ser flexível para adaptar-se; e, as empresas devem ser fortes enquanto organização, para modificarem seus hábitos se m entrarem em crise. Precisam Ter uma cultura forte.
Entende-se por cultura o conjunto de valores incorporados por uma organização e por seus integrantes.
E, empregabilidade, é a capacidade de flexibilidade de um indivíduo adaptar-se às mudanças.
Os dois conceitos aliados, tornam a organização moderna e forte, capaz de enfrentar novos desafios.
Para demonstrar a importância de se ter esses dois conceitos aliados na empresa, foi feita uma análise de caso, aplicando uma pesquisa de cultura organizacional em uma grande empresa do remo petrolífero, através do método CVAT, para analisarmos: trabalho, relações, controle e pensamento dos funcionários enquanto membros da empresa.
Os resultados mostraram uma empresa com uma cultura organizacional forte e com funcionários empregáveis, flexíveis para assumir desafios maiores.
Porém, mostrou-se importante a existência de um melhor planejamento para que esses itens fossem mais aproveitáveis.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CASALI Alípio – *EMPREGABILIDADE E EDUCAÇÃO, NOVOS CAMINHOS NO MUNDO DO TRABALHO.* EDUC 1997.

LOUREIRO Mauro – *CULTURA ORGANIZACIONAL: VENCENDO O DRAGÃO DA RESISTÊNCIA.* Casa Imagem Editorial 1996.

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: AUMENTO DE PRODUTIVIDADE E COMPROMETIMENTO.

MOSCOVICI, S. K.

Este trabalho tem por objetivo investigar o grau de satisfação e o comprometimento dos "colaboradores" para com a empresa, após perceberem a preocupação que a empresa tem para com eles, através da implantação de um programa de qualidade de vida.
O homem está cada vez mais preocupado com seu próprio estilo de viver, e ter qualidade de vida significa gerenciar as dimensões física, emocional, intelectual, social, profissional e espiritual. A qualidade de vida também tornou-se uma das preocupações da empresa, pois com as mudanças organizacionais, o mercado está cada vez mais, competitivo, sobrecarregando demais o trabalhador. Portanto, um dos objetivos da implantação desse programa visa a sobrevivência e a saúde tanto da empresa como do indivíduo. A empresa, através desse programa, estaria proporcionando uma conscientização e percepção da necessidade de se ter uma melhor qualidade de vida, pois esta reflete uma redução de custos para empresa, um perfil saudável de trabalhador, a elevação do grau de satisfação e um sentimento de pertencer a uma organização, além do aumento da produtividade e do comprometimento deste para com a empresa.
Para a pesquisa, foi utilizado um estudo de caso, junto ao escritório central de uma empresa multinacional situada em São Paulo, na qual realizou-se uma entrevista com o profissional do Departamento Médico.
Os resultados indicam que a hipótese deste trabalho, ou seja, que a implantação do programa de qualidade de vida é um modo de valorizar "colaborador" . Esta preocupação da empresa para com o indivíduo pode ser considerada um fator que influencia na elevação do grau de satisfação do trabalhador; portanto, sua produtividade aumenta, trazendo benefícios e lucros para a empresa. Além disso, decorrente desses "cuidados" , observa-se um maior engajamento do trabalhador para com a empresa, resultando, também, numa redução de absenteísmo, do uso de assistência médica, de afastamento por doenças e outros aspectos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
BROWN, J.A .C. *A psicologia social da indústria*. São Paulo: Atlas, 1972.
CHIAVENATTO, Idalberto. *Recursos Humanos*. ed. compacta. São Paulo: Atlas, 1994.
CORADI, Carlos. *Comportamento Humano em Administração*. Ed. Pioneira.
COUTO, Hudson de A.. *Stress Organizacional: sua importância, conseqüência para a produtividade e a saúde das pessoas e o papel do administrador de R.H.* R.H.: Informações Profissionais de Recursos Humanos, 5 (24): 44-9, 1987.
DAVIS, Keith & NEWSTRON, John W. *Comportamento Humano no trabalho- Abordagem Organiacional.* Ed Pioneira
DEJOURS, C. *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
FERNANDES, Eda Conte. *Qualidade de Vida no Trabalho: Como medir para melhorar*. 2a. ed. Salvador, BA: CASA DA QUALIDADE, 1996. 115p.
JARDILLIER, Pierre. *A Psicologia industrial*. Lisboa: Libros Horizontes. 125p.
KANAANE, Roberto. *Comportamento Humano nas Organizações: O homem Rumo ao Séc. XXI*. São Paulo: Atlas, 1995.
LIMONGI, Ana Cristina & RODRIGUES, Avelino L.. *Como Gerenciar sua Saúde no Trabalho. Um Manual sobre Estresse e Queixa Psicossomática no Dia- a- Dia das Empresas*. São Paulo: S.T.S., 1994.
LIMONGI, Ana Cristina & RODRIGUES, Avelino L.. *Stress e Saúde: Guia Básico com Abordagem Psicossomática*. São Paulo: Atlas, 1997. 127p.
LIPP, Marilda & ROCHA, João Carlos. *Stress, Hipertensão Arterial e Qualidade de Vida*. São Paulo: PAPIRUS,1996.130p.
MARCHI, Ricardo De & SILVA, Marco Aurélio Dias da. *Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho.* São Paulo: Best Seller, 1997.181p.
MOLLER, Claus. *O Lado Humano da Qualidade- Maximinizando a Qualidade de Produtos e Serviços Através do Desenvolvimento das Pessoas*. São Paulo: Pioneira, 1992.
QUIRINO, Tarázio R. & XAVIER, Odiva S. . *Qualidade de Vida no Trabalho de*
Organização de Pesquisa. Revista de Administração de Empresa. 22(1): 72-81 jan-mar.1987.
RODRIGUES, Marcus Vinícius. *Qualidade de Vida no Trabalho- Evolução e Análise no Nível Gerencial*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 206p.
SUCESSO, Edina de Paula Bom. *Trabalho e Qualidade de Vida*. Rio de Janeiro: Dunya, 1998. 183p.
WILLIANS, Stephen. *Administrando a Pressão para Obter o Desempenho Máximo: Uma Abordagem Positiva do Estresse*. trad. João Carlos Hoehne. São Paulo: Littera Mundi, 1998. 137p.

ESTRESSE, PRESSÃO E DESEMPENHO - UM ESTUDO COM OS FUNCIONÁRIOS DAS CENTRAIS DE ATENDIMENTO

SPERA, S. M. A.

O objetivo deste estudo é tratar da questão do estresse no campo profissional e de sua relação com a baixa produtividade no trabalho.
O termo estresse é um tanto impreciso, pois vem sendo utilizado para caracterizar um estado físico ou psíquico abalado por termos passado por uma situação difícil ou colocados sob pressão. Para compreendermos as causas e os efeitos de estresse devemos primeiramente refletir sobre em que contexto o homem atual esta inserido.
Vivemos numa era de tensão, guerras, diferenças sociais e os reflexos da crise das últimas décadas. O homem para manter sua sobrevivência deve se adequar as exigências de nosso mundo. A conjuntura atual traz o grande nível de desemprego, alta competitividade, a instabilidade econômica que são fantasmas presentes na vida do homem, fazendo-o ser constantemente tenso e preocupado. Além disso os problemas sociais como criminalidade e crises pessoais, a ânsia de expansão, de satisfação, de auto afirmação e com seu físico, são preocupações constantes de nossa civilização.
A pressão é inevitável em nossas vidas, seja no trabalho, no convívio familiar ou social, para tanto procurou-se determinar e diferenciar os mecanismos de estresse e de pressão. A pressão pode causar reações boas ou ruins, ou agir como determinante do aumento da produtividade ou como geradora de estresse.
O estresse será responsável pela queda do desempenho e produtividade, abalando diretamente no trabalho. Assim foi estudado um cargo em específico, atendentes das Centrais de Atendimento, funcionários que trabalham só com a voz, tendo que manter rígido controle emocional e domínio de informações. Realizou-se pesquisa de campo, com atendentes homens e mulheres com idade de 23 a 39 anos, com o objetivo de testar as propostas apresentadas e sintetizar os resultados obtidos de forma a verificar que o estresse é o grande responsável pela queda da produtividade, pois traz a diminuição da capacidade de concentração, esquecimentos freqüentes, dificuldade de se tomar decisões antes facilmente tomadas.
Assim administrar a pressão para obter e receber o desempenho máximo deve ser um objetivo do funcionário e de sua organização.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

WILLIAMS, Stephen. **Administrando a pressão para obter o desempenho máximo: uma abordagem positiva do estresse** . São Paulo, Littera Mundi, 1998.
BACCARO, Archimedes. **Vencendo o estresse: como detectá-lo e superá-lo.** Rio de Janeiro, Vozes, 1991.
SANTOS, Osmar S. Almeida. **Ninguém morre de trabalhar: o mito do stress.** São Paulo, IBCB, 1988.
COUTO, Hudson de Araujó. **Stress e qualidade de vida dos executivos.** Rio de Janeiro, COP, 1987.
LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **Como enfrentar o stress.** São Paulo, Icone, 1990.
DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho;** tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira - 5 ª ed.- São Paulo, Cortez- Oboré, 1992.
_______ MEDICINA E SAÚDE- Volume III . São Paulo, 1970.
FRANÇA, Ana Cristina Limongi. **Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática.** 2ª ed- São Paulo, Atlas, 1999
LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **Pesquisa sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco.** Campinas, Papirus, 1996.
HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos;** tradução de Marcos Santarrita - 2ª ed.-São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
BETIOL, Maria Irene S., TONELLI, Maria José. **Trabalho como fator de equilíbrio**. São Paulo: EAESP/FGV, 1999. 24p. (Programa de Educação Continuada da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo)

Orientador (a): Mário Wilson Xavier de Souza

FATORES DESENCADEANTES DA INICIAÇÃO RELIGIOSA EM UM GRUPO DE SENTENCIADOS.

JOPPERT, S. M. H.

O presente estudo propõe demonstrar os fatores desencadeantes da iniciação religiosa em indivíduos que cumprem pena privativa de liberdade.

Quase infinitas são as circunstâncias que levam um indivíduo ao crime: abandono, fome, desemprego, desestrutura familiar e muitas outras. O aumento do índice de marginalidade pode ser observado como uma ocorrência mundial; a influência de modelos cada vez mais agressivos, frustrações, grande permissividade, principalmente na família e o declínio da religião podem ser pelo menos, condicionadores dessa violência.

Nada é feito no que se refere aos nossos presídios; a enorme população sentenciada paga pelos seus erros de forma muitas vezes desumana, devido a um modelo obsoleto e destituído de qualquer tipo de tentativa de reabilitação.

Este estudo tem como objetivo a verificação dos fatores desencadeantes da iniciação religiosa nos detentos, mas além disso, os sentimentos, pensamentos e mudanças sobre o sentido da vida, envolvidos nessa questão.

A religião implica em uma relação entre um indivíduo e um ser que embora ninguém tenha conseguido definir conceitualmente, geralmente surge nos homens em momentos de insuficiência, dependência ou sofrimento, presentes com certeza nos indivíduos cumprindo pena privativa de liberdade.

As religiões pregam as grandes transformações, valores que devem ser reedificados, o equilíbrio interno e a aceitação de sofrimentos presentes, ante à perspectiva de uma gratificante vida eterna; tudo isso atingido conjuntamente, pode objetivar o progresso moral nos presídios, uma ação benéfica voltada para o campo espiritual.

Optou-se por entrevistas focadas com 6 (seis) sentenciados na Penitenciária Estadual Masculina de Guarulhos que tiveram sua iniciação religiosa no cumprimento da pena.

Os sujeitos relatam sentimentos de insuficiência, revolta, angústia, amargura e impaciência antes de abraçarem uma religião no presídio; quando efetivamente ligaram-se a alguma religião, perceberam uma acentuada mudança em seu próprio comportamento como diminuição da agressividade, abandono de vícios, mudança no modo de pensar, maior tolerância, aquisição de novos planos e principalmente melhora no relacionamento com outros sentenciados e familiares. Retomam seus estudos, tornando-se mais acessíveis ao conhecimento e à educação.

Observou-se que a fé, para a população carcerária entrevistada é muito importante pois promove transformações interiores e desenvolvimento espiritual.

Entre os fatores que desencadeiam a iniciação destacam-se condições difíceis de vida, como reclusão e abandono social, medo e sofrimento.

Nos presídios a fé nasce da necessidade mais primária da humanidade: a da simples sobrevivência, mais tarde, com a aquisição de novos conhecimentos e experiências relacionados à religião, desenvolvem outras formas de valores de modo progressivo.

A transformação observada pode permitir a esses homens uma nova visão de si mesmo, de seus direitos, responsabilidades e de sua dignidade como ser humano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

OLIVEIRA, M. M. C. de, A Religião nos presídios. São Paulo, Cortez & Moraes. 1978 (Série Estudos Penitenciários: V. 2).

AMARO, J. W. F. Psicoterapia e Religião. São Paulo. Lemos Editorial, 1996.

ALVES, R. O que é religião. São Paulo, Ars poética, 1996

ABSTENÇÃO DE DROGAS DECORRENTE DA INICIAÇÃO RELIGIOSA.

PORTO, S. B.

O objetivo do trabalho é de mostrar até que ponto a igreja importa na cura de dependentes de drogas. E quais os fatores que os levam a procurar uma determinada religião.
A religião surge em situações em que a confiança diminui, surgindo a necessidade de alguma coisa a que nos possamos agarrar e apelar. Conseguir de alguma forma a confiança através de uma fé cheia de animo num grande poder ou aceitação, ou de esperança de que , de um modo ou outro, o mundo está conosco e não contra nós.
Através de algumas pesquisas pude encontrar o Esquadrão da Vida (E.V.), uma entidade filantrópica Evangélica, com o objetivo de ser instrumento para recuperação dos dependentes de drogas. O E.V. trata a mente e emoções de pessoas carentes e sem estrutura emocional adequada. A entidade utiliza os valores e princípios respaldados através da Bíblia, buscando tirar por algum tempo a pessoa do meio social que vive, para assim, trabalhar na sua recuperação. Não usam remédios durante o tratamento, e a porcentagem de recuperação chega a níveis bastantes favoráveis.
Foram realizadas entrevistas informais tendo como objetivo básico a coleta de dados, obtendo uma visão geral do problema pesquisado. Participaram da pesquisa 10 indivíduos de ambos os sexos, com idade de 17 a 41 anos, que estavam em abstinência de drogas decorrente de sua iniciação religiosa.
Através das entrevistas realizadas mostrou-se que a maioria dos entrevistados encontraram através da pregação do Evangelho de Jesus Cristo a resolução de seus problemas, dizendo encontrar um lugar maravilhoso onde se sentem cada vez mais no céu, um lugar onde as pessoas são libertas das garras daquele que veio para roubar, matar e destruir os filhos de Deus.
A igreja Evangélica apresentou um grande domínio por seus fiéis. Mostrando que muitos dos entrevistados já haviam tentado outros tratamentos para saírem do mundo das drogas, mas nenhum destes tratamentos obtiveram sucesso. Acreditou-se que através da palavra de Deus os dependentes de drogas libertaram-se do vicio. Constatando assim, que a força de uma crença é uma forma de se tratar pessoas. Sendo importante ressaltar, que muitos destes dependentes necessitam de algo que lhes guie, dizendo com agir e se comportar. E é através do Evangelho que estas pessoas se entregam a uma filosofia de vida, mesmo que esta lhe possa causar outra dependência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, R. **O Que é Religião.** São Paulo, Ars Poética, 1990.
AMARO, J. e LEBLANC, J. **Toxicomanias: Uma visão Multidisciplinar.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
D'OLIVEIRA, M.M.H. **Ciência e Pesquisa em Psicologia: Uma Introdução.** São Paulo, EPU,1984.
FEITOSA, P.R. **Além das Drogas.** 4ed..Belo Horizonte, Peniel, 1980.
GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 4ed..São Paulo, Atlas, 1994.
GRUNER, L. **Drogas, Os Jovens Desafiam o Império do Mal.** 3ed.. Rio de Janeiro, CPAD, 1997.

O FANATISMO RELIGIOSO: SUAS INFLUÊNCIAS NA CRIMINALIDADE.

RAGAZZO, C. M. R.

Objetivo: Observar as características de um fanático; saber como a religião pode comandar a vida de um indivíduo e um grupo; comprovar se um fanático religioso pode levar uma multidão de adeptos a cometer crimes e causar transtornos ao Estado.
Desenvolvimento: A análise quantitativa foi realizada, através de trechos do filme "A Guerra de Canudos", produzido por Mariza Leão e um filme de Sergio Rezende.
A guerra de Canudos se passa num momento crítico de mudanças políticas no Brasil, é a Proclamação da República, onde quem mandaria no país não seria mais a família real (o rei) e sim o Presidente, com isso começa a Ter cobranças de impostos, o casamento civil, coisas que a igreja é contra. Antonio Conselheiro inicia sua peregrinação pelo sertão nordestino arrebanhando fiéis, pois dizia num mundo novo, sem injustiças sociais, onde Deus os guiaria para a salvação eterna; com palavras bonitas convence o povo e este acredita na liderança de Conselheiro e começam a causar tumultos, rebeliões e a infligir a lei, causando muitos danos ao Estado, já que tem que ser deslocado várias expedições de soldados para combater a sociedade autônoma e independente de Canudos. Dando início a uma guerra impiedosa e sangrenta, onde muitas pessoas são mortas na disputa para defender o Belo Monte e os seus ideais, e do outro lado, soldados que lutam pelos ideais de uma República honesta e justa.
Antonio Conselheiro com sua maneira de crer que Deus ao seu lado pode salvar tudo e criar um mundo novo, faz com que as pessoas se entreguem à religião, matando a si mesmo e ao próximo em nome de Jesus Cristo.
Conclusão: Pode- se perceber que, a linguagem rebuscada e cheia de unção, com seu ar de superioridade, sua auto – confiança, faz com que as pessoas acreditem e lutem por um ideal sem levar em conta as conseqüências, portanto matam e se exterminam tendo a confiança que se não conseguirem vencer nessa vida, na outra ganharam a vida eterna.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARO, J. W. F. *Psicoterapia e Religião***.** São Paulo, Lemos Editorial, 1996.
BARSA, Encyclopédia Britânica do Brasil . n.5, p. 64, 482.
GARCIA, J. A. *Psicopatologia Forense***.** Rio de Janeiro, Editora Revista Forense, 1945. P. 178-179.
JUNIOR, H. P. *Personalidade Psicopática, Semi-Imputabilidade e Medida de Segurança.* Rio de Janeiro, Editora Forense, 1 ed.
JUNG, C. G. *O Eu e o Inconsciente***.** Rio de Janeiro, Editora Vozes, 4 ed., 1984. P.168.
MARANHÃO, O. R. *Personalidades Anti – Sociais***.** São Paulo, 1981

A CONDUTA ANTI-SOCIAL PROVENIENTE DE UMA PRÁTICA MÍSTICO-RELIGIOSA – ANÁLISE DE DOCUMENTOS.

TASHIMA, L. L.

O presente trabalho teve como finalidade verificar o exercício de uma conduta anti-social decorrente de uma prática místico-religiosa, que é um delito que envolve ritual, magia e religião.
Para tanto, optou-se por fazer uma análise de documentos, através do levantamento de prontuário de um interno do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico "Professor André Teixeira Lima", no município de Franco da Rocha, juntamente com duas entrevistas realizadas com o mesmo. O único critério para a escolha desse sujeito que participou do trabalho, foi que o mesmo devesse ter praticado algum delito relacionado à uma prática místico-religiosa.
O indivíduo escolhido foi C. A. S., 41 anos, que está internado há dois anos nesta Instituição por ter matado seu sobrinho de dois meses por "vontade de Deus". O crime ocorreu há sete anos.
De início, um dado muito importante no seu histórico de vida, foi o fato do indivíduo, aos nove anos, ter levado um coice de cavalo, fazendo com que sua cabeça inchasse e saísse sangue pelos ouvidos, o que talvez possa ter-lhe causado um traumatismo crânio-encefálico. Segundo sua mãe, até os dezesseis anos seu filho permaneceu bem, até que então, começou a apresentar comportamentos estranhos, como sair de casa sem avisar, dormir no mato e a agredi-la verbalmente quando contrariado. Então, passou a matar animais, retirando e comendo o seu coração, dizendo que fazia isso para se purificar pois seu íntimo estava podre. Nesta época também começou a fugir de casa, indo para lugares longínquos. Em seguida, "começou a inventar de ler a Bíblia" e a freqüentar a Igreja. A partir dos vinte e cinco anos, sua mãe passou a interná-lo em Hospitais Psiquiátricos, teve cerca de quinze internações, mas sempre quando medicado e melhorado, o paciente recebia alta.
Pode-se notar que seus delírios foram se estruturando gradativamente, até que certo dia, após ler a Bíblia e ouvir vozes de Deus, cometeu o crime.
Com base nesses apontamentos, pode-se verificar a clara vinculação entre o conteúdo místico-religioso, que foi culminado com o homicídio.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, R. *O que é religião.* 17ª ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
BUENO, J. R., NARDI, A. E., NUNES, E. P. F. *Psiquiatria e Saúde Mental.* São Paulo: Editora Atheneu, 1996.
CHALUB, M. *Introdução à Psicopatologia Forense – Entendimento e Determinação.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
COHEN, C., FERRAZ, F. C., SEGRE, M. *Saúde Mental, Crime e Justiça.* 1ª ed. São Paulo: Edusp, 1996.
MARANHÃO, O. R. *Psicologia do Crime.* 2ª ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1998.
PAIM, I. *Curso de Psicopatologia.* 11ª ed. São Paulo: E.P.U. - Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1996.

Orientador (a): Marly Beck Scaramuzza

A PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL TEM SIDO UTILIZADA COMO INSTRUMENTO DIAGNÓSTICO?

TOLEDO, C. DE M.

O presente trabalho de caráter monográfico tem por objetivo verificar se a Pesquisa de Clima Organizacional tem sido utilizada como instrumento diagnóstico.
O estudo se deu devido a um interesse de ordem pessoal e profissional na área de Recursos Humanos.
Com a elaboração deste, pretende-se contribuir para uma melhoria na qualidade de vida dos funcionários e conseqüentemente das organizações empresariais em questão, uma vez verificado que o clima organizacional é um meio para que a empresa atinja seus objetivos, com a motivação e satisfação de seus funcionários.
Pesquisa de Clima é um instrumento utilizado para um levantamento do clima organizacional.
Geralmente adota-se como método um questionário, que é aplicado à todos os funcionários da organização ou apenas a uma amostra deles, a fim de verificar seu grau de satisfação e motivação em relação à mesma.
Para se verificar como a Pesquisa de Clima vem sendo utilizada nas organizações, foi feito um estudo dedutivo, através de uma pesquisa descritiva de campo.
Na pesquisa de campo foram selecionadas três empresas de ramos de atividade diferentes e portes semelhantes, sendo uma metalúrgica, uma instituição financeira e uma editora.
Essas empresas foram selecionadas pelo tipo de amostragem por acessibilidade ou conveniência.
Para a realização da pesquisa foi utilizado um questionário com dez questões abertas.
Esse questionário foi respondido através de uma entrevista semidirigida com o profissional responsável pela aplicação da Pesquisa de Clima nas respectivas empresas.
Para garantir uma maior fidedignidade na transcrição das respostas, foi utilizado um gravador com o pré-consentimento das entrevistadas.
Para a análise dos dados foi estabelecida uma categorização, englobando todas as respostas obtidas.
Tal procedimento possibilitou a classificação das respostas em quatro categorias: respostas favoráveis, desfavoráveis, neutras ou residuais em relação à pergunta central do trabalho.
Foi feita uma análise estatística, através de um estudo descritivo.
Por serem questões abertas possibilitou também, uma análise qualitativa das respostas.
Foi verificado que 77% das respostas convergiam para a afirmação de que a Pesquisa de Clima Organizacional vem sendo utilizada como instrumento diagnóstico.
Os resultados obtidos indicam que quando utilizada como instrumento diagnóstico, a Pesquisa de Clima Organizacional pode contribuir para uma melhoria no desempenho e satisfação dos funcionários, aumentando conseqüentemente a produtividade da empresa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARVALHO, Antonio Vieira de. **Administração de Recursos Humanos,** São Paulo, Pioneira,1995.
CHIAVENATO, Idalberto, **Recursos Humanos**, São Paulo, Atlas, 1991
GIL, Antonio Carlos. **Pesquisa Social**, São Paulo, Atlas, 1999.
GIL, Antonio Carlos.**Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo, Atlas, 1991.
HUBNER, Maria Martha D'Oliveira.**Ciência e Pesquisa em Psicologia**.São Paulo, EPU,1984.
LUZ, Ricardo Silveira. **Clima Organizacional**, Rio de Janeiro, Qualitymark,1995.
OLIVEIRA, Marco Antonio,**Pesquisa de clima interno nas empresas: o caso dos desconfiômetros avariados**, São Paulo, Nobel,1995
PINA, Vitor Manuel Dias de Castro. Et. al. **Manual para Diagnóstico de Administração de empresas**. São Paulo, Atlas.2°ed.,1979
Pesquisa na Internet in **www.zeek.com.br**, nos sites: **www.ergon.com.br**

Orientador (a): Nelson de Souza Guedes

PERCEPÇÃO DO PROFISSIONAL DE TREINAMENTO.

GONÇALVES, A. L. C. S.

Este trabalho objetivou investigar como os profissionais da área de Recursos Humanos percebem a atividade do treinamento nas redes de supermercados.
O Treinamento deriva do latim *"thahëre"*, que tem o significado de levar a fazer algo. Assim sendo, tem a finalidade de auxiliar as empresas a prepararem seus colaboradores para, desta maneira, desempenharem eficazmente suas tarefas. Isso gera um diminuição, significativa, no *"turnover"*, ou seja, reduz a constante rotatividade dos funcionários, o que ocasiona inúmeros gastos financeiros.
Seu papel é estratégico nas empresas, por torná-las extremamente competitivas e por propiciar aos funcionários um desenvolvimento pessoal contínuo. Isso revela que o Treinamento é um sistema aberto que não se isola do contexto organizacional, mantendo seus próprios objetivos ligados coerente e intimamente às necessidades da empresa em sua totalidade.
Partindo deste pensamento, as redes supermercadistas consideram esta área como a ponta de um iceberg, cuja a base a ser explorada é a qualidade dos serviços, primordialmente, o de atendimento ao cliente externo através do cliente interno. Com isso, se tem que a satisfação do cliente externo (consumidor) está intimamente ligada ao do cliente interno, sendo o inverso verdadeiro.
Para se verificar a percepção dos profissionais de RH frente ao Treinamento, realizou-se uma pesquisa de campo analisando-se, qualitativamente, entrevistas com especialistas da área de Treinamento de três empresas de grande porte: Grupo Sonae, Grupo Sé e Grupo Pão de Açúcar.
Estas entrevistas ilustraram o funcionamento dos programas de Treinamento dos operadores de caixa, que são pautados nas opiniões e reclamações dos consumidores, através de centrais de atendimento (SAC, CALL CENTER).
Para a realização destas entrevistas, elaborou-se um roteiro que serviu de base para padronizar as entrevistas e parâmetro de comparação entre os dados coletados. Esses dados mostraram alguns pontos em comum entre os grupos empresarias e alguns pontos divergentes, devido a diferenciação de cultura e política organizacional adotada por esses centros empresariais.
Esses pontos dizem respeito ao fato do Treinamento trabalhar num sistema de parceira com as demais áreas da organização; por ser uma área em constante crescimento, mudança e investimento, bem como, devido possuir um alto teor de responsabilidade na obtenção e manutenção do sucesso da instituição empresarial. Cabe ressaltar, ainda, a diferencia existente na forma de gestão que varia entre mista e centralizada, dependendo da finalidade e do público alvo do programa de Treinamento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAS. Associação Brasileira de Supermercados. A Modernização Necessária. In: *Supermercados: 40 anos de Brasil.* Texto de Marky Rodrigues. São Paulo: Ed. Abras, 1993. Cap. I.
ABRAS. Associação Brasileira de Supermercados. Construindo o Cotidiano. In: *Supermercados: 40 anos de Brasil.* Texto de Marky Rodrigues. São Paulo: Ed. Abras, 1993. Cap. VI.
ABRAS. Associação Brasileira de Supermercados. O Supermercado Chega ao Brasil. In: *Supermercados: 40 anos de Brasil.* Texto de Marky Rodrigues. São Paulo: Ed. Abras, 1993. Cap. II.
BOOG, Augusto. *Manual do Treinamento e Desenvolvimento - ABTD.* 2ª ed. São Paulo: MAKRON Books, 1994.
CHIAVENATO, Idalberto. *Recursos Humanos na Empresa.* São Paulo: Atlas, 1989. V. 5.
CHIAVENATO, Idalberto. *Recursos Humanos.* Ed. Compacta, 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1998
DAVIS, Frank Stephen. *Benefícios e Serviços aos funcionários.* São Paulo: Ed. STS.
FERREIRA, Paulo Pinto. *Administração de Pessoal.* 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1969.
FONTES, Lauro Barreto. *Manual do Treinamento na Empresa Moderna.* São Paulo: Atlas, 1975.
GIL, Antonio Carlos. *Administração de Recursos Humanos: um enfoque profissional.* São Paulo: Atlas, 1994.
MACIAN, Lêda Massari. *Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos.* São Paulo: EPU, 1987.
MELHORAMENTOS. *Dicionário Completo da Língua Portuguesa.* 3ª ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1994.
MINICUCCI, Agostinho. *Psicologia Aplicada à Administradores.* São Paulo: Atlas, 1981.
NOVA FRONTEIRA. *Minidicionário Aurélio.* 1ª ed. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1985.
TOLEDO, Flávio de. Administração de Pessoal: desenvolvimento de Recursos Humanos. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

TREINAMENTO EM R.H.

TENCA, L. C.

Este trabalho consiste em uma monografia, tendo como objetivo investigar se investir em treinamento e desenvolvimento de pessoas traz algum lucro para as empresas, considerando a realidade atual.
O trabalho foi desenvolvido à partir da confrontação da teoria de Maslow, Boog, Davies e outros com pesquisa e entrevistas com pessoas envolvidas em todo segmento dos treinamentos. A pesquisa vale como referência à importância que se deve dar ao treinamento. E serve como exemplo a outros, onde o treinamento tem um campo fértil para se desenvolver.
Mas investir em treinamento e desenvolvimento de pessoal traz algum lucro para as empresas? É possível medir essa relação custo/benefício?
Conclui-se que sim, a elaboração de programas de treinamento nas empresas mostra que elas investem muito em treinamento, tanto em dinheiro como em métodos, tecnologia aplicadas e práticas inovadoras para treinar seus colaboradores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHAVENATO, IDALBERTO. Introdução à teoria Geral da Administração. São Paulo, Makron, 1999.
CHIAVENATO, I. Treinamneto e Desenvolvimento de Recursos Humanos. São Paulo, Atlas, 1999.
BATEMAN, THOMAS S. Administração, construindo vantagens competitivas. São Paulo, Atlas, 1998.
MACIAN, LÊDA MASSARI. Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos. São Palulo, EPU, 1987.
SANTOS, O. DE BARROS. Orientação e desenvolvimento do Potencial Humano. São Paulo, Pioneira, 1978.
DAVIES, IVOR K. A Organização do Treinamento. São Paulo, Macgraw-Hill do Brasil, 1976.
BOOG, GUSTAVO G. São Paulo, Macgraw-Hill do Brasil, 1980.

Orientador (a): Ney Branco de Miranda

O NARCISISMO NO RELACIONAMENTO HOMEM-MULHER.

CARDOSO, A.

A partir da observação de que muitos problemas nos relacionamentos amorosos são causados pela atuação de mecanismos narcisistas é que esse tema foi escolhido. Assim, o objetivo proposto é investigar o que é narcisismo relacionando- o com sua atuação nos relacionamentos entre homens e mulheres.

Portanto, para esse trabalho, foi necessária: uma pesquisa acerca do mito de Narciso; seguida por uma definição de narcisismo; um destaque para a importância da identificação; uma diferenciação entre narcisismo, egoísmo e altruísmo; uma definição psicanalítica acerca do amor; idéias de Alexander Lowen em relação ao tema e uma breve comparação com a teoria psicanalítica até então exposta; uma investigação do narcisismo com a cultura; e por fim, uma breve explanação a respeito de mecanismos narcisistas e a forma como utilizam o outro para que haja uma valorização da imagem do próprio indivíduo, numa abordagem psicanalítica mais ortodoxa e, em seguida em uma mais kleiniana.

Em cima de toda essa teoria, foi feito um questionário-padrão, para que fosse investigada a ocorrência dos fenômenos descritos, principalmente os que se apresentavam na última parte da teoria, propiciando uma maior clarificação do tema, principalmente no que se refere a algumas questões que não ficaram claras durante a parte teórica. Foram pegos apenas dois casais para essa pesquisa. Isto significa que quatro indivíduos, com idade entre vinte e trinta anos, foram analisados qualitativamente através das respostas que deram ao questionário. Devido a questão do sigilo que foi tratada com os sujeitos, no trabalho há uma apresentação da s respostas juntamente com as análises. Há, portanto, uma apresentação da dinâmica de cada um, no que se refere ao relacionamento com o outro relacionado ao seu narcisismo

A análise dos quatro indivíduos possibilitou que algumas conclusões a respeito do narcisismo fossem tiradas. A seguir serão faladas as mais importantes:

- o narcisismo não só atua no relacionamento homem-mulher prejudicando-o, mas muitas vezes o propiciando;
- como é dito em uma das teorias, realmente o narcisismo está sempre presente nas relações amorosas na medida que o afeto pelo outro é conseqüência da representação de nossos ideais na pessoa amada;
- também, pôde ser observado, que todos os indivíduos se referiram a alguns pontos de identificação que tem com o outro, como sendo fatores determinantes para a relação. Assim, podemos comprovar o que é dito em uma parte da teoria que, para que haja uma vinculação com o outro, tem que haver identificação, de forma que toda relação amorosa é narcísica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BLEICHMAR, H. O narcisismo - estudo sobre a gramática do inconsciente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

CABRAL, A. & NICK, E. Dicionário técnico de psicologia. São Paulo, Cultrix,1995.

CERRI, L.M.L. & WEYGAND, O. Narcisismo uma patologia do nosso tempo. Revista Reichiana- Instituto Sedes Sapientiae, Vol 1, São Paulo, Summus, 1992.

FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e a análise. –In: Obras Completas, Vol..XVIII, Pág. 91 à 185, Rio de Janeiro, Imago, 1994

__________ (1916-1917) A teoria da libido e o narcisismo. –In: Obras Completas, Vol.XVI, Pág, 481 à 502, Rio deJaneiro, Imago,1994.

JOHNSON, R.A. We: A chave do amor romântico. São Paulo, Mercúrio, 1987.

KERNBERG, O. F. Psicopatologia nas relações amorosas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

LOWEN, A. Narcisismo- negação do verdadeiro self. São Paulo, Cultrix,1983.

SIMANKE, R.T. A formação da teoria freudiana das psicoses. Rio de Janeiro, Ed.34, 1994.

CATÁSTROFE.

CORREA, M. L. P.

Este trabalho inicia considerando a cesura entre teoria e a prática da psicanálise como uma dificuldade da escrita psicanalítica na Universidade. Significa lidar com o objeto ausente, se em sentido técnico estrito, as condições para psicanálise não existem. Ainda que ocorressem, poderiam representar uma mudança catastrófica para o *establishment* universitário. O vértice pedagógico ou intelectualizado são inadequados ao vértice psicanalítico.

O autor procura abordar a essência do sofrimento humano. O salto misterioso do signo ao símbolo que proporcionou uma identidade ao homem, também lhe trouxe uma dicotomia existencial. A inflação alucinada da mente simbólica vai presa ao destino finito que o corpo representa. O corpo, sendo inseparável da mente, dá a última, uma possibilidade constante, especular, de observação do mistério da morte. Tal proximidade sensorial e especular de averiguação segundo a segundo do mistério, dá à experiência humana uma sensação iminente de catástrofe. O autor considera três destinos para as angústias catastróficas. Como estados afetivos brutos (elementos ß) podem ser *transformados*, para que sirvam à função do pensar. Podem ser projetados no espaço e *reintrojetados* como um "terror sem nome". Num terceiro caso, há um anestesiamento. A personalidade se adapta à sensação de catástrofe tornando-se a própria realidade total do indivíduo.

A solução passa a ser o *resgate* da catástrofe como uma entidade. Desse resgate sobrevem a coragem para se lidar com índices cada vez maiores de catástrofe. A personalidade se reestrutura e por sua vez passa a lidar com índices cada vez maiores de realidade externa. O autor conclui apresentando a fé como única capaz de levar a personalidade a esse *salto.* Não se trata da fé no sentido religioso, mas, conforme Bion, a fé (F em O) como uma nova tarefa para a vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDREUCCI, M. C. *Sobre o homem , sobre a vivência de catástrofe, sobre o sentimento de fé: uma visão psicanalítica.* Revista Brasileira de Psicanálise. Vol 32, Nº4.

BECKER, E. *A Negação da Morte*

BLÉANDONU, G. *Bion: Vida e Obra,* pg. 161

BION,W.R. (1970). *Atenção e interpretação.* Rio de Janeiro: Imago,1991.

------------- (1971). *Mudança Catastrófica*. J. Psicanálise 6(17) : 18-26.

CAMPBELL, J. *The Power of Mith*. Audio Book: cassete nº 2

EIGEN, M. *Em torno al punto de partida de Bion: de la catastrofe a la fe.*

FREUD, S. (1933). *A dissecção da personalidade psíquica. E.S.B,*22.

-------------- (1926). *Inibições Sintomas e Ansiedade.E.S.B*, 20.

HAWKIN, S. *A..* (1988). *Brief history of time.* New York: Batam Books.

HADDAD, S. 1999. *A violência da mentira*. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol 32, Nº4.

JAMES, W. (1902). *Vairities of Religious Experience.* Audio Scholar Inc, 1990.

JOYCE, J. *O retrato do artista quando jovem.* Rio de Janeiro: Abril Ed, 1971.

KIERKEGAARD, S.A. (1844). *The concept of Dread*. Princeton: University Press,1957.

----------------------- *Temor e Tremor.*Lisboa: Guimarães editores,1990.

LISPECTOR, C.(1964). *A paxão segundo G.H.* Rio de Janeiro:Rocco1998,pp11.

RANK, O. *Will Therapy and Truth and Reality.* Nova York: Knopf, 1936; One Volume

SCHOPENHAUER, A. *Contribuições à Doutrina do Sofrimento do Mundo.* São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SILVEIRA, N. Imagens do Inconsciente. Athombra Ed, 4° ed. Edition, (1945).

ZIMERMAN, D. (1995). *Bion: da teoria à pratica.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Orientador (a): Patrícia Pazinato

TIMIDEZ NA VIDA ADULTA COM RAÍZES NA INFÂNCIA.

ANDRADE, M. E. P. DE

O presente estudo tem como objetivo investigar possíveis relações da timidez na vida adulta, com suas raízes na infância. Para melhor compreensão desse fenômeno, procurou-se pesquisar aportes teóricos de orientação psicanalítica, e a utilização de periódicos, visando levantar dados do tema em questão com pesquisas mais atualizadas.
Durante o percurso desse trabalho, foi verificado dificuldades no que se refere ao acesso a referencial teórico, pois além de ser uma questão recente na literatura psicológica científica, o que se encontra são autores de línguas estrangeiras.
Foi realizada análise qualitativa de dados colhidos com entrevistas semi - dirigidas. O sujeito é um profissional atuante clinicamente com a pessoas que apresentam características de Timidez. Além disso, elaborou-se questionários para dois pacientes do sexo feminino, diagnosticados como tímidos, os quais expuseram registraram algumas informações referentes as suas vivências.
Os resultados apontam que a Timidez é multi fatorial. Em sua etiologia encontram-se fatores sociais, culturais, entre outros. Numa visão psicanalítica, relaciona-se com o modo que a criança é reprimida pelo meio ambiente nas experiências iniciais com a sexualidade. Além disso, observou-se que a Timidez possui diferentes graus em suas manifestações, mas independente de sua intensidade, o medo do julgamento alheio é uma característica relevante e o que pode sintetizar suas peculiaridades.
Contudo, os estudos apontam que os resquícios da Timidez podem estar relacionados a vida infantil.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AJURIAGUERRA, Julian de & MARCELLI, Daniel. *Manual de Psicopatologia Infantil***.** 2 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
AZAR, Beth. *Quando a autoconsciência dá plantão fora de hora.* Artigo disponível na Internet : http//www.timidez.com/texto.htm [06 Julho1999].
CAMISÃO, Carlos et alii. O Sofrimento Silencioso da Timidez. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria.* Rio de Janeiro, 43(6): 340-343, Editora Nacional Ltda, junho 1994.
______DSM IV - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**.** Trad. Daise Batista, 4 ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa***.** 2 ed**.** Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira,1986.
HENDERSON, Lynne & ZIMBARDO, Philip. *Timidez e Tecnologia.* Artigo disponível na Internet: http//www.timidez.com/texto.htm [06 Julho1999].
KLEIN, Melanie. *A Psicanálise de Crianças.* Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1997.
LACROIX, Jean. *Timidez e Adolescência***.** 1ª ed. São Paulo, Editorial Pontes Ltda, s.d.
LAPLANCHE, Jean & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise***.** 3 ed. São Paulo, Martins Fontes,1996.
SOIFER, Raquel. *Psiquiatria Infantil Operativa*. 3 ed. Porto Alegre, Artes Médicas,1992.
WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade.* Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda,1975.

A AUTO-ESTIMA NA INFÂNCIA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL.

CANELHAS, P. N. DA S.

Como é o ser-no-mundo se auto-estimando? Esse trabalho busca pesquisar alguns fatores comuns, dentro de um contexto com bases científicas e psicológicas, que influenciem no desenvolvimento da auto-estima num indivíduo. Espera-se que tais fatores indiquem alguns fatores e/ou hipóteses, que possam posteriormente ser aprofundados, e que ajudem na compreensão mais integral do ser humano.
Basea-se nas teorias do desenvolvimento de Eric Erickson e Jean Piaget. Tanto um como outro possuem conceitos que auxiliam na compreensão do desenvolvimento do indivíduo.
O Existencialismo favorece o entendimento das reflexões que envolvem o ser humano e suas questões de existência e angústia, e a Fenomenologia, oferece o aporte metodológico.
Amostra: dois sujeitos, do sexo masculino. O Sujeito A, 9 anos e queixa de dificuldade escolar, agressividade e hipersexualidade. O Sujeito B, 10 anos, portador da Síndrome de Aarskog, queixa de hiperatividade e dificuldade escolar.
Selecionou-se trechos de relatórios de atendimento clínico de acordo com a relevância de seu tema.
Os resultados apontam a vivência de: afastamento do objeto/atividade que traz angústia; medo/sentimento de fracasso, sentimento de não pertencer ao grupo; tentativa de prestar serviço/oferecer ajuda, agressividade dirigida para outros; pai/mãe não reconhecem capacidades dos filhos; projeção em algo ou alguém; interrogação e busca de novos caminhos; dar e receber elogio; esforço para equiparar-se à outros e demonstrar capacidade; esforço para adaptar-se, consciência das próprias características; capacidade de transformação própria ou de algo e busca do reconhecimento.
Concluímos que a convivência, o estabelecimento de jogos e o reconhecimento vindo da autoridade são fatores importantes na formação da auto-estima, e com tais itens, a angústia do indivíduo é reduzida. Há também um esforço de promover o modo de ser inautêntico e padronizado, destacando-se então a maneira preocupada de existir. Em determinados momentos nota-se a modalidade mais harmoniosa do ser, a modalidade autêntica. Há um profundo esforço para que o `ser-com´ exista.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Rubem **O Retorno e Terno – Crônicas**, Campinas: Papirus, 1997
BEE, Helen **A criança em desenvolvimento**, São Paulo: Harbra, 1984
BENNETT, William J. **O livro das virtudes**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993
CHESTOV, Léon **Kierkegaard y la Filosofia Existencial**, Sudamericana, 1952
CORDIOLI, Aristides V. – organizador – **Psicoterapias – Abordagens Atuais**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993
ERICKSON, Eric H. **Infância e Sociedade**, Rio de Janeiro: Zahar, 1976
GOLEMAN, Daniel – Phd **Inteligência Emocional**, Rio de Janeiro: Objetiva, 1995
LAPLANCHE E PONTALIS, **Vocabulário de Psicanálise**, São Paulo: Martins Fontes LTDA, 1991
LUFT, César P. **Mini-dicionário Luft**, São Paulo: Ática e Scipione, 1991
PAZINATO, Patrícia, **Angústia: um estudo fenomenológico-existencial da relação do estudante de Psicologia com o Portador de Deficiência Mental**, São Paulo, 1998
WEB, Páginas – diversos links

VIVÊNCIAS DE PÂNICO: ESTUDO EXPLORATÓRIO.

FREIXO, P. P.

Tratou-se de um estudo exploratório sobre desordem de pânico infantil. Procedeu-se o esclarecimento bibliográfico do termo, visto a escassez da literatura especializada no assunto. Foi realizada uma entrevista focalizada, com psiquiatra infantil para o esclarecimento do termo em questão. Objetivou-se uma revisão terminológica para compreender os fatores presentes na desordem de pânico, sendo que seus primeiros casos foram descritos na década de 80.

A desordem de pânico é caraterizada pela presença de ataques de pânico recorrentes, com inicio súbito de preocupação intensa, medo e terror, associados a sintomas de mal estar físico geral, os quais ocorrem em circunstancia que não por excesso de esforço físico. A maioria dos ataques ocorrem espontaneamente, mas um condicionador pode vir a ocorrer produzindo uma ansiedade antecipatória ou evitação fóbica , de acordo com o DSM-IV este fenômeno recebe o nome de transtorno do pânico com agorafobia.

De acordo com o critério da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-III-R, pelo menos quatro dos seguintes sintomas são necessários para o diagnóstico da desordem de pânico: falta de ar; vertigem; sentimentos de instabilidade ou sensação de desmaio; palpitação ou ritmo cardíaco acelerado; tremor e abalos; náusea ou desconforto abdominal; surdorese; sufocamento; despersonalização; anestesia ou formigamento; ondas de calor e frio; dor ou desconforto no peito; medo de morrer ou medo de enlouquecer ou de cometer ato descontrolado. Um ou mais ataques devem ocorrer, seguidos por um período de pelo menos um mês de medo persistente de ter outro ataque de pânico.

O profissional abordado é do sexo masculino, com 42 anos, e atuante na área clinica. Os resultados da entrevista são concordantes no seguintes aspectos: existência de relação entre fobia e desordem de pânico, é mais frequente encontrado em adolescentes e adultos, o acompanhamento psicológico é essencial para a cura do paciente, quando necessário o uso de medicamentos é indicado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSUMPÇÃO, F. **Psiquiatria da Infância e da Adolescência.** São Paulo, Maltese,1994.

AUJURIAGUERRA, J. **Manual de Psiquiatria Infantil**. 2° Edição, Masson.

AYUSO, J.L. **Psiquiatria Biologica.** Junho 1996,p.109 a112.

BARLOW, H. et all **Tratamento Psicológico do Pânico** / David H. Barlow e Jerome A. Cerny ; trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999. 53p.

______DSM IV. **Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais**; .Alegre, Artes Médicas,1995

GENTIL, V. (org.) et all. **Pânico, Fobias e Obsessões**. São Paulo, U.S.P., 1997.

GABBARD, G.O**. Psiquiatria Psicodinâmica na Prática Clinica.** Porto Alegre, Artes Medicas,1992.

GIL, A.G. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Atlas, 1994. Cap. 10p.116 a117.

LAPLANCHE,J. **Vocabulário de Psicanálise.** São Paulo, Martins Fontes,1992.

MATTIS, S.G. et all. **Children's cognitive response to the somatic symptoms of panic**. Journal of child Psychology, Estados Unidos, 1997.

PEREIRA. M.E.C. **Pânico e Desamparo.** São Paulo, Escuta,1999.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, Cortez,1996. 110 p.

SOIFER, R. **Psiquiatria Infantil Operativa.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

APEGO E SEPARAÇÃO NA RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA.

KARAN, K.

A presente monografia é um estudo exploratório sobre apego e separação na relação adulto-criança, visando investigar quais são as possíveis configurações psicológicas ou ressonâncias, que podem surgir quando um sujeito passa pela vivência de separar-se da figura de apego.
O aporte teórico utilizado baseou-se na Psicanálise.
Foi utilizada a entrevista semi-estruturada, com um sujeito de 32 anos de idade, do sexo feminino, para coleta de dados.
Os resultados apontam que algumas variáveis podem estar atenuando a intensidade dos afetos presentes e minimizando possíveis conseqüências psicológicas, após a separação do sujeito da sua figura de apego; e que a resposta da criança no reencontro com a pessoa objeto de apego, após a separação, vai depender do momento em que a mesma se encontra, ou seja, em qual fase está no momento em que revê esta figura, na fase do protesto, do desespero ou do desapego. Esta variável está intimamente ligada com o tempo que esta figura permanece ausente.
Concluiu-se que o objetivo foi parcialmente alcançado, na medida em que não foi possível detectar de modo preciso ressonâncias ou configurações psicológicas, que surgem após a experiência de separar-se de uma figura de apego.
Sugere-se que novas pesquisas sejam feitas, no sentido de ampliar a amostragem, delimitando somente sujeitos que passaram por esta vivência na infância, mas que no momento da pesquisa encontrem-se na idade adulta, para poder investigar possíveis conseqüências deste episódio.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOWLBY, John; *Apego: A natureza do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
BOWLBY, John; *Separação: Angústia e Raiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
BRAZELTON, T. Berry; *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
CARRO, Jaqueline Wendland; *Qualidade de interação mãe-bebê: os efeitos de uma intervenção precoce*. Rio Grande do Sul: 1994.
FERREIRA, Maria Clotilde T. Rossetti; *Aumento da interação adulto-criança e criança-criança durante a separação e após o reencontro com a mãe.* Ribeirão Preto: 1982.
MELIS, Ana Esmeralda Coimbra Biazzo; *Fatores que influenciam o comportamento de crianças e mães em episódios de separação.* São Paulo: 1979.
QUINODOZ, Jean-Michel; *A Solidão Domesticada: A angústia de separação em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA VISÃO DA PSICANÁLISE LACANIANA.

PIVA, F. J.

Esta pesquisa tem como objetivo fazer breve estudo sobre a Constituição do Sujeito apoiada nas referências teóricas da Psicanálise Lacaniana. Assim, procura expor as principais idéias relacionadas ao tema.
A luz desta perspectiva teórica, o trabalho visa esclarecer e formular algumas questões relevantes sobre um caso atendido na Clinica de Psicologia de uma Universidade. Tratou-se de um garoto de 13 anos, na época, que fora trazido à Clínica por sua mãe, com a queixa de agressividade, problema de crescimento e por não saber ler e escrever.
A partir da revisão bibliográfica, verificou-se que os autores que defendem uma abordagem de base lacaniana, explicam que, por ser imatura em seu desenvolvimento, a criança se reconhece através da imagem de sua mãe, o *Outro primordial*, que tem como função materna, nomear e significar o corpo do bebe.
Esta função será dirigida conforme o desejo desta mãe por seu filho, influenciando em sua constituição psíquica. Sendo assim, é possível pensar o desejo do sujeito, como o desejo do *Outro*, já que é este último que oferece as referências para o desenvolvimento do bebê. O desejo materno, apresenta relação com o que representa este filho na sua vida.
A inserção do sujeito à linguagem, de acordo com a teoria, depende da introdução do *Nome-do-Pai,* ou seja, a *metáfora paterna,* que proíbe a relação incestuosa entre a mãe e seu filho, mostrando, também, que esta relação dual não é complementar. Portanto, é a partir da introdução do terceiro, que a criança sai da posição de alienação no desejo da mãe para se apropriar de seu próprio desejo.
No entanto, para que a introdução da *Lei* seja possível, é preciso que a mãe permita esta abertura, o que dependera da presença simbólica do terceiro na subjetividade desta.
Foram selecionados e analisados, seguindo a literatura estudada, alguns dados apresentados no discurso da mãe do sujeito, 41 anos, durante a entrevista inicial e acompanhamento terapêutico. Assim como alguns dados do discurso e comportamento do sujeito.
Fazendo um paralelo entre a teoria e o caso, verificou-se que, possivelmente, o sintoma da criança de não crescer e não aprender ler e escrever, está intimamente ligado com as fantasias de morte da mãe. O crescer, ler e escrever, para esta mãe, representa a aproximação da morte.
Verificou-se que é possível fazer relação entre os sintomas manifestos pela criança e a expressão do desejo materno.
Enfim, são formuladas algumas hipóteses e perguntas sobre os dados obtido do caso e a teoria selecionada. Sugere-se, aprofundar este tema em trabalhos futuros.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CABRAL, A. e NICK, E. *Dicionário Técnico de Psicologia.* Rio de Janeiro, Revinter, 1999.
COSTA, A. C. *A Escuta em Euterpe: Um Manejo ao Encontro do Sujeito Infantil Psicótico.* São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1998.
FALSETTI, L. A. V. *A Criança, sua "Doença" e a Mãe – Um Estudo sobre a Função Materna na Constituição de Sujeitos Precocemente Atingidos por Doenças ou Deficiências.* São Paulo, USP, 1990.
JERUSALINSKY, A. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
KUPFER, M. C. *Freud e a Educação: O Mestre do Impossível*. São Paulo, Scipione, 1992.
LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
LEMEIRE, A . *Jacques Lacan: Uma Introdução.* Rio de Janeiro, Campus, 1989.
LEDOUX, M. H. *Introdução à Obra de Françoise Dolto.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
MANNONI, M. *A Criança, sua "Doença" e os Outros.* Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1987.
NEME, L. *O A-prender na Constituição do Sujeito. In* Escola Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão. Rio de Janeiro, Reviter, ano XVII – n 23, 1999.
NASIO, J. D. *Lições Sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise: Castração, Falo, Narcisismo, Sublimação, Identificação, Supereu e Foraclusão.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
___________. *Introdução às Obras de: Freud, Firenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, e Lacan.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
ROCHA, P. S. (org) *Autismo*. Recife, Escuta, 1997.
ROSENBERG, A. M. S. de. *O Lugar dos Pais em Psicanálise de Crianças.* São Paulo, Escuta, 1994.
SALIBA, A. M. P. M. *A Letra da Inocência. In* Letra Freudiana – Escola, Psicanálise e Transmissão. Rio de Janeiro, Revinter, ano XVII - n°23, 1999.
SEIXAS, M. da S. *A Nomeação como Expressão do Desejo dos Pais e Atribuição de Significado ao Sujeito.* São Paulo, PUC, 1996.
VITÓRIO, P. R. *O Discurso Materno no Processo de Constituição do Sujeito.* São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1998.

DISTÚRBIOS DO SONO EM BEBÊS DE 0 A 4 ANOS.

REITANO, C.

Esta monografia objetiva investigar fatores afetivos que podem influenciar nos distúrbios do sono do bebê de 0 a 4 meses. Foram entrevistadas 3 (três) mães, com idades de 21, 23 e 30 anos, respectivamente, com bebês de até um ano de idade para a coleta de dados. Utilizou-se de entrevista semi-estruturada, abordando os seguintes aspectos: como era o sono dos bebês nos primeiros quatro meses, como as mães estavam emocionalmente, como foi o relacionamento com o bebê após seu nascimento e como viam a possibilidade de serem mães, antes de receberem a notícia de que estavam grávidas.
Os resultados apontam que o estado emocional da mãe afeta o comportamento do bebê, as mães reconhecem que ao estarem nervosas e agitadas seu bebês respondem da mesma maneira. Desta forma, apesar da amostragem não ser suficiente para conclusões generalizantes, foi possível verificar que existe a possibilidade do estado emocional da mãe, afetar o sono do bebê recém nascido.
Sugere-se que novos estudos sejam feitos para maiores esclarecimentos sobre a influência dessas variáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEE, H. – A criança em desenvolvimento. São Paulo, Harbra, 3ª ed., 1986.
BRAZELTON, T.B. - Bebês e Mamães, Prefácio Jerome S. Bruner. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
BRAZELTON, T.B. - Momentos Decisivos do Desenvolvimento Infantil. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
BICK, E. - Tendências – Observação da Relação Mãe-Bebê. São Paulo, Unimarco, 1997.
CABRAL, A. e NICK, E. - Dicionário Técnico de Psicologia. São Paulo, Cultrix, 12ª ed., 1997.
CUNHA, J.A. & cols. – Psicodiagnóstico R. Porto Alegre, Artes Médicas, 4ª ed., 1993.
FERREIRA, A. B. H. - Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
MILLER, L. – Compreendendo seu bebê. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
OLIVEIRA, M.M.H. d' – Ciência e Pesquisa em Psicologia. São Paulo, E.P.U., 2ª ed., 1984.
REIMÃO, R. e DIAMENT, A.J. - Sono na Infância Aspectos Normais e Principais Distúrbios, Monografias Médicas, Série Pediatria. XXV - Sarvier, 1985.
WINNICOTT, D. W. – Os bebês e suas mães. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

CONFIGURAÇÕES PSICOLÓGICAS RELACIONADAS A VITIMIZAÇÃO SEXUAL INFANTIL

MANOEL, S. P.

Visa-se investigar através desta monografia as configurações psicológicas cujas raízes se relacionam a vitimização sexual vivenciada na infância. Foram realizadas três entrevistas semi-estruturadas com três profissionais que trabalham com sujeitos que sofreram esse tipo de violência. Para melhor conhecermos os problemas da vitimização sexual, foram reunidos alguns pensamentos que nos levam a um diálogo franco e aberto, verificando quais fatores se associam a esta agressão e averiguando suas possívies conseqüências e efeitos., partindo de um referencial que coloca o abuso sexual e o psiquismo intimamente ligados. Diante disto é importante compreender que a humanidade vítima de tal ocorrência, men todos estão aptos para lidar com seus próprios conteúdos internos. Os resultados mostram a significância dos aspectos psicológicos como auto-estima, dificuldade de relacionamento e confiança, serem enfocados no tratamento psicológicos. A elaboração desses fatores parece ser relevantes para que as pessoas possam reconstruir sua vida com o sentimento de dignidade. Sugere-se novos estudos para que esses dados sejam clarificados e ampliados.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, M. A. & GUERRA,V. N. A.; *"Pele da asno não é só história... Um Estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescente em família"*. São Paulo: Roca, 1988.

AZURIAGUERRA, J; *"Manual de Psiquiatria Infantil"*. Masson

BOLLETO, A. O. & Colaboradores; *"Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder"*. São Paulo: IGLU, 1989.

CABRAL, A. & NICK, E.; *"Dicionário Técnico de Psicologia"*. São Paulo;

CUNHA, J. A. & cols. "*Psicodiagnóstico R.*" Porto Alegre, Artes Médicas, 4º ed., 1993.

FREUD, S. *"Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade"*. 4º ed. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1972. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud.

GABEL, M. ; *"Crianças Vítimas de Abuso Sexual"*. Ed. Summus Editorial:1997

GOLDMAN, L.; *"Breaking the Silence, A Guide to Help Children With Complicated Grief- Suicide, Homicide, AIDS, Violence and Abuse",* Bristol PA, Ad Accelerated Development,1996.

JEHU, D.;*"Beyond Sexual Abuse Therapy With Women Who Were Childhood Victims"*. Ed. Wiley, New York, 1991.

LEONORE, E. A. W. ; *"Handboold on Sexual Abuse of Children"*. Ed.D.A.B.P. Spinger Publishing Company, New York,1988.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B.; *"Vocabulário da Psicanálise"*. São Paulo, Marins Fontes LDTA, 1991.

SZNICK, V.; *"Crimes Sexuais Violentos"*. São Paulo, Ícone, 1992.

ZAGURY, T.; *"O adolescente por ele mesmo"*. Rio de Janeiro: Record, 1996. Ed. Abril; *"A Carícia que destroí a inocência";* in Veja; nº5; São Paulo.

Orientador (a): Paulo Afranio Sant´Anna

O JOGO DE AREIA EM TERAPIA CONJUGAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.

CARVALHO, L. A. P. P. DE

O casamento implica intimidade, em que um olhar ou um gesto assumem uma gama infinita de variações e expressam diversos comunicados.
A comunicação tem um importante papel na dinâmica conjugal. O dito e o não–dito circulam pela relação compondo o mito do casal.
Um meio provável de avaliar o quão íntimo se é de alguém é mensurar o quanto podemos compreender do outro através do olhar e dos gestos, o quanto podemos saber do não - dito. Embora o diálogo cumpra a função de integração do casal, não abrange todas as facetas da relação pois, como falar daquilo que eu mesmo desconheço em mim?
A intimidade vivenciada pelo casal pode ser comparada àquela vivida entre mãe e bebê, contudo apresenta um traço diferencial: a "escolha". Os parceiros firmam um pacto afetivo através da mútua eleição e contínua ratificação, constituindo o vínculo conjugal, o qual se caracteriza como uma relação diádica de natureza predominantemente subjetiva e especular.
A intimidade, por sua vez, não significa ausência de conflitos e, nesse âmbito, atua a terapia conjugal: inserida no conjunto das terapias familiares, privilegia o vínculo conjugal, visando tratar seus conflitos e suas disfunções.
O presente trabalho enfoca o aspecto do não-verbal a partir de uma abordagem junguiana sobre a terapia conjugal, que preceitua o casamento como uma via para o processo de individuação. Além de expor os fundamentos teóricos sobre o tema, também apresenta um estudo de caso para o qual se elegeu um casal como sujeitos, que correspondia ao perfil previamente delimitado (período de união entre um e sete anos, ausência de filhos, classe sócio-econômica média e escolaridade de pelo menos ensino fundamental).
O instrumento adotado para a expressão não–verbal das fantasias subjetivas foi o Jogo de Areia que, por meio da construção de cenários em uma caixa com areia, utilizando-se de miniaturas realistas e fantásticas, torna visível o mundo interno, concretizando-o em três dimensões.
Com o intuito de verificar se tal instrumento em terapia conjugal viabiliza uma interação não-verbal entre o casal e promove uma conscientização de aspectos desconhecidos da relação, solicitou-se que os sujeitos construíssem juntos um cenário de areia, representando o seu casamento. Depois realizou-se uma entrevista breve e aplicou-se o genograma com a finalidade de obter dados pessoais e de suas famílias de origem.
Os dados obtidos foram analisados qualitativamente e observou-se que o revelar simultâneo de certas imagens internas pode possibilitar ao casal uma percepção nova e diferente sobre o relacionamento. Pôde ser observado que elementos significativos para o casal foram simbolizados no cenário, sendo estes depois averiguados. O tema desenvolvido no cenário foi "nossa casa", sugerindo a ocorrência da simbolização de uma necessidade do casal em possuir um lar, sendo esta posteriormente confirmada na entrevista e no genograma. Também foi possível avaliar a frágil comunicação existente entre o casal durante a montagem da cena, construída separadamente e sem a interação de elementos.
Mesmo necessitando de aprofundamento, este estudo considera que o Jogo de Areia pode contribuir para a terapia conjugal, pois promove novas percepções sobre a dinâmica do casal. Os dados levantados não são conclusivos mas sugerem que este pode ser um instrumento valioso em psicodiagnóstico e como um recurso terapêutico em si, do mesmo modo que o Scenotest é empregado atualmente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BENEDITO, V.D.Y. **Amor conjugal e terapia de casal:** uma abordagem arquetípica. São Paulo, Summus, 1996.
BYINGTON, C. Adolescência e interação do self individual, familiar, cultural cósmico: introdução à psicologia simbólica da dinâmica familiar. **Junguiana**, São Paulo, v. 6, p. 47-118, 1988.
CALIL, V. L. L. **Terapia familiar e de casal**: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica. São Paulo, Summus, 1987.
CAREY, L.J. Uma abordagem da terapia familiar com sandplay centrada na criança. **Revista da Sociedade Brasileira de psicoterapia Junguiana**, São Paulo, v.1, n.3, p. 6 – 11, 1992.
CAREY, L.J. **Sandplay therapy with children and family.** Northvale, Jason Aronson,1999.
CERVENY, C. M. O. **O Scenotest como instrumento de investigação das relações familiares, no processo do diagnóstico psicológico com crianças e adolescentes**. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1982.
JUNG, C.G. O casamento como relacionamento psíquico. In: **O desenvolvimento da personalidade**. São Paulo, Círculo do livro, 1995, p. 265 – 283.
KALFF, D.M. **Sandplay**: a psychotherapeutic approach to the psyque. Boston, Sigo Press, 1980.

VARGAS, N. S. **Terapia de casais:** uma visão simbólico-arquetípica da conjugalidade. São Paulo, 995, 337p Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

WEINRIB, E. L. **Imagens do Self**: o processo terapêutico na caixa-de-areia. São Paulo, Summus, 1993.

UM BREVE ESTUDO SOBRE POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO CONTEXTO PSICOTERÁPICO.

MARINHO, K. M.

Introdução: Este trabalho é dedicado ao encontro de duas artes sensíveis, a saber: psicologia e fotografia, que lidam e buscam apreender a mesma matéria prima - a alma.
Há muito tempo os recursos e instrumentos projetivos provaram sua eficácia e validade no auxílio clínico em psicologia. À medida que a psicologia foi se desenvolvendo o conhecimento e utilização desse acervo de recursos tornou-se fundamental e comuns no cotidiano dos psicólogos. A importância dos instrumentos projetivos na atuação clínica como um recurso viável na contribuição psicodiagnóstica ganhou tamanha notoriedade e dimensão, que grande parte da grade curricular universitária das faculdades de psicologia compreende o ensino de testes como o TAT, Rorschach, Wartegg, etc. Portanto, é mister o aprofundamento em pesquisas científicas que possibilitem a experimentação e busca de outros recursos projetivos, com o intuito de contribuir com idéias que promovam maior criatividade no atendimento clínico em psicologia. Assim, a proposta da presente pesquisa refere-se ao questionamento da utilização e viabilidade de fotografias como um possível instrumento projetivo e criativo no contexto psicoterápico. Entretanto, vale ressaltar que a fundamentação teórica desse estudo foi pautada nos conceitos da psicologia junguiana, que não concebe a projeção como um mecanismo de defesa, mas sim como um funcionamento normal e auto-regulador da psique. Objetivo: Investigar a possibilidade de viabilizar a utilização da fotografia como um instrumento psicoterápico no sentido de: servir como um método projetivo e clínico, favorecer a recuperação de memória e possibilitar a elaboração de conteúdos. Método: Foram realizados seis encontros com dois sujeitos de sexo oposto e faixa etária entre 30 e 35 anos durante o período do mês de setembro de 1999 no S.P.A da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Procedimento: Cada sujeito participou de três encontros consecutivos e individuais realizados durante uma semana. No primeiro encontro realizou-se uma anamnese e o instrumento utilizado foi à entrevista semi-estruturada. A cada colaborador foi solicitado, no término da anamnese, que trouxesse 5 fotos de conteúdo significativo para os demais encontros. No segundo encontro buscou-se explorar todos os conteúdos suscitados a partir das imagens das fotos. No último encontro, os colaboradores tiveram a oportunidade de intervir com as imagens das fotos. Para tanto, utilizaram fotocópias das mesmas, além do seguinte material: lápis de cor, giz de cera, cola, tesoura e papéis sulfite de várias cores.
Em posse desse material, houve a proposta da elaboração de um trabalho criativo livre que consistia em reunir as fotocópias, a fim de compô-las em uma única foto. Resultado: Como resultado obteve-se que os exercícios com fotografia proporcionaram aos dois sujeitos: a recuperação da memória enquanto fato e emoção subjacente ao mesmo, a verificação, contato e conscientização de aspectos inseridos no contexto das fotos que não tinham sido relacionados ou percebidos até então, a possibilidade dos sujeitos relacionarem suas vivências com os conteúdos dos históricos trazidos através da experiência com as atividades, a capacidade de dar forma aos aspectos latentes manifestos com o auxílio dos exercícios, a propensão ao relaxamento, introspecção e projeção dos conteúdos latentes. Conclusão: concluiu-se, a partir dos exercícios, nos casos estudados, que a utilização da fotografia pode ser um método projetivo e clínico viável. Observou-se também que o seu uso favorece o resgate da memória e a elaboração de conteúdos latentes. Portanto, a presente pesquisa obteve êxito no tocante aos aspectos levantados em sua proposta. No entanto, vale ressaltar a necessidade da realização de mais pesquisas sobre o tema estudado para que ocorram novas discussões, contribuições e aprofundamentos que possibilitem o aprimoramento do curso do desenvolvimento da psicologia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico**. 2.ed. São Paulo, Papirus, 1998.
FRANZ, M V. **Reflexos da Alma**. 12.ed. São Paulo, Cultrix, 1997.
JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo, Símbolo**. 10.ed. São Paulo, Cultrix, 1995.
JEFFREY, I. **Photography:** a concise history. London, Thames and Hudson, 1989.
JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**. Petrópolis, Vozes, 1997.
KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo, Nova Cultural, 1996.
KOSSY, B. **Fotografia e História**. São Paulo, Ática, 1989.
MCCULLY, R. S. **Rorschach Teoria e Simbolismo:** uma abordagem junguiana. Belo Horizonte, Interlivros, 1980.
MILGRAM, S. **Um Psicólogo Olha Para Câmara Fotográfica**. Biblioteca do Instituto de Psicologia da USP, tombamento S 66 p. 30-43, 1976. **[separata]**
NEUMANN, E. **História da Origem da Consciência**. São Paulo, Cultrix, 1995.
____________. **A Criança**. 1.ed São Paulo, Cultrix, 1999.
WENRIB, E. L. **Imagens do Self:** o processo terapêutico na caixa-de-areia. São Paulo, Summus, 1993.

INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA DE UMA CRIANÇA COM PROBLEMAS DE INDISCIPLINA ATRAVÉS DO JOGO DE AREIA.

MARTINS, R. A. P.

O objetivo do presente trabalho foi averiguar a possibilidade de aplicar o Jogo de Areia como instrumento projetivo na investigação psicológica de uma criança com problemas de indisciplina. O Jogo de Areia é um recurso não verbal e não interpretativo com base na Psicologia Analítica. Tradicionalmente é utilizado em processos de longa duração, mas também pode ser empregado como instrumento projetivo na elaboração de um psicodiagnóstico. Isto porque o Jogo de Areia propicia que sejam montadas cenas com temas específicos que fornecem rico material de análise sobre a psicodinâmica do indivíduo, além de ser um referencial de dados imagéticos e simbólicos do mesmo, facilitando o estudo de uma problemática específica. A indisciplina é realidade comum nas escolas. Segundo a corrente desenvolvimentista da Psicologia Analítica tem origem na má elaboração da fase patriarcal. Aquela pode ocorrer devido a uma postura institucional-pedagógica de caráter patriarcal rígido e ou como expressão individual de um aluno que apresenta elaboração precária na passagem por sua fase patriarcal. A pesquisa foi realizada com um aluno de 8 anos que cursa o 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública. A escolha do sujeito foi feita por sugestão da direção da escola. Após a observação comportamental do mesmo em sala de aula, foi realizada uma anamnese com a responsável pela criança. A partir de então, houve cinco encontros onde foram trabalhadas através do Jogo de Areia as seguintes temáticas: ambiente escolar, ambiente familiar, o sujeito brincando, seus sonhos e seus amigos. Os resultados obtidos podem indicar que o comportamento indisciplinar do sujeito pode advir da fase patriarcal mal integrada, o que lhe traz dificuldade em lidar com regras, normas e modelos rígidos de autoridade. O sujeito não teve a presença do pai que faleceu antes de seu nascimento e uma mãe ausente que, neste momento, está detida por uso de drogas. A família mente para a criança dizendo que a mãe está na escola estudando. Desta forma, a escola acaba sendo o lugar onde o sujeito, através da indisciplina, expressa sua necessidade de atenção e afeto e uma agressividade reativa à mentira que lhe é imposta pela família. Isto aliado a uma educação extremamente controladora, baseada em um modelo tradicional de ensino e tendo como professora uma mulher de caráter ambíguo, ora indiferente, ora rígido demais. Dentro deste quadro, pode-se inferir que a indisciplina seja um pedido de socorro e uma forma saudável de compensação psíquica. Concluiu-se que o Jogo de Areia foi uma ferramenta útil na investigação psicológica de uma criança com problemas de indisciplina, porque através das cenas montadas na areia pôde-se averiguar a dinâmica psíquica subjacente ao comportamento estudado. Obteve-se amplo material de pesquisa na forma de construções temáticas, com a expressão de grande quantidade de símbolos. Devido à própria natureza do instrumento, que possibilita interação e mudança das cenas conforme estas vão sendo realizadas, estabelecendo uma comunicação imediata com os conteúdos ali expressos, pode-se supor que o Jogo de Areia também tenha proporcionado alguma transformação ainda que no nível inconsciente .

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRADWAY, K & McCOARD, B. **Sandplay**: Silent Workshop of the Psyche. New York, Routledge, 1997.

BYINGTON, C.A.B. **Pedagogia Simbólica**: A Construção Amorosa do Conhecimento do Ser. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1996.

KALFF, D.M. **Sandplay**: a Psychotherapeutic Approach to the Psyche. 2 ed. Boston, Sigo Press, 1986.

MITCHELL, R. R. & FRIEDMAN, H. **Sandplay**: Past, Present and Future. New York, Routledge, 1994.

NEUMANN, E. História da Origem da Consciência**. São Paulo, Cultrix, 1990.**

____________. A Criança**. São Paulo, Cultrix, 1991.**

RYCE-MENUHIM, J. Jungian Sandplay**: The Wonderful Therapy. New York, Routledge, 1992.**

WEINRIB, E. L. **Imagens do Self:** O Processo Terapêutico na Caixa-de-Areia. São Paulo, Summus, 1993.

Orientador (a): Paulo Francisco de Castro

O RORSCHACH E A COMPULSÃO NO USO DO ÁLCOOL.

SOUZA, D. J. DE

Orientador (a): Paulo Roberto de Camargo

O RELACIONAMENTO AMOROSO DO INDIVÍDUO NARCISISTA COM O OUTRO E FATORES DA SOCIEDADE QUE FORTALECEM A EXISTÊNCIA DE NARCISOS E ECOS.

LIMA, M. L. DE S.

O objetivo do trabalho é colaborar para o conhecimento do relacionamento afetivo do indivíduo narcisista com o outro, entrando também no aspecto cultural, buscando e analisando alguns fatores culturais que fortalecem a existência de Narcisos e Ecos na sociedade.
Na mitologia grega, Narciso é um belo e jovem rapaz que apaixona-se por sua própria imagem refletida na água e fica tão deslumbrado olhando seu reflexo que se esquece de tudo e morre de amor, ou, transforma-se na flor narciso.
Eco é uma jovem ninfa que somente repete os últimos sons das palavras que ouve. Eco se apaixona por Narciso porém ele a repele. Eco então deixa de se alimentar e definha, transformando-se em rochedo.
Embora no mito Narciso tenha rejeitado Eco, nos relacionamentos vê-se que um indivíduo narcisista escolhe exatamente alguém que seja seu “eco”, ou que “aparente” ser Eco, alguém que o ame incondicionalmente, que o aplauda, que concorde sempre com ele, alguém que o reflita pois se não for assim, não há relacionamento, ou melhor, há sofrimento.
O indivíduo narcisista, geralmente não teve uma relação primária empática com sua mãe. Resta então nesse indivíduo, um vazio que tenta preencher nas suas escolhas narcísicas de parceiros. No fundo, ele os despreza e os destrói, e em cada abandono, vinga-se do “abandono” que sofreu pela mãe.
Portanto, o indivíduo narcisista é alguém que seduz e logo abandona, não se aprofunda no relacionamento, é alguém com pouca capacidade de amar, de dar, de doar-se.
O parceiro “Eco”, normalmente é alguém que já renunciou a uma parte de seu narcisismo e está em busca do amor objetal, é alguém que consegue amar.
No aspecto cultural vê-se que a existência desses dois tipos de pessoas é fortalecida e até exigida ultimamente pela nossa sociedade, que preza valores como o individualismo, a auto-promoção, a sedução, as relações superficiais, ou seja, características narcisistas, e infelizmente se não a ecoarmos, não sobrevivemos.
Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e pôde-se observar que o material fica mais centrado no próprio indivíduo narcisista e seus aspectos dinâmico-estruturais, não sendo quase abordado o aspecto relacional (indivíduo narcisista com o outro).
Foram analisados minuciosamente o mito e os comportamentos de Eco e Narciso e após essa recolha fica a certeza de que eles estão em todos nós, em cada indivíduo se manifesta um deles e, muitas vezes, os dois, agindo quase sempre de diferentes maneiras.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRANDÃO, J.S. **Mitologia Grega**, vol.2. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.
FREUD, S (1914**). Sobre o narcisismo: Uma introdução**. Rio de janeiro, Imago Editora Ltda, 1974.
LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise/ Laplanche e Pontalis**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1983.
MALPIQUE, C. **Sexualidade e narcisismo ou a capacidade de amar**. Revista Portuguesa de Psicanálise, vol. VI, nº02. Porto, Edições Afrontamento, 1993.
REIS, A.O.A. et alli. **Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung**. São Paulo, E.P.U, 1984.

O MITO DE LILITH E A OBRA DE NELSON RODRIGUES.

VIEIRA, M. M. W. R. B.

Toda cultura tem um padrão de quais devem ser os papéis do homem e da mulher. A cultura brasileira segue os padrões judaicos-cristãos, onde por muitos séculos, a mulher deveria servir ao homem, tendo como hábito não demonstrar sua força através do trabalho ou mesmo da palavra. Deveria ficar dentro de casa, sempre dócil e passiva. Ao homem caberia as atividades desenvolvidas externamente, como trabalhar, cuidar do dinheiro, entre outros. A ação e a palavra pertenciam a ele. Além da ação e da palavra que eram reprimidos, a sexualidade também era reprimida, e não somente pelas mulheres, mas também pelos homens que não a viviam, em grande parte, satisfatoriamente com suas respectivas mulheres. O lar deveria permanecer "sagrado", e a maioria das relações sexuais visavam apenas a reprodução (filhos). Este era um dos fatores que fazia com que ambos procurassem satisfação em ralações fora de casa. Apesar disso tudo estar mudando, não pode-se esquecer que essas são nossas raízes e que ainda não estamos totalmente livres desses padrões.
O Mito de Lilith mostra-nos a reinvidicação de igualdade, por parte da mulher, de não admitir-se inferior ou submissa. Em cada povo esse mito terá uma forma de ser representado de acordo com a cultura e os valores dessas sociedades. Lilith pertence a um universo oculto, das sombras, já que é um mito de exclusão. É o que desejamos e o que ao mesmo tempo nos transgride. Segundo Sicuteri (1985), quando entramos em contato com esses desejos, permanecemos em contato com o medo, encontrando o inconsciente, o desconhecido, e também o que há de mais criativo da alma feminina no homem e na mulher.
As obras de Nelson Rodrigues reencenam dramas antiquíssimos da cultura ocidental, que estão presentes nos mitos. As famílias retratadas em sua obra tentam defender-de de uma sociedade em mudança, de um Brasil ainda colonial, patriarcal, e de um outro Brasil que está crescendo industrialmente. Assim, suas mulheres são idealizadas santas, imaculadas, intocáveis, como Virgem Maria. Porém, devido à forte repressão, principalmente as mulheres são levadas a atitudes ambíguas, onde por um lado negam o desejo por sua própria sexualidade e, por outro, são levadas a experimentarem-na de maneira sombria.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BYINGTON, C. **Desenvolvimento da Personalidade.** São Paulo, Ática, 1987. (Série Principius, v.123)
BYINGTON, C. **Estrutura da Personalidade: Persona e Sombra.** São Paulo, Ática, 1988. (Série Principius, v.135)
CHARLIER, R. C. **O retorno do trágico em Nelson Rodrigues: dionisismo e alteridade.** São Paulo, 1999. Tese (Doutorado), Psicologia Clínica, Pontífica Universidade Católica de São Paulo.
CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida.** 12ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.
HARDING, M. E.**Os Mistérios da Mulher.** São Paulo, Edições Paulinas, 1970. (Col. Amor e Psiquê)
MOTT, L. **O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição.** Campinas, Papirus, 1988.
PAIVA, V. **Evas, Marias, Liliths, Amélias, Diadorins, Rebordosas... Caminhos Singulares da Identidade Feminina no Patriarcado em Crise.** São Paulo, 1986. 286p. Tese (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
RODRIGUES, N. **O melhor do romance, contos e crônicas.** Seleção e apresentação Ruy Castro. São Paulo, Cia. Das Letras, 1993.
RODRIGUES, N. **Teatro completo.** Organização de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,1981. (Vol.1, 2, 3 e 4)
RODRIGUES, N. **Asfalto Selvagem – Engraçadinha, seus amores, seus pecados.** São Paulo, Cia. Das Letras, 1994.
ULSON, G. **O Método Junguiano.** São Paulo, Ática, 1988. (Série Principius, v. 131).
SICUTERI, R. **Lilith: a Lua Negra.** Trad. Norma Telles e J. Adholpho S. Gordo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. (Coleção Psiquê, v. 2)

Orientador (a): Ricardo Alves de Lima

ASPECTOS EMOCIONAIS DAS ADOLESCENTES GRÁVIDAS.

PASQUINI, L.

O presente trabalho teve como objetivo levantar aspectos emocionais de Adolescentes grávidas. Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que a gravidez na adolescência vem ocorrendo em idade cada vez mais precoce e tal situação provoca conflitos emocionais.
Para a realização deste estuda utilizou-se como instrumento 2 lâminas femininas do Teste de Apercepção Temática (T.A.T): 7MF (atitude frente a maternidade) e 8 MF (expectativas em Relação ao futuro) . Estas duas lâminas proporcionaram a analise e comparação dos aspectos emocionais das adolescentes frente a situação de gravidez não planejada sem a influência de resistências que um outro instruo, como por exemplo entrevistas ou questionários, poderiam ocasionar.
A amostra foi composta de 20 sujeitos adolescentes, do sexo feminino, na faixa etária de 15 a 19 anos de idade, pertencentes à mesma classe social (média baixa) que cursavam o fim do 1 grau e o início do 2º grau escolar. Todas residentes na Zona Leste do estado de São Paulo.
Dividiu-se em 2 grupos de 10 sujeitos cada , sendo grupo A : 10 sujeitos que estavam em processo de 1 gravidez não planejada.
O grupo B (grupo de controle) foi composto de 10 sujeitos que nunca engravidaram.
Como conclusões gerais observou-se que as adolescentes não grávidas percebem a situação de gravidez não planejada de forma mais agradável que as adolescentes grávidas , pois as garotas que nunca engravidaram não experimentaram as perdas e ganhos reais que uma gravidez não planejadas na adolescência traz.
Concluiu-se que as mudanças emocionais que uma adolescente vivencia frente a uma gravidez não planejada depende de fatores externos (família , sociedade) e fatores internos (auto-estima , intensidade dos conflitos próprios da adolescência e da maturidade adquirida com experiências já vivenciadas nos relacionamentos com família ,sexo oposto e sociedade).

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL M. (1981) *Adolescência Normal*. Porto Alegre, Artes Médicas.
CLAES, M. (1985) *Os Problemas da Adolescência*. São Paulo, Ed. Verbo Lisboa.
COMISSÃO DE SAÚDO DO ADOLESCENTE. (1994) *Adolescência e Saúde*. São Paulo (Secretaria do Estado da Saúde).
CONGER, J. (1979) *Adolescência Geração sob Pressão*. Coleção Psicologia e Você. Ed. Hamburg.
COSTA, M. *Gravidez na Adolescência – Difícil de Enfrentar Essa Barra* SP Revista Crescer. Ed. Globo. N.º 24. Nov/1995.
COSTA, M. (1996) *Sexualidade na Adolescência*. São Paulo, Ed. LPM.
FORTES L & FERREIRA, Z. *Família Jovens – Pais precoces* Revista Desfile Ed. Bloch. N.º 332. Jun/1997.
MACHADO, D.(1987) *Comportamento Humano em Psicologia – Conselhos,*Curitiba, PR. Ed. Educacional Brasileira S/A.
MALDONATO, M. T. P. (1976) *Psicologia da Gravidez*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
ORÍGLIA D. & OUILLON H. (1964) *A Adolescência*. Les Éditions Sociales Françaises.
SOIFER R. (1980) *A Psicologia da Gravidez Parto e Puerpério*. Porto Alegre Artes Médicas.

VULNERABILIDADE FEMININA À AIDS: ASPECTOS PSICOLÓGICOS.

SANTO, C. L. DO E.

Este trabalho visa uma comparação dos motivos que levaram mulheres soropositivas e soronegativas, participantes de relações afetivo-sexuais estáveis, ao não uso de preservativos, a fim de identificar aspectos psicológicos da vulnerabilidade feminina diante do HIV em relações fixas. Foram realizadas entrevistas semi-abertas com seis mulheres: três soropositivas (grupo A), entre 29 e 33 anos, com escolaridade entre 2º e 3º graus incompletos, e três soronegativas (grupo B), entre 18 e 22 anos, com o 2º grau incompleto. Os sujeitos do grupo A foram entrevistados no Grupo de Incentivo à Vida (GIV) e os sujeitos do grupo B, em uma Creche paulista. Verificaram-se alguns motivos para a não utilização da camisinha, tais como: a questão temporal, envolvendo tempo (passado) de relação e planos (futuros) de casamento; a confiança no parceiro; uso de outros métodos anticoncepcionais. Apenas o grupo A alegou que na época da contração do HIV não havia muitas informações sobre a doença e as campanhas tinham como foco os "grupo de risco". Em ambos os grupos foi identificado o uso da camisinha principalmente como método contraceptivo. Entretanto, a esse respeito, outras observações chamam a atenção: uso dos métodos coito interrompido e tabelinha, pouco eficazes. Sobre o exame de HIV, o grupo B colocou que faria depois do sintoma ou para verificar a possibilidade de contração da doença. A teoria da construção social dos gêneros ajuda a compreender os aspectos psicológicos da vulnerabilidade feminina à AIDS, como a submissão e a passividade da mulher na relação com o homem. O trabalho ilustra que informação não é suficiente para a mudança de comportamento. Uma alternativa a isso pode ser continuar com as campanhas informativas, mas também com campanhas que discutam as informações e promovam a reflexão, voltadas para grupos menores de pessoas, campanhas que se preocupem em entender e questionar aspectos pessoais dos indivíduos quanto às suas dificuldades para a mudança de atitude em relação ao uso do preservativo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AYRES, J. R. C. M. & JÚNIOR, I. F. & CALAZANS, G. J. (1997) AIDS, vulnerabilidade e prevenção. In: Saúde reprodutiva em tempos de AIDS - II Seminário. ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) e Programa de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde – IMS/ UERJ. Rio de Janeiro/RJ, p. 20-37.

CAMPOS, R. C. P. (1997) Gênero e Psicanálise: em tempos de AIDS, o que quer uma mulher? In: PSIQUE – Revista do Depto de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Letras – Faculdades Integradas Newton Paiva. Ano 7, nº 10, p. 102-112.

COSTA, R. P. (1994) Os onze sexos – as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo/SP, Gente.

GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual). (1998) Adolescência e Vulnerabilidade - Projeto "Trance essa Rede". São Paulo/SP. (Álbum)

MINISTÉRIO DA SAÚDE. (1998) In: Revista Veja. Ed. Abril, 28/10/98. São Paulo/SP. Ano 31, nº 43, p. 114-121.

__________. (1999) In: Jornal da Tarde. 11/06/99. São Paulo/SP. Ano 34, p. 16A.

POLIZZI, V. P. (1998) In: AIDS: refletindo sobre as dificuldades na prevenção. Instituto de Infectologia Emílio Ribas. São Paulo/SP, 25/11/1998. (Mesa redonda)

PROGRAMA DE DST/AIDS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (1997) Boletim Epidemiológico de AIDS. São Paulo/SP. Ano 1, nº 1.

SANCHES, R. M. (1997) Escolhi a vida – desafios da Aids mental. São Paulo/SP, Olho d'Água.

SCOTT, J. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife/PE, SOS Corpo, p. 71-99.

VILLELA, W. (1996) Oficinas de sexo mais seguro para mulheres – abordagens metodológicas e de avaliação. São Paulo/SP, NEPAIDS.

__________. (1993) Considerações sobre a prevenção da AIDS entre as mulheres. In: ABIA. Rio de Janeiro/RJ. Ano 7, jan/1993. p.

__________. (1997) Por uma perspectiva feminista frente à epidemia de AIDS entre as mulheres. In: Jornal da redesaúde. São Paulo/SP. n.14, dez/1997. p. 3-4.

O PAPEL DO OLFATO E DO PALADAR NOS RITUAIS DE SEDUÇÃO: PREFERÊNCIAS MASCULINAS E FEMININAS.

TOLOI, C. B.

O objetivo do trabalho foi verificar a concordância de pensamentos entre homens e mulheres nos rituais de sedução pelo olfato e pelo paladar.
Participaram da pesquisa, 20 homens e 20 mulheres, heterossexuais, universitários (com 3° grau completo e imcompleto), de idades entre 18 e 26 anos, solteiros e na sua grande maioria sem renda própria.
Como material de pesquisa utilizaram-se três fragrâncias : aldeídica, madeira e cítrica e três estímulos gustativos : pasta de grão de bico salgada, iogurte natural e creme de leite com açucar. Como neutralizadores do olfato e do paladar, utilizaram-se, respectivamente, grão de café torrado e pão. Foi feita inicialmente, uma pesquisa piloto, para identificar eficácia dos procedimentos de coleta de dados.
Antes da coleta de dados foi feito um Rapport, para identificar os sujeitos que melhor cumpriam nos pré requisitos.
Os dados foram coletados em local público, com entrevistas individuais. Ao apresentar as fragrâncias e as comidas perguntava-se sobre a primeira representação quando sentia-se a fragrância e o gosto da comida, além de relacioná-las posteriormente à sedução.
Diante dos resultados verificou-se que nas questões olfativas para homens e mulheres há uma preocupação com a higiene e a utilização de perfumes no momento em que seduz e em que será seduzido. Em relação ao paladar, também há concordância, pois ambos associam sedução ao gosto adocicado, sendo que os homens dão atenção também a suavidade do alimento. Percebe-se também que olfativamente as mulheres são mais abstratas e os homens mais concretos e para estímulos gustativos, os homens são mais abstratos e as mulheres mais concretas.
Há, portanto uma convergência de opiniões masculina e feminina, a despeito de algumas contradições; a resposta comum é que mulheres e homens concordam que na sedução o parceiro deve estar limpo e perfumado e o gosto que mais se associa a sedução é o adocicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, D. (1996). **Uma História Natural dos Sentidos.** trad. Ana Zelma Campos. 2° ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil. 368 pg.
ALLENDE, I. (1998). **Afrodite Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos.** trad. Claudia Schilling. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil. 326 pg.
ARABELLA, M. (1992). **Receitas eróticas para uma vida sexual saudável : como utilizar os alimentos para enriquecer sua sensualidade.** São Paulo : Nobel. 171 pg.
CAMPBELL, J. (1990) **O Poder do Mito.** FLOWERS, B.S. (Org). trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo : Palas Atenas. 242 pg.
GREGERSEN, E. (1983) **Práticas Sexuais. A história da sexualidade humana**. São Paulo: Roca. 323 pg.
KALY, L. e SCAPIN, S. (1999) **Aromaterapia , a magia dos perfumes.** São Paulo : Madras editora Ltda. 211 pg.
KRECH, D e CRUTCHFIELD, R.S. (1963) **Elementos de Psicologia.** 1° volume. São Paulo : Livraria Pioneira. 416 pg.
MOI, I. **Em todos os sentidos.** Revista da Folha, ago/98. São Paulo, p.8-9.
PARKER, S. (1989) **O tato, o olfato e o paladar.**trad. Alícia Brandt. Londres : ed.Scipione. 40 pg.
ARAÚJO, E. (1997) **A Arte da sedução: Sexualidade Feminina na colônia.** PRIORIE, M.D. (org). São Paulo : Contexto. pg 45-114.
SÜSKIND, P. (1993) O perfume : história de um assassino. 10° ed. Rio de Janeiro: ed. Record.
LARA, J.M (1998) **O fascinante mundo dos Perfumes.** São Paulo : Planeta, v.1 ao v. 15.

Orientador (a): Rosa Maria Galvão Furtado

A INCLUSÃO DO PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN EM E.M.E.I.

TEIXEIRA, F. K.

O objetivo do trabalho é investigar como está ocorrendo a inclusão de portadores de Síndrome de Down em escolas municipais de educação infantil.
A história da educação para portadores de deficiências passou por diferentes fases tais como a exclusão, a segregação institucional, a integração e a inclusão. A partir do final dos anos 80, vê-se surgir o movimento da inclusão, que traz como marco característico a consciência de que para as pessoas portadoras de deficiências poderem realmente participar plena e igualmente da sociedade, é necessário adaptar a sociedade às pessoas e não as pessoas à sociedade.
Assim, a educação inclusiva consiste em inserir a pessoa com necessidades educacionais especiais, num ambiente o menos restritivo possível, atendendo às características pessoais de cada aluno, suas potencialidades e limitações. Nesse novo sistema, tem-se o receio de que haverá prejuízo no desenvolvimento dos alunos ditos normais, mas a prática em outros países tem demonstrado que as escolas ficam versáteis e criativas, enriquecendo a qualidade da educação de todos.
Dessa forma, o trabalho em questão traz diversas opiniões divergentes de profissionais envolvidos com a questão da deficiência, onde observa-se que há pessoas favoráveis a inclusão e outras, contra. Além disso, percebe-se que existe muita teoria a respeito e poucos dados práticos sobre o referido assunto.
Para a análise desses dados, foram visitadas quatro escolas municipais de educação infantil que possuem indivíduos portadores da Síndrome de Down matriculados e, a partir daí, colhidas as informações de professores e coordenadoras pedagógicas para uma análise qualitativa, já que o número de escolas disponíveis são poucas para serem analisadas quantitativamente. Também foi observado as crianças downs no ambiente escolar interagindo com as demais pessoas.
Assim, constatou-se que as professoras não se sentem preparadas para assumirem tal responsabilidade, pois não recebem nenhum treinamento bem como orientações a respeito da deficiência.
Apesar da amostra ser pequena, foi possível concluir que a inclusão é importante e benéfica na questão da socialização desses indivíduos, no entanto, em relação à aprendizagem, devido ao rebaixamento intelectual que essas crianças possuem, é necessário um maior trabalho tanto com os profissionais envolvidos como com os indivíduos portadores de deficiências, pois ambos ainda não estão preparados para a tal mudança.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MANTOAN, M.T.E. et al. *A integração de pessoas com deficiência*: *contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon/SENAC, 1997, 235 p.
MORATO, P.P. *Deficiência mental e aprendizagem: um estudo sobre a cognição espacial de crianças com Trissomia 21.*Lisboa:Secretaria Nacional de Reabilitação, 1995.
PUESCHEL, S. *Síndrome de Down: guia para pais e educadores.* São Paulo: Papirus, 1993, 306 p.
SASSAKI, R.K. *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997, 174 p.
SCHWARTZMAN, J.S. et al. *Síndrome de Down* .São Paulo: Memnon, 1999, 324 p.
WERNECK, C. “Incluindo a educação”. In: WERNECK, Claudia. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: WVA, 1997, 314 p., p. 47-50.

Orientador (a): Sandra Regina Poça

ESTADOS DEPRESSIVOS EM CÃES.

BOROUSKY, P. B.

O objetivo deste trabalho é investigar a existência de possíveis estados depressivos esboçado pelo cão durante o período de separação de seu proprietário em sua residência, através de um estudo qualitativo com um sujeito de 7 anos de idade, fêmea SRD. Foram registrados os comportamentos emitidos em três momentos (véspera de saída, separação, retorno), totalizando 4 dias. Para a análise de resultados, foram utilizados anamnese do sujeito e tabela contendo a categoria de comportamentos , sendo discriminados os comportamentos passivos apresentados nos estados depressivos. Assim , constatou-se a presença dos mesmos (deitar, dormir, vigiar) e dos estados depressivos durante a ausência do dono. O cão tornou-se um membro da família, em que se expressa como um ser instintivo, também emocional. Desta forma, demanda cuidados e aprende a linguagem dos sentimentos, o que favorece ser alvo de excessivos cuidados e afetos, o que muitas vezes promovem vínculos de dependência patológica. Postula-se nesta espécie exista uma estrutura psíquica primitiva, formada a partir das experiências da relação mãe – filhote. Este aparelho psíquico primitivo é constituído por uma vida instintiva de sobrevivência que se apresenta como uma espécie de excitação no SNC, buscando satisfação imediata. O processo de domesticação e socialização do cão vai moldar uma espécie de ego rudimentar que fará o contato com a realidade humana, obedecendo suas exigências sociais. O cão irá aprender a buscar, como os humanos novas maneiras de gratificações do mundo das emoções. O sujeito em questão apresenta-se regredido instintivamente à fase oral, segundo a teoria do desenvolvimento psicossexual de Sigmund Freud. Pois busca gratificações desta ordem quando suga o cobertor e estabelece relações simbióticas com o proprietário líder na hierarquia, sem permitir a entrada de um terceiro na relação dual. Em decorrência de ter sofrido situações traumáticas de abandono e rejeiçã da mãe biológica (desmame precoce) e de sua substitutas, não pode estabelecer vínculos adaptativos de segurança e confiança vital para a possibilidade de maior tolerância à frustração do ego. Portanto a separação momentânea a remete à situação traumática original de abandono, gerando ansiedade de separação frente a impossibilidade de controlar o desprazer e tensão psíquica. Existe uma voracidade de incorporar o objeto perdido, na expressão de ciúmes e das solicitações imperiosas de gratificação imediata que o sujeito faz ao dono. Se estabelecesse relações triangulares, poderia eleger outros líderes da família provedores, que substituiriam o primeiro ma sua ausência. Assim a separação é vista pelo sujeito como um estímulo incontrolável aversivo que ele responde com retraimento e esquiva. "Na matílha, os líderes tem menos propensão à depressão do que aqueles mais dependentes. (Bruce Fogle,1993).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOWLBY, J. *A naturaza do vínculo.* São Paulo: Martins Fontes, 1990. vol. I da triologia Apego e Perda.

CHAUVI, R. A etologia: estudo biológico do comportamento. in Psiocobiologia: *as bases biológicas do comportamento.* 1ªed. São Paulo: Livro Técnico e Científico Editora S.A, 1970/77.

GRAEFF,F.G. et al. *Neurosciences & Behavior,* 1990,p.143-154

GRIFFIN, D.E. *El pensamiento de los animales.* Barcelona: Ariel S.A,1986 cap. 1,2 e 7.

HUNZIKER, M.H.L. Desamparo animal: um modelo animal de depressão, in *revista Psicológica: teoria e pesquisa.* Brasília,1993,vol. 9, p. 487- 489.

JAKOBUS, F. e BUYTENDIJK, J. T*he mind of the dog.* New York: arno Press/ Any times Company, 1973. Cap. IV.

SOUZA, A . M. e ADES, C. *Atribuições de Cognição e afeto à mente animal*- artigo publicado no II Simpósio de Iniciação Científica USP- CNPQ, 1994.

YOUNG, P. T. E*motion in man and animal.*New York: John Wlhy, 1948,cap. II.

FOGLE, B. *100 perguntas que seu cão faria ao veterinário (se ele pudesse falar)* – trad. Maria de Fátima Marques - São Paulo: Nobel, 1993.

CHEVALIER, J. *Dicionário de Simbolo: mitos, sonhos, costumes,gestos, formas, figuras, cores, números* – trad. Vera Costa e Silva, 10 ª ed. Rio de Janeiro: José Olimpio

STRESS NO HANDBALL FEMININO UNIVERSITÁRIO.

CURTIS, V. F. DE M.

Este trabalho baseia-se em buscar os momentos de maior recorrência de *Stress* dentro do Handball Feminino Universitário.
Seu propósito é de auxiliar os técnicos a não gerar um alto nível de ansiedade nas atletas, melhorando seu desempenho e diminuindo o desgaste físico e psicológico.
Este projeto foi realizado com o time principal da **Associação Atlética Acadêmica Mary Annesley Chamberlain**, das Faculdades de Filosofia, Letras, Tradutor e Intérprete, Educação e Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com uma amostra de 12 atletas.
Foram realizados 8 encontros, onde buscou-se os resultados através de Dinâmicas de Grupo, atividades lúdicas, juntamente com dois questionários, sendo que o segundo, dado após os jogos, não foram devolvidos pelas atletas, impossibilitando, assim, sua análise.
Nos resultados puderam ser encontrado dois opostos nas atletas, onde ora não assumem culpa por erros cometidos e ora culpa-se de modo extremado gerando uma frustração muito grande, chegando a se auto-punir com um rebaixamento de sua auto-estima.
Outro ponto foi a falta de coesão dentro da equipe, gerando um alto nível de competição entre as próprias atletas.
A necessidade de concentração em treinos e jogos dá-se de encontro com o nível de seriedade dado pelas atletas que ficou em notas 4 e 5 (escala de 0 a 5).
Podemos ver também a falta de comunicação entre atletas e técnicos com suas idéias divergentes.
Todos esses fatores acabam por gerar tensão dentro do grupo. Há a necessidade de um trabalho em cima dessas problemáticas para que o nível de *stress* seja rebaixado e o time possa se desenvolver.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LIPP, M. N.; NOVAES, L. E. O stress. São Paulo, Contexto, 1988.
BACCARO, A. Vencendo o stress, como detectá-lo e superá-lo. Petrópolis, Vozes, 1996.
BATISTA, D., tradutora Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.
4.ed., Artes Médicas, 1995.
JUNIOR, D. R.; SIMÕES, A . C.; VASCONCELLOS, E. G. Situações de jogo causadoras de Stress” no handball de alto nível. São Paulo, 1994.
JUNIOR, D. R.; VASCONCELLOS, E. G.; KORSAKAS, P. Stress e esporte infanto juvenil, análise de equipes masculinas. Internet, 1998.
FRANCO, G. S. Psicologia do esporte. Coletânea de textos da Revista Forma Física, 1994-1998.
JUNIOR, B. B. Manual de treinamento psicológica para o esporte. Internet., Cap. Preparação Psicológica Aplicada ao Esporte. 1998.
YOZO, R. Y. K. 100 jogos para grupo. São Paulo, 6.ed., Àgora, 1995.

A AGRESSIVIDADE DA CRIANÇA EM ANIMAS DE ESTIMAÇÃO.

SHU, C. K.

Este trabalho consiste em falar sobre a agressividade de crianças em animais de estimação, e através deste, pretende-se procurar a origem de tal agressividade, procurando avaliar as manifestações do comportamento.

Mas o que vem a ser agressividade? Deve-se compreendê-la como um impulso destrutivo, e esta relacionada com as atividades do pensamento, e imaginação. Ela é constitutiva do ser humano, e o seu controle ocorre no processo de socialização do indivíduo. A agressão é uma ação violenta, e pode ser aprendida ou modificada, é definida como uma resposta, podendo assim ser fortalecida ou extinta. De onde vem essa agressividade? No desenvolvimento de um bebê, surgem os primeiros movimentos naturais e os gritos, porém a criança ainda não está organizada como pessoa. Quando há uma boa assistência materna, e orientação de seus pais, grande parte das crianças consegue adquirir uma capacidade para deixar de lado a destruição. No entanto, foi comprovado através de estudos, que em famílias onde crianças que são rejeitadas ou indesejadas, elas tenderão a ser indivíduos muito agressivos. Esta criança rejeitada, acabará agredindo seus pais, e estes responderão também de maneira agressiva, punindo seus filhos fisicamente, proporcionando assim à criança um modelo agressivo. Além de todos esses fatores, as condições sociais também desencadeiam a agressão. Crianças que crescem na pobreza, têm muitas vezes a agressividade reforçada positivamente por conseqüências naturais.

Portanto, existem vários fatores que podem desencadear a agressividade nos seres humanos.

Foi considerado agressividade, comportamentos que machucam e/ou incomodam o animal, tais como, puxar o rabo e o bigode do animal, beliscar, apertar, e inclusive a forma como a criança acariciar o animal. As observações foram realizadas com quatro crianças entre 9 e 13 anos de idade (duas meninas 9 e 11 anos de idade; e dois meninos 11 e 13 anos de idade), além de entrevista com os pais. O resultado das observações foram as seguintes: 22,8% de comportamento agressivos, e 77,2% de comportamentos não agressivos em crianças do sexo feminino; 83,3% de comportamentos agressivos, e 16,7 % de comportamento não agressivos em crianças do sexo masculino. Como pode-se perceber, surgiram mais comportamentos agressivos em crianças que apanham de seu pai quando este julga necessário, concluindo, crianças aprendem a agressividade, tendo um modelo dentro de casa, ou seja, seus pais utilizam a agressividade como resolução de algum problema, e a criança aprende. Além disso, a agressão de pais também tende a criar seus filhos pessoas agressivas no futuro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. Tradução Rosane Amador Pereira. 3ª edição. São Paulo, Editora Harbra, 1986.

BOCK, A & FURTADO, O & TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias uma introdução ao estudo da Psicologia.* 3ª edição. São Paulo, Editora Saraiva, 1989.

FROMM, E. *Anatomia da destrutividade humana*. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro, Zahar editores.

STATT, D. A .*Introdução à psicologia.* Tradução Anita Liberalesso N. São Paulo, Editora Harbra.

WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo.* Tradução Álvaro Cabral. 6ª edição. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1982.

Orientador (a): Sônia Maria da Silva

A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE: CRIANÇA DE ADOÇÃO TARDIA X SUA NOVA FAMÍLIA.

FERRAZ, K. C. DE S.

Este trabalho foi realizado com o objetivo de estar levantando as principais necessidades, sentimentos, medos, angústias e mecanismos de defesa utilizado pelas crianças adotadas.
A escolha deste tema surgiu primeiramente, de um desejo pessoal de conhecer mais profundamente os sentimentos de uma criança adotiva em função de uma vivência de Adoção. Com este estudo, espera-se compreender se a veiculação afetiva nas relações parentais é construída e não dada biológicamente, identificando se há ou não diferenças afetivas entre filhos biológicos e adotivos.
Para compreender a forma como uma criança adotiva demonstra seus sentimentos, foi utilizado um grupo experimental, de cinco crianças adotivas na faixa etária de 7 anos completos à 9anos e 11 meses: sendo estas de adoção tardia e um grupo comparativo de cinco crianças não adotivas na mesma faixa etária.
O grupo de crianças adotivas estudadas, fazem parte uma Instituição denominada "PROJETO ACALANTO", onde estes tem por objetivo ajudar famílias que adotaram, ou que desejam adotar, crianças abandonadas.
Em ambos os grupos, tanto o experimental como o de controle, foi utilizado a aplicação do teste CAT que é um método aperceptivo que visa investigar a personalidade por meio do estudo do significado dinâmico das diferenças individuais na percepção de estímulos padronizados.
Este teste foi utilizado para facilitar a compreensão do relacionamento da criança com as figuras parentais e os impulsos mais importantes.
A partir do estudo dos resultados, foi possível compreender que tanto nas crianças adotivas, como nas não adotivas surgiram necessidades, sentimentos e angústias tais como: carência, entretenimento, ser cuidado, vincular-se com outros, medo de ser aniquilado, medo de ser abandonado, sensações de perseguição, desvalorização, dentre outros.
Estas características, geralmente, são atribuídas à filhos adotivos e não aos filhos biológicos.
Contudo, a partir deste estudo é possível observar que, os filhos biológicos apresentam as mesmas necessidades da criança que um dia foi abandonada e que agora tem um lar, uma nova oportunidade de manter uma relação afetiva em um ambiente familiar.
Os filhos biológicos apresentam necessidades e sentimentos como: ser aceito, amparar, solidão, separação, amizade, insegurança, rebeldia, rivalidades, fragilidades, enfim, necessidades que estão ligadas a si próprios e que nem sempre surgem nas crianças adotivas.
Assim, o que poderia caracterizar filhos adotivos como tendo dificuldades relacionar-se afetivamente no novo ambiente familiar, não se generalizam em todos os casos. Isto porque os mesmos sentimentos estão presentes em crianças que são filhos biológicos, e convivem com sua própria família.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Gagno, Pellanda Adriana - Resumos de comunicações científicas Ribeirão Preto, SP: SBP, 1996
Guirado, Marlene – Instituição e Relações Afetivas O vínculo e o abandono São Paulo: Summus, 1986
Coleção Pedagogia Social – Brasil Criança: Urgente São Paulo, IBPS Columbus Cultural Editora
Oliveira, Juarez - Código Processo Civil Ed. Saraiva, 14ª Edição
Maldonado, Maria Tereza, Os caminhos do coração: Pais e filhos adotivos São Paulo, Ed. Saraiva, 1997

ESTUDO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO EM MÃES PRIMIGESTAS.

FRANÇA, R. S.

O trabalho consiste no estudo da dinâmica de personalidade em mães primigestas; O período puerperal é uma fase de transição que dura por volta de três meses após o parto, acentuando-se em particular no primeiro filho.
Neste período a mulher torna-se sensível, confusa, até mesmo desesperada, a ansiedade é normal e a depressão reativa são comuns. A labilidade emocional é o padrão mais característico da primeira semana após o parto: a euforia e a depressão alternam-se rapidamente, essa última podendo atingir grande intensidade. O objetivo deste trabalho é fazer uma correlação teórica entre conceito de depressão pós-parto e a vivência de mães que estão com o bebê logo no primeiro mês do nascimento, levantando os principais sentimentos, a intensidade destas emoções e hipóteses a cerca das causas que mobilizam este estado afetivo. Foram estudados dois casos de mães de primeiro filho, e duas mães de segundo filho, sendo que a entrevista e o teste foram realizados durante o primeiro mês de vida dos bebês.
Foi observado que as mães de primeiro filho mostram uma identificação com o bebê, com sentimentos de solidão, abandono e necessidade de serem apoiadas pela figura materna, enquanto que as mães de segundo filho mostraram uma preocupação maior quanto à aceitação da maternidade e o desejo de ter um bebê perfeito.
Foi possível concluir que os sentimentos de angústia no período do pós-parto, são mais frequentes nas mães de primeiro filho do que nas de segundo filho. Nas mães de primeiro filho foi observou-se a necessidade de compreender todas as solicitações do bebê, pois este fator é considerado inédito na vida destas mulheres, enquanto que as mães de segundo filho já vivenciaram esta situação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MALDONADO, MARIA TEREZA - **Psicologia da Gravidez**. São Paulo: Saraiva, 1997
KITZINGER, S. - **The experience of childbirth**. Londres: Pelican, 1962
WINNICOTT, D. W. – **Processus de maturation chez l’enfant**. Paris: PUF, 1970.
Primary maternal preoccupation. In: Through pediatrics to psychoanalysis. Londres: Hogarth Press, 1975.
Birth memories, birth trauma and anxiety. In: Through Pediatrics to Psychoanalysis. Londres: Hogarth Press, 1975
CRAMER, BERTRAND / PALACIO-ESPASA, FRANCISCO – **Técnicas Psicoterápicas Mãe/Bebê.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
Apostila de Psicologia do Teste de Apercepção Temática

A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA EM PSICOTERAPIA BREVE INFANTIL.

KASSNER, T.

Este trabalho tem por objetivo ampliar os conhecimentos sobre a relação mãe-criança em Psicoterapia Breve Infantil, no intuito de compreender a área de intersecção do psiquismo mãe-criança e o significado do sintoma neste contato.
Freud afirma que a atitude de pais afetuosos para com os filhos é uma revivescência de seu próprio Narcisismo, e a criança é vista como capaz de concretizar os sonhos que os pais jamais realizaram. Já segundo Winnicott, o amor da mãe faz com que ela cuide dele. Psicologicamente, o bebê recebe de um seio que faz parte dele mesmo e a mãe dá leite a um bebê que é parte dela mesma. Esse intercâmbio baseia-se numa ilusão, que é uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos, na medida em que possibilita o contato e o afeto.
Mahler afirma que as funções do ego do bebê necessitam da disponibilidade libidinal da mãe para desenvolvimento adequado. Cria-se um processo circular e a resposta da criança reflete as necessidades emocionais da mãe. A criança encontra muitas maneiras de se adaptar às fantasias e expectativas inconscientes da mãe.
Cramer propõe que existe uma área de conflito denominada "área de mutualidade psíquica". O sintoma apresentado pela criança é um reflexo das dificuldades não resolvidas dos pais, principalmente da mãe. Palacio-Espasa define dois modos de funcionamento: o funcionamento neurótico se refere ao luto não resolvido pelos pais e ao resgate de um objeto amado; já o funcionamento psicótico visa a expulsão de aspectos infantis detestados ou de partes do *self* sentidas como negativas. A sintomatologia da criança, neste último modo, é vivida pelos pais de maneira persecutória. Cramer e Palacio-Espasa definem identificação projetiva como uma fantasia inconsciente na qual os pais colocam aspectos de si no filho, empática ou patologicamente. A medida entre o que é reconhecido pelos pais como próprio da criança e o que é imposto por eles é determinante do equilíbrio psíquico do filho.
Como método, foi feito um estudo de caso. Foram utilizadas as entrevistas diagnósticas realizadas com a mãe no início do atendimento em PBI, e feita uma análise qualitativa, levantando-se seus desejos inconscientes, sentimentos e mecanismos de defesa. Ela tem 25 anos, é viúva, mas estava separada do marido quando este faleceu. Tem dois filhos: uma menina de 10 anos e um menino de 8, trazido à clínica por ser muito agressivo e receber advertências na escola.
O que se obteve na análise mostra uma mãe na posição esquizo-paranóide na medida em que faz uso da identificação projetiva para proteger seu *self* bom e expulsar seu *self* mau (*splitting*). Ela internaliza figuras parentais ruins e idealiza a figura de seu marido como o provedor de suas necessidades. Rejeita os filhos por não querer assumir seu papel de mãe e com a morte de seu marido identifica-se projetivamente com estes, passando a filha a ser frágil e o filho a ser agressivo e estar no lugar de seu marido e seu pai simultaneamente.
A análise da intersecção entre o psiquismo da mãe e da criança mostrou-se fundamental para a compreensão do significado do sintoma nesta última. As idenficações projetivas da mãe tinham como função expulsar partes negativas e seu filho estava agindo conforme ela o via.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CRAMER, B. Interventions thérapeutiques brèves avec parents et enfants. **Psychiatrie de l'Enfant**, 1974, 17 (1).
CRAMER, B. **Profissão Bebê.** São Paulo, Martins Fontes, 1993.
CRAMER, B.; PALACIO-ESPASA, F. **Técnicas Psicoterápicas Mãe-Bebê.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
FREUD, S. **Sobre o Narcisismo: uma introdução.** Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
MAHLER, M. **O Processo de Separação-Individuação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
PALACIO-ESPASA, F. Indications et contre-indications des approaches psycothérapeutiques brèves des enfants d'âge préscolaire et de leurs parents. **Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence,** 1984.
ROSA, J. T. **Atualizações Clínicas com o teste de relações objetais de Phillipson.** Santo André, Lemos, 1995.
WINNICOTT, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise.** São Paulo, Francisco Alves, 1978.

Orientador (a): Sueli Galego de Carvalho

UMA PROPOSTA DE TRATAMENTO DA ANOREXIA NERVOSA ATRAVÉS DE TÉCNICAS E MÉTODOS CORPORAIS.

CAMARGO, A. S. DE

O objetivo do presente trabalho é propor um tratamento para a anorexia nervosa através de técnicas e métodos que ajam diretamente no corpo da paciente, fazendo-a entrar em contato com suas sensações corporais, emoções e necessidades. Os 4 critérios diagnósticos para a anorexia nervosa atualmente são: 1. Recusa em manter o peso corporal acima de um peso mínimo normal para a idade e a altura (15º abaixo do esperado), 2. Medo intenso de engordar, 3. Percepção distorcida do peso corporal, do tamanho ou da forma do corpo, 4. Em mulheres, a ausência de pelo menos 3 ciclos menstruais consecutivos. Este trabalho visa enfocar a psicodinâmica da anorexia nervosa, principalmente partindo dos pressupostos da Análise Bioenergética (criada por Alexander Lowen, discípulo de Reich), que vê o indivíduo como uma identidade funcional, ou seja, corpo e mente agem como uma unidade no funcionamento do corpo e, são uma unidade no nível profundo dos processos energéticos. Acreditando-se que na anorexia há um distanciamento do corpo e do que emerge do mesmo (emoções, sensações, desejos e necessidades), e que há uma tentativa de controle muito grande destes conteúdos através do controle da comida principalmente, objetiva-se fazer a paciente poder confiar no seu corpo e nos seus sentidos, se aliando ao mesmo e não tentando controlá-los. Foi realizado então, um trabalho de 7 sessões (1 entrevista inicial e 6 sessões de trabalho corporal), com uma mulher de 20 anos que sofreu de anorexia . Foram feitos exercícios de auto percepção e sensibilização corporais, trabalho com desenho, respiração da paciente, dança, mito e imagens. Pôde ser constatado que a paciente tinha uma respiração superficial, um contato perturbado com o corpo (baixa auto- estima, distorção da imagem corporal, insônia, etc) e uma certa necessidade de ser "guiada", "amparada" em algumas atividades. Lowen fala de traços do caráter oral que pode ser comparado à psicodinâmica de muitas anoréticas, onde existe uma carência interna e sentimento de perda, que muitas vezes é compensado com uma independência exagerada externa. A paciente através do trabalho pôde experenciar em seu corpo diversas sensações, podendo perceber-se melhor através do mesmo. Pôde também refletir a importância de cuidar de si mesma, "ouvindo" mais e sentindo mais a sabedoria de seu corpo ,e entendendo um pouco que o controle do mesmo não é o caminho mais saudável.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRUCH, H.; **Eating Disorders- Obesity, Anorexia and the person within**, Houstoun, Basic Books, 1995.

FARAH, R.; **Integração Psicofísica - O trabalho Corporal e a Psicologia de C. G. Jung**, São Paulo, Robe Editorial, 1995.

KNASTER, M.; **Discovering the Body's Wisdom**, New York, Bantan Books, 1996.

LOWEN, A .; **Bioenergética**, São Paulo, Summus, 1982.

LOWEN, A .; **Alegria- A entrega ao Corpo e à Vida**, São Paulo, Summus, 1997.

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA EM INDIVÍDUOS ANORÉXICOS.

GONÇALVES, F. R. M.

O presente trabalho teve como objetivo, realizar um levantamento bibliográfico de estudos realizados com famílias de anoréxicos, para assim observar como a relação da figura materna com a criança, influencia na recusa em alimentar-se. A partir de uma profunda e elaborada consulta no referencial teórico da área, foi planejada uma visita ao AMBULIM (Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP) e se conversou com a terapeuta familiar, para se entender o comportamento das famílias de anoréxicos. O estudo revelou que o tratamento é aberto a todos os familiares que tenham um vínculo significativo com a paciente (pai, irmãos, namorado, tios, avós), pois quando necessário a família é convocada, e ao longo do trabalho percebe-se que há uma influência muito grande de por exemplo, uma avó, então é aberto um espaço para todos estarem presentes. Dependendo do caso, quando a família não é de São Paulo, se só vem um familiar, por exemplo a mãe, o trabalho só é feito com a mãe e a paciente. Também foi possível entender que o perfeccionismo pode dificultar a identificação da interação de emoções em relação à compreensão de um caminho que busque novas estruturas familiares, ou seja, tentar-se identificar os problemas familiares que permitam sua modificação e transformação, permitindo, assim, uma base de grande ajuda às famílias com integrantes anoréxicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, S. R. X. “Diagnose e Abordagem da Anorexia Nervosa na criança; importância do grupo familiar e dos elementos internos infantis”. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1983.

Anorexia Nervosa. Disponível na Internet http://www.Geocities.com/hotsprings/spa/6091/desafiano.html [08/03/99].

CORDÁS, T. A “Anorexia e Bulimia - O que são? Como ajudar?”. Porto Alegre, Artmed, 1998.

DANDA, P. “O que é família?”. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

DATTILIO, M. F., FREEMAN A . “Estratégias Cognitivo - Comportamentais para invenção em crises”. Coleção Terapia Cognitiva (I), São Paulo, Editorial Psy II, 1995.

DUCHESNE, M. “Transtornos Alimentares”. In Rangé, B. Psicoterapia Comportamental e cognitiva de Transtorno Psiquiátricos. São Paulo, Editorial Psy II, 1995.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM IV, Artes Médicas, 4º Edição, Porto Alegre, 1995.

Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental. Disponível na Internet: http://www.npcc.com.br/zzalimentar.htm. [08/03/99].

VIEIRA, R. M. T. “Distúrbio Alimentar e o comportamento do bebê”. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1983.

PADRÕES DE BELEZA: VAIDADE OU PATOLOGIA.

HEISE, T. S.

A escolha deste tema deve-se à grande preocupação e à incompreensão ao ver adolescentes saudáveis e bonitas perdendo tudo isso em troca de uma beleza esquelética tentando seguir os modelos exigidos por padrões imaginários vistos na televisão e nas passarelas de moda. Por causa desta preocupação, a busca da magreza passa do desejo de ser bela para a aquisição de uma patologia grave de difícil diagnóstico e tratamento.
O objetivo deste trabalho é levantar prováveis hipóteses que visem a compreensão do aumento de Transtornos Alimentares entre mulheres jovens (mais de 90%) nos últimos anos. Este trabalho irá tratar destes transtornos de maneira geral, tendo como principal foco os hábitos alimentares dos indivíduos.
Para tanto, foi realizada uma amostra de levantamento de opiniões com mulheres com faixa etária entre 13 e 29 anos. A partir das respostas dadas, foi elaborado um instrumento quantitativo (questionário).
Através deste instrumento, pode-se observar como a sociedade tem grande poder de influência sobre as mulheres, que acabam por buscar um corpo que não lhes pertence e que não faz parte de sua realidade, abalando sua auto estima e arriscando sua saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DATTILIO, M.D e FREEMAN, A. "Estratégias Cognitivo-Comportamentais para Intervenção em Crises. Vol. 1. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
DSM IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.Trad. Dayse Batista; - 4 ed.- Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
DUCHESNE, M. "Transtornos Alimentares". In Rangé. B. Psicoterapia Comportamental e Cognitiva de Transtornos Psiquiátricos, São Paulo: Editorial Psy II, 1995.
LAWRENCE, M. "A Experiência Anoréxica". São Paulo: Summus, 1991.

INFLUÊNCIA DA INSDÚSTRIA DA MODA E DIETA NO DESENVOLVIMENTO DA ANOREXIA E BULEMIA NERVOSA.

LEVY, D.

O objetivo do trabalho é investigar a influência da indústria da moda e dieta no desenvolvimento da anorexia e bulimia nervosa.

A anorexia nervosa é um transtorno alimentar em que a pessoa priva-se de se alimentar, levando-a a um emagrecimento a níveis abaixo do peso mínimo normal. Essas pessoas, têm plena convicção de que são gordas e a idéia de virem a ganhar gramas, as apavoram e gera angústia. Na bulimia nervosa o indivíduo tem episódios freqüentes de ingestão alimentar compulsiva. Em pouco tempo o bulímico consome grandes quantidades de alimentos e de preferência alimentos hipercalóricos. Existe um sentimento de falta de controle sobre o comportamento de comer e para compensar esta falta de controle o bulímico faz longos períodos de jejum, induzem vômitos, usam laxantes, diuréticos e praticam exercícios de forma obsessiva.

Os transtornos alimentares acometem principalmente pacientes jovens (12 a 25 anos) e do sexo feminino (90% dos casos), sendo que indivíduos envolvidos em atividades que exigem a manutenção da forma física (academias de ginásticas, agências de modelos etc...) estão sob maior risco para o desenvolvimento desses quadros.

Para a análise da responsabilidade da indústria da moda e dieta na incidência destes fenômenos realizou-se pesquisa através de aplicações de questionários em vinte pessoas ,tanto do sexo feminino quanto do masculino, com uma faixa etária de 12 à 20 anos.. Estas aplicações dos questionários foram feitas em pessoas que freqüentam academias de ginásticas todos os dias.

Observou-se tomando como base os resultados mais significativos obtidos nas questões respondidas pelas mulheres que 91,7% fazem regime, 81,7% se sentem gordas apesar de serem magras, 96,7% apresentam uma preocupação em poder ter gordura no corpo, 83,3% já sentiram um incontrolável desejo de comer sem parar e 76,7% se sentem mal em relação ao físico apesar de serem magras. Apesar das porcentagens das questões masculinas serem altas, quando comparadas com as questões respondidas pelas mulheres as porcentagens dos questionários masculinos ficam significativamente mais baixas. Com base nisso pode-se analisar que tanto os homens como as mulheres são influenciados pela mídia porém de forma diferente pois enquanto as mulheres associam beleza como sinônimo de "magreza" os homens associam beleza com "ter músculos", apesar de quando estão um pouco acima do peso quererem emagrecer, pois tanto para homens quanto para as mulheres ser gordo não está dentro dos parâmetros da moda.

Pode-se concluir que a indústria da moda, da dieta e das academias de ginásticas possuem uma enorme influência no desencadeamento e manutenção da anorexia e buliria nervosa. Modelos , manequins, atletas, bailarinos e indivíduos envolvidos em atividades que exigem manutenção da forma física estão sob maior risco para o desenvolvimento da doença, mas qualquer pessoa está sujeita a desenvolver estes quadros, onde o início pode ser uma inocente dieta e o fim, a morte.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FAIRBURN, C.G. Cognitive-behavioral treatment for bulimia. In: GARNER, D.M; GARFINKEL, P. (eds.). **Handbook of. psychotherapy for anorexia and bulimia**. New York: the Guilford Press, 1985.

GARNER, D.M & BEMIS, K.M. Cognitive therapy for anorexia nervosa. In: GARNER, D.M.; GARFINKEL, P(ed.). **Handbook of. psychotherapy for** anorexia nervosa e bulimia. New York: Guilford Press, 1985.

CRISP, A.H. **Anorexia nervosa: let me be**. London: Academic Press, 1980

SELVINI-PALAZOLLI, M.et al.**Los juegos psicoticos en la familia**.Buenos Aires: Paidós, 1990. cap. 10.

PERFIL PESICOLÓGICO DE ADULTAS OBESAS QUE PROCURAM TRATAMENTO NÃO MEDICAMENTOSO.

PELLEGRINI, A. DE C.

Devido ao aumento da incidência da obesidade em adultos nos países em desenvolvimento, como o Brasil, tem aumentado também os tipos de tratamentos oferecidos. A literatura, em geral, sugere que a terapia mais saudável é de ordem não medicamentosa, como mudança no comportamento alimentar e motor. Além disso, tais alterações devem ser graduais e individualizadas, afim de viabilizar a adesão do paciente ao tratamento. Assim, a hiperfagia e a hipocinesia podem ser consideradas como causas da obesidade, que ao serem tratadas proporcionam emagrecimento. Entretanto, alguns autores sugerem que a obesidade deve ser considerada um efeito, uma conseqüência provavelmente devida a fatores emocionais. Este estudo tem corroborado nesse sentido, haja vista que entre os pacientes obesos que procuram tratamento não medicamentoso, há os que conseguem mudar o comportamento e outros que não, sendo que todos foram submetidos as mesmas informações e intervenções nutricionais e motoras. Desta forma, o objetivo deste estudo é identificar o perfil de adultas obesas que procuram tratamento não medicamentoso. Para o diagnóstico foram utilizados os seguintes instrumentos: a) entrevista semi-aberta; b) desenho de si mesma seguido de inquérito; c) curtigrama; d) lista de adjetivos. A amostra foi formada por quinze adultas obesas (IMC > P95) ingressantes em um programa multidisciplinar de educação alimentar e atividades motoras adaptadas. O atendimento psicológico foi individual e todas as técnicas foram utilizadas na mesma consulta. Inicialmente foi elaborado um diagnóstico, a partir do qual foi proposta uma estratégia de intervenção. Os aspectos emocionais encontrados foram baixa auto estima, assim como uma dissociação entre corpo ideal e o real. Identificou-se um aspecto relevante, a falta de persistência para alcançar um objetivo, o que pode estar ligado, ao sucesso ou não do tratamento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFIA

BRAY, G.A.. **Clínicas médicas da América do Norte - Obesidade: conceitos básicos e aplicações clínicas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1989.

FISBERG, M. [et al]. **Obesidade na infância e adolescência**. São Paulo: Fundação BYK, 1995.

KAHTALIAN, A.. **Obesidade: um desafio**. In: Mello Filho, J. e col. Psicossomática Hoje, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

POLLOCK, M. & WILMORE, J.. **Atividade física na saúde e na doença**. MEDSi, 1993.

TEIXEIRA, L. R.. **Educação física escolar adaptada**. São Paulo: EEFUSP, 1993.

SOUZA, C. C.. **Níveis séricos e parâmetros antropométricos de adolescentes obesas pré e pós intervenção com o exercício físico e controle alimentar, de forma combinada e isolada**. São Paulo, 1997. [Dissertação - Mestrado em Nutrição - Escola Paulista de Medicina]

Orientador (a): Susete Figueiredo Bacchereti

ATRAVÉS DOS JOGOS AS CRIANÇAS MOSTRAM O SEU DESENVOLVIMENTO.

NOBEL, M. P.

O objetivo do trabalho é o de demonstrar que através dos jogos de raciocínio lógico matemático é possível verificar o avanço no desenvolvimento das crianças. A base do desenvolvimento infantil que foi utilizado no trabalho foi a de Jean Piaget, que o entende como a busca de um equilíbrio superior onde o sujeito adquire uma determinada visão do mundo que o cerca; que lhe permite um estado de adaptação e equilíbrio em relação as situações as quais esta continuamente exposto. Em relação aos jogos, Piaget acredita que estes são a construção do conhecimento, representando uma fase no desenvolvimento da inteligência. Portanto, utilizou-se como metodologia para este estudo de caso, os jogos da memória e quebra-cabeça, contando-se com seis encontros nos quais forma apresentados diferentes graus de dificuldade, nos dois tipos de jogos. Observou-se: O tempo e a quantidade de peças que a criança adquiriu durante o jogo da memória e a rapidez e precisão que construiu o jogo de quebra-cabeça; além dos objetivos contidos em cada jogo. Durante a utilização dos jogos, a criança foi estimulada para o desenvolvimento de diversos campos importantes para o seu desenvolvimento, como: a coordenação motora, a memória visual, a concentração, a atenção, a ansiedade, os conceitos matemáticos (pareamento), aceitação de regras e limites além de promover a competição e a socialização entre os participantes; que juntamente com o tempo e a quantidade de peças adquiridas no jogo fizeram parte da análise. Foi possível observar o avanço no desenvolvimento através dos jogos quando forma apresentados os jogos repetidos dentando-se maior rapidez e precisão na construção dos jogos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, P.N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo, Loyola, 1974

BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** São Paulo, Harbra, 1986.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo, Summus, 1984.

BRENELLI, R.P. **O jogo como espaço para pensar: A contrução de noções lógicas e aritméticas.** São Paulo, Papirus, 1996.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança.** São Paulo, Summus, 1987.

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil.** São Paulo, Moderna, 1996.

KISHIMOTO, T.M. (ORG). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo, Cortez, 1997.

KNAPPE, P.P. **Mais do que um jogo: teoria e prática do jogo em psicoterapia.** São Paulo, Ágora, 1998.

LIMA, E.C.A.S. **O jogo e a construção do conhecimento na pré-escola: A utilização do jogo na pré-escola.** São Paulo: FDE. Diretoria técnica, 1991. (Série Idéias; n.10)

LIMA, L.O. **A construção do homem segundo Piaget: uma teoria da educação.** São Paulo, Summus, 1984.

LOPES, M.G. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar.** São Paulo, Coretez, 1999.

MOURA, M.O. **O jogo e a construção do conhecimento na pré-escola: O jogo e a construção do conhecimento matemático.** São Paulo: FDE. Diretoria técnica, 1991. (Série Idéias; n.10)

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1994.

RAPPAPORT, C.R. **Teoria do desenvolvimento v.1. – A idade pré-escolar v.3.** São Paulo, EPU, 1981.

SANTOS, C.R. **Jogos e atividades lúdicas.** Rio de Janeiro, Sprint, 1998.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola.** São Paulo, Cortez, 1997.

LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo, Summus, 1992.

A APRENDIZAGEM DA SEGUNDA LÍNGUA NA PRIMEIRA INFÂNCIA.

SILVA, A. C. S.

O objetivo do trabalho é esclarecer as dúvidas referente a importância da aprendizagem da segunda língua na primeira infância e seus benefícios para o futuro, mostrando que é justamente nesta fase do desenvolvimento que a criança tem maior habilidade.
As várias áreas do desenvolvimento da criança, tais como: o desenvolvimento psico-motor; as relações sócio-afetivas; a aquisição da linguagem; o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento da linguagem, contribuem para podermos compreende-la como um todo.
Para análise desta aprendizagem da Segunda língua na primeira infância, realizou-se uma pesquisa de campo, analisando-se quantitativa e qualitativamente as respostas obtidas pelos pais que tem filho frequentand uma escola bilingue, comparando-se com as respostas de pais que tem filhos que já frequentaram este tipo de escola. Com isto, foi possível recolher 15 amostras de um grupo e 10 do outro, e através destas fazer uma análise comparativa entre ambos.
Observou-se: O público que frequenta este tipo de escola, tem um nível intelectual e provavelmente sócio-econômico elevado. Sendo que a clientela destas escolas bilingues, é formada por crianças brasileiras, podendo dizer que estes pais estão cada vez mais cientes da importância e facilidade de adquirir um outro idioma durante a primeira infância. A maioria destes pais entrevistados escolheram a escola bilingue, alegando que quanto mais cedo a criança tem acesso a um outro idioma, mais fácil torna seu aprendizado, beneficiando esta criança no seu futuro profissional. Outro aspecto interessante á ser destacado é que a maioria detes pais estam satisfeitos com a opção pela escola bilingue, pois segundo eles, esta proporciona para seus filhos uma educação diferenciada. A amostragem recolhida comprova que a aprendizagem da Segunda língua na primeira infância não acarreta dificuldades futuras, muito pelo contrário trás grandes benefícios.
Conclui-se que quanto mais cedo for apresentado à criança um segundo idioma, mais facilidade ela terá para adquirir fluência, e portanto melhor será seu aproveitamento futuro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMORIM, M. **Atireio Pau no Gato:** a pré-escola em serviço. 6.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
ARAUJO, V.C. **O Jogo no Contexto da EducaçãoPsicomotora**. 1.ed. São Paulo, Cortez, 1992.
BEE, H. **A Criança em Desenvolvimento**. 3.ed. São Paulo, Habra, 1986.
MUSSEN, P.H.; CONGER, J.J; KAGAN, J. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. 4.ed. São Paulo, Harpere row do Brasil, 1977.
COLL, C.; PALACIOS,J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação** Psicologia Evolutiva. Vol I. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
HUBNER ,M.M. **Guia para Elaboração de Monografias e projetos de Dissertação De Mestrado e Doutorado.** 1.ed, São Paulo, Mackenzie, 1998.
PIAGET. O Desenvolvimento do Pensamento na Criança. In: BEE, H**. A Criança em Desevolvimento**. 3.ed. São Paulo, 1986. Cap. 8, p. 188-216.
TOUTIN, M. Nossa Escolha. **See-Saw News.** São Paulo, v.2, p.2, 1999.
CORREA, Z. M. F**. Curso para Professores de Inglês de Pré- escola**. São Paulo, 1998. 36p. Monografia – Instituto de Pedagogia, Universidade de São Paulo.
SERRA, S. M. A. Importância da Família sobre a Criança**. CEAF**. São Paulo, p 1- 20 1989.

Orientador (a): Tânia Aldrighi

A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO MÃE-FILHO NA ESCOLHA DA PARCEIRA.

ARTIOLI, P. G.

O objetivo do trabalho é o de investigar as possíveis influências da relação mãe/filho na escolha de uma parceira fixa, questionando até que ponto o homem une-se a uma mulher influenciado pelas relações estabelecidas com a figura materna no decorrer de sua vida.
A teoria psicanalítica muito colaborou para a compreensão da relação mãe/filho e dos vínculos parentais. Porém tendo como foco o casal e as relações familiares anteriores, não se poderia deixar de lado os valiosos subsídios fornecidos pela abordagem sistêmica, pois o entendimento sistêmico não anula a compreensão psicodinâmica, e sim a complementa, na visão do indivíduo como síntese dos demais sistemas em que está envolvido.
Para analisar esta problemática, é proposta uma pesquisa qualitativa e prática com os sujeitos do sexo masculino que tenham feito a escolha de uma parceira fixa. São utilizados dois instrumentos: um questionário com embasamento psicanalítico e perguntas sobre a relação homem/figura feminina, e o genograma, instrumento utilizado pela teoria sistêmica, que permite a representação gráfica da família de origem e nuclear, identificando, assim, a estrutura familiar, as relações estabelecidas, a dinâmica funcional e as repetições ocorridas em cada geração.
Observou-se que as dificuldades apontadas por cada participante em seu relacionamento conjugal, dizem respeito à maneira como fora estabelecido o vínculo com suas mães, o comportamento, as atitudes da figura materna que não são encontrados em suas esposas. Os maridos partem então para uma busca constante e incessável à procura da mãe idealizada.
Assim sendo, notamos que a influência que a mãe exerce não se dá exclusivamente na escolha da parceira e sim em todos os desejos mais íntimos do homem em relação à sua mulher, no que se refere a execução de seus diferentes papéis e nas as expectativas que ele depositará em sua união. Este é o momento em que mais se colocará à prova a capacidade de tolerância à frustração adquirida durante toda a vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTON, Iara L. Camaratta. *A Escolha do Cônjuge.* Porto Alegre: ArtMed, 1998. 299p.
CARTER,B; Mc GOLDRICK,M; e cols. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* .Porto Alegre: ArtMed, 1995.
FREUD, Sigmund. (1905). Obras Completas- CD Rom. V. VII, *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
________. (1924). Obras Completas- CD Rom. V.XIX, *O Ego e o Id outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago.
KLEIN, Melanie. *Psicanálise da Criança.* São Paulo: Mestre Jou, 1976.
SAGER, E. *O Casal em Crise.* Buenos Aires: Amorrotu, 1986.

UM RECORTE DA SEXUALIDADE FEMININA: FAMÍLIA E CASAMENTO ENTRE HOMOSSEXUAIS.

BARBOZA, C. J.

O objetivo deste trabalho é buscar uma compreensão de como casais homossexuais femininos lidam com a questão do preconceito ao formarem uma família nesses moldes.
Foram discutidas diversas compreensões acerca da formação da identidade, estudando-se desde a visão tradicional até visões mais ampliadas, com o intuito de buscar uma abordagem que abarcasse estas e outras novas formações de família. As teorias de base sistêmica respondem a essa demanda, uma vez que não se fixam nas diferenças anatômicas. Para essas teorias, o importante são as funções parentais, e entendemos que estas independem de serem desempenhadas por ambos os sexos. Discutimos ainda a questão do gênero e dos aspectos culturais como igualmente determinantes da formação da identidade.
Levantou-se material bibliográfico para averiguar as peculiaridades e principais implicações na formação desses casais. A seguir, foram analisados depoimentos de famílias norte-americanas (casais homossexuais e filhos) e pesquisas sobre diversas questões relacionadas ao tema, tais como: filhos psicologicamente saudáveis; filhos que não apresentam nenhuma confusão de gênero; diferentes atitudes dos filhos quanto à orientação sexual das mães.
Realizaram-se três entrevistas semi-dirigidas com membros de casais homossexuais femininos, abordando temas básicos ligados à formação do casal e da família e problemas enfrentados na sociedade.
As respostas foram divididas em quatro categorias: 1) Relação com a família de origem; 2)com a sociedade; 3)com os filhos; 4)com a parceira. A análise dos dados foi feita a partir das respostas mais reveladoras dos conteúdos de cada categoria.
Grande parte dos resultados demonstrou o que fora discutido teoricamente: por um lado, a dificuldade de aceitação dessas famílias na sociedade; por outro, a dificuldade das próprias famílias de se revelarem como tal (principalmente no meio profissional das mães e na escola dos filhos).
Por fim, evidencia-se que a solução mais saudável encontrada por essas famílias, para enfrentar o preconceito, é tentar viver da maneira mais natural possível, e buscar a verdade e a cumplicidade entre parceiras e com os filhos.
Sugere-se, uma nova pesquisa, visando apurar, em que medida essas famílias estão criando novas formas de relação, ou apenas reproduzem os padrões já existentes e hegemônicos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABDO, C.H.N. (org.) Sexualidade humana e seus transtornos. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

ALLISON, C. Children of lesbian mothers: negotiating stigma in a homophobic world. Department of Sociology, University of California at Santa Barbara (UCSB). Artigo encontrado na Internet no site: http://www.newmedia.jrn.columbia.edu.html, de 1997. [08/10/1998]

COSTA, R.P. Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Gente, 1994.

EISNER, R. e MURPHY, P. Two women and a baby. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.newmedia.jrn.columbia.edu/1996/twomoms/samtest.html, de 1996 [08/10/1998].

EISNER, R. Deciding to have kids and dealing with it. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.newmedia.jrn.columbia.edu/1996/twomoms/martin4.html, de 1996 [08/10/1998].

ERIKSON, E. H. Identidade: juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FLACKS, D. Study shows lesbian couples raise psychologically healthy children. Gay and lesbian issues – Adoption quest. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.nac.adopt.org/adopt/gay/gay1.html, de 1994. [08/10/1998]

GARNER, a. Questions & Answers: Families like mine. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.familieslikemine.com/qanda.html, de 1998. [16/09/1999]

GIDDENS, A. A Transformação da Intimidade. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

HASLIP, Susan. Changing concepts of childhood. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.qrd.org/qrd/family/1994/changing.concepts.of.childhood.paper-09.18.94., de 1994 [08/10/98]

IZABEL, S.R. Casais homossexuais podem ter filhos? Revista Um Outro Olhar. Ano 12 nº 27, jan/abril, 1998.

JONES, S. K. A survey of kids attitudes about lesbian/gay people. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.geocities.com.WestHollywood/Heights/6502/survey.html, de 1997 [08/10/98]

KELLEY, J. K. Sol's moms offer their testimony. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.geocities.com/WestHollywood/Heights/6502/sun-jo.html, de 1997 [08/10/98]

KLEIN, M. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAWS, R. e BABB, L.A. Adopting and advocating for the special needs child. Gay and Lesbian Adoptions. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.homes4kids.org/gay.htm, de 1998. [08/10/1998]

LOPARIC, Z. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. Revista de Psicanálise. Vol.IV. nº2. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica, 1997.

MATEOS, S.B. Mamãe tem uma namorada. Revista Atenção. nº7. São Paulo: Página Aberta, 1996. p.32.

MICHELOTTI, G. e FÁVERO, L. Eu gosto de mulher. Revista da Folha. nº302. São Paulo, 08 de Fevereiro de 1998. p.09.

MINUCHIN, S. Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NUNES, M. Polêmica na TV. Revista Um outro olhar. nº28. São Paulo: Rede de Informação Um outro olhar, 1998. p.12.

PICAZIO, C. Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais. São Paulo: Summus, 1998.

PELLEGRINO, H., Pacto edípico e pacto social. Folhetim, Folha de S. Paulo 11/09/83.

QUINLEY, John. Speaking out about their lives. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.altfammag.com/k-jones.html, de 1998 [08/10/98]

RIZZO, S. E a família, como vai? Revista Educação. Ano 25, nº 212, dezembro de 1998.

SEIXAS, A.M.R. Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade & psicodrama. São Paulo: Senac, 1998.

WINNICOTT, D.W. Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Sem autor. Rethinking the traditional family. Artigo encontrado na Internet no site: http://www.fc.net/~zarathus/canada/canada-adoptions.txt, [08/10/98]

A ESCOLHA DO PERCEIRO CONJUGAL?

MIRANDA, G. C.

O objetivo desta pesquisa é buscar a compreensão de como os casais se escolhem.
Sua importância está na possibilidade de fazer com que as pessoas compreendam as escolhas conjugais; como e porque ocorrem e suas conseqüências, de maneira que o terapeuta possa atuar, mesmo preventivamente, no momento da formação de uma nova família.
Sendo o casamento um ideal de vida para a maioria das pessoas, surgem questões como: Por que João escolhe Maria? Quais são as diferenças individuais e influências sociais que os torna um casal? Por que e como estabelecem certo “tipo” de relação?
O casamento além de ser um valor social, traz crescimento pessoal, talvez por isso a importância em concretizá-lo. O casamento pode ser um caminho para o indivíduo inserir-se na sociedade, sentir-se aceito, participante, “completo” e amado.
No momento da escolha do parceiro, o indivíduo leva para a nova família, valores, normas, sentimentos, pensamentos, regras, atitudes e comportamentos herdados da família de origem e também da sociedade em que vive.
A escolha do cônjuge, também é permeada por questões conscientes e inconscientes (angústias, frustrações, desejos e fantasias). E é na relação com os pais, que o indivíduo constrói sua personalidade e no momento de compartilhar sua intimidade levará para a nova família conteúdos herdados pela família nuclear.
Foi utilizado o modelo de categorias proposto por Sager como um instrumento que avalia as expectativas de cada indivíduo em relação ao casamento, as características de personalidade individuais de cada parceiro e a compreensão que ambos têm da relação. Este material foi aplicado em quatro casais legalmente constituídos, com no mínimo dois anos de relação. A análise foi qualitativa a partir das categorias intragrupais.
Os principais pontos observados foram: as diferenças individuais, expectativas em relação ao cônjuge e casamento, diferença de ambições e prioridades são causadores de conflitos entre os casais, principalmente onde existem discussões a respeito da família de cada um. A dificuldade de comunicação é fator principal nos desencontros dos casais, a falta de maturidade é o motivo desencadeante da falta de diálogo. O auto-conhecimento possibilita a harmonia da relação.
Conclui-se que para o casal construir uma relação saudável, duradoura e estável, a elaboração de conflitos e angústias inconscientes é de grande importância, tornando possível uma relação dual, em que cada um dos cônjuges possa manifestar sua individualidade sem que prejudiquem o espaço inter-relacional do casal.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTON, Iara L. Camarata. **A Escolha do Cônjuge Um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
CERVENY, Ceneide Maria de; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper e colaboradores. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
MALDONADO, Maria Tereza. **Casamento Término e Reconstrução**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
SAGER,S.. **El Contrato Matrimonial**. Buenos Aires: Baitos, 1984.

NARCISISMO E DROGADEPENDÊNCIA.

SOARES, C.

O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre Drogadependência e Narcisismo verificando as características de ambos para que se possa investigar se os drogaticto são basicamente narcisistas.
Para isso , utilizei, além da teoria, um questionário e o teste Wartegg, os quais foram aplicados em oito adolescentes drogadependentes do sexo masculino.
As perguntas do questionário foram selecionadas de acordo com a teoria de Rocha e Streparava (s.d) e os campos do Wartegg que foram analisados são o 1 e o 8.
A análise de dados foi qualitativa, inter e intra grupal.
Tanto o narcisista quanto o drogadependente possuem características de grandiosidade, falta de empatia, incapacidade de aceitar críticas, relações espoliativas, sensação de ser especial, preocupação com sucesso e poder de forma excessiva, exigindo atenção e admiração constantes.
Acredito que a toxicomania pode ser considerada como uma "atividade sexual auto-erótica" de uma posição narcisista da libido.
Parece-me relevante pensar a toxicomania a partir do narcisismo primitivo.
Este trabalho é importante para a Psicologia, pois pode ajudar a esclarecer certos aspectos da estrutura da personalidade e do caráter social do drogadicto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CABRAL,A.;NICK,E. Dicionário Técnico de Psicologia. São Paulo, Cultrix, 1994
GREEN, A. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo, Editora Escuta, 1988.
GURFIINKEL, D. A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Rio de Janeiro, Vozes,1995
KLOURI,C. Drogadição e AIDS: vivendo entre duas mortes. São Paulo,1992. Tese (Mestrado)- Psicologia Clínica PUC
LAPLANCHE, J.; PONTALIS,J. Vocabulário da psicanálise. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1985.
OLIEVENSTEIN, C. A clínica do toxicômano. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1990.
ROCHA,V.;STREPARAVA,P. O que você deve saber sobre drogas: Uso, mau uso e abuso. São Paulo, s.ed., s.d.
TIBA, I. 123 respostas sobre as drogas. São Paulo,Scipione,1997
XAVIER da SILVEIRA, D. Drogas uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.

COMO VIVE O IDOSO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO.

SON, L.

De acordo com a última projeção realizada pelo IBGE, em 2020, o número de idosos deve dobrar, atingindo a marca de 27 milhões de indivíduos com sessenta anos ou mais de idade. Atualmente, o Brasil está entre os quinze primeiros países do mundo em números absolutos de pessoas idosas, com 13,5 milhões de idosos ou 8,7% da população total.

Apesar da porcentagem significativa, o idoso brasileiro é ignorado e maltratado pela sociedade que não sabe como agir frente a pessoas "de idade".

Seja no campo, seja na cidade, há muito o idoso é estigmatizado, tendo a sua imagem associada a algo velho e sem utilidade, quando não representa um gasto a mais, uma vez que produz menos, quando produz.

Pretende-se com o presente estudo, levantar quais opções de lazer a região metropolitana de São Paulo tem a oferecer aos seus idosos. Feito isso, através de questionários, verifica-se como a clientela recebe o que lhe é oferecido, bem como analisa-se o que pensam os profissionais ligados à área.

Diante dos dados colhidos, pôde-se concluir que, em São Paulo, surgem opções que visam atender a população idosa de acordo com seus interesses específicos. É um ponto positivo se formos analisar que, em contrapartida, há escassez em termos de literatura disponível voltada para a área.

Este estudo é importante, na medida em que alerta para o fenômeno irreversível do envelhecimento da população e, procura apontar a importância em agir para receber esses futuros idosos, evitando assim a formação de uma nova camada de marginalizados, a de maiores abandonados.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARRETO, Mª L. "Admirável Mundo Velho – velhice, fantasia e realidade social." Editora Ática S.A., São Paulo, 1992.

BRINK, T. L. "Psicoterapia Geriátrica." Imago, Rio de Janeiro, 1983.

CANÔAS, C. S. "A Condição Humana do Velho." Cortez Editora, São Paulo, 1985.

CARTER, B.; McGOLDRICK, M. e colaboradores. "As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – uma estrutura para a terapia familiar." Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

BROMLEY, D. B. "Psicologia do Envelhecimento Humano." Editora Ulisséia, Lisboa, 1966.

GOFFMAN, E. "Manicômios, Prisões e Conventos." Editora Perspectiva, São Paulo, 1961.

GOLDMAN, F. P. "Problemas Brasileiros: alguns aspectos sobre o processo de envelhecer." Franciscana do Lar Franciscano de Menores, Piracicaba, São Paulo, 1977.

HADDAD, E. G. de M. "A Ideologia da Velhice." São Paulo, 1985. Tese (dissertação de mestrado) - FFLCH - USP – setembro/1985.

MINAYO, Mª C. de S. (org.) "Pesquisa Social: teoria, método e criatividade." Editora Vozes, Petrópolis (RJ), 1994.

NERI, A. L. "Envelhecer num País de Jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos." Campinas, São Paulo: Unicamp, 1991.

SKINNER, B. F. & VAUGHAN, M. E. "Viva bem a Velhice: aprendendo a programar a sua vida." Trad. Anita Liberalesso Neri. Summus, São Paulo, 1985.

VALENCIA, Angel (Representante adjunto da Organização Panamericana da Saúde no Brasil) "Envelhecimento, a Melhor Idade ou a Terceira Idade? Implicações para a sociedade latino-americana" Conferência realizada durante o Painel *Saúde e Qualidade de Vida dos Idosos*, na cidade de São Paulo, na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no dia 08 de abril de 1999.

Orientador (a): Tânia M. Justo de Almeida

ASPECTOS DESCRITIVOS DE PERSONALIDADE E INTELIGÊNCIA DO FILHO CAÇULA.

GARCIA, R.

O filho caçula já chega carregado de representações e cargas psicológicas específicas, e tende a mobilizar todo o sistema a qual está inserido a se adaptar à sua chegada e a se rearranjar por inteiro.
É o filho que espera-se que resolva as expectativas frustradas de toda família. Ele vai modificar e ser modificado conforme vai se relacionando.
O objetivo deste trabalho foi esclarecer e identificar alguns dos aspectos que esses filhos assumem diante desta posição e frente às expectativas depositadas nele. Cada um vai reagir conforme as coisas vão fazendo sentido para si, diante dos seus desejos e necessidades.
Foram realizadas entrevistas dirigidas com as mães desses caçulas e o teste C.A.T.-H e WISC em cada um deles, em dias diferentes: três meninas e três meninos de 10 a 14 anos, de grupos familiar com mais de três filhos. Depois, o material foi analisado e interpretado.
Os caçulas são aqueles filhos que quando chegam normalmente já têm a estrutura da família estabelecida: seus pais já experientes, seus irmãos já acostumados a “ter” irmãos...
Ele é aquele filho que recebe de seus pais um tratamento já experimentado, com maior probabilidade de acerto, e tem carinho e atenção de todos aqueles que o rodeiam.
Sua personalidade e sua inteligência se desenvolvem a partir das relações que tem, conforme seu aparato biológico e a cultura em que está inserido.
O trabalho serviu para verificar o quanto a família e o contexto do indivíduo podem influenciar em sua personalidade e inteligência, e o quanto este utiliza-se desses estímulos para aproveitar melhor o que lhe é dado.
O intuito do trabalho foi investigar o que ele faz, como reage, e o que forma de si frente a isso.
Pode-se afirmar que a família tem um papel importante na formação da personalidade e inteligência deste filho, e que o mais importante não é o lugar em que ele ocupa na família, nem como ele é visto, mas sim, como ele se vê diante de tudo isso, e de como ele reage.
O contexto influencia sim, na formação do indivíduo, mas este não terá essas ou aquelas características, pois não dá para diagnosticar um quadro e estipular como pode ser um caçula.
O trabalho conseguiu trilhar um perfil destes caçulas e percebeu vários aspectos em que eles se igualam e outros que se diferem. Muitas hipóteses novas foram criadas e ficam para futuros trabalhos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 208p.
MINUCHIN, Salvador. **Família: funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. 238p.
PINCUS & DARE. **Psicodinâmica da família.**. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1987.
SCHNEIDER, Murray & KLUCKHOHN, Clyde. **Personalidade: na natureza, na sociedade e na cultura.** Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1965. 483p.
SOIFER, Raquel. **Psicodinamismos da família com crianças.** Petrópolis: Vozes, 983. 270p.

A RELAÇÃO ENTRE O BRINCAR INFANTIL E A ATIVIDADE LÚDICA EM ADULTOS.

HIROTA, C. S.

O objetivo do presente trabalho é verificar as possíveis características em comum entre o brincar infantil e a atividade lúdica em adultos.
De acordo com as teorias estudadas, a criança brinca para elaborar fantasias, desejos e angústias, além de preparar-se para a sua inserção no mundo adulto. O brincar é em si primordial ao desenvolvimento do ser humano, possuindo diversas fases de acordo com a idade e necessidade da criança.
Para os adultos, o brincar nem sempre é assim definido, e geralmente ao ser explicado, recebe como importância o fato de criar um mundo à parte do real, uma forma de evasão frente os problemas concretos.
A pesquisa foi desenvolvida utilizando-se de entrevistas semi dirigidas com sujeitos de 23 a 40 anos, do sexo masculino, sem distinção de classe social ou escolaridade e que praticam algum tipo de modelismo. Os modelismos utilizados foram: auto modelismo, aero modelismo, ferro modelismo e nauti modelismo.
As entrevistas foram interpretadas de acordo com a teoria sobre a qual o trabalho se iniciou, sendo analisadas de acordo com a qualidade da atividade que cada sujeito exercia.
Em sua maioria, os sujeitos demonstraram a importância da atividade enquanto forma de evadir-se de seu mundo concreto, esquecendo-se dos problemas e dificuldades. Além disso, evidenciam-se as influências provenientes da infância dos sujeitos na escolha e na perpetuação da atividade. Há geralmente referências a uma figura masculina paterna.
Durante a prática do modelismo, os sujeitos relataram o prazer que resultante da sensação em dominar, ser o melhor, ser reconhecido por seu produto; o que demonstra a representação fálica dessas atividades.
Portanto, pode-se constatar que a brincadeira infantil muito se assemelha à atividade lúdica em adultos, estudada no presente trabalho. É possível que os sujeitos se utilizem da prática do modelismo como forma de elaborar conteúdos inconscientes, assim como as crianças o fazem ao brincar. Isto deve-se principalmente ao fato da necessidade destes em realizar sensações de superioridade e onipotência durante a prática do modelismo. No entanto, para esta comprovação, seria necessário uma continuidade deste trabalho, com um estudo mais aprofundado de cada caso, de maneira que se possibilite a correlação entre os aspectos de cada indivíduo e as sensações decorrentes da atividade lúdica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHÂTEAU, J. **O jogo e a criança**. Trad. Guido de Almeida. São Paulo, Summus, 1987. 139p. (Novas buscas em educação; v. 29)
FREUD, S. (1899) **A interpretação dos sonhos**. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. [s.l.], Círculo do livro, [1987?]. 347p. (v. I)
KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 - 1945)**. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro, Imago, 1996. 504 p. (Obras completas de Melanie Klein; v. I)
KLEIN, M. **A psicanálise de crianças**. Trad. Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro, Imago, 1997. 352 p. (Obras completas de Melanie Klein; v. II)
OCAMPO, M. L. S., et al. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. Trad. Miriam Felzenszwalb. 6. ed. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1990. 437 p.
OLIVEIRA, M. M. H. d'. **Ciência e pesquisa em psicologia: uma introdução**. São Paulo, EPU, 1984. 102p. (Coleção temas básicos de psicologia)
OLIVEIRA, P. S. **O que é brinquedo**. 2. ed. [s.l.], Brasiliense, 1989. 71 p. (Coleção primeiros passos)
SAFRA, G. **Procedimentos clínicos utilizados no psicodiagnóstico**. Em: TRINCA, W. (org.) **Diagnóstico psicológico: a prática clínica**. São Paulo, EPU, 1984. p. 52-66. (Temas básicos de psicologia; v. 10)
SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Trad. Mirtes Brandão Lopes. São Paulo, Nacional, 1966. 126 p.
VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. COLE, Michael e outros (org.). Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 5. ed. São , Martins Fontes, 1994. 191 p. (Psicologia e Pedagogia)
WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago, 1975. 203 p.
WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Trad. Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982. 270 p.

INIBIÇÃO INTELECTUAL SOBRE O PONTO DE VISTA MÃE-BEBÊ.

MORILLO, J. R.

O trabalho tem como objetivo investigar se as atitudes de uma mãe para com seu filho influenciam no seu desenvolvimento intelectual.
Algumas teorias do desenvolvimento chamam a atenção de como é importante que exista uma pessoa, na maioria das vezes a mãe, que auxilie a criança no desenvolvimento do seu aparelho psíquico, que consiga oferecer um continente adequado para as intensas ansiedades e descobertas dos bebês. Se isso for possível, será possível também que a criança tenha um crescimento mental e acesso ao pensamento como forma de solucionar conflitos. Winnicott dizia que só existe um bebê com sua mãe, que no início desta relação os dois são uma única unidade. O bebê necessita dela para sobreviver e aprender a crescer e ter a sua identidade. São extremamente dependentes e necessitam de cuidados especiais, de satisfação de suas necessidades e de alguém que "entenda" os seus sentimentos ruins e destrutivos. Para isso, é necessário que a mãe tenha uma ligação íntima com seu bebê, mas também saber o momento exato que, após um certo período da vida deste bebê, deve ocorrer uma separação para que o bebê consiga estabelecer novas relações com pessoas e coisas e desenvolva sua própria individualidade
Quando as angústias da mãe, que são reativadas no nascimento de seu filho, são vivenciadas de maneira saudável, esta conseguirá ser suficientemente boa e dar continência ao seu bebê, que com isto conhecerá o seu verdadeiro self. Caso contrário, o verdadeiro self do bebê ficará protegido e virá à tona um falso self. Com o falso self formado a criança terá uma série de dificuldades à medida que vai amadurecendo, uma delas é no desenvolvimento cognitivo: a criança não conseguirá realizar atividades por sua própria conta, não se sentirá criativa e não produzirá de maneira adequada.
Para chegar ao objetivo do trabalho foi efetuado um estudo da teoria psicanalítica - destacando-se principalmente Winnicott - e também um estudo de sete casos atendidos na Universidade Mackenzie. Foi concluído que estas crianças sofreram falhas por parte de sua mãe (biológica ou não). Estas falhas se apresentaram de inúmeras formas: falta de estimulação, incapacidade de reverie, holding e handling insuficientes, dificuldade em falhar quando necessário e não suscitação de confiança para o bebê. Portanto, nos casos estudados, a mãe foi a grande responsável pelas dificuldades cognitivas de seu filho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BETTELHEIM, Bruno – "Uma vida para seu filho". Tradução: Maura Sardinha e Maria Helena Geordane. 24ª edição. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1988.
BION, Wilfred R. – "O aprender com a experiência". Rio de Janeiro. Imago editora, 1991
BOWLBY, John – "Cuidados maternos e saúde mental". Tradução: Vera Lúcia Baptista e Irene Rizzini. 3ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1995.
ERIKSON, ERIK H., - "Infância e Sociedade". 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1976.
WINNICOTT, Donald W. – "Tudo começa em casa". Tradução: Paulo Sandler. 1ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1989.
WINNICOTT, Donald W. – "Os bebês e suas mães". Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 4ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 1994.

Orientador (a): Tereza Marques de Oliveira

O LUGAR QUE OCUPAM O PRIMEIRO, O SEGUNDO E O TERCEIRO FILHO NO UNIVERSO FANTASMÁTICO MATERNO: DIFERENÇAS DE PROJEÇÃO QUE DEFINEM A RELAÇÃO MÃE E FILHO.

BARROS, I. P. M. DE

O objetivo do trabalho é o de investigar a qualidade e quantidade das projeções em relação à gravidez e à partir disto, traçar os lugares ocupados pelos filhos no universo fantasmático materno, entendendo o que está representando a vinda destes.

A futura mamãe está longe de funcionar como uma tábula rasa já que está habitada pela lei, pelo desejo, pela lei da linguagem. Ela vai modelando imaginariamente um sujeito a partir de sua atividade fantasmática e de como estabelece a falta enquanto castrada, o que vai imprimir importantes características ao desenvolvimento biopsicossocial da criança. As expectativas frente à vinda de um filho são produto de sua história de vida que é suscitada pela relação com o pai do bebê e com o meio atual – tanto familiar quanto sociocultural.

O estudo da atividade fantasmática possibilita a identificação da penetração dos cenários imaginários (pré-conscientes), desejos e fantasias que se enraízam nas camadas infantis e inconscientes da vida psíquica da mãe, no estabelecimento das relações com seu filho. Com base na interpretação dos protocolos das pranchas 2, 7MF e 8MF do Teste de Apercepção Temática (TAT), foi feita uma análise qualitativa, levando-se em conta o manual original do teste (Murray, 1943), especificamente a descrição que nele consta de cada prancha. Somou-se a isto a análise quantitativa dos dados obtidos em entrevista semi-dirigida. A amostra foi composta de 5 primigestas, 5 grávidas de 2º filho e 3 mulheres na terceira gestação, todas pertencentes à classe média.

A análise feita confirma a existência do filho preferido, o “queridinho” no senso comum, sendo este o que melhor corresponde às projeções da mãe e não ao qual ela direciona maior quantidade de afeto. Levando-se em conta toda responsabilidade e comprometimento que um filho exige, este é visto como agente involutivo já que é percebido como entrave à vida profissional. Isto se manifesta sob a forma de rejeição à gravidez. A maternidade, que poderia ser uma vivência de realização, passa a ser fundo para a figura que assume a mulher no mercado de trabalho.

Nas mulheres primíparas, o que mais se destacou foi a interferência de revivescências de suas histórias de vida na elaboração mental fantasmática que fazem do filho, sendo então este esperado como devendo “compensar” seus traumas pessoais.

O desejo mais presente nas mulheres grávidas de segundo filho refere-se a preferência por determinado sexo para o bebê, devendo ser o oposto do de seu primeiro filho. Nesse caso, o filho está sendo esperado como devendo satisfazer seus desejos de conhecer como é ser mãe de menino/menina (dependendo do sexo do primeiro filho).

A dificuldade financeira e as preocupações profissionais tomam o lugar das expectativas frente à vinda do 3º filho que é esperado como devendo, pelo menos, preencher os aspectos que os outros dois não preencheram.

O objetivo de inferir de que forma a vida fantasmática da mãe está atuando na estruturação do lugar do filho foi atingido, mas em função da complexidade do assunto não foi possível abarcá-lo como um todo. Pesquisas posteriores podem buscar a confirmação, após o nascimento, da atuação das expectativas que as mães têm durante a gravidez.

Fica o alerta para a problemática afetiva que permeia a gravidez em nossos dias. Deve-se pensar e dirigir a atuação do psicólogo com o intuito de prevenir e minimizar as seqüelas de problemáticas nos vínculos familiares, resgatando, em primeiro lugar, o prazer na função materna que muito mais do que cuidar, engloba desejar e assim intermediar o simbólico para seu filho. Chama-se a atenção para a importância de se conscientizar o público feminino para o fato da vida corporal não ser a única que a mãe dá e sustenta: o amor materno anima e encoraja o ser vivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AULAGNIER, P. A VIOLÊNCIA DA INTERPRETAÇÃO. SÃO PAULO, IMAGO, 1979.

DOLTO, F. NO JOGO DO DESEJO: ENSAIOS CLÍNICOS. 2 ED. SÃO PAULO, ÁTICA, 1996.

FALSETTI, L.A.V.. A CRIANÇA, SUA DOENÇA E A MÃE: UM ESTUDO SOBRE A FUNÇÃO MATERNA NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS PRECOCEMENTE ATINGIDOS POR DOENÇA OU DEFICIÊNCIA. SÃO PAULO, 1990. TESE DE DOUTORADO. INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

HERZBERG, E. ESTUDOS NORMATIVOS DO DESENHO DA FIGURA HUMANA (DFH) E DO TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA (TAT) EM MULHERES: IMPLICAÇÕES PARA O ATENDIMENTO À GESTANTES. SÃO PAULO, 1993. TESE DE DOUTORADO. INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

JERUSALINSKY, A. PSICANÁLISE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL. PORTO ALEGRE, ARTES MÉDICAS, 1989.

LACAN, J. ESCRITOS. 3 ED. SÃO PAULO, PERSPECTIVA, 1992.

LAJONQUIÉRE, L. Para Repensar as Aprendizagens de Piaget à Freud. 8ª ed. Petrópolis, Vozes 1999.

MANNONI, M. A PRIMEIRA ENTREVISTA EM PSICANÁLISE. 17ED. RIO DE JANEIRO, CAMPUS, 1980.

MAZET, P & STOLERU, S. MANUAL DE PSICOPATOLOGIA DO RECÉM-NASCIDO. PORTO ALEGRE, ARTES MÉDICAS, 1990.

MURRAY, H. TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA: TAT. SÃO PAULO, ED. MESTRE JOU, 1976.

ROSENBERG, A. M. S. O LUGAR DOS PAIS NA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS. SÃO PAULO, ESCUTA, 1994.

O SUÍCÍDIO: A FALTA DE ELABORAÇÃO DO LUTO PELA PERDA REAL DO OBJETO.

BOLOGNESI, R.

O objetivo do trabalho é investigar se um dos fatores que pode ser motivador para um indivíduo se suicidar é a falta de elaboração do luto pela perda real do objeto, o que tal impossibilidade de elaboração estaria vinculado a perda do primeiro objeto - o seio - citado por Melanie Klein.
Para a realização da pesquisa foram selecionados sete prontuários de pacientes da clínica Psicológica da Universidade Mackenzie numa faixa etária entre 25 a 60 anos de idade, de ambos os sexos os quais possuíam idéias suicidas ou haviam tentado o suicídio. Para uma maior compreensão dos casos, foram destacados alguns itens como a queixa, isto é o que levou o indivíduo a procurar a clínica, se já teve idéias suicidas, tentativas de suicídio, os meios utilizados ou fantasiados para executá-lo , experiências de perdas reais ou simbólicas e tratamento com remédios.
Observou-se que todos os casos possuíam perdas significativas; reais de entes queridos ou simbólicas; definidas como experiências de separações ou abandonos nas diferentes etapas da vida.
Constatamos que os pacientes que apresentaram idéias suicidas ou tentativas de suicídio a partir de experiências de perdas reais e simbólicas não elaboraram a posição depressiva infantil, o luto do primeiro objeto – o seio – condição necessária para a elaboração dos demais lutos .
Dois dos casos analisados demonstram não terem não elaborado o luto de seus entes queridos desenvolvendo doenças psicossomáticas, um deles gastrite e o outro constantes dores no peito. Levantamos a hipótese que este fato pode ter tido grande influência com estes indivíduos pensarem em suicídio, pois em situações de conflito onde vivenciam experiências de perdas a posição depressiva é reativada e com a angústia causada por esta experiência o indivíduo pode pensar que a única maneira de se livrar de seu sofrimento é o suicídio.
O que realmente parece é que o suicida é um sofredor e não sabe como lidar com este sofrimento, onde acaba por utilizar idéias suicidas ou o próprio suicídio como forma de comunicar este sofrimento, esperando consciente ou inconscientemente ajuda, a qual muitas vezes não ocorre, pois o seu pedido não é compreendido a tempo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, R. A. **. O Morto que Canta** In: R.M.S. Cassorla (ed). Do suicídio. Campinas, S.P., Papirus 1991.

BROMBERG M.H.P.F., KOVACS M.J., CARVALHO M.M.M.J., CARVALHO V. A. **Vida e Morte Laços de Existência,** S. P. Casa do Psicólogo

CASSORLA R. M. S. **Do Suicídio: estudos brasileiros.** S. P., Papirus 1991.

CASSORLA R. M. S**. O que é o Suicídio?.** S. P., Brasiliense, 1984.

DIAS M. L. **Suicídio Testemunhos de Adeus**. S. P., Brasiliense 1991.

KLEIN M. **O luto e suas relações com os estados maníacos depressivos (1940)** In (ed**) Amor culpa e reparação e outros trabalhos (1921 –1945),** R.J. Imago 1996

KNOBEL M. **Sobre a morte, o morrer e o suicídio**. In R.M.S. Cassorla (ed). Do suicídio. Campinas. S.P., Papirus, 1991

MATERNIDADE PÓS-MODERNA: UM ESTUDO DO USO DO OBJETO TRANSICIONAL EM CRIANÇAS SOB CUIDADOS DE INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA.

FALLEIROS, M. C. A. B.

Uma das características da família pós-moderna refere-se ao ingresso cada vez mais freqüente da mulher no mercado de trabalho. Assim, se anteriormente o pai era o provedor exclusivo da renda familiar, nos dias de hoje, a participação da mãe nesta função tem se dado de forma cada vez mais ativa. Este fato resulta que a maioria das mães dispõe de um tempo extremamente reduzido para dedicar exclusivamente aos seus bebês. Nestas circunstâncias, atualmente é muito comum que estes bebês sejam deixados aos cuidados de berçários, por um período de tempo que chega a se estender por até 12 horas diárias. Em seus estudos, o médico pediatra e psicanalista D.W. Winnicott destacou a importância da existência de uma *mãe suficientemente boa*, que efetue uma adaptação ativa às necessidades do bebê para poder assim, auxiliá-lo a tolerar as frustrações provenientes do gradual processo de percepção e adaptação à realidade externa, necessárias ao desenvolvimento do aparelho psíquico. Este autor desenvolveu o conceito de *objeto transicional* e discutiu minuciosamente sua função no período do desmame, enfatizando que este acalma os momentos de ansiedade e humores depressivos característicos desta fase, na qual o bebê busca a integração das fantasias de seu mundo interno com o que está sendo objetivamente percebido. A construção deste objeto, afirma Winnicott, dependerá da função da *mãe suficientemente boa*, , no período da dependência absoluta.

Norteando-se pela preocupação quanto à prematura separação da mãe, o objetivo do trabalho é o de investigar a questão do uso de *objetos transicionais* em bebês e crianças que, desde cerca dos 3 meses, idade que antecede o período do desmame , freqüentam uma instituição particular especializada.

A pesquisa de campo foi realizada com 12 sujeitos, de ambos os sexos, que passam aproximadamente 10 horas por dia no ambiente institucional. Estes foram individualmente observados por um período de 1 hora, durante 5 dias consecutivos, iniciando-se a partir do momento de sua chegada à instituição, situação esta supostamente considerada como mobilizadora de angústia.

A análise qualitativa das observações dos sujeitos permitiu o levantamento de hipóteses que levaram a uma compreensão da dinâmica de funcionamento de cada um deles, frente à situação de separação prolongada da mãe, diariamente enfrentada. Constatou-se que muitos dos sujeitos utilizavam *objetos transicionais* como recurso para lidar com os sentimentos depressivos oriundos do processo gradual de reconhecimento e aceitação da realidade externa. Observou-se o desenvolvimento prematuro de habilidades específicas que garantissem a sobrevivência no ambiente institucional, configurado como um meio social diferenciado e mais amplo que o núcleo familiar. Particularmente no que se refere aos bebês, confirmou-se a necessidade de estabelecer um forte vínculo de amor com uma figura fixa.

Tendo em vista o precoce deslocamento do amor materno enfrentado pelos sujeitos observados, hipotetizou-se que estes puderam desenvolver o uso de *objetos transicionais* pelo fato de estarem encontrando na instituição uma substituta da *mãe suficientemente boa*,. Assim, confirmou-se a importância da intensa vivência do vínculo de amor fundamental entre mãe e bebê, suporte essencial para o estabelecimento da saúde mental. Diante da problemática estudada, sugere-se a execução de estudos posteriores que visem compreender o lugar ocupado pelo pai na família pós-moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. **A História Social da Criança e da Família.** 2.ed. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
BOLWBY, J. **Apego e Perda**. 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
WINNICOTT, D.W. **A Criança e seu Mundo.** 6. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982.
WINNICOTT, D.W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro, Francisco Aves, 1988.
WINNICOTT, D.W. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
WINNICOTT, D.W**. Natureza Humana**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.
WINNICOTT, D.W. **O Ambiente e os Processos de Maturação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
WINNICOTT, D.W. **Pensando sobre Crianças**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
WINNICOTT, D.W. **Privação e Delinqüência.** 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

O LUTO INFANTIL E REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA.

FRAMÍLIO, A. F.

Este trabalho trata do luto infantil mal resolvido e suas conseqüências nas psicopatologias da vida adulta. Patologias estas que vão desde depressão, relacionada à baixa auto-estima, até a tendência a se sentir isolado e solitário, com suscetibilidade a quadros psicossomáticos.
Especificamente, tentou-se compreender a morte de uma figura importante como a do pai ou mãe, relacionando essa vivência de perda ao contexto sócio-familiar, à etapa de desenvolvimento da criança e à representação dessa experiência na vida adulta desse indivíduo.
A pesquisa bibliográfica centrou-se em duas abordagens teóricas: a abordagem psicanalítica, baseada nos estudos de Freud e Klein e a abordagem etológica, representada pelos trabalhos de Bowlby e Bromberg. Auxiliando na compreensão teórica, utilizamos ainda textos de Kovacs, Klüber Ross, Parkes e Mc Dougall.
Para corroborar a teoria, pesquisamos cinco casos clínicos que não obtiveram sucesso em Psicoterapia Breve de Adultos.
Levantamos questões para reflexão sobre a necessidade de aprofundamento nas investigações dos históricos pessoais de pacientes que sofreram perda por morte de/dos genitores na infância, pois a resolução do luto infantil, que é geradora de psicopatologias na vida adulta, merece especial atenção do profissional de psicologia.
O reconhecimento e aceitação da morte tornam a vida mais livre de temores e ansiedades, embora alguns aspectos da cultura Ocidental tendam a dificultar esse processo.
Apesar de existirem hoje tentativas de preparação para muitas situações como casamento, paternidade e profissão, parece não haver nada que nos prepare diretamente para a democrática morte que a todos atinge.
Neste trabalho, procuramos enfocar a importância de os adultos estarem preparados para a morte, pois só assim serão continentes para dar suporte ao luto infantil.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOWLBY , John. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo, Edt Martins Fontes, 1982 (1979)
__________Apego, vol. I da Trilogia Apego e Perda. São Paulo. Edt Matins Fontes, 1990 (1969).
__________Separação. Vol. II da Trilogia. São Paulo , Martins Fontes, 1998 (1973).
__________Tristeza e depressão. Vol.III da Trilogia. São Paulo, Martins Fontes, 1993 (1978)
BROMBERG, P.F. Maria Helena. Luto como uma crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva. Tese de Doutorado, PUC São Paulo, 1992.
FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia, São Paulo Edt Imago (1997)
KLEIN, Melaine. A importância da formação de símbolos no desemvolvimento do ego in Contribuições a Psicanálise. São Paulo, Edt Mestre Jou, 1981 (1930).
_________ "O desmame" in Melaine Klein amor culpa reparação e outros trabalhos Rio de Janeiro, Edt Imago, 1996 (1936).
KOVACS , Maria Julia. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992.
KLÜBER-ROSS, Elizabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo, Martins Fontes, 1981 (1969)
MC DOUGALL, Joyce. Teatros do Corpo. São Paulo, Edt Martins Fontes, 1991 (1989).
PARKES, Collin Murray . Luto. São Paulo, Edt Sum

O DESENVOLVIMENTO MORAL EM CRIANÇAS PRIVADAS DO CONVÍVIO FAMILIAR.

SANTOS, K. D.

Diante da realidade social a qual pertencemos, a privação do convívio familiar e a internação de crianças em Instituições alcança números altíssimos. Sabe-se que para o desenvolvimento emocional de um indivíduo, a estrutura familiar é essencial, inclusive no que se refere ao desenvolvimento de valores, sobre os quais se estrutura a conduta de um indivíduo em sociedade.

Para que se pudesse saber quais são os reais efeitos dessa privação sobre a formação dos valores morais do Homem, foram utilizadas algumas pranchas do teste projetivo CAT em 11 crianças abrigadas em uma Instituição da Cidade de São Paulo, com idades entre 7 e 11 anos, e, ainda, um questionário que avalia o grau de formação de valores em tais crianças.

As pranchas utilizadas abordam os temas da imagem e relação que a criança mantém sobre a figura materna, das atitudes do sujeito em relação às regras e, consequentemente, estruturação do superego e, por último, as fantasias advindas da situação de abandono. Tal seleção baseou-se na teoria Winnicotiana, que vê a relação materna como determinante no desenvolvimento emocional de um indivíduo e, consequentemente, no desenvolvimento de um código ético pessoal, uma vez que esse existe, potencialmente, em todo ser humano.

Os dados analisados puderam constatar que, naqueles indivíduos em que a relação com a figura materna pôde ser experenciada com envolvimento e a existência de afeto, a capacidade para *se preocupar* com o outro é muito superior em comparação com aqueles que tiveram e, sentiram a figura materna como distante e indiferente.

Pôde-se constatar, ainda, que independente da idade atual ou da idade em que foram internados, os sujeitos revelam uma insegurança pessoal muito grande, e a necessidade de uma figura que lhes dêem referência.

A situação de abandono gera, na maioria dos casos, um temor pelo próprio aniquilamento, sendo referido como medo de "bichos", ou fantasmas que vem assombrá-los ou, ainda, um sentimento de impotência frente a sua "doença física" e fragilidade.

Sendo assim, pode-se dizer que, embora a internação tenha um efeito negativo sobre o desenvolvimento emocional de cada indivíduo, não pode ser considerada uma determinante no que se refere a capacidade para se envolver com o outro e desenvolver um senso moral. A dificuldade maior, hoje em dia, está na estruturação de uma outra Instituição, chamada FAMÍLIA.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOWLBY, J. (1952) Cuidados Maternos e Saúde Mental. Tradução Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini – 3ª edição; São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHARLES, C.M. Piaget Ao Alcance dos Professores. Tradução da profª Ingeborg Strake. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1975.

FREUD, S. (1923a) – As duas classes de instinto. In: Edição standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. V. XIX, p. (53-60).

______. (1923b) – O ego e o superego. In: Edição standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. V. XIX, p. (41-51).

______. (1930) – O mal-estar na civilização. In: Edição standard brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1980. V. XXI, p. 81-177.

KLEIN, M. A Psicanálise de Crianças. Tradução: Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

WINNICOTT, D. W. (1946). Alguns aspectos psicológicos da delinqüência juvenil. Privação e Delinqüência. Tradução Álvaro Cabral - 2ª edição; São Paulo: Martins Fontes, 1994.

______. (1956) A tendência anti-social. Privação e Delinqüência..., op. cit.

______. (1960a) Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self.* O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz - Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

______. (1960b) Teoria do relacionamento paterno-infantil. O Ambiente..., op. cit.

______. (1963a) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. O Ambiente..., op. cit.

______. (1963b) O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. O Ambiente..., op. cit.

______. (1963c) Moral e educação. O Ambiente..., op. cit.

______. A Criança e o Seu Mundo. Tradução Álvaro Cabral - 6ª edição; Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

EM BUSCA DA COMPREENSÃO DOS PROCESSOS PSICODINÂMICOS DE CRIANÇAS PORTADORAS DO VÍRUS HIV.

SILVA, J. DA

Diante do trabalho realizado, acredita-se ter atingido de modo parcial os objetivos propostos anteriormente, devido as modificações que foram feitas, com o intuito de adequá-lo as reais condições.
As aplicações dos desenhos-histórias, revelaram que as fantasias e angústias mais freqüentes suscitadas em crianças que convivem com a ameaça de morte são: o medo de morrer, de ficar sozinho, ou seja, ser abandonado, principalmente pelas figuras paterna e materna, temendo desta forma perder o amor das mesmas, já que sua condição lhe causa sofrimento, como conseqüência essa situação a criança tem grande necessidade de estar próximo das figuras parentais e de ser protegida pelas mesmas, dados estes que são confirmado por outros autores como: Raimbault (1979), Torres (1994), entre outros.
Quanto aos mecanismos de defesa, notou-se que muitas vezes a criança utiliza-se da negação tanto de sua condição, quanto da falta real de seus pais, já que na instituição as crianças que foram submetidas ao teste também sofrem da ausência de seus genitores.
Este fato trouxe como constatação que especificamente no caso desta amostra o sofrimento e o sentimento de abandono das figuras parentais surge de maneira mais intensa, já que são crianças institucionalizadas.
Verificou-se também que tais crianças apresentam um forte sentimento de culpa em relação a ausência dos pais, sendo que aquelas com menos idade acreditam serem culpadas pela situação causada pela doença. Quanto as crianças maiores, a culpa é direcionada também para as figuras parentais.
Outro aspecto observado neste estudo, diz respeito a percepção de sua doença e das conseqüências causadas pela mesma, nas diferentes faixas etárias estudadas, bem como da compreensão quanto ao que é a morte.
Os resultados obtidos com o trabalho em questão, aponta para a necessidade da criança em possuir um espaço para falar ou expor através de jogos, brincadeiras e também do próprio desenho suas fantasias, seus desejos, medos, angústias e necessidades, podendo através destes recursos elaborá-los, melhorando sua qualidade de vida e até mesmo na eficácia do tratamento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KOVÁCS, Maria J, et al. Morte e o desenvolvimento humano. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. 243p.
KLOURI, Célia. AIDS na infância: aspectos psico-sociais. São Paulo, 1994. 40p.
LINDQUIST, Ivonny. A criança no hospital: terapia pelo brinquedo. São Paulo: Página Abert, 1993. 141p.
RAIMBAULT, Ginette. A criança e a morte. Crianças doentes falam da morte: problemas da clínica do luto. Tradução de Roberto C.Lacerda. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 183p.
SIMON, Ryad. Introdução a obra de Melanie Klein. São Paulo: EPU, 1986.
TORRES, Wilma da C. O tabu frente a morte.Rio de Janeiro: Arquivos brasileiros de Psicologia, 1979. V.1, p(53-61). Jan/Mar.
TORRES, Wilma da C. Terminalidade. Rio de Janeiro: Arquivos brasileiros de Psicologia, 1987. v.2, p(29-37).
TORRES, Wilma da C. O conceito de morte na criança. Rio de Janeiro: Arquivos brasileiros de Psicologia, 1979. V.4, p (09-34). Out/Dez.
TORRES, Wilma da C.A criança diante da morte: desafios. São Paulo, 1999.179p.
TRINCA, Walter e colaboradores. Diagnóstico psicológico:a prática clínica. São Paulo: EPU, 1984.p(51-65). Temas básicos de Psicologia,V.11.

EXPERIÊNCIA INICIAL COM AUTISTAS DE UMA INSTITUIÇÃO.

SOUZA, M. C. DE

Este trabalho relata uma experiência inicial realizada com autistas de uma instituição, cujo o objetivo primordial é proporcionar um espaço terapêutico a qual pudessem iniciar o processo de simbolização.
Muitos estudos foram realizado sobre o autismo. De uma forma geral podemos encontrar duas vertentes opostas que estudam esta patologia, de um lado o grupo dos organicistas e do outro o grupo dos psicodinamicistas. Entretanto este trabalho está voltado para a abordagem psicodinâmica, cujo o objetivo principal é compreender o funcionamento psíquico do indivíduo autista.
TUSTIN, define o autismo como algo que vive em termos do próprio eu, ou seja, uma criança que se encontra em estado de autismo pouco reage ou responde ao mundo que a rodeia. Essa mesma autora, comenta que o trabalho do terapeuta consiste basicamente em tentar ajudar a criança a ser capaz de responder as solicitações do mundo externo de forma mais realista, permitindo assim, a capacidade de formar símbolos.
A partir da pesquisa bibliográfica consultada foi proposto um procedimento tendo por objetivo a primeira fase do tratamento descrito por TUSTIN. A partir de então foram sugeridas atividades que foram realizadas com os sujeitos. Este trabalho foi realizado em grupo. Os encontros aconteceram duas vezes por semana em um período de cinquenta minutos. Fez-se uma análise qualitativa das doze sessões iniciais.
Observou-se nos sujeitos um intenso isolamento. Na maior parte do tempo, as atividades que foram propostas, não foram respondidas. Os sujeitos, mantiveram uma postura onipotente, na tentativa de controlar seu mundo interno e externo. Esses sujeitos apresentaram uma vida psíquica escassa, onde vivem em um mundo de sensações corpóreas, repleto de comportamentos esteriotipados, onde estes servem como proteção e conforto, causando-lhes um prazer imediato.
Pude comprovar nesta modesta experiência que tive o ponto de vista comum a vários autores, segundo o qual não é possível utilizar-se da interpretação como técnica psicanalítica no tratamento do autismo.
É importante que o profissional que trabalhe com autista tenha disposição afetiva para que se possa desenvolver um vínculo terapêutico, e que seja capaz de suportar intenso sentimentos de angústia, solidão, imcompreensão, tédio e vazio. Para tanto, este profissional necessita de passar pela experiência pessoal de análise.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVAREZ, A – **Companhia viva: Psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, limítrofes, carentes e maltratadas.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

ANTONUCCI, R. – **Educador terapêutico: um novo papel no tratamento das psicoses infantis.** Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1990.

ASSUMPÇÃO, F.B., SCWARTZMAN, S. – **Autismo infantil.** São Paulo, Mennom, 1995.

BION, W.R. – **Aprendiendo de la Experiencia.** México, Paidos, 1987.

____DSM-IV – Manual diagnóstico e Estatístico dos transtornos mentais. Porto Alegre, Artes mëdicas, 1995.

KLEIN, M. – **As psicoses infantis e outros estudos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. – **Vocabulário da psicanálise.** 7º ed., São Paulo, Martins Fontes, 1967.

LEBOVICI, K. **– A evolução da psicose infantil.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

LEBOYER, M. – **Autismo infantil; Fatos e Modelos.** 2º ed., Papirus, São Paulo, 1995.

MAHLER, M. – **As psicoses infantis e outros estudos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

TUSTIN, F. – **Autismo e psicose infantil.** Rio de janeiro, Imago, 1975.

TUSTIN, F. – **Estados autísticos em crianças.** Rio de Janeiro, Imago, 1984.

TUSTIN, F. – **Barreiras autistas em pacientes neuróticos.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D.W.- **Textos selecionados:** Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

Orientador (a): Terezinha Calil Padis Campos

O COMPLEXO PATERNO NA PSIQUE FEMININA.

CHAGAS, M. I. O.

Este trabalho objetivou buscar na teoria junguiana dos complexos, bem como na compreensão de conceitos propostos por Jung, como arquétipos e projeção, como pode estar configurada na mulher a figura masculina. Segundo os conceitos junguianos, essa configuração interna constela objetivamente o tipo de homem com quem a mulher vai se relacionar. O animus é o masculino na mulher e ele deriva do arquétipo do pai, constituído predominantemente pela figura paterna, mas também pelas demais figuras masculinas ligadas afetivamente à mulher, no decorrer de seu crescimento.
Buscou-se compreender, através de estudo bibliográfico, como pode estar o imaginário feminino coletivo ainda contaminado com conceitos desatualizados acerca da sexualidade e da caracterização dos papéis masculino e feminino, bem como do estilo da relação amorosa. Tudo isso, a despeito das mudanças paradigmáticas nos tempos recentes em que o princípio feminino toma vulto no consciente coletivo, em alguns casos de forma exacerbada, numa enantiodromia que até então privilegiava o patriarcado, envolvendo os relacionamentos e o espaço social ocupado pela mulher e a sua liberdade sexual.
Segundo propõe a psicologia analítica, o ego é o centro da consciência mas o centro da personalidade, que inclui o inconsciente, é o Self. Esse Centro é o ponto de partida e o ponto de chegada na evolução do indivíduo, e essa trajetória é chamada de individuação, e sobre ela pode-se encontrar indicações através dos sonhos, no decurso da vida. Os sonhos que são considerados também prospectivos, por Jung, revelam os nossos complexos, e o confronto com eles pode ensinar-nos a integrá-los, ampliando assim a consciência. A evolução psicológica da mulher só se dá através da união com o seu homem interior, pelo amor a ele.
Através de análise do conto História de Tobias, onde Sara casa-se sete vezes e na noite de núpcias um demônio mata seus maridos, pôde ser ilustrado o aspecto diabólico, destrutivo do animus da mulher, simbolizado nesse personagem. Ou seja, antes de uma relação se consolidar, a mulher afasta o homem que lhe interessa, através de atitudes destrutivas. O conto mostra como um padrão reincidente de conduta é alterado com a constelação do animus positivo.
Também foi feito um estudo de caso, de paciente atendida em clínica-escola, para Exploração e Diagnose, observando-se a dinâmica projetiva que mantinha com seu companheiro. Tendo dissociada a função masculina na sua psique, essa mulher a projetava nele, em todos os seus aspectos de poder, organização, ação, criatividade, próprios do princípio masculino. Como existe uma interação de ambos os princípios da psique, sem o masculino o feminino não se desenvolve, portanto, a sua feminilidade mantinha-se infantilizada, o que alimentava o papel paterno do seu companheiro.
Além disso, foram realizadas entrevistas com mulheres de idades variadas, das quais foram mencionadas neste trabalho três, cujos depoimentos puderam ilustrar o aspecto exacerbado do animus quando há ausência concreta do pai na infância.
Concluiu-se que a desidentificação com o masculino e a sua integração enriquecem a personalidade, propiciando à mulher a união com o homem a partir de uma disposição mais autêntica, fruto do seu "casamento interior".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

EDINGER, E.F. - Anatomia da Psique. Tradução de A.U. Sobral e M.S. Gonçalves. Ed. Cultrix. São Paulo-SP, 1ª edição, 1990.
HILLMAN, James - ANIMA - Anatomia de Uma Noção Personificada. Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. Editora Cultrix, São Paulo-SP, 1ª edição, 1990.
JACOBI, Jolande - Complexo, Arquétipo, Símbolo, na Psicologia de Jung, Trad. de Margit Martincic, Ed. Cultrix, S.Paulo-SP, 2ª edição, 1991.
JUNG, C.G - Psicogênese das Doenças Mentais. Trad.de Márcia de Sá Cavalcanti. Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 2ª edição, 1990.
JUNG, C.G - O Eu e o Inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 9ª edição, 1991.
JUNG, C.G - A Dinâmica do Inconsciente. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1984
KOLTUV, B.B. - O Livro de Lilith. Ed. Cultrix, São Paulo-SP, 1988
LUZ, Fabíola - A História de Tobias, Um Estudo Sobre o Animus e o Pai, Ed. Escuta, São Paulo-SP, 1ª edição, 1998.
SANFORD, John A. - Os Parceiros Invisíveis - O Masculino e o Feminino Dentro de Cada Um de Nós. Tradução de I. F. Leal Ferreira. Coleção Amor e Psiquê, Ed. Paulinas, São Paulo-SP, 3ª edição, 1986.
SEIXAS, Ana Maria Ramos - Sexualidade Feminina - História, Cultura, Família, Personalidade & Psicodrama, Editora Senac, São Paulo-SP, 1ª edição, 1998.
VON FRANZ, Marie-Louise em conversa com Fraser Boa - O Caminho dos Sonhos – Tradução de Roberto Gambini. Ed. Cultrix, S.Paulo-SP, 1ª edição, 1991-II.

VON FRANZ, Marie-Louise, Reflexos da Alma - Projeção e Recolhimento Interior na Psicologia de C.G.Jung, Tradução de Erlon José Paschoal, Ed. Cultrix, São Paulo-SP, 1ª edição, 1992.

___________. Bíblia Sagrada, Tradução do Centro Bíblico Católico, Editora Ave Maria, São Paulo-SP, 42ª edição.

DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM: SINTOMA DE SI MESMO X REFLEXO DA FAMÍLIA.

RECIOLI, C.

Muitos estudos têm sido realizados sobre este assunto e vários autores afirmam que os problemas familiares podem estar favorecendo o aparecimento de desajustes ou patologias infantis. Porém, não se sabe quais os tipos de ambientes familiares que mais facilitam o aparecimento da dificuldade de aprendizagem.

O objetivo principal do trabalho foi investigar a relação entre o sintoma de dificuldade de aprendizagem na criança e o ambiente familiar permissivo ou superprotetor vivenciado por ela.

Como cada família vivencia uma dinâmica específica, existindo, portanto, diversas dinâmicas, o foco deste trabalho foi dirigido a duas dinâmicas específicas: a permissiva e a superprotetora.

A escolha destas dinâmicas deve-se ao fato de na atualidade ser comum encontrar famílias com dificuldades na educação de seus filhos, não sabendo, muitas vezes como lidar com eles. A dificuldade para impor limites às crianças têm sido muito constante dentro do ambiente familiar.

A permissividade é caracterizada, principalmente, pela dificuldade dos pais de contrariar e/ou frustrar as vontades e desejos dos filhos. Dessa forma, a criança não possui limites (achando que tudo que quer, pode conseguir) não aprendendo a lidar com frustrações tão freqüentes.

No caso da superproteção, existe uma tendência dos pais a tratar os filhos como bebês, desencorajando a independência e tentando mantê-los próximos e infantilizados.

Para verificar a existência de uma relação entre a permissividade e a superproteção com a dificuldade de aprendizagem, foi realizado o estudo de dois casos de atendimento infantil em psicopedagogia da Clínica Psicológica do Mackenzie.

Apesar do número ser quantitativamente pequeno, pôde-se estabelecer relações entre os problemas de aprendizagem da criança e o ambiente que esta vivenciava em sua família.

Não se pode, no entanto afirmar que todas as crianças que vivem nestes ambientes apresentarão dificuldades deste gênero, nem ao menos se pode deixar de lado aspectos sociais, educacionais que podem estar influenciando o aparecimento deste sintoma.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 2ed. 261p.

GOMES, Isabel Cristina. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.154p.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. Petrópolis: Vozes, 1986. 12 ed. 168p.

MANNONI, Maud. **A criança, sua "doença" e os outros**. RJ: Zahar Editores, 1971.251p.

SOUZA, Audrey S. L. de. **Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 122p.

Orientador (a): Walter Lapa

CURA INTERIOR: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE CURA INTERIOR E SEUS PARALELOS COM A PSICOLOGIA.

MENDES, F. D. P. DE C.

O objetivo do trabalho foi realizar uma análise de processos empíricos promovidos por movimentos religiosos; focalizando o processo de Cura Interior e seus paralelos com a psicologia.
Cura Interior é descrito como um processo cuja característica fundamental é a associação entre os conteúdos emocionais e a expectativa da intervenção divina . Para que haja a efetivação da cura o componente especial é a ação sobrenatural (espiritual).
Realizou-se uma pesquisa de campo para se constatar o significado da Cura Interior e as respectivas associações com a psicologia, compreendidas pelos que se submeteram ao processo e também por seus ministradores. Considerou-se importante a elaboração de um questionário, analisando-se quantitativamente e qualitativamente. A amostra foi dividida em dois grupos, grupo 1 de ministradores e grupo 2 de pessoas que submeteram-se ao processo de Cura Interior.
Observou-se: As dificuldades de ajustamento emocionais são os principais motivos da busca de Cura Interior, onde 35% da amostra do grupo 2 apresentou como causas das dificuldades a ansiedade, insegurança, baixa-estima, depressão e tristeza. Observou-se que para o grupo 1, a Psicologia é vista como um elemento de contribuição onde 40% dos ministradores consideraram a Psicologia como uma ferramenta que auxilia a compreensão da alma. Diferentemente, no grupo 2 a Psicologia é colocada de forma antagônica, onde os processos divinos não se misturam aos processos humanos. Observou-se que há uma cisão entre o divino e o profano, onde o processo psicoterapêutico não é compreendido como fator de mudança processual, uma vez que não é fundamentado biblicamente, tratando apenas dos efeitos, como um paleativo para os sofrimentos da alma, de onde se corrobora a alta valorização da ação espiritual para que haja Cura Interior.
Na pesquisa evidenciou-se pouco conhecimento da prática da psicoterapia e de seus conceitos. O processo de Cura Interior tem realizado o papel do tratamento emocional e espiritual necessários à uma população carente e resistente às alternativas seculares da Psicologia.
Ao longo do processo de pesquisa bibliográfica, observou-se paralelos da Cura Interior em suas práticas empíricas, com a psicologia Junguiana, em especial conceitos como Individuação, Inconsciente Coletivo e, arquétipos.

> *"O que são as religiões? São sistemas psicoterapêuticos. E o que fazemos nós, psicoterapeutas ?*
> *Tentamos curar o sofrimento da mente humana, do espírito humano, da psique,*
> *assim como as religiões se ocupam dos mesmos problemas.*
> *Assim, Deus é um agente da cura, é um médico que cura os doentes e trata dos problemas do espírito;*
> *faz exatamente o que chamamos psicoterapia.(...)*
> *É o sistema mais elaborado, por trás do qual se esconde uma grande verdade prática".*
> (Jung, 1985).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DAMASCENO, F. Oficina de Cura Interior: Como Praticar e Receber, 3ed.,Rio de Janeiro, Vinde, 1997.
HURDING, R. A Árvore da Cura, Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia, s/e, São Paulo, Vida Nova, 1995.
MURRAY,A. A Vida Interior, 2ed., São Paulo, Vida,1991.
TAPSCOTT, B. Cura Interior: Como se Apropriar de Poder de Cristo para a Cura de Traumas, Complexos, Mágoas e outras Lembranças Dolorosas, 2ed., Minas Gerais, Betânia, 1985.
BRAIER, E. Psicoterapia Breve de Orientação Psicanalítica, 3ed., São Paulo, Martins Fontes, 1997.
JUNG, C.G, A prática da Psicoterapia, s/e, Petrópolis, Vozes, 1981.
_________, Fundamentos de Psicologia Analítica, 3ed., Petrópolis, Vozes, 1985.
_________, O Homem e Seus Símbolos, 14ed., Nova Fronteira,s/d.